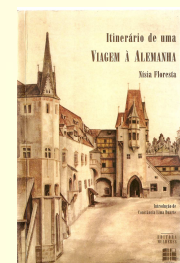
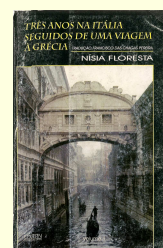
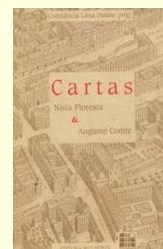
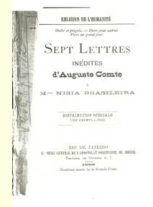


UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO

GRAZIELA RINALDI DA ROSA

Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”:
contradições na filosofia de educação nisiana



São Leopoldo
2012

GRAZIELA RINALDI DA ROSA

Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”:
contradições na filosofia de educação nisiana

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Profª Drª Berenice Corsetti

São Leopoldo
2012

R788t Rosa, Graziela Rinaldi da
Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”:
contradições na Filosofia de Educação nisiana / por Graziela Rinaldi da Rosa.
São Leopoldo, 2012.

350 f. : il. color. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de
Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2012.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Berenice Corsetti, Ciências Humanas.

1. Educação - Filosofia. 2. Educação - Filosofia - Nizia Floresta.
3. Mulheres - Educação. 4. Educação nisiana. 5. Identidade de gênero
na educação. 6. Positivismo. I. Corsetti, Berenice. II. Título.

CDU 1:37
396.4

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Graziela Rinaldi da Rosa

TRANSGRESSÃO E MORALIDADE NA FORMAÇÃO DE UMA “MATRONA
ESCLARECIDA”:

Contradições na Filosofia de Educação nisiana

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Berenice Corsetti (Orientadora)– Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr Elomar Tambara– Universidade Federal de Pelotas-UFPEL

Profª Drª Constância Lima Duarte – Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG

Profª Drª Edla Eggert– Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Prof. Dr Danilo Streck – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Dedico este trabalho para as minhas filhas Ariadne e Pietra, que a cada dia me transformam como mulher. À minha mãe amada, que na lembrança de sua dedicação me dá força. Meu pai Sadi, pelo seu amor e por ter estado ao meu lado. Aos biógrafos de Nixia Floresta, que sinalizaram e apontaram questões importantes para fundamentar a filosofia de educação nisiana. E, a todas as mulheres que estudam, trabalham e pesquisam em meio a tantas outras coisas.

AGRADECIMENTOS

Concluir o curso de Doutorado é também um momento de superação em minha vida, pois ao iniciar esse trabalho tive também a minha segunda filha, a Pietra. Esse é, sem dúvida, um momento muito gratificante no término dessa caminhada, pois mesmo que em muitos instantes eu me sentia só, vejo agora que não estava. Foram muitas as alegrias compartilhadas, horas de tristeza, de aflição e de angústias acalentadas. Impasses de uma produção acadêmica que teve interferências e apoio diversos.

Primeiramente, quero agradecer a Deus, pela minha vida e por eu ter minha família - a base de tudo. Agradeço à minha filha Ariadne por ter sido minha amiga e por ter tido paciência nessa trajetória. À Pietra, por ser minha “companheirinha” e por ter dormido ao pé da escrivaninha e deixado a mãe trabalhar. Obrigada, minhas filhas! Vocês são a luz da minha vida.

Ao meu querido pai, Sadi da Rosa, por ter me auxiliado de diferentes maneiras e ter, em muitos momentos, me oportunizado o suporte para que eu me mantivesse serena ao escrever a tese. Muito obrigada à Elza que, com carinho, atendeu a minha filha durante minha ausência e a minha tia Cirlei Rinaldi, que no final desse trabalho se divertia com a Pietra, enquanto eu estudava.

Agradeço à Unisinos, pela oportunidade de continuar meus estudos, e ao programa de Pós-Graduação em Educação, por ter me proporcionado esse convívio intelectual encantador. À CAPES, pela bolsa de estudos, que me oportunizou desenvolver essa pesquisa, bem como ao professor Danilo Streck e Edla Eggert, que, desde o momento da banca de seleção, conduziram-me para essa nova caminhada.

Agradeço especialmente a minha professora e orientadora Berenice Corsetti por ter aceitado essa pesquisa para orientar, por ter me oportunizado as suas contribuições e sua experiência. Obrigada por tudo que vem me ensinando e pela confiança depositada em minha pessoa.

Obrigada Leticia, minha amada irmã, pela companhia silenciosa enquanto eu escrevia, pela atenção que deu à Ariadne enquanto eu pesquisava no Rio Grande do Norte. Obrigada também à Paola por entreter a Ariadne, sua melhor amiga e a Pietra, sua afilhadinha.

Agradeço aos meus educandos e educandas por todos os agradáveis momentos que serviram também para “desanuviar” os meus pensamentos. À Hilda Flores, por ter me recebido em sua residência para conversarmos sobre a participação de Nizia Floresta na sociedade gaúcha.

Agradeço aos profissionais do arquivo público do Rio Grande do Sul, do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, e a Vanessa da Cúria de Porto Alegre, por suas indicações e ajuda na busca por informações sobre a escola que Nizia fundou em Porto Alegre.

Agradeço também ao povo do Norte: primeiramente a adorável senhora Vanderlúcia, que me ofereceu sua residência para ficar, quando eu cheguei no município de Nizia Floresta. Agradeço ao professor Luis Carlos Freire por ter me mostrado os caminhos da pesquisa em Natal, bem como apontado as novas pesquisas que poderão ser desenvolvidas na busca pelo entendimento da Filosofia de Educação nisiana. E agradeço a sua adorável esposa Alysgardênia de Fátima Cavalcanti Marques Peixoto Freire e ao seu filho Fídias Augusto Cavalcanti Marques Peixoto Freire. Agradeço ao diretor da Faculdade do Rio Grande do Norte-FARN, o dr. Daladier Pessoa Cunha Lima, que me recepcionou com muita atenção no campus da instituição. Agradeço a diretora da escola doméstica de Natal, a Sr^a Margarida, quem procurou as chaves do acervo do Henrique Castriciano.

À Zelma Bezerra Furtado pela sua atenção com essa pesquisa, e ter me recebido em sua residência em Natal; ter me apresentado o Memorial da Mulher e me contado a história da Academia feminina de Letras do Rio Grande do Norte. À Zoraide Accioly, que foi uma das organizadoras do espaço Cultural Nísia Floresta e quem também atenciosamente me acompanhou e orientou em minha busca por documentações.

Meu afeto especial pelas considerações enriquecedoras na banca de qualificação feitas por Edla Eggert, o olhar minucioso de Elomar Tambara, as sugestões de Danilo e as palavras incentivadoras de Constância Duarte, além dos diversos livros, xerox e jornais que chegavam em minha porta. Muito obrigada Constância, por me sugerir leituras e ter colaborado em todos os momentos da elaboração dessa pesquisa. Não tenho palavras para agradecer por ter disponibilizado esses materiais. Esse trabalho só foi possível ser feito devido a tua contribuição e de outros biógrafos. É profunda a minha admiração por ti e pelo teu trabalho em resgate dessa contraditória e encantadora intelectual, que, como educadora, me instigou a pesquisar suas ideias, motivada por tuas sugestões.

E, por fim, as bibliotecárias Carla Maria Goulart de Moraes e Eliete Doncato Brasil pela revisão das normas técnicas. Muito obrigada às secretárias do PPG-Educação, Loy e Saio, pela competência e esclarecimentos. À minha querida amiga Adâni, pela revisão do português. Ao Augusto Stumpf por todas as traduções feitas. Ao Cristiano Brum, por ter realizado uma transcrição paleográfica de sete documentos do século XIX, que traziam o nome de Nizia Floresta.

Educai o coração da mulher, esclarecei seu intelecto com o estudo de coisas úteis e com a prática dos deveres, inspirando nela o deleite que se experimenta ao cumpri-los; purgai a sua alma de tantas nocivas frivolidades pueris de que se acha rodeada mal abre os olhos à luz. Cessai aqueles todos discursos com os quais atordoais sua razão, fazendo-a crer que é rainha, quando nada mais é que a escrava dos vossos caprichos. Não façais dela a mulher da Bíblia; a mulher de hoje em dia pode sair-se melhor do que aquela; nem muito menos a mulher da Idade Média: da qual estamos todas tão distantes que não poder-nos-ia servir de modelo; mas a mulher que deve progredir com o século dezenove, ao lado do homem, rumo à regeneração dos povos (FLORESTA, 1997, p. 115-117).

RESUMO

Neste trabalho buscou-se refletir sobre a obra de uma escritora brasileira do século XIX - Nizia Floresta Brasileira Augusta. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho historiográfico e base documental, que questiona *qual a filosofia de educação que Floresta defendeu em suas obras?* Foi feita pesquisa em jornais da época e em edições póstumas, teses, dissertações, artigos e obras de e sobre Nizia. Foi realizada uma busca por documentos em museus, igrejas, no Espaço Cultural Nizia Floresta, em escolas, arquivos públicos, arquivos históricos e Instituto Histórico (tanto no Rio Grande do Sul, como no Rio Grande do Norte). A tese apresenta o argumento base de que Nizia Floresta, professora e escritora brasileira do século XIX rompeu, mas simultaneamente manteve alguns princípios da época como, por exemplo, a visibilidade do argumento feminino no debate sobre a educação brasileira e, em especial, a educação das mulheres. A ruptura foi a politização dessa realidade e a permanência foi a manutenção da maior parte dos conteúdos ensinados para as mulheres, bem como a proposta de uma educação moral para as meninas. Ao fazer uma releitura dos textos e obras de Nizia Floresta foi feito um levantamento das pesquisas sobre os materiais produzidos por Nizia, bem como outros vestígios que demarcam suas convicções em torno de uma filosofia de educação nisiana, além de constar um diálogo com teóricas latinoamericanas, em especial Marcela Lagarde y de Los Rios, Margarita Pisano e Heleieth Saffioti, bem como Constância Duarte. Ao contextualizarmos a Europa e o Brasil que Floresta conheceu, bem como a vida das mulheres e seu papel social, percebe-se o quanto é singular o olhar de Nizia Floresta. A sua filosofia de educação foi analisada a partir de obras e dos estabelecimentos educacionais fundados por ela, bem como através da análise dos hábitos das meninas no Colégio Augusto, da disciplina, dos castigos e conteúdos estudados. Evidenciaram-se as virtudes que ela ensinava às meninas, bem como a aproximação de seu pensamento com a Igreja Católica Apostólica Romana, com as ideias de Rousseau e Comte, com o ideário de ordem social, progresso, abolicionismo, educação moral para as meninas, equidade e relações de gênero entre homens e mulheres. A tese esclarece conceitos fundamentais na filosofia de educação nisiana: “reforma na educação”, “papel da mulher”, “utilitarismo”, “família”, “educação moral”, “ordem social”, “valores” e “relações de gênero entre homens e mulheres”. Aponta-se as suas relações com Comte, a aliança que Floresta propõe entre pais e espaços educativos, suas aproximações com Rousseau e teorias feministas. Sua relação com o abolicionismo, o modelo de família e o papel da mulher na filosofia de educação nisiana são esclarecidos. Mostram-se as contradições encontradas na filosofia de educação nisiana. Analisa-se o diálogo entre “A mulher e o Sacerdote”, a importância das mulheres, dos salões e a lógica androcêntrica presente no pensamento de ambos intelectuais, Comte e Floresta. Verifica-se que há aproximações entre o positivismo utilitarista e o utilitarismo de Floresta, o cientificismo comteano; a visão de trabalho regular e educação moral; o entendimento sobre a metafísica; a república positiva, a questão da ordem e do altruísmo.

Palavras-chave: Educação para as meninas. Filosofia da Educação. História da Educação e Relações de Gênero.

ABSTRACT

In this work we tried to reflect about the work of a 19th century Brazilian writer - Nizia Floresta. This is a qualitative research, nature of historiography and documentary base, that questions which education philosophy did Nizia Floresta defend in her work? We made research in paper of her time and in posthumous editions, theses, dissertations, articles and work of Nizia and about her. A search for documents at museums, churches, at Espaço Cultural Nizia Floresta, at schools, at public and historic archives and at The Institute of History (both in Rio Grande do Sul and Rio Grande do Norte) was made. This thesis presents the basic argument which Nizia Floresta, teacher and Brazilian 19th century writer, broke with, but, simultaneously, she kept some principles of the time, like, for example, the visibility of the feminine argument on the debate about the Brazilian education and, in particular, about women education. The rupture was the politicization of this reality and permanence was the maintenance of most of the content taught to women as well as the proposal for a moral education for girls. When making a rereading of texts and works of Nizia Floresta was made a survey of research on materials produced by Nizia and other traces that mark her beliefs around her education philosophy, including a theoretical dialogue with Latin American, particularly Marcela Lagarde y de Los Rios, Margarita Pisano and Heleieth Saffioti and Constância Duarte. When we contextualize Europe and Brazil that Nizia Floresta knew, and how were women life and their social role, we see how singular is the view of Nizia Floresta. Her education philosophy was analyzed from her works and educational institutions founded by her, as well as the girls' habits at Colégio Augusto, the discipline, the punishments and studied contents. Were seen the virtues she taught to girls, and the relation between her thoughts and the thoughts of the Roman Catholic Church, Rousseau and Comte, with the ideals of social order, progress, abolitionism, moral education for girls, equity and gender relations between men and women. The thesis explains fundamental concepts in the Nizia Floresta's education philosophy: "educational reform", "utilitarianism", "family", "moral education", "social order", "values" and "gender relations between men and women". We can see the relations of her work with Comte, the alliance that Floresta proposed between parents and other educational spaces, as well as her approximations with Rousseau and feminist theories. The relation with the abolitionism, the family model and the women role in the educational philosophy of Nizia are shown, as well as the contradictions found in her educational philosophy. We analyzed the dialogue between "The Woman and the Priest", the importance of women, the lounges and andocentric logic that is present in the thoughts of both intellectuals. We compared utilitarian positivism and Floresta's utilitarianism, Comte's scientism and Nizia's educational philosophy, as well as the conception of education in the positive Republic and education proposed by Floresta. We investigated the conceptions of Revolution in Comte's work and Floresta's and the idea of progress in both works. We clarified how far positivism interfered in the Nizia's education philosophy, as well as Comte's view on women; the regular work and moral education vision; the understanding of metaphysics; the positive Republic, the point of order and altruism.

Keywords: Education for girls, Education Philosophy, History of Education and Gender Relations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mosaico de obras e documentos que contextualizam a filosofia de educação nisiana.....	19
Figura 2 - Esquema da Pesquisa	108
Figura 3 – Mosaico de manuscrito e obras das cartas de Comte e Floresta.....	241

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 RUPTURAS E PERMANÊNCIAS NA PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO ALTERNATIVA PARA AS MENINAS EM NIZIA FLORESTA.....	20
2.1 Dionísia Gonçalves Pinto: “uma Mulher À Frente de Seu Tempo”?.....	23
2.2 A DES-Construção de uma “Tese” e a Peregrinação por Documentação ...	40
2.3 Falar ou Calar no Século XIX: Contextualizando as contradições na Filosofia de Educação Nisiana.....	67
2.4 A Reforma de Educação para as Meninas Proposta por uma ‘Pré-Feminista’?	75
2.5 Nizia Floresta Fala e a Sua Filosofia de Educação Cala!	99
3 TRANSGREDIR E MUDAR A EDUCAÇÃO DAS MENINAS? OU EDUCAR E REFORMAR PARA QUALIFICAR O SISTEMA DE MANUTENÇÃO DO PODER PATRIARCAL?	109
3.1 Obediência ou Subversão: As Obras de Nizia Floresta e a Manutenção do Poder Patriarcal.....	112
3.2 Algumas Correntes de Pensamento <i>Ditadas por Homens</i> que Influenciaram a Filosofia de Educação Nisiana e os Colégios fundados por Floresta.....	137
3.2.1 <i>Sofia, Fany e Lívia</i> : “Anjos” de J.J. Rousseau e Nizia Floresta	146
3.2.2 Usar a Razão ou “Não Perder a Cabeça”: A Educação nos Estabelecimentos Educacionais de Nizia Floresta	162
3.2.3 O Colégio de Porto Alegre: uma Página em Branco dessa História.....	185
3.3 Uma “Austera Moral” Cristã na Fomação de “Matronas Esclarecidas”	197
3.3.1 O Abolicionismo para Manter a “Família”, a “Ordem Social” e Educar Moralmente as Meninas para a Felicidade Familiar	207
3.3.2 O Papel da Mulher e o Seu “Nobre Fim” e Sua “Digna Missão”: Mães e Esposas Trabalhando como “Prendas Domésticas”	215
3.3.3 Equidade de Gênero em Nizia Floresta: Denúncias das “Aberrações do intelecto Viril”	230
3.3.4 Valores Religiosos/Cristãos x Religião da Humanidade: Educar para a “Salutar Exclusão” das Mulheres	235
4 A FILOSOFIA DE EDUCAÇÃO NISIANA E SUAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS COM A FILOSOFIA POSITIVA DE COMTE	242
4.1 O Diálogo entre “A Mulher e o Sacerdote” e a Oposição ao Sufrágio Feminino no Brasil	256

4.2 A Importância dos Salões na Lógica Androcêntrica Comteana	265
4.3 O Positivismo Utilitarista e o Utilitarismo de Nizia Floresta.....	269
4.4 O <i>Altruísmo</i> como Base do <i>Utilitarismo</i>.....	274
4.5 O Cientificismo Comteano e a Inaptidão das Meninas ao Estudo de Ciências na Educação Nisiana	276
4.6 A Negação da Revolução: a Ordem É Impedir a Mudança Social e Obter o Progresso!	282
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA CONTRIBUIÇÃO NA (RE)CONSTRUÇÃO DA FILOSOFIA DE EDUCAÇÃO NISIANA.....	293
REFERÊNCIAS.....	307
ANEXO A – Máximas e pensamentos.....	331
ANEXO B – Mausoléu de Nísia Floresta.....	336
ANEXO C – Igreja Matriz Nossa Senhora Do Ó.....	337
ANEXO D – Relato da entrevista realizada pelo pesquisador Luis Carlos Freire, com o Padre Rui Miranda, em Ceará Mirim, data 03/06/2006.	338
ANEXO E – Poema “Aqui sob esta abóbada”	345
ANEXO F – Certidão de batismo de Augusto Américo	346
ANEXO G – Certidão de óbito de Manoel Augusto de Faria Rocha.....	347
ANEXO H – Fachada do Colégio Augusto, situado no centro do Rio de Janeiro....	348
ANEXO I – Lista de banca examinadora e das alunas que se destacaram no Colégio Augusto, 1846.	349
ANEXO J – Manuscrito de carta de Floresta para Comte.	350

1 INTRODUÇÃO

“[...] ser latinoamericana significa también el reconocimiento de nuestros hitos en los de otras semejantes y la construcción desde nosotras y cada cual desde su terruño, de presente y de un horizonte de futuro en esta tierra” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 1999, p. 15).

No ano em que eu nasci, 1979, ocorria em São Paulo um congresso feminista que causou o maior impacto e deixou a opinião pública impressionada com a existência de feministas também no Brasil. Foi o ano da anistia e da volta de muitas mulheres exiladas. O clima era de agitação. A expectativa de uma sociedade melhor estava presente naqueles. Em minha família, não havia mulheres que se envolviam na política, elas se dedicavam à sua casa, à família e ao trabalho. Minha mãe trabalhava como operária, pois sua renda era importante no sustento da família e meu pai trabalhava em uma gráfica.

Sempre fui uma filha que se posicionava frente às injustiças e que se envolvia em movimentos estudantis no tempo de escola. Fiz denúncias de maus tratos de crianças em meu primeiro trabalho, posteriormente fui demitida, reivindiquei por uma educação de qualidade, pública e gratuita na Universidade Federal de Pelotas e sempre busquei na educação um lugar para me expressar, primeiro como estudante e depois como educadora. Envolvi-me com as questões de gênero já na graduação, quando me inquietava a ausência das filósofas em sala de aula. As histórias de mulheres sempre me fascinaram. Compreendi que a palavra gênero era usada pelas feministas para estabelecer que os sexos não eram apenas constituídos por categorias biológicas, mas culturais também, e que eram socialmente construídas. Pesquisar faz parte de um sonho pessoal e um desejo de contribuir para o resgate de histórias de vida e do pensamento de mulheres, que fizeram parte de nossa história, especialmente da história da filosofia e da educação. O gosto pela escrita e pelo conhecimento sempre fizeram parte de meu cotidiano. Vivenciei o quanto nós pesquisamos, quando trabalhamos com histórias de vidas desde o meu curso de Mestrado, cursado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, no programa de Pós-Graduação em Educação, onde percebi que na medida em que eu pesquisava mulheres que atuam na filosofia eu também me pesquisava e me compreendia nesse processo de autoconhecimento e consciência de mim mesma, especialmente como uma mulher educadora. E como afirmou Larrosa (1994, p. 58),

o “ver a si próprio” é uma das formas privilegiadas de nossa compreensão do autoconhecimento.

Apaixonei-me por Filosofia, ainda no antigo ensino de 2º Grau (atual Ensino Médio), cursado na Escola Estadual Pedro Schneider (Pedrinho), e acredito que isso aconteceu porque um professor fez a diferença. Graduei-me na Universidade Federal de Pelotas em Licenciatura Plena em Filosofia no ano de 2002. Terminando minha graduação, fui morar em Taquara/RS, lá iniciei minha prática docente. Lecionei em Colégios na rede Municipal, onde comecei a conhecer as alegrias e as tristezas dessa profissão. Foram muitas as vezes que voltava da escola a pé, chorando. Sentia tristeza ao perceber que os estudantes estavam ali, não para estudar, mas para ter o que comer ou um lugar para ficar. Eram crianças e adolescentes com vidas marcadas pela desigualdade social. Frente a essa realidade, eu me questionava: o que estava fazendo ali e como poderia contribuir para a vida daqueles sujeitos. E foi mergulhada nesses questionamentos, que decidi fazer um curso de Especialização em Metodologia do Ensino, na Faculdade de Taquara. Foi um momento importante, pois pesquisei e me apaixonei pelo ato de pesquisar, e fui percebendo o quanto precisamos repensar, mudar e inovar em sala de aula.

À medida que o tempo foi passando, minhas aulas foram se tornando mais significativas, atribuo essa mudança ao fato de que fui me tornando mais sensível e atenta aos adolescentes e jovens, buscava relacionar os temas e os conteúdos com as suas vidas. Fiz projetos, apresentei em eventos internacionais, publicamos um singelo livro de poemas em parceria com a Secretaria da Cultura do município de Taquara. Então, tive a oportunidade de iniciar minha carreira em colégio da rede privada, lecionando em dois municípios distantes. Participava de eventos na área da Educação e, em um deles, estudei sobre as relações de gênero. Foi nele que encontrei uma professora que me apresentou a minha futura orientadora do Mestrado - Dr^a Edla Eggert, que me provocou a pensar Nizia Floresta. Nesse momento, falamos também dos estudos de gênero e foi aí que pensei em escrever um projeto para ingressar no Curso de Mestrado em Educação e pesquisar sobre mulheres, história de vida de mulheres educadoras, precursoras. Estudei, passei na seleção e consegui uma bolsa de estudos, o que me possibilitou ingressar no curso. Iniciava assim as aulas do Mestrado, e a realização de um sonho. Dediquei-me

muito. Escrevi e publiquei intensamente. Recebi prêmio como educadora¹ e passei a lecionar em outras escolas da rede privada. Nesse momento de minha vida, vivi um curso de Mestrado que me encantou mais ainda pela pesquisa. Foi um período de muito estudo, descobertas, leituras e dedicação à pesquisa. Quando concluí meu curso de Mestrado, fui aceita no processo seletivo da Universidade de Lisboa-Portugal, local que tinha estudos avançados na temática de “Gênero e Filosofia”.

Naquele momento, decidi seguir pesquisando sobre as mulheres filósofas e sobre as relações de gênero na filosofia e na Filosofia da Educação. Fui aprovada em 2007, no curso de Doutorado em Educação, no programa de pós-graduação em Educação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Por que pesquisar em educação? Não tenho dúvidas de que a educação é a área do conhecimento mais importante para minha formação, afinal sou educadora. Acredito no papel da educação para a transformação, no resgate de histórias de vidas, e na construção de sujeitos que saibam atuar no mundo para o melhor. Penso nos sujeitos das escolas e nas instituições de ensino com a convicção de que os “sujeitos da educação²” são responsáveis no processo de transformação, além do que, acredito que a escola tem futuro³. Acredito na educação formal e na informal, gosto do que se encontra nas margens, das ideias dos sujeitos que são frequentemente ocultados (as) nos currículos escolares, em especial as ideias de mulheres que escreveram obras, ainda a desvendar. Tenho já há alguns anos me dedicado em estudar e pesquisar ideias e teorias de mulheres, especialmente na Filosofia, lugar que as mulheres foram excluídas durante muito tempo e estudar as ideias e as histórias de vidas de mulheres é um desafio em nossas escolas, também nas nossas Instituições de Ensino Superior. As mulheres são conhecidas como esposas, escravas, deusas, bruxas, madrastas quase sempre extremadas nos modelos ou de santidade ou de malevolência. São apresentadas para os educandos e educandas como seres ilustrativos. Dialogar com os estudos feministas e “salientar

¹ Trata-se do Concurso Nacional Causos do Estatuto da Criança e do Adolescente, em que participei, na Categoria ECA na escola e fui agraciada com uma menção honrosa, no Teatro Municipal de São Paulo, em 2006.

² Uso esse termo, “sujeito da educação” lembrando de todos os sujeitos tratados no livro: O sujeito da Educação (1994), organizado por Tomaz Tadeu da Silva.

³ Um interessante livro que trata sobre essa questão foi organizado por Marisa Vorraber Costa, intitulado “A escola tem futuro?”, a autora entrevista profissionais da área da educação e busca saber se a escola têm futuro para eles, além de falar sobre nuances, contrastes, confrontos entre as diferentes formas de pensar e conceber a escola no início de nosso milênio.

a questão de gênero⁴ é uma necessidade, para que assim se possa tocar a questão da exclusão social e criar um diálogo entre homens e mulheres, buscando educar para a igualdade de direito e atuação na sociedade” (ROSA, 2005b). Assim, pensamos em uma educação que leve em conta às diferenças e os diferentes sujeitos que passam pelas nossas escolas.

As ideias das mulheres, seja na historiografia⁵ ou na filosofia da educação, ainda são pouco reconhecidas como ideias filosóficas e válidas para serem citadas. Podemos perceber tal fato através da carência de produções publicadas sobre mulheres, em diferentes áreas do conhecimento e a chegada das obras e histórias de vida de mulheres em nossas escolas. Durante o mestrado, verifiquei que algumas mulheres que hoje atuam na Filosofia sofreram muito para conseguirem se inserir como pesquisadoras e, posteriormente, como docentes, em Instituições de Ensino Superior no Brasil, principalmente no campo da Filosofia. Isso porque, muitas vezes, seus temas, que envolviam questões de educação, ou mesmo de gênero, não eram aceitos. Primeiro, por serem mulheres; segundo, por quererem abordar e pesquisar temas que envolvessem questões que a filosofia não aceita como questões filosóficas (como é o caso em algumas instituições de ensino superior, em cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia, que não trabalham o tema gênero). Muitas professoras foram “barradas” e não foram aceitas até mesmo em processos de seleção⁶. O que me anima é que mesmo com todos os problemas relacionados ao preconceito de gênero, como o androcentrismo e patriarcalismo⁷, hoje estamos pesquisando em diferentes áreas do conhecimento e buscando resgatar as ideias de algumas mulheres, que assim como os homens também fizeram teorias, pesquisas,

⁴ São diversas as acepções de gênero (estudos tradicionais, estudos feministas, teoria crítica feminista, estudos gays e lésbicos, teoria queer, entre outros). Uso o termo a partir de Joan Scott (1986): (1) uma categoria de análise, desenvolvida de forma a incluir”; (2) “o leque existente nos papéis sexuais e no simbolismo sexual”; (3) as distinções fundamentalmente sociais baseadas no sexo” (p. 1054). Considero a distinção entre diferença sexual e gênero, em que se busca recuperar o feminino na diferença, superando os estereótipos existentes de mulher.

⁵ Matos (2009) pontua questões fundamentais sobre a história das mulheres e gênero. Ver referências.

⁶ Trato mais sobre essa questão em minha dissertação intitulada “As relações de Gênero na Filosofia: Vivências e narrativas de mulheres professoras de Filosofia” (2007), realizada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, por Graziela Rinaldi da Rosa e orientada pela Dr^a Edla Eggert.

⁷ Tradicionalmente, entende-se como um termo que descreve as tarefas, as funções e a noção de identidade de cada um dos sexos de maneira oposta e distinta, onde as posições de poder, privilégio e autoridade pertencem ao homem. Em termos de crítica feminista, patriarcalismo é o termo que designa a forma como os privilégios socialmente atribuídos aos homens significam a opressão às mulheres. É um conjunto de ideias e práticas que justificam a organização da sociedade em torno do poder do homem.

descobertas inéditas e escreveram muito, mas ainda existem muitas falhas e omissões nessa história que foi quase sempre contada por eles.

O resgate do pensamento feminino e das histórias de vida de mulheres têm sido intensificado desde os primeiros estudos feministas, mas isso não significa que, antes, outras mulheres (e alguns homens) tenham questionado a exclusão e os problemas relacionados à vida, a educação, aos direitos, à saúde das mulheres. A filósofa Hierro (1989), ao falar sobre estudos de mulheres, especialmente no México, diz que nas Universidades, institutos e colégios tem sido resultado de uma tomada de consciência de gênero, classe, raça, e inclusive de idade, bem como ocorre com outros grupos marginalizados (negros, operários, minorias étnicas, idosos e outros). Hierro (1989, p. 461) diz que:

El interes de estos estudios se centra en una perspectiva nueva, que la ausencia de la mujer en la historia del pensamiento social y político había negado. Se abre así un mundo de análisis con infinidad de posibilidades que permite la crítica de las disciplinas académicas tradicionales, y exige una mayor profundidad en el examen de conceptos y supuestos fundamentales que todavía existen en las ciencias sociales y las humanidades. Asimismo, se comienza a dirigir la atención hacia las ciencias sociales y las humanidades. Asimismo, se comienza a dirigir la atención hacia las ciencias naturales y exactas. Esta óptica nueva ha sido ganada precisamente por la especificidad del estudio de mujeres, que ofrece la posibilidad de generar sus propios análisis, y viene a iluminar, enriquecer y transformar las condiciones de opresión- entendida como la negación de la dignidad de ser humano- que han sufrido estos grupos, que ahora luchan por su derecho a la vida cultural.

O que me proponho nesse momento, como pesquisadora em formação e professora é refletir sobre o pensamento educacional de Nizia Floresta, uma mulher que falava no século XIX sobre equidade de gênero, propondo uma reforma na educação das meninas.com base em meus estudos de gênero, na Educação, História e Filosofia. Muitas questões me inquietam em meio a tantos conteúdos, avaliações, reuniões pedagógicas, que fazem parte de meu cotidiano, enquanto educadora. Incomodo-me especialmente com a educação que exclui as ideias de mulheres de sua história. Reconheço que muitas questões têm sido superadas, mas não admito que continuemos estudando filosofia, sem saber as ideias das filósofas que estiveram produzindo filosofia, assim como educadora, não posso deixar de levar em conta o que mulheres educadoras pensaram e produziram. Não concebo uma filosofia da educação que não leve em conta as ideias pedagógicas de

mulheres que propuseram reformas nesse setor, como Nizia Floresta. Temos que incluí-la nas fontes pedagógicas latino-americanas⁸, mesmo que em sua Filosofia da educação encontramos contradições. Floresta foi uma educadora brasileira, que se propôs a colocar em prática uma educação para meninas em um país ainda escravocrata e mesmo com suas limitações e tendo que enfrentar diversos opositores, fundou escolas e publicou obras de cunho pedagógico também.

Sendo assim, estaremos mostrando o pensamento educacional de Nizia Floresta, que conseguimos sistematizar especialmente a partir das suas obras que versam sobre a educação. Questionamos quais conhecidências há entre as práticas e falas de Nizia Floresta, e encontramos contradições. Não as escondemos, pois acreditamos que as contradições entre aquilo que Floresta escreveu e fez na sua concepção de educação, que estão explícitas em suas obras, são reflexos da mulher astuta, que encontrou maneiras de driblar o preconceito da época para educar as meninas. A sua proposta de uma educação alternativa para as meninas foi uma saída para oportunizar o acesso das meninas à educação, mesmo que hoje a sua concepção de mulher enquanto *madresposa* pode ser vista como uma concepção conservadora e também uma armadilha.

Floresta escreveu sobre os direitos humanos das mulheres e oportunizou o acesso à educação para algumas meninas, lutando para que elas valorizassem os estudos e abandonassem as futilidades. Foi uma educadora que encarou a educação das meninas como uma missão, além de ter discutido a questão indígena de forma singular, valorizando o papel das mulheres e ter provocado as autoridades da época ao questionar sobre o poder e a supremacia dos homens brancos. Suas críticas atingiam também mulheres que destinavam seus filhos e filhas aos braços das amas de leite. Floresta apontava problemas relativos a própria igreja que frequentava e se horrorizava com tantas futilidades de algumas de suas compatriotas. Ensinava os valores para poder ser educadora e dizia também, que as mulheres poderiam ocupar os cargos públicos. Defendia a ideia de uma nação civilizada, e que só chegaria nesse patamar se as mulheres fossem educadas e participassem do contexto social.

⁸ Em 2010, publiquei um artigo sobre Floresta e a educação na obra “Fontes da Pedagogia Latino-Americana- Uma antologia”, publicada pela Editora Autêntica e organizada pelo professor, Dr. Danilo R. Streck.

A sua conduta de vida foi o maior exemplo daquilo que Floresta acreditava que as meninas deveriam fazer, porém a sua filosofia de educação será apresentada aqui com suas ambiguidades e contradições. Isso porque os seus conselhos moralistas nos apontaram a sua opção pela família e pelos valores que essa instituição deveria ter. Esse estilo moralista a situa dentro de um estilo da época, e não há problemas em dizer que Floresta era uma mulher do seu tempo, já que ela atuou intensamente na sociedade e produziu muito também, o que a diferenciava de tantas outras mulheres.

Trata-se de uma tese que baseada nas obras de Floresta e contextualizada com o seu tempo, apontam avanços e retrocessos, surpreendendo aqueles que se empenham em valorizar o pensamento nisiano. Buscamos desnudar Nizia Floresta. Ressaltamos o seu pensamento, que dialoga com intelectuais diversos, conservadores, progressistas e outros emancipadores, feministas. Na medida em que dialoga, se diferencia por ser um pensamento de uma mulher brasileira, do século XIX, uma educadora que ensina as meninas a usarem a razão, se apropriarem de conhecimentos diversos, ao mesmo tempo em que visa a conservar a ordem social. Sua concepção de educação é discutida nessa tese levando em conta que Floresta critica o patriarcalismo, o machismo, ao mesmo tempo em que estrutura um colégio para ajudar na educação das famílias patriarcais de seu tempo.

Floresta desafiou uma cultura, onde as mulheres não eram valorizadas, superou diversos opositores, chegando ao ponto de fundar o Colégio Augusto, pensado para meninas, cobrando assim o acesso das mulheres no campo do saber. Foi cuidadosa e metódica, conseguindo dar o seu recado na sociedade da época, em jornais lido pela elite e pelas autoridades da época. Seu colégio teve existência curta, gerou polêmicas e isso a impediu de tornar possível muito daquilo que ela escrevia. O que encontramos em suas obras é um material riquíssimo para os estudos de gênero, pois nos mostram denúncias do preconceito dos homens com relação às mulheres, denunciando as relações de gênero do século XIX, além de nos explicitar que Nizia Floresta contribui para a luta pelos direitos humanos em nosso país. Sendo assim, as ambiguidades encontradas na filosofia de educação nisiana não desmerecem a importante personagem histórica brasileira, que merece a atenção de pesquisadores (as) em diferentes áreas do conhecimento.

Figura 1 – Mosaico de obras e documentos que contextualizam a filosofia de educação nisiana



Fonte: Elaborada pela autora

Nota: Imagens disponibilizadas gentilmente por Constância Duarte

2 RUPTURAS E PERMANÊNCIAS NA PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO ALTERNATIVA PARA AS MENINAS EM NIZIA FLORESTA

No século XIX, Floresta não tinha como oferecer muito, mas mesmo assim ela escreveu ao longo dos seus 74 anos, cerca de quinze títulos, sendo que alguns foram reeditados mais de uma vez. Suas obras foram publicadas em diferentes idiomas, dentre poemas, romances, novelas e ensaios, muitos desses foram publicados pela imprensa.

Segundo a bibliografia organizada por Constância Duarte, que consta em “Inéditos e Dispersos de Nizia Floresta”, as seguintes obras: (1) Direitos das mulheres e injustiça dos homens. Recife: Typographia Fidedigma, 1832; (2) Direitos das mulheres e injustiça dos homens. 2 ed. Porto Alegre: Reimpresso na Typographia de V. F. de Andrade, 1833. (3) Direitos das mulheres e injustiça dos homens. 3 ed. Rio de Janeiro: 1839. (4) Conselhos à *minha filha*. Rio de Janeiro: Typographia de J. S. Cabral, 1842. (5) *Conselhos à minha filha, com 40 Pensamentos em versos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1845. (6) *Fany ou o Modelo das donzelas*. Rio de Janeiro: Colégio Augusto, 1847. (7) *Daciz ou a jovem completa. Historieta oferecida a suas educandas*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1847. (8) *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta*, em 18 de dezembro de 1847. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de F. de Paula Brito, 1847. (9) *A lágrima de um Caeté*. Rio de Janeiro: Typographia de L. A. F. Menezes, 1849. (10) *A lágrima de um Caeté*. 2 ed., Rio de Janeiro: Typographia de L. A. F. Menezes, 1849. (11) *Dedicação de uma amiga*. (Romance histórico). 2 vol. Niterói: Typographia Fluminense de Lopes & Cia, 1850. (12) *Opúsculo humanitário*. Rio de Janeiro: Typographia de M. A. da Silva Lima, 1853. (13) *Páginas de uma vida obscura*; (14) *Um Passeio ao Aqueduto da Carioca*; (15) *O pranto filial*. Rio de Janeiro: Typ. de N.Lobo Vianna, 1854. (16) *Itineraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: Firmin Diderot Frères et Cie, 1857. (17) *Consigli a mia figlia*. Firenze: Stamperia Sulle Logge del Grano, 1858. (18) *Consigli a mia figlia*. 2. ed. Mandovi: 1859. (19) *Scintille d'un'anima brasiliana*. Firenze: Tipografia Barbera, Bianchi & C. 1859. (20) *Conseils a ma fille*. Traduit de l'Italien par B.D.B. Florence: Impr. du Monnier, 1859. (21) *Le lagrime d'un Caeté*. Tradotto da

Ettore Marcucci. Firenze: Le Monnier, 1860. (22) *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. 1^o vol. Paris: Libraire E. Dentu, 1864. (23) *Woman*. Translated from the italian, by Livia A. de Faria. London: Printed by G.Parker, Little St. Andrew Street, Upper. St. Martin's Lane, 1865. (24) *Parsis*. Paris: [s.n.], 1867. (25) *Le Brésil*. Paris: Libraire André Sagnier, 1871. (26) *Trois ans en Italie, Suivis d'un voyage en Grèce*. 2^o vol., Paris: E. Dentu Libraire-Éditeur et Jeffes, Libraire A. Londres, 1871 (ou 1872). (27) *Fragments d'un ouvrage inédit: notes biographiques*. Paris: A.Chérié, Editeur, 1878.

Com relação às contribuições de Floresta em jornais da época, Duarte encontrou: (1) "Passeio ao Aqueduto da Carioca", *O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, em 15\07\1855, p. 68-69 e 70 (2) "Páginas de uma vida obscura", *Jornal O Brasil Ilustrado*, Rio de Janeiro, em 14\03, 31\01, 15\04, 30\04, 15\05, 31\05, 15\06 e 30\06 de 1855; (3) "Um Improviso, na manhã de 1^o do corrente, ao distinto literato e grande poeta Antonio Feliciano de Castilho", *O Brasil Ilustrado*, 30\04\1855, p. 157. (4) "O pranto filial", *O Brasil Ilustrado*, em 31\03\1856, p. 141 e 142.

Nos lugares por onde andou, Floresta escreveu sobre a condição e a vida das mulheres, sobre a educação (para meninas), sobre o que via nos países por onde passava; escreveu sobre o Brasil, com intenção de desmitificar a maneira que as pessoas do exterior viam os habitantes de nosso país e, com seu próprio exemplo e intelectualidade, desmistificou.

Muitas filhas, mães esposas ou amantes escreveram à sombra de grandes homens e se deixaram sufocar por essa sombra. As relações familiares, hierarquizadas e funcionais, não incentivavam o surgimento de um outro escritor na família, principalmente se a concorrência vinha de uma mulher [...] (DUARTE, 1997d, p. 87).

De modo geral, denuncia uma sociedade que legitima as desigualdades. Ela foi educadora numa época em que havia pouca preocupação com a educação para as meninas. Floresta lutou pela educação das meninas em uma época em que as mulheres não eram reconhecidas. Suas obras em que versou sobre a educação foram as nossas fontes primárias. Cabe destacar que o século XIX é o "século de famílias, de armários e de escrita pessoal, o século 19 é um imenso reservatório. Correspondências, diários, autobiografias foram exumadas e analisadas como modo de comunicação e expressão" (PERROT, 2005, p. 29). No entanto, "a ausência no

nível da narrativa é acompanhada por uma carência de traços no domínio das ‘fontes’ nas quais o historiador se alimenta, devido ao déficit de registro primário” (PERROT, 2005, p. 33). Perrot (2005, p.33) ainda observou que:

No século 19, por exemplo, os escrivães da história- administradores, policiais, juizes ou padres, contadores da ordem pública- tomam nota de muito pouco do que tem o traço das mulheres, categoria indistinta, destinada ao silêncio. Se o fazem, quando observam a presença feminina em uma manifestação ou reunião, recorrem aos estereótipos mais conhecidos: mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca, histéricas, assim que começam a gesticular.

Floresta propôs, nas primeiras décadas do século XIX, a maneira que as meninas deveriam ser educadas e que deveriam se dedicar aos estudos, além de escrever sobre alguns problemas de seu tempo, como a discriminação dos índios, dos negros, das mulheres. Considerando seus limites, não concordamos em dizer que Floresta lutou pela liberdade das mulheres. Ferreira (2006, p. 2) constatou que “ultrapassando as interdições de sua época, fez de sua vida um manifesto em favor da liberdade”. Lidamos com as contradições e limitações que encontramos na filosofia de educação nisiana, pois segundo Pisano (2004, p. 98-99):

El pensamiento está condicionado al círculo vicioso de pensarse y repensarse dentro de la cultura masculinista, sin ninguna posibilidad de libertad, por ello la libertad es un problema pendiente de la humanidad. El pensamiento está instalado en el corte/conflicto del dominio: hombre/mujer, negro/blanco, pobre/rico, viejo/joven, heterosexual/homosexual, derecha/izquierda, cuerpo estado/cuerpo civil, con sus economías devastadoras, por ende, con sus guerras, hambres, explotaciones, persecuciones y matanzas.

Na obra *Mulheres Ilustres do Brazil*, Sabino (1996), se referenciou a Floresta, como ela assinava em documentos - Nizia Floresta Brasileira Augusta, com “Z”. Como encontramos as certidões em anexo e nelas consta o nome de Nizia, com “z”, e também encontramos uma assinatura dela datada de outubro de 1836, estaremos nos referindo a ela como se assumiu publicamente e assinava o seu nome. Além disso, Sabino visitou e conheceu o Augusto Américo, seu filho. Sabino (1996) afirmou que ela, em 1842, fazia conferências públicas abolicionistas e as deixou impressas. Quanto às conferências, Sabino (1996, p. 172) afirmou que: “sahiam d’ahi deslumbrados não só pela presença agradável da jovem senhora, como pela

audácia da sua inteligência de primeira água e ainda mais...um horror para aquelle tempo!..por ouzar a illustre dama fallar em abolição e em federalismo”. Hoje alguns intelectuais e instituições fazem projetos e resgatam um pouco mais da história dessa mulher, mas esse é um movimento difícil, pois há poucos registros na própria cidade que hoje se chama Nísia Floresta. Foram realizadas entrevistas com alguns moradores nesse município, porém com relação ao resgate da memória dela, destaco apenas a fala de Zelma Bezerra Furtado de Medeiros e de Luis Carlos Freire como as mais esclarecedoras. Em meio às produções que vem sendo feitas para resgatar a memória de tal escritora, acreditamos que seja necessário analisar a fundo o conceito filosófico de educação que Nizia Floresta propôs. Buscaremos entender o que significa a aproximação de Nizia com a corrente de pensamento positivista, quais impactos tiveram essa aproximação à sua filosofia e, além disso, saber em que medida as diferentes correntes filosóficas que podem ser percebidas no pensamento de Nizia Floresta, auxiliaram a configurar a sua própria filosofia de educação.

2.1 Dionísia Gonçalves Pinto: “uma Mulher À Frente de Seu Tempo”?

Foi uma “mulher de muitos nomes”, como afirma Peggy-Sharpe (1889). Também conhecida como Dionísia Pinto Lisboa, Dionísia Gonçalves Pinto, Nizia Floresta Brasileira Augusta, ou Nísia Floresta, usou vários pseudônimos: Tellezilla, Telesila⁹, B.A., *Une Brésilienne*¹⁰, Quotidiana Fidedigna, entre outros. No monumento a Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, seu nome figura junto ao de outros imortais¹¹ (SILVEIRA, 1871, p. 66). Duarte (1997d, p. 87) afirmou que “muitas mulheres fizeram uso de pseudônimos masculinos, como forma de driblar a crítica e, ao mesmo tempo, se protegeram da opinião pública”. Cabe questionarmos quando e porque Floresta usou pseudônimos? A utilização de pseudônimos por parte das escritoras visava precisamente preservar a imagem e proteger o círculo mais íntimo da pressão social, advinda da oposição implícita contra a mulher que escrevesse.

⁹ Como destaca Peggy-Sharpe (1889), Telesila, além de poetisa dos tempos semilendários anteriores às guerras medopersas, foi a heroína que, com um exército composto só de mulheres, defendeu a sua cidade natal contra o rei Cleômenes, de Esparta. Floresta assinou também alguns dos próprios escritos com o nome de Telesila.

¹⁰ Pseudônimo apresentado na introdução da obra “Opúsculo Humanitário” (1889, p. 6-7)

¹¹ Referindo-se ao busto de Nizia Floresta, incluído na Praça da República entre os demais abolicionistas, como José Bonifácio e Castro Alves.

Floresta usou pseudônimos após ter abandonado o marido, pois desde então continuou a sua vida assinando documentos com outros nomes. Muitas mulheres optaram por usar apenas as primeiras letras do nome para se “camuflar”, como foi o caso de Floresta (DUARTE, 1997d, p. 90). É interessante perceber que Floresta não só usou pseudônimo, mas assumiu outro nome e isso está claro nas certidões que anexamos nesse trabalho, pois consta como nome legítimo, Nizia Floresta Brasileira Augusta. Não temos como afirmar porque ela usou pseudônimos, mas sabendo das suas ações em prol da educação feminina, suas obras e textos polêmicos à favor dos direitos humanos, não é difícil de compreender que os pseudônimos eram uma forma de se proteger e ocultar a sua identidade, protegendo-se de acusações e preservando-se de acusações.

Também conhecida como uma educadora, “viajante ilustrada”, “nacionalista”, “pré-feminista”, escritora, abolicionista, ativista dos direitos humanos, indianista e republicana, adotou o pseudônimo de Nizia Floresta Brasileira Augusta: **Nizia**, diminutivo de Dionísia; **Floresta**, para lembrar o sítio Floresta Augusta, “é o ninho nativo”; **Brasileira**, como afirmação do sentimento nacionalista, e **Augusta**, uma homenagem ao companheiro, Manoel Augusto de Faria Rocha¹².

Pretendemos reconstruir um pouco os espaços por onde ela andou, não com o intuito de recontar a história que se encontra nos livros, por isso, tomamos muitas vezes a sua própria narrativa como referência para compreender o seu tempo e o seu mundo. Nasceu em 12 de outubro de 1810, em Papary, Rio Grande do Norte, cidade que hoje tem o nome de Nísia Floresta. Por muito tempo não se sabia ao certo sobre a sua data de nascimento, falavam em 1809 e 1810, mas hoje não há mais dúvidas quanto a isso. Seu pai, um português chamado Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, era escultor e advogado, casou com Antônia Clara Freire, dona de casa. Sobre os sepultamentos de seus familiares, não há registro. O pai dela foi assassinado em Olinda e supostamente ali sepultado. Já Dona Antonia Freire morreu no Rio de Janeiro e deve ter sido sepultada ali mesmo, bem como o irmão de Nizia. Já a irmã foi sepultada no Rio Grande do Sul. Floresta (1998, 1998a) deixou registrado seu desejo de ser sepultada junto à sua mãe. Ao viajar para a Itália, e conhecer o “Campo Santo de Pisa”, desejou ser lá sepultada, mas afirmou assim “quando minh’a alma, esgotada nesse combate [a vida], voar para o seio do

¹² Dados cronológicos sobre a vida de Nizia Floresta foram publicados por Constância Duarte na obra *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta* (2009).

Criador, é para aqui que eu gostaria que trouxessem meus restos mortais, se devo pagar esse triste e inevitável tributo à natureza, tão longe do túmulo de minha santa mãe!” (FLORESTA, 1998, p. 48).

Na Igreja Matriz Nossa Senhora do Ó¹³, encontra-se uma pia com uma índia segurando-a (ver anexo C) e, comenta-se, nesse município, que pode ter sido feita pelo pai de Floresta. Também encontramos essa informação em uma carta, escrita por Isabel Gondim¹⁴, datada de março de 1884. Trata-se de uma carta que deprecia a imagem de Floresta e até mesmo de seu pai, que era um homem da elite intelectual da época, e que não passou livre das depreciações de Gondim (1884):

Esbulhando da propriedade do mencionado sitio Floresta a uma enteada, cujo marido a perseguira, a ponto de fazê-la embarcar para fora da capitania, ali veio fixar sua residência o português Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, artista em cerâmica do que deixou espécime numa estatueta de pequena tapuia, sustendo na cabeça a pia de batismo na igreja ou capela do povoado de Papary, homem trêfego e de maus instintos com quem passara às segundas núpcias Antonia Clara Freire, da família de Barbalhos em Goianinha, vulgarmente apelidada de Jundiá, nome de um pequeno rio que ali serpeia.

A carta descreve o roteiro das viagens e dos lugares por onde Floresta andou. Fala de sua família e de suas andanças (referenciando os lugares: Pernambuco, Recife, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Europa). Quanto à sua passagem pelo Rio Grande do Sul, Gondim (1884) fala que Nizia lecionou por alguns anos no magistério público, mas também não descreve muito tal fato.

Se Aduino da Câmara (1898-1952) é considerado o primeiro biógrafo dela, pois escreveu em 1941 a obra “História de Nísia Floresta”, a carta de Isabel Gondim é um dos documentos mais antigos que versam sobre a vida dela, descrevendo detalhadamente por onde andou. Apesar de a carta ser preconceituosa e com sinônimos pejorativos, trata-se de um dos primeiros documentos que falam do paradeiro de Floresta, demonstrando que Isabel Gondim tinha desejo de difamá-la, talvez por ela ter saído do Rio Grande do Norte e ido tão longe, rompendo alguns

¹³ Foi desmembrada da vila de S. José, e elevada à categoria de paróquia por decreto de 29 de agosto, de 1833, quando Nizia nasceu Papari era uma aldeia, e hoje essa Igreja fica bem no centro de Nísia Floresta. Ver anexo III.

¹⁴ Para saber mais sobre ela, ler: “Isabel Gondim-Uma nobre figura de mulher” (2003) de Maria Aristene Câmara de Moraes; “Isabel Gondim”, na obra “Escritoras Brasileiras do Século XIX” (2000) de Constância Duarte, e o artigo “Nísia Floresta: Gênio; Isabel Gondim: Geniosa”, de Luis Carlos Freire. Sobre Isabel Gondim, ler: Isabel Gondim uma nobre figura de mulher, de Maria Arisnete Câmara de Moraes.

valores, pesquisando, lecionando e defendendo os direitos humanos, criticando o pouco desenvolvimento que era dado no país à educação da mulher. Ela tinha conhecimento dos nomes das pessoas que indicavam e aquelas que ajudavam Floresta e sua família. Havia uma maldade impregnada em suas palavras. Nessa carta, Gondim (1884) começa dizendo que a história de vida da Nizia era “indecorosa” e que “seria conveniente ficar sepultada entre nós, e jamais transpôr as raias do Rio Grande do Norte”. Gondim (1884) afirmou que Floresta ia para os lugares munida de cartas de recomendações, sendo esses documentos que facilitavam a sua inserção no mundo intelectual e burguês. Com essas cartas, ela e sua família eram bem acolhidas, pois haviam sido recomendadas. As afirmações de Gondim são falsas, tinham interesse em desmerecer o pensamento de Floresta.

Determinada, Floresta viajou por Recife, Olinda, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Lisboa, Coimbra, Londres, Roma, Florença, Nápoles, Paris, Cannes, Alemanha, Bélgica, Suíça, Sicília, Inglaterra, Grécia e Rouen, entre outros lugares. Ela escrevia sobre todos os lugares por onde andava. Conforme ela mesma afirma (1998a, p. 116): “Meu espírito ama as viagens, meu ser físico nelas se compraz, mas meu coração nunca será viajante”. Viajar era para Floresta (1998, p. 285):

[...] o meio mais eficaz e mais útil de superar uma grande dor. Mas, quando a viagem nos separa dos seres amados, perde muito de sua eficácia, e os encantos dos novos objetos que nos tocam o olhar e o espírito diminui em mais da metade. Longe desses seres o coração se sente enregelar em sua admiração por tudo o que eles não partilham conosco. Mesmo as maiores cenas da natureza não podem estimular nosso entusiasmo, senão pela metade; e quanto mais essas cenas são belas e imponentes, mais se experimenta, no fundo da alma, a opressão e a tristeza.

Suas viagens provocaram curiosidade em muita gente, que tinham interesse em saber como ela desfrutava de tal privilégio. Medeiros Filho (1981, p. 7) diz que:

Quanto ao dinheiro com que custeava suas viagens e mantinha sua residência faustosa de Paris, provinha da venda de propriedade da família, sabido ainda que sua irmã e o sogro, agricultor em Goiana, tinham cabedais avultados. Além disso, suas atividades no magistério contribuíam para esses gastos.



Para Duarte (2000), a figura de Floresta foi envolvida por um manto de mistério em sua terra natal e, durante algumas dezenas de anos, não se ouviu falar dela e o pouco que se ouvia, estava marcado pelo preconceito, ou impregnado da surpresa de encontrar, em tempos passados, uma história de vida como a sua e uma obra de reflexões tão avançadas para a época. Medeiros Filho (1981, p. 15) destacou que “o falso julgamento que as notícias geraram em determinados ambientes levaram a comunidade a fazer generalizações apressadas”. Com relação a esse problema, Duarte (2000, p. 334), diz que:

Além dessa carta foram feitas cópias da ‘notícia biográfica’ para serem enviadas aos intelectuais interessados a conhecer aquela escritora potiguar que residia e publicava em terras estrangeiras, contribuindo, sem sombra de dúvida, para fortalecer o preconceito contra Nísia Floresta.

O silêncio e o desconhecimento, bem como alguns atos de vandalismo (como queimar documentações de órgãos públicos no município de Nísia Floresta) fizeram com que ela não tivesse o reconhecimento que merecia, até porque sempre se teve poucos registros da vida dessa mulher e muita vontade de deixá-la no esquecimento. Até mesmo quando seu corpo chegou ao Brasil, há relatos de preconceitos. Colocamos em anexo (anexo D) o relato de uma entrevista feita e cedida por Luis Carlos Freire ao padre Rui Miranda, que recebeu, em 1954, os despojos de Floresta. No relato, Luis Carlos Freire relata que pretendia verificar se de fato o padre não quis receber o corpo de Floresta. Esse documento comprova o quanto que o preconceito interferiu para que Floresta não fosse reconhecida no Brasil. No texto, consta o relato do padre que desconhecia as obras dela e que não tinha interesse em saber sobre as suas ideias. O padre afirmou que: “Eu era contra. Eu não podia concordar com as ideias de uma mulher que pensava daquele jeito”. Nizia foi uma devotada católica¹⁵. Por muitos, foi considerada pecadora¹⁶, pois tinha

¹⁵ Podemos verificar que os princípios morais faziam parte de seu cotidiano, e que em sua rotina havia lugar para ir a capelas, veja o poema (anexo E) que ela escreveu na Capela de Saint Altiere, em Nápoles, 1858.

¹⁶ Desde épocas remotas, as mulheres têm sido usadas por outros e muitas coisas foram negadas ao sexo feminino. Esse pensamento nos remete à ideia de livrar as mulheres dos estigmas nela colocados. Ver: Rosa Araújo na obra *A mulher no século XXI. O resgate da Lilith* (1989). O mito Judaico-Cristão de Lilith (a primeira mulher de Adão) nos remete à ideia de “demônio feminino” e faz refletir sobre submissão, controle, repressão, igualdade sexual e social feminina. Trata-se de um mito popular e Lilith teria sido feita do mesmo material que Adão, ou seja, ela era igual a ele. Assim como Floresta, Lilith é desobediente e é considerada um “demônio feminino”,

um pensamento que confrontava com alguns princípios da época, como por exemplo quando falava sobre a condição das mulheres e demonstrava o que esperava com relação a elas. Floresta (1997, p. 115-117) afirmou:

Não façais dela a mulher da Bíblia; a mulher de hoje em dia pode sair-se melhor do que aquela; nem muito menos a mulher da Idade Média: da qual estamos todas tão distantes que não poder-nos-ia servir de modelo; mas a mulher que deve progredir com o século dezenove, ao lado do homem, rumo à regeneração dos povos.

Ela foi obrigada a se casar muito cedo, no ano de 1823, com treze anos. Seu primeiro marido foi Manuel Alexandre Seabra de Melo; mas, no mesmo ano, ela o abandonou e voltou a morar com seus pais. Naquela sociedade, a mulher sem marido era desprovida de direitos, estava fadada ao preconceito. Ao falar da mulher sem homem no século XIX, Nicole Arnaud-Duc (1991) afirma que se a mulher não se casava era uma mulher solitária, socialmente à margem, com exceção dos raros exemplos nos meios intelectuais e artísticos.

Um ano depois de sua separação, ela foi com a família para Pernambuco e residiram em Goiana, Olinda e Recife. Depois foi viver com Manuel Augusto, que era acadêmico da faculdade de direito por quem ela tinha grande admiração. Inclusive a escola que ela fundou no Rio de Janeiro, colocou o nome de “Augusto”. “Entre o amor e o casamento, se ergue uma barreira. O amor é sempre clandestino e contraposto à honra e à dignidade. É visto como uma exaltação dos sentidos e subversivo à ordem” (LEITE, MISSAINI, 1989, p. 76). Nesse sentido, ela subvertia à ordem social e causava polêmica. Em 1830, nasceu Lívia que se tornou companheira em suas viagens para o exterior e dentro do Brasil, e, mais tarde, tradutora de suas obras. Em 12 de janeiro de 1833, nasce outro filho que recebe o nome de Augusto Américo de Faria Rocha.

Floresta mostrou uma preocupação filosófica com o cotidiano brasileiro da época em que viveu e se dedicou em propor uma reforma na educação das meninas no Brasil. Nizia se preocupou principalmente com a educação e o papel das mulheres em nossa sociedade, acreditando que o progresso de uma sociedade depende da educação que era oferecida às meninas. Trata-se de uma reforma que

representando as ações geradas por proibições sociais e irracionalidades, na medida em que há proibições sociais tentando conter os desejos femininos. Assim como Floresta, Lilith teve alteridade sexual, fugindo assim dos moldes recatados e puritanos.

não tinha pretensões de modificar a estrutura social e/ou cultural. Ao mesmo tempo em que rompia com a ideia de que só os meninos deveriam estudar, ela defendia que a mulher era útil para a sociedade, na medida em que seguindo os valores cristãos e sendo uma pessoa virtuosa, influenciaria também outras pessoas. Assim, as meninas podiam estudar. A mulher é para Floresta (1997) aquela que exerce uma influência real sobre o destino de seu marido e sobre os destinos das nações. As meninas precisariam ser educadas para terem reconhecimento na sociedade, como boas mães, esposas e filhas. Entende-se esposa no sentido de que “ser esposa es ser sierva conyugal en la reproducción. La obediencia, la sujeción, y la pertenencia – ser de -, caracterizan políticamente a la esposa a partir de su dependencia vital del esposo” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 445). A mulher foi definida, conforme a cultura patriarcal, pela sexualidade; enquanto o homem, pelo trabalho.

Algumas pessoas podem perguntar: existe patriarcalismo em nossos dias? O patriarcado já acabou? Além de o patriarcado ser um sistema de opressão que visa suprir os interesses dos homens, ele ainda está presente em nossas práticas sociais, bem como em nossas formas de nos relacionarmos com os outros. O patriarcado ainda está infiltrado em quase tudo na nossa sociedade, na maneira que educamos, seja em casa ou nas escolas. “Poucas mulheres questionam sua inferioridade social” e além de homens “há um número incalculável de mulheres machistas” (SAFFIOTI, 2004, p. 35). A mulher tem como pré-definidas, em nossa sociedade, algumas características sociais, dentro dessa lógica, e uma delas é que “la mujer-madre es transmisora, defensora y custodia del orden imperante en la sociedad y en la cultura. Tanto los rituales domésticos o sociales, como los cuidados, están a cargo de las mujeres y forman parte de su condición histórica” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 377). As injustiças, os discursos e as contradições que encontramos no sistema em que vivemos nos mostra que estamos inseridos em que tipo de cultura? Os pactos que fazemos ainda estão baseados em quais valores? Nós, mulheres, pensamos como os homens? Os homens pensam como nós?

Algumas mujeres fácilmente llaman patriarcal cualquier expresión de lo humano atrapada en la simbólica de lo masculino: la autonomía, el ejercicio del conocimiento, la independencia, les es necesario permanecer en la femineidad patriarcal, ser buenas, acogedoras, no discutir, necesitar al otro/a. Es tan fuerte la marca misógina que nos dejó el patriarcado que apenas logramos constituirnos, empezamos a

negociar nuestras ideas con la masculinidad, ya que cuando no se ha gozado del poder público, cualquier pequeño poder se confunde con este (PISANO, 2004, p. 58-59).

O poder masculino estava presente na proposta de educação elaborada por Nizia Floresta. “A mulher sempre foi para o homem “o outro”, seu contrário e complemento” (PAZ, 1984, p. 176) e a dependência do outro faz parte do modelo patriarcal, mesmo que ela se posicionasse contra a opressão das mulheres. Como destacou Lagarde y de los Ríos (2005, p. 97), “la opresión de las mujeres se sintetiza en su inferiorización frente al hombre constituido en paradigma social y cultural de la humanidad”. A menina era educada na filosofia de educação nisiana para alcançar a expectativa de uma sociedade patriarcal, pois eram dependentes, consideradas frágeis e preciosas. As virtudes que as meninas deveriam ter apontam que se tratava de uma educação elitista. A filosofia de educação nisiana propõe uma educação para meninas ricas, visto que:

[...] *as mulheres populares*, em grande parte, não se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino: submissão recato, delicadeza, fragilidade. Eram mulheres que trabalhavam e muito, em sua maioria não eram formalmente casadas, brigavam na rua, pronunciavam palavrões, fugindo, em grande escala, aos estereótipos atribuídos ao *sexo frágil* (SOIHET, 1997a, p. 367).

Socialmente, “era protegida de todas as maneiras pela família, pelos poderes eclesiásticos e governamentais, até contra seus próprios sentimentos” (LEITE, MISSAINI, 1989, p. 80). A menina deveria ser boa, para se tornar uma boa mulher e conseguir um bom matrimônio, atingindo as expectativas como: ter uma família feliz, cuidar bem de seus filhos, seguir o exemplo de mulher virtuosa, despertando o orgulho de seu esposo. Deveria seguir o modelo patriarcal de comportamento e por isso se mantinha oprimida e dependente de outras pessoas - seus filhos e esposo. Floresta questiona essa sociedade patriarcal, mas não rompe. Trata-se de uma educação moral que oferecia medalhas para aquelas meninas que se destacavam nos estudos, o que mostra a posição astuta de Floresta. Os filhos também tinham deveres e Floresta (1998, p. 101) deixou dito que “o primeiro dever de um filho é amar seus pais e assisti-los com seus cuidados, consolá-los, encantar sua velhice com ternas atenções [...]”. A família nessa época tinha a função moral e a

econômica, e ambas contribuíam para a sociedade. No entanto, a hierarquia e a subordinação dentro da família era bem definida:

La opresión de las mujeres se define por un conjunto articulado de características enmarcadas en la situación de subordinación, dependência vital y discriminación de las mujeres en sus relaciones con los hombres, en el conjunto de la sociedad y en el Estado. **La opresión de las mujeres se sintetiza em su inferiorización frente al hombre constituido em paradigma social y cultural de la humanidad** (grifo nosso. LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 97).

Até hoje “a mulher vive presa à imagem que a sociedade masculina lhe impõe; portanto, só pode escolher rompendo consigo mesma” (PAZ, 1984, p. 178). Para deixar de serem dependentes dos homens, as mulheres precisariam ultrapassar barreiras, estudar, trabalhar e ocupar espaços públicos. Se antes só restavam às mulheres os espaços de clausura, do lar ou do convento, elas não pertenciam aos grupos de convivência e tinham pouca convivência com a comunidade, hoje se luta pelo reconhecimento, salários iguais, divisões de tarefas domésticas, entre outros direitos. “Los hombres siguen siendo los dueños de las tierras, los territorios y los espacios latinoamericanos. Son el centro de la sociedad, del Estado y de cualquier círculo particular. Hegemonizan la cultura. Están en el centro de la vida de las mujeres [...]” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 1999, p. 18). Alguns tabus foram superados, como o fato de se casar virgem ou casar apenas uma vez. D’incão (1989, p. 68), destacou que “a rigidez talvez possa ser intepretada como o único mecanismo existente para a manutenção do sistema de casamento, o qual envolvia, a um só tempo, uma aliança política e econômica”. Além disso:

Nesse tipo de casamento, especialmente nas classes altas, a respeito das quais temos mais documentos e informações, a virgindade era um requisito fundamental: independentemente de ter sido ou não praticada como um valor ético propriamente dito, ela funcionava como um dispositivo para garantir o status da noiva como um objeto de valor econômico e político, sobre o qual se vai assentar um sistema de herança de propriedade que deve sobretudo garantir a linhagem da parentela (D’INCÃO, 1989, p. 68-69)

No tempo de Floresta, as mulheres casavam e se dedicavam a Deus e aos seus maridos e a violação dessas normas significava a perda definitiva do respeito social. Por isso, era preciso vigiar as meninas. “A vigilância, como se sabe, sempre foi a garantia do sistema de casamento por aliança política e econômica” (D’INCÃO,

1989, p. 70). As mulheres eram subordinadas aos homens e eram eles que mandavam e davam às ordens, restando às mulheres a obediência e a renúncia. Dessa forma, a vida da menina é regulada e controlada para que sirva a outras pessoas e contribua para a ordem social. A menina rica tinha acesso à educação oferecida nas escolas de Nizia Floresta. Algumas meninas desfrutaram do acesso à escola, em que aprendiam os valores pertinentes ao seu sexo e a ter uma boa conduta. Como destacou Leite e Missaini (1989, p. 77):

As diferentes classes podem estabelecer relações numa sala de visitas, por normas de cortesia, mas não devem misturar o sangue. A dureza das relações desde muito cedo prepara os jovens para enfrentar a realidade da pobreza, numa sociedade cujo valor e liberdade do ser humano eram medidos pela riqueza.

Hoje acompanhamos os discursos a favor de que as mulheres estudem, pois assim, seus filhos e/ou filhas aumentarão o seu grau de instrução. Lagarde y de los Ríos (2005, p. 824) afirmou que era preciso desestruturar as mulheres como “seres-para-los otros” e assim: “maternizar a la sociedad y desmaternizar a las mujeres”.

Quien sostenga que el patriarcado ha ido humanizándose, no ve cómo el racismo y la xenofobia están impregnando todos los espacios de nuestra cultura, incluso aquellos donde históricamente se construía pensamiento libertario, universidades y partidos políticos de ideas progresistas. Quien sostenga que el patriarcado está humanizándose no quiere ver que la supremacía de la raza blanca se ha ido empoderando sobre el resto del mundo y que la explotación y la pobreza son mayores que hace veinte años. No quiere ver tampoco los miles de tercermundistas tratando de escapar despavoridos de las hambrunas, sequías y guerras, sin poder saltar el muro invisible que ha levantado el Primer Mundo para mantener sus privilegios (PISANO, 2004, p. 56-57).

Floresta se admira com a educação da mulher alemã, enfatizando a importância da mãe de família, da “matrona esclarecida”. O termo “matrona esclarecida” foi retirado de uma fala de Floresta, quando enfatiza a sólida educação das mulheres alemãs, vejamos:

Os alemães, mais entusiásticos que fanáticos mais pensadores que galantes, concederam à mulher privilégios reais, baseados na educação sólida desse povo por demais profundo e morigerado para **compreender toda a importância da mãe de famílias, da matrona esclarecida edificando os filhos e o sexo com exemplos de uma sã moral, derramando em torno deles as luzes de um espírito**

reto e superior, os efeitos de um coração formado e generoso
(grifo nosso, FLORESTA, 1989, p. 17).

Entendemos nesse trabalho como “matrona esclarecida”, a mulher que Floresta idealizava, aquela que esta apresentada na tese, que é retratada no conceito de mulher encontrado nas obras de Nizia Floresta e explicitada na citação acima. Uma mulher que é capaz de edificar “os filhos e o sexo com exemplos de uma sã moral” (FLORESTA, 1989, p. 17). Conforme consta no Dicionário Aurélio (2008, p. 331), matrona é: **1.** Entre os antigos romanos, esposa. **2.** Mulher madura e corpulenta. O termo não possui significado pejorativo, além de ter sido utilizado por Floresta, como mãe de família, àquela que com seus exemplos morais auxilia na educação da humanidade. Trata-se de uma educação voltada para a “edificação dos filhos”, assim como Comte.

Así, las madres son reproductoras de la cultura, aculturadoras de los otros. Son las primeras pedagogas de quienes comienzan a vivir, y en complejos sociales estatales, son funcionarias del Estado en la sociedad, durante toda la vida de los sujetos. En cualquier circunstancia, las mujeres madres son intelectuales, son funcionarias del Estado en la sociedad civil (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 377).

Floresta desejou que todas as mulheres fossem cidadãs e, para isso, deveriam estudar e a sociedade teria que ser trabalhada para respeitá-la e inseri-la em todos os setores sociais, não deixando de lado o seu papel de filha, irmã e mãe. Mas, o que ela entendia como ser uma cidadã? Até onde verificamos a concepção nisiana de cidadã? Esta relacionada primeiramente na atuação da mulher como mãe e, portanto, a primeira educadora dos seus filhos (as) e, em segundo lugar, no fato da mulher estar ao lado do homem, contribuindo como cidadã para o progresso da sociedade. Tanto Comte, quanto Floresta pensavam a mulher como seres capazes de manter a ordem: do lar, da vida, de sua família e da sociedade. Em ambos, encontramos a mulher como uma santa criatura, capaz de cuidar e zelar pelos demais. A ideia é “conservar melhorando”¹⁷. Vejamos Comte (1996a, p. 108, grifo nosso):

¹⁷ A expressão “conservar melhorando” indica, na concepção comteana, que a sociedade então instituída havia chegado ao ápice de seu desenvolvimento, ou seja, o “estágio positivo”. Nesse

Posto que eu creia que este opúsculo decisivo há de ter em breve um grande acolhimento entre os dignos proletários, ele convém mais às mulheres, principalmente às mulheres iletradas. Só elas podem compreender assaz a preponderância que merece a cultura habitual do coração, tão comprimida pela grosseira atividade, teórica e prática, que domina o Ocidente moderno. **É só no santuário da alma feminina que se pode hoje encontrar a digna submissão de espírito exigida por uma regeneração sistemática.**

Floresta falava de “digna submissão” ao escrever para sua filha os seus conselhos, demonstrando a base de sua filosofia moral e a sua aproximação com a filosofia positiva de Comte. Tratava-se de uma educação que visa à regeneração espiritual através de um processo educativo moralizador, que colocava uma elite minoritária como líderes e excluía a outra parcela da população numa suposta “valorização feminina”. A mulher era vista como “santa”, mas para desenvolver bem o seu papel, ela precisava ser virtuosa. Em seus *conselhos*, no modelo de donzela, na Fany, em suas máximas, no seu discurso oferecido às educandas, ela demonstrava o seu conservadorismo, típico da educação moral da época. Duarte (2002, p. 34) lembra que “quando os positivistas se referem à escritora eles dão sempre preferência aos textos relativos à abolição e apenas enfatizam seu pensamento anti-escravocrata”. Isso ocorre, pois, nesses textos, ela enfatizava o papel da mãe e a necessidade da escravidão acabar para que as famílias não se desentabilizassem. No entanto, tentamos mostrar nesse trabalho que há outras aproximações do pensamento de Floresta com o pensamento de Comte, no que diz respeito ao papel de mulher, especialmente na conservação da ordem e na manutenção do poder patriarcal. Existe na doutrina comteana a idéia da “superioridade feminina”, oriunda de uma suposta supremacia moral, afetiva e social da mulher e por ela ser capaz no desempenho de seus papéis, de maiores provas de altruísmo. Em seu texto *A mulher*, Floresta ressalta a ideia da tríade (esposa, filha, mãe), que engloba o papel da mulher em meados do século XIX, outra semelhança com a mulher da nova religião - O Positivismo.

Cabia à mulher assumir a responsabilidade que o positivismo lhe atribuía nos destinos da sociedade como um todo. Seu sorriso, lágrimas e súplicas seriam capazes de deter a guerra e impor a paz

sentido, ela apenas deveria ser melhorada, conservando sua estrutura então vigente. Para tanto, a educação moral se enquadrava nessa perspectiva.

universal. E a sorte do homem dependia, única e exclusivamente da mulher que lhe tivesse por perto (DUARTE, 2002, p. 39).

Será que “a sorte do homem dependia, única e exclusivamente da mulher que lhe tivesse por perto”? A “superioridade” que diziam que as mulheres tinham era porque cabia a elas a passividade e a anulação. A eles, cabia tudo o que desejassem, às mulheres apenas a “salutar exclusão”, baseada na obediência, o trabalho doméstico, ser virtuosa e viver para os outros. “O lar é, portanto, para ela o quinhão que lhe cabe na terra, a expressão de seu valor social, de sua mais íntima verdade” (BEAUVOIR, 1980, p. 197). Além das funções maternais, as mulheres teriam uma missão a cumprir para o positivismo, a de auxiliares do espiritual, “elas representam o sexo afetivo”. Nessa perspectiva, elas não vivem confinadas ao espaço familiar, uma vez que lhes é dado um papel na futura religião, já que o positivismo pode, com efeito, ser abordado tanto pela cabeça como pelo coração (FRAISSE, 1991, p. 74). A ideia das mulheres não viverem apenas confinadas ao espaço familiar provavelmente a atraiu. Em algumas passagens do texto *A Mulher*, ela enfatizou a ideia da mulher como uma deusa para a humanidade. Em parte, ela concordava com a ideia de que a sociedade vinha admitindo, de que as mulheres deveriam renunciar a toda a aspiração de realização pessoal e se dedicar ao lar, como esposa e mãe. O positivismo não tira a mulher do lar, só a coloca em um pedestal na extensão do “teto paterno”, o lar em que o marido exerce o poder, já que garante a subsistência familiar.

Esse pensamento enaltecia as qualidades das mulheres, para em seguida, reafirmar a sua posição de inferioridade. O Positivismo reforça o culto à virgem Maria, destacando as suas virtudes de castidade que são remetidas à mulher. Esta sendo a base da família, deveria ser colocada num pedestal, como a Virgem, ou mesmo num altar onde pudesse ser adorada pela sua pureza e santidade, estando a salvo do pecado (PAIXÃO, 1991, p. 40). Comte, em 1856, afirmou: “ninguém avalia melhor do que eu a importância habitual das dignas relações femininas, sobretudo entre os verdadeiros filósofos” (DUARTE, 2002, p. 66). Nesse sentido, Comte colocava a mulher num patamar social (mesmo que fictício) da mesma maneira que Rousseau fez ao ressaltar as virtudes de Sofia e a apresentá-la como o modelo de menina, que aprendendo as virtudes se torna uma boa esposa e mãe exemplar. Não era comum um filósofo daquele período “valorizar” o pensamento feminino, e cabe

destacar que essa realidade encontramos até os nossos dias¹⁸. Para Comte “somente as relações femininas podem dissipar bastante ou corrigir a fatal aridez teórica à qual os trabalhos, mesmo os mais bem dirigidos, estão sempre expostos pela contenção que impõem à nossa fraca inteligência”. (DUARTE, 2002, p. 66-68) Cabe-nos perguntar como Floresta se apropria desse pensamento? Quais as ideias desse pensador que despertaram o interesse dela? O que significou para a sua filosofia da educação a aproximação com a filosofia positiva de Comte? Vejamos Comte (1996a, p. 108, grifo nosso):

Por toda parte vejo que só as mulheres podem oferecer-me, em virtude de sua **salutar exclusão política**, um ponto de apoio capaz de fazer prevalecer livremente os princípios que hão de habitar, enfim, os proletários a colocar bem sua confiança teórica e prática.

No Curso de Filosofia Positiva, Comte afirmou que a superioridade moral da mulher tinha importância “secundária”. Posteriormente afirmou que a superioridade feminina no campo dos sentimentos era mais significativa. Como era o *sexo emotivo*, as mulheres ocupavam um papel importante na sociedade de Comte. Enquanto “filhas, mães e irmãs”, as mulheres em Comte e também em Floresta, se tornam um verdadeiro “anjo” e uma deusa para a humanidade. Comte (1996a, p. 108) se referiu a uma “intervenção feminina que secretamente refreia os estragos morais peculiares à alienação mental”. Para ele, as mulheres eram importantes, para consolidar a nova religião. Seriam elas as responsáveis pela educação de seus filhos e filhas e a **conter os impulsos** dos maridos. A mulher ajuda a reproduzir o autoritarismo e o patriarcalismo e, por isso, a sua intervenção é tão importante. Eram as mulheres que iriam educar moralmente a humanidade. O que Comte chama de “sentimento feminino”, proveniente do “sexo afetivo” eram importantes para a religião positiva, para manter a

¹⁸ Sobre esse tema (gênero e Filosofia) temos algumas produções: “As Mulheres e a Filosofia” (2002), organizado por Márcia Tiburi, Magali de Menezes e Edla Eggert; “Também há mulheres Filósofas” (2001), de Maria Lucia Ribeiro Ferreira; “Pensar no Feminino” (2001), de Maria Lucia Ribeiro Ferreira; “O que os filósofos pensam sobre as mulheres” (1998), de Maria Lucia Ribeiro Ferreira; “Por que as mulheres e a Filosofia” (2004), de Magali Menezes; “Mulheres, Filosofia ou coisas do gênero” (2008), de Márcia Tiburi e Bárbara Valle; “Mulher e Filosofia no pensamento ibero-americano. Momentos de uma relação difícil” (2008), de Raúl Fernet-Betencout; “A questão da diferença dos sexos em Aristóteles” (2005), de Maria da Penha Carvalho. Alguns artigos sobre esse tema foram problematizados pela autora, destaco alguns: “As mulheres e o ensino de Filosofia: Desafios na fronteira do humano” (2005); “Incluindo as mulheres filósofas na sala de aula” (2005); “Onde estão as filósofas da América Latina” (2005); “Também há mulheres filósofas: Uma obra para pensar a educação e a filosofia” (2006).

ordem em alguns setores. Sem a digna intervenção do “sexo afetivo”, a disciplina positiva não conseguiria resolver alguns problemas. Cito Comte (1996a, p. 109-110):

Afora os motivos gerais que devem aqui dirigir para as mulheres minha principal solicitude, há muito que fui levado a pensar que delas depende sobretudo o advento decisivo de solução ocidental indicada pelo conjunto do passado. Em primeiro lugar, seria absurdo pretender pôr termo sem elas à mais completa das revoluções humanas, quando é sabido que as mulheres contribuíram profundamente para todas as renovações anteriores. A repugnância instintiva que elas sentem pelo movimento moderno bastaria para torná-lo estéril, se realmente tal repulsão fosse invencível. É daí que decorre, no fundo, a singular e funesta anomalia que impõe chefes retrógrados a populações progressivas, como se ao idiotismo e à hipocrisia competisse subministrar as garantias oficiais da ordem ocidental. Só depois de houver assaz vencido estas resistências femininas é que a religião positiva poderá desenvolver suficientemente, contra os principais partidários das várias doutrinas atrasadas, a reprovação decisiva que merece a inferioridade mental e moral deles.

O sistema de Educação Universal de Auguste Comte queria uma educação integral, orgânica, universal e formativa, para humanizar e uniformizar a sociedade, efetivando a filosofia positiva. Assim como Floresta pensou, a educação moral iria contribuir para formar cidadãos com bons hábitos higiênicos e com boa aparência. Com relação as aproximações entre ambos, destacamos que a mulher tinha uma função normativa, pois ela iria manter a ordem e seria responsável por outras pessoas.

Na valorização da instituição do casamento - considerado pilar da vida privada e estrutura da família - à mulher caberia um lugar de destaque, fosse esposa, mãe, filha ou irmã. Mulheres eram excluídas da produção, deixando-a para sempre dependente materialmente do homem, que reiterava a eterna delicadeza, a fragilidade física e incapacidade para grandes decisões. À mulher, nessa sociedade positiva, cabia ser apenas a companheira do homem: sua sombra, sem individualidade própria. Tratava-se, pois da reiteração de um paternalismo arraigado que tradicionalmente já vigorava nas sociedades e que as mulheres mais lúcidas começavam a exigir sua extinção (p. 74-75). Assim, as mulheres pertenciam à família, à vida doméstica fundada na hierarquia dos sexos. Peggy-Sharpe (1989, p. xxviii) destaca que:

Do positivismo e do utilitarismo provêm algumas ideias-mestras que ela [Nizia Floresta] incorporou a sua crítica: por exemplo, a ideia de utilidade, o conceito de ser a natureza feminina igual à do homem, a da atuação da mulher na esfera pública, e a de desenvolver e aproveitar a habilidade intelectual da mulher para edificar uma sociedade melhor e fortalecer as relações familiares.

Ao passo que Lagarde y de los Ríos (1994, p. 16) relembra das formas de dominação patriarcal:

Los hombres son los ambivalentes sujetos del patriarcado. Por un lado, son los dominadores, los dueños del mundo, de los bienes materiales y simbólicos y de las mujeres, los especialistas en la creación y el trabajo, los dueños del pensamiento y de la razón, los creadores de explicaciones y creencias. Por otra parte, los hombres son, a la vez, dominados por hombres más poderosos por su jeraquía, su edad, su clase, sus conocimientos, su poderío, o por otras cualidades. Así, los hombre dominadores, los patriarcas, también están sometidos, por lo menos temporal o parcialmente, a formas de dominio patriarcal.

Nesse sentido percebemos que tanto Comte, quanto Floresta estavam submetidos ao domínio patriarcal. Para Nizia Floresta e Auguste Comte **a educação da mulher consistia em sua preparação moral**. Essa ideia sobre a educação feminina ressaltava a “necessidade de se desenvolverem na mulher as capacidades com que foi dotada pela natureza tendo em vista torná-la forte de espírito a fim de que possa dirigir novas gerações para o caminho do bem” (BERNARDES, 1989, p. 30). A educação da mulher, voltada para os princípios morais e religiosos foram explicitados por ela, em sua obra “Opúsculo Humanitário”, “Conselhos à minha filha”, “Máximas e Pensamentos” e todos os textos moralistas em que Floresta resalta o modelo de donzela que as meninas devem seguir e como a mulher deve agir na sociedade. Como destacou Lagarde y de los Ríos (1994, p. 19), “la cultura patriarcal contiene una perspectiva ética que ubica en el deber, la adecuación, la permisividad, la inadecuación y la prohibición, a las acciones, los pensamientos, las razones e las sinrazones, los afectos y los comportamientos de millones de mujeres e hombres”.

O pensamento de que **educar a mulher é contribuir para a dignidade da família e do mundo** traz impregnado o ideário positivista, que considera “o papel da mulher educada como esteio moral da família, eixo vital da sociedade” (BERNARDES, 1989, p. 32). Educar a mulher é contribuir para a dignificação da

família, da nação e do mundo. A mulher, para Floresta, servia como “o modelo da família” e deveria conservar dignidade, através da “educação religiosamente cristã” que ela defendeu. A posição social que a mulher se encontraria num futuro próximo estaria porventura no caminho da sorte, se a sorte colocasse a mulher em outro lugar na sociedade. A educação “religiosamente moral” iria ajudar para que as meninas não se “desviassem”. Floresta manteve alguns princípios da época como, por exemplo, a visibilidade do argumento feminino no debate sobre a educação brasileira e, em especial, a educação das mulheres.

Numa época em que poucas pessoas iam além do seu lugarejo, ela se relacionou com intelectuais de outras regiões do mundo. Seleccionamos um excerto escrito por Floresta quando viajava pela Alemanha. Nele, demonstra estima por Georges-Louis Duvernoy, zoólogo e anatomista francês. O trecho aparece transcrito a seguir:



Eu bem preferiria tomar a ferrovia de Paris e, em algumas horas, ler essas caras cartas que me esperam. Mas, uma peregrinação que eu fazia questão de realizar, desde que cheguei à Europa, impediu-me de seguir esse projeto. É tempo de pagar a dívida da santa amizade, no túmulo do venerável sábio que me honrou com particular estima e de cuja morte me resultou, em França, imenso vazio. Vocês sabem quanto eu me comprazia no convívio desse coração bom, afetuoso, franco e sincero, que conservava todo o frescor da juventude, apesar dos seus sessenta e seis invernos! Natureza de elite, o sábio Duvernoy reunia as virtudes preciosas do alemão à afabilidade natural do francês [...] (FLORESTA, 1998a, p. 186).

Duarte (2002) constatou que em 1851, Floresta era uma das pessoas interessadas que afluíam às conferências do Curso de História Geral da Humanidade ministrada por Comte na intenção de divulgar suas teorias, em Paris (no auditório do Palais Cardinal). Mais tarde, em 1856, ela se aproxima do filósofo e inicia uma amizade cordial e respeitosa, pontuada de visitas, cartas e de mútua admiração. O fato de a doutrina positivista propor uma reforma social através da educação teria atraído essa pensadora? Ela apontava as questões sociais em seus escritos e, no ideário positivista, as mulheres tinham vocação para o magistério e para o sacerdócio.

Comte passava a mensagem de que, no positivismo, as mulheres “teriam lugar”, mas o trabalho do “sexo afetivo” tinha a função básica de neutralizar as “disposições subversivas” presentes entre o proletariado, fazendo prevalecer a influência moral. Sendo assim, a filosofia positiva de Comte foi a expressão do liberalismo de cunho

autoritário e conservador que emergiu no século XIX tendo influência em vários países do mundo, inclusive no Brasil. A ênfase de Nizia foi numa educação que valorizasse o respeito e o amor pela família, sendo a educação moral para as meninas um meio de manter as mulheres na sua condição, considerada natural, de “melhores esposas”, “melhores mães” e “pensadoras mais profundas” (FLORESTA, 1989, p. 21). Desse modo, esse discurso educacional voltado para questões fazia parte do modelo de família. Giovanni Enrico Pestalozzi (1746-1827), por exemplo, foi pedagogo e escreveu entre outras obras uma intitulada *Leonardo y Gertrudis* (1781). Trata-se de uma novela pedagógica que descreve a vida em uma aldeia onde vive Gertrudis, que é “mãe e esposa”, mulher que tem fé, amor e valentia. Esse pedagogo insistiu nos deveres sociais e em uma conduta moral¹⁹. Floresta investiu na conduta moral das meninas ao ser preceptora, chegando a falar na necessidade de uma reforma educacional. Para conseguirmos escrever sobre a filosofia de educação nisiana, foi preciso desconstruir a tese e rever as apologias que fazíamos. Foi um exercício de repensar Floresta.

2.2 A DES-Construção de uma “Tese” e a Peregrinação por Documentação

As obras de Nizia Floresta que serviram de base para escrevermos a filosofia de educação nisiana nesse trabalho são: (1) *Máximas e Pensamentos* (1832); (2) *Conselhos à minha filha* (1842); (3) *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*; (4) *Fany ou o modelo das donzelas* (1847); (5) *Opúsculo Humanitário* (1853); (6) *A Mulher* (1859) (7) *Um passeio no Jardim de Luxemburgo* (1997c). Essas obras foram escolhidas por conterem subsídios para fundamentarmos a educação pensada pela escritora, no entanto, não podemos desconsiderar o conjunto de obras escritas por ela, pois todas deram sustentação a nossos argumentos. Trabalhamos com todas, mas elegemos aquelas em que o olhar de educadora estava mais visível. Num primeiro momento, pensamos em utilizar a obra *Direito das Mulheres e Injustiças dos homens* (1832), porém vimos que se tratava de uma obra que Nizia não falava por si mesma, tendo feito uma “tradução livre” não poderíamos colocá-la como uma das obras que fundamentariam a pesquisa, pois há muitas controvérsias. Entretanto, essa obra foi bastante citada na pesquisa, pois reconhecemos que sendo uma



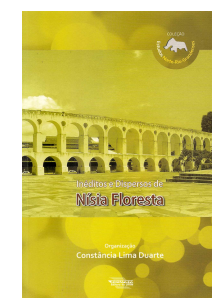
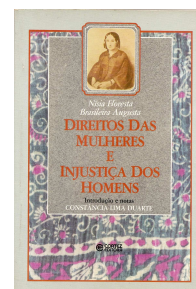
¹⁹ Para saber sobre sua vida e obra, ler *História de la pedagogia* (1992), de Abbagnano e Visalberghi.

“tradução livre”, ela gerou outra obra. Em *Direito das Mulheres e Injustiças dos homens*, é possível ver os escritos de Wollstonecraft, mas não em todo o corpo do trabalho, visto que Floresta nessa obra se dedicava a pensar a educação e a conquista dos direitos das mulheres brasileiras.

O texto *Máximas e Pensamentos* (1832), que utilizamos foi disponibilizado por Constância Duarte e faz parte do Vol. 3 da tese de Doutorado de Constância, defendida na Universidade de São Paulo em 1991, com o título *Nísia Floresta: Vida e Obra*. Hoje, podemos encontrar esse texto no livro *Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta* (2009). O texto “Máximas e Pensamentos” aparece em anexo I desse trabalho, com algumas considerações em nota de rodapé, pois analisamos as três versões dele (a utilizada na tese de Constância Duarte, a versão de Rinaldo Câmara e a atual, que consta na obra *Inéditos e Dispersos* de Floresta).

Câmara (1964) relata que “rebuscando” o arquivo de Marechal Câmara, encontrou esse documento muito interessante- *Máximas e Pensamentos Para a minha filha*, supostamente guardado como lembrança da sua mestra²⁰. Explica que se trata de uma obra de cunho moral pedagógico, que foi mandada adotar nas escolas públicas de sua diocese, na Itália, pelo bispo de Mondovi. Floresta (1845) inseriu na 2ª edição da obra *Conselhos à minha filha*, os quarenta pensamentos intitulados de *Máximas e Pensamentos para Minha Filha*. Uma obra que apontava algumas das virtudes (princípios) que faziam parte da educação moral proposta por ela.

Utilizamos a 2ª Edição da obra *Conselhos a Minha Filha*, de 1845²¹. Texto em que ela cita suas “máximas pedagógicas”, que utilizou desde Porto Alegre, quando fundou seu primeiro colégio. A obra *Conselhos à minha filha* foi adotada nas escolas religiosas da Itália²². Se a Igreja e a família italiana



²⁰ Na biografia de Marechal Câmara, escrita por Rinaldo Câmara (1964), consta que esse documento teria sido ditado pela sua primeira professora (p. 379). Sabemos que foi Floresta, mas optamos em utilizar a versão que ela “juntou” na 2ª edição de *Conselhos à Minha Filha*, assinado por ela como N.F.B. Augusta, impresso em 1845. A versão anotada pelo Marechal Câmara, quando menino, apresenta erros, comuns para anotações ditadas a uma criança. Também não constam as divisões dos pensamentos (I-XL). Outras observações constam no anexo.

²¹ No texto *Máximas e Pensamentos*, que utilizamos nesse trabalho, não constava o número de páginas, pois não havia sido publicado ainda.

²² Informação retirada do Jornal “O popular”, Rio de Janeiro, datado de 30/03/1954. Matéria sobre a exposição documentária realizada no Centro Norte-Riograndense-Biografia da escritora e educadora Potiguar, que mostrou a vida e obra de Floresta.

(ambas conservadoras) aceitaram o livro de Floresta, é porque a obra servia aos interesses conservadores. O contexto social da Itália era muito precário naquela época, no que diz respeito ao acesso à cultura e à educação. O modelo de comportamento feminino era o da Maria Santíssima. A família italiana era rigidamente hierarquizada, em que predominava o pátrio poder. A mulher tinha a função de auxiliar na ordem e na manutenção da família e da sociedade. Nesse modelo patriarcal de família e sociedade, podemos imaginar uma escola religiosa italiana adotando um livro produzido por Nizia e sendo solicitado que ela mudasse algumas coisas. Mas, mesmo que ela não tenha aceitado mudar o material, fica claro que ao dar conselhos à sua filha, Nizia escrevia máximas de cunho moralista, em que o papel da mulher não sofria rupturas, sendo o de uma educadora na família, contribuindo assim para a ordem social, mesmo que em outras obras ela ressaltava a necessidade da mulher atuar na sociedade em outras frentes. Antes de seguirmos cabe questionar, por que Nizia Floresta é conservadora? Na medida em que Floresta encontra um papel social para as mulheres no século XIX, em que elas atuavam nos seus lares, como esposas esclarecidas, ela conserva os valores femininos voltados para a ternura, a pureza, a beleza e a obediência. Floresta não rompeu totalmente com a ideia utilitarista de pensar a função social das mulheres, o que nos demonstra o seu conservadorismo. Além disso, Floresta não se posicionava de maneira revolucionária, como analisaremos nesse trabalho e há ambiguidade no pensamento niziano na medida em que ela baseia suas máximas moralistas na religião católica (a qual era devota) e crítica à Igreja em suas obras, como em *Passeio ao Arqueduto da Carioca*:

Eis-nos na terceira volta que forma a calçada: temos em frente sobre o alto da colina em linda esplanada o convento das austeras religiosas de Santa Tereza, cuja capela deu o nome e estes lugares. É aqui que vivem as nossas santas vítimas do fanatismo, arrostando voluntariamente uma existência de macerações, de que nenhum bem resulta à humanidade. Elas oram pacíficas no silêncio do claustro ao Eterno por nós outros mundanos, enquanto as irmãs de Caridade correm ao través de mil fadigas e perigos de um a outro ponto da terra, ocupando-se de curar o físico, consolar ou preparar o espírito do seu semelhante a fim de torná-lo melhor. Qual das duas instituições tem melhor compreendido a palavra de Cristo nós deixamos aos espíritos esclarecidos e eminentemente cristãos dedidi-lo (FLORESTA, 2000d, p. 35).

Suas críticas à igreja foram consideradas como insulto, mas é inegável a presença dos valores cristãos em suas obras. Em 1842, Nizia editou no Rio de Janeiro um conjunto de “Conselhos” com o intuito de orientar sua filha, que na época teria 12 anos. A segunda edição é de 1845, e foi acrescentado o material que Nizia chamou de *Máximas e Pensamentos*, que serviu de metodologia de ensino no colégio fundado em Porto Alegre. Floresta (grifo nosso. 1998, p. 104) afirmou:

Em meu humilde pensar, sempre achei que os poetas e pintores não tem razão quando reproduzem no drama ou sobre tela, com tanta vivacidade, as paixões que degradam a espécie humana. **A Literatura e as Belas-Artes não deveriam jamais insistir senão em fazer sobressair as belezas morais e naturais**, em perpetuar as ações e as cenas que enobrecem o homem e produzem na alma dos que as vêem representadas, seja em um quadro, seja no teatro (esta eloqüente escola tão desviada de seu fim!), a impressão salutar da virtude, e não a imagem repelente do vício. Levar ao teatro os vícios e os crimes dos tempo passados, é procurar, diz-se, deles curar a geração atual. Todavia, parece que a constante sucessão dos flagelos transmitidos, de século em século até nós, demonstra bem a ineficácia desse método mais capaz de melhor dirigir a educação moral dos povos preparando-os, desde a infância, para adorar a virtude e detestar o vício, qualquer que seja a forma como ele se apresente.

Em *Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta* (2009), consta o texto *Discurso que Nísia Floresta dirigiu às suas educandas*. No início, Nizia se referiu a sua própria dedicação ao magistério, lembrou que naquele ano letivo (1847), em que Lívia havia estado doente. Ela afirmou que, assim como as meninas, merecia descanso. Nizia se diz “incansável” na sua tarefa de preceptora, reconhecendo como “difícil o caminho da ciência”. Ela se demonstrava dividida entre seu papel de mãe (em que diz que mereceria todas as suas atenções) e o seu papel de mulher letrada (do qual lutou pela educação das meninas, acreditando que sendo educadas elas teriam uma vida melhor).

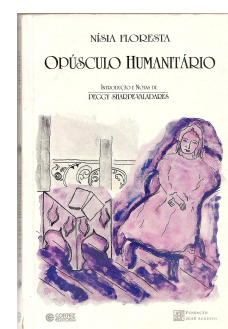


Mariz (1982, p. 42) chamou atenção que “ao refletir a figura da Nísia Floresta, como educadora, não podemos deixar de aludir aos livretos que escreveu, em forma de historietas, de cunho moralista, bem ‘ao gosto do tempo’, no dizer de Aduato Câmara”. O texto *Fany ou o Modelo das donzelas* (1847) foi assinado como N.B Augusta e a versão que vamos analisar não tinha o número de páginas. Hoje, podemos encontrá-lo no livro “*Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta*” (2009),

organizado por Constância Lima Duarte. Vivendo em Porto Alegre durante a Revolução Farroupilha, Nizia deixou um livro sobre as vivências de uma família atingida pelos horrores da guerra. Fany, a jovem modelo de donzela não tinha desejos, tampouco um coração amante, ela tinha um corpo estático, educado para servir e ser modelo de moralidade. Borges de Medeiros guardava o precioso manuscrito, *Fanny ou a fonte das donzelas* (1847) e deu-o de presente a Fernando Osório Filho (SILVEIRA, 1971, p. 66), que o inseriu na sua obra “Mulheres Farroupilhas” (1935). É um conto moralista que resultou de sua vivência em Porto Alegre. Como consta no acervo da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, esse texto era inédito até 1935, quando Fernando Osório o inseriu no seu livro.

Em *Opúsculo Humanitário* (1853), trata-se de um volume de cerca de 200 páginas constando de 62 artigos publicados na imprensa carioca, principalmente em “O Liberal” (SEIDL, 1933, p. 15). Nele, encontramos o que Duarte (1989) chamou de “síntese do pensamento da autora sobre a educação formal e informal de meninas” e o que Seidl (1933, p. 17) descreveu como “um brado vibrante pela redenção da educação feminina, provando que a grandeza de uma nação reside no principal órgão de uma sociedade, que é, evidentemente, a mulher”. Nessa obra, Floresta escreveu, aos 43 anos, sobre a educação das meninas, a situação das mulheres na sociedade da época, a história do Brasil, as escolas, a mulher e menina brasileira, o papel das mães na educação não formal. Fazia apelos aos pais, buscando uma melhor educação para as mulheres. Escreveu também sobre o colégio Augusto e deixou claro o que deveria ser a mulher para ela. Contudo, poderemos mostrar os fundamentos de uma moral dos costumes pensada por Nizia, esclarecendo como deveria ser a educação feminina e o papel da mulher na sociedade brasileira.

A obra é uma compilação de seus textos. Neste livro, a autora combate o preconceito e condena os erros seculares da formação educacional da mulher, não só no Brasil como também em diversos lugares (Egito, Síria, Grécia, Roma, América, Oceania, Alemanha, Gra-Bretanha, Inglaterra, França). Floresta (1989, p. 16) critica o fato de a educação da mulher ter ficado “estacionária”; escreve como deve ser a educação das meninas e também como a educação das mulheres foi estruturada nessas diferentes regiões. Vejamos alguns exemplos:



Os alemães, mais entusiásticos que fanáticos mais pensadores que galantes, concederam à mulher privilégios reais, baseados na educação sólida desse povo por demais profundo e morigerado para compreender toda a **importância da mãe de famílias, da matrona esclarecida edificando os filhos e o sexo com exemplos de uma sã moral**, derramando em torno deles as luzes de um espírito reto e superior, os efeitos de um coração formado e generoso (FLORESTA, 1989, p. 17, grifo nosso). [...] A educação da mulher inglesa é, como a liberdade política dos ingleses, fundada em uma moral, e, assim como a verdadeira base de um governo é a liberdade política [...] (FLORESTA, 1989, p. 25).

Tanto o texto *Um passeio no Jardim de Luxemburgo*, quanto *A Mulher* (1859), foram incluídos na obra *Cintilações de uma alma brasileira* (1997). Esse ensaio foi traduzido por Lívia Augusta para o inglês. Duarte (1997) destacou que, nesse texto, é possível observar a diversidade de perspectivas que compõe o pensamento da autora, como o hibridismo de gêneros. Nele, Nizia “oscilou” entre ficção, o ensaio, a crônica e o texto com propósitos didáticos (DUARTE, 1997, p. xix). Além disso, Floresta definiu a educação moral, um dos pilares da educação feminina.

Um passeio no Jardim de Luxemburgo é uma narrativa sobre um passeio de “três pessoas oriundas de três diferentes províncias entre as vinte e uma que presentemente constituem a fúlgida auréola de um grande império” (FLORESTA, 1997c, p. 187). No início da narrativa, Floresta se referiu a um momento de sua vida, ao abordar o aniversário de seu filho Augusto. Ela não se identificou, mas podemos ver que ela estava descrevendo momentos de sua própria vida e de suas ideias em várias passagens dessa narrativa. Quanto à estrutura do texto, cito Duarte (1997, p. xxvii):

O texto está dividido em quatro partes bem marcadas. A primeira contém referências ao passado e ao presente de quem narra, às personagens, e ainda introduz as questões por eles discutidas. Na segunda parte estão as reflexões do narrador acerca da educação da juventude, e da mulher, da filosofia e de Auguste Comte. Na terceira, continuam as reflexões sobre o positivismo; e, na última, são feitas comparações entre o espírito americano e o europeu, assim como projeções de glórias futuras para o Brasil.

Esse texto não foi datado por Nizia, por isso, Duarte (1997, p. xxvii), acredita que “impede que saibamos se esta foi uma homenagem a Comte enquanto ele vivia, ou se foi escrito após sua morte, em 5 de setembro de 1857”. O que não deixa



dúvidas é que Nizia estava escrevendo essa narrativa para Augusto Comte, pois ela declara sua admiração por Comte. Floresta critica, nessa narrativa, o fato de que a dedicação das mulheres ainda não havia recebido atenção. Para Duarte (1997, p. xxvii), “essa narrativa- “Um Passeio no Jardim de Luxemburgo”- pode ser considerada como o texto mais “positivista” de Floresta, e o único que contém declarações explícitas ao filósofo [referindo-se à Comte]”.

Sabe-se que as edições póstumas foram: (1) Sete cartas inéditas de Augusto Comte a Nizia Floresta, no Rio de Janeiro: Centro do Apostolado do Brasil, 1888. (2) Cartas de Auguste Comte a Nisia Floresta. (texto original e tradução). Jornal A República, Natal, 8/01, 19/01, 24/01, 28/01, 4/02 e 6/02, de 1903. (3) Auguste Comte et Mme. Nisia Brasileira (Correspondance). Paris: Libraire Albert Blanchard, 1929. (4) Fanny ou o modelo das donzelas. In: OSÓRIO, Fernando. Mulheres Farroupilhas. Porto Alegre: Editora Globo, 1935. (5) A lágrima de um Caeté. In Revista das Academias de Letras. Apresentação de Modesto de Abreu. Rio de Janeiro: Janeiro de 1938. (6) Itinerário de uma viagem à Alemanha. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982. (7) Opúsculo humanitário. Introdução e notas de Peggy --Sharpe. Posfácio de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1989. (8) Direitos das mulheres e injustiça dos homens. Apresentação, notas e posfácio de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 1989. (9) A lágrima de um Caeté. Estudo e Notas de Constância Lima Duarte. Natal: Fundação José Augusto, 1997. (10) Cintilações de uma alma brasileira. Edição bilíngüe Trad. Michelle Vartulli/ Zahidé Muzart e Suzana Funck. Apresentação e biografia de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, EDUNISC, 1997. (11) Itinerário de uma viagem à Alemanha. 2 ed. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Estudo e notas biográficas de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres, EDUNISC, 1998. (12) Três anos na Itália. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Apresentação de Constância Lima Duarte. Prefácio de Franco M. Jasiello. Natal: Editora da UFRN, 1999. (13) Fragmentos de uma obra inédita. Notas biográficas. Trad. Nathalie Bernardo da Câmara. Prólogo Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. Apresentação Constância Lima Duarte. Brasília: Editora UnB, 2001. (14) Cartas de Nisia Floresta & Auguste Comte. Trad. Miguel Lemos e Paula Berison. Organização e notas Constância Lima Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres/EDUNISC, 2002.

Localizamos um documento, datado de outubro/1836, no arquivo Público do Rio Grande do Sul e na tentativa de encontrarmos uma prova do local em que Nizia Floresta

fundou a sua escola em Porto Alegre foi realizada uma transcrição paleográfica parcial, de um conjunto de documentos – encontramos sete no total, somando um total de 21 páginas. Todos de escrita humanística, com características e abreviaturas de natureza notarial e jurídica. A transcrição realizada não foi totalizada, foi parcial, de primeira leitura, de maneira a apenas captar o teor dos documentos²³. Assim, nem todas as páginas foram transcritas. De maneira geral, todos os documentos giram em torno de um empréstimo feito por Francisco de Paula Coelho a Dona Nizia Floresta Brasileira Augusta. Passado algum tempo, essa dívida não acertada, acabou exigindo que Coelho tomasse as medidas legais. Com o decorrer do processo, ela acabou saldando a dívida com valores adicionais. Não compareceu a Audiência Pública, mas foi realizada a quitação da dívida, averbada em 31/10/1836, pagando uma quantia total de quatrocentos e seis mil quinhentos e oitenta reis.

Buscou-se saber se a Filosofia de Educação Nisiana está inserida na construção positivista de sociedade, contribuindo para a manutenção do sistema patriarcal. Através das obras de Floresta investigamos a sua relação com as ideias de Auguste Comte, buscando compreender o que a filosofia de educação nisiana desencadeia para pensarmos a educação de hoje. Para esclarecer tal problemática, elencamos algumas questões norteadoras: A filosofia de educação nisiana estava baseada nos princípios da Filosofia positiva de Comte? Teria Nizia Floresta executado o positivismo através de sua proposta de educação alternativa para as meninas? É a partir do “feminino patriarcal” que ela constrói a sua filosofia de educação?

Ao tomar a palavra de Floresta, trazendo para o contexto educacional de hoje, analisando suas escritas e ações na sociedade do século XIX, percebe-se que algumas correntes filosóficas influenciaram o seu pensamento. Procuramos verificar até que ponto as diferentes correntes filosóficas que podem ser percebidas no pensamento de Floresta para entendermos as suas ideias sobre a educação. Estudamos a educação para as meninas proposta por ela, que perpassa por

²³ Entre as dificuldades encontradas, ressaltamos que o documento é escrito a diversas mãos, o que dificulta a decodificação de um “alfabeto” comum. Além disso, a tinta utilizada é ferrogálica (com ferro na composição) o que acabou deteriorando e impossibilitando a leitura em vários trechos. Em um primeiro momento, organizamos as imagens dos documentos, fato que demandou bastante trabalho devido às imagens repetidas e fora de ordem. A seguir, iniciamos a transcrição, para tal, buscamos fontes auxiliares. Além disso, o documento exigia que se buscasse um dicionário jurídico, por não possuirmos conhecimento dos termos e palavras empregados. Foram utilizados dois dicionários vulgares, pois não encontramos dicionários jurídicos de época.

correntes do pensamento, mas que se fundamenta nos princípios morais, encontrados na filosofia positiva de Comte.

O conjunto de documentos, além dos livros e artigos trabalhados na tese, foi composto por: **a.** outros escritos: manuais, dicionários, periódicos femininos, anais, publicações resultantes de seminários e palestras realizadas, projetos que versam a figura de Nizia, estatísticas de ensino, cartas sobre a instrução pública, correspondências do encarregado da estatística da Província de São Pedro, bem como livro com nomes dos diretores (as) do ensino público e escolas particulares, documentações das câmaras municipais, documentações das obras públicas e as falas presidenciais da província e mensagens dos presidentes e governadores do Estado do Rio Grande do Sul, disponíveis no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, documentações no arquivo público que possam relatar a passagem de Nizia por Porto Alegre, mapas e plantas da cidade de Porto Alegre-Capital da Província do Rio Grande de São Pedro (datadas de 1833, 1837 e 1840), certidão do nascimento do filho Augusto Américo e certidão de óbito do marido de Floresta²⁴. **b.** materiais não impressos que podem subsidiar a leitura da obra da autora: vídeos, documentários e fotografias; **c.** apreciações críticas sobre a produção de Nizia Floresta: textos com referências biográficas e publicações que traziam análises sobre a proposta educacional de Nizia.

Paralelamente, necessitando obter subsídios para a análise referente às contribuições da autora, foram consultados diversos tipos de publicações que tratavam de: a) história de Nizia e de seus vínculos com a educação no Brasil; b) análises sobre a relação teoria-prática; c) reflexões e questionamentos acerca da relação feminismo-educação. Além disso, a consulta à bibliografia sobre a educação e a vida das mulheres no século XIX foi fundamental para analisar a proposta pedagógica e suas obras, contextualizando-as, para então, contribuir para melhor compreender o contexto em que a autora produziu, evitando distorções na análise.

Com a coleta de dados empíricos, através de biografias, obras de Floresta, pesquisa bibliográfica (jornais que falavam de Nizia, publicados posteriormente à

²⁴ Mesmo não se tratando de fontes fundamentais para elaboração da tese, buscamos essa documentação, visto que até então não foram anexadas em obras biográficas, a fim de esclarecer dados e facilitar o acesso a futuros pesquisadores de Floresta.

morte dela, documentos e vídeo²⁵) investigamos como Floresta através de suas obras pensou a educação das meninas, e conhecemos as bases que nos permitem falar da filosofia da educação versada em sua obra. Para desenvolver a análise, além de estudar os arquivos organizando toda a documentação e com as fichas de leitura, definimos as categorias de análises, que estabelecem relações com o problema de pesquisa.

As categorias teóricas de análise selecionadas nas obras de Floresta foram: 1. “educação moral para as meninas”; 2. Papel da Mulher: “mãe, mulher e esposa”; 3. “relações de gênero entre homens e mulheres²⁶”; 4. “família”; 5. “progresso”; 6. “ordem social”; 7. Valores religiosos/cristãos x religião da Humanidade. Essas categorias teóricas de análise instrumentalizam a análise das ideias fundamentais apresentadas nas obras de Floresta. Cabe destacar que:

Os trabalhos que usam gênero como categoria de análise tem apresentado posições mais críticas, evitando situar as mulheres simplesmente como vítimas ou heroínas, mas se encaminham no propósito de estabelecerem sua trajetória histórica em função de sua realidade específica. Isso porque o gênero permite a pulverização da categoria das “mulheres”, permitindo perceber as diferenças de raça, classe, etnia, sexualidade e, ainda, os processos e as experiências históricas vivenciadas por elas (AZEVEDO, 2000, p. 137).

Num estágio inicial, foram grifadas, nos textos, palavras e frases que sintetizavam um conceito, apontavam uma proposta, definiam uma concepção ou simplesmente expressavam uma idéia que parecia ter relevância no bojo do assunto em discussão. Moraes e Galiazzi (2007, p. 90) destacaram que:

Categorizar é, ao mesmo tempo, parte do processo de aprender sobre os fenômenos investigados e da comunicação das aprendizagens feitas. Aprender e comunicar complementam-se no processo de categorização. Categorizar é uma construção de quebra-cabeças, uma criação de mosaicos [...].

A seleção das categorias teóricas de análise foi definida em razão de dois fatores: 1) frequência de determinado segmento, em geral constituído por um conjunto de algumas palavras representando uma idéia e 2) associado ao primeiro,

²⁵ No Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte encontramos apenas jornais de 1889-1899, não encontramos jornais do tempo dela.

²⁶ Obviamente, Floresta não utilizou o termo “gênero”, mas é possível perceber semelhanças entre as ideias dela e os problemas atuais de gênero.

o segundo fator considerava os contextos em que tais segmentos se apresentavam. O objetivo com tais procedimentos é o de compreender se a filosofia de educação nisiana, baseada num discurso moral está inserida na construção positivista de sociedade e se ela contribuiu para a manutenção do sistema patriarcal. As categorias teóricas de análise contribuíram também para mapear a relação de Floresta com a filosofia positiva de Auguste Comte. As categorias auxiliaram também na medida em que encontramos contradições na filosofia de educação nisiana, que possui suas bases em Auguste Comte. Em alguns momentos, negava as diferenças naturais e sexuais que impediam as mulheres de participarem da vida pública, mas educava para as meninas se tornarem mães e esposas. As contradições encontradas na filosofia de educação nisiana, fazem parte de um contexto maior, de uma história²⁷. Mas o que essa tese se difere das outras produzidas até então? Ainda não foi realizado um estudo da filosofia de educação nisiana, por isso, esse trabalho abordará categorias teóricas encontradas na proposta educacional dessa pensadora, apontando as contradições e os avanços de sua filosofia de educação, proposta para as meninas a partir de uma austera educação moral.

Tornou-se premente contextualizar com maior adequação os conceitos utilizados por Nizia ao longo de sua obra, considerando valiosa a identificação das referências teóricas nas quais ela se pautava para fundamentar as suas ideias sobre a educação das meninas. Nesse sentido, encontramos além de Comte a aproximação com outras correntes do pensamento e intelectuais. Tentamos resgatar materiais usados por ela durante sua prática docente e como fundadora de escola, porém as fontes primárias referentes às práticas em sala de aula, atas, documentações de seus estabelecimentos educacionais estão perdidas no tempo. Questionamos se teria Floresta, deixado algum plano de estudos de suas aulas ainda não encontrado. Até então, temos conhecimento de apenas um material, que se trata de um texto moralista *Pensamentos e máximas* (1832), que Nizia Floresta ditava às alunas e a um aluno que ela teve, para eles copiarem. Esse único estudante se tornou o Marechal Câmara. Mas, enquanto menino, era José Antônio Câmara, que acompanhava a sua irmã Rita de Assis nas aulas, como nos contou Flores (1992).

²⁷ O livro *A cidadã paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem*, discute sobre as contradições presente na história do feminismo. Ver referências.

Ao pesquisar no *Espaço Cultural Nísia Floresta*, situado em Natal, vimos que constava no armário de número 73, uma estátua de Floresta; folders (réplicas) dos papéis que foram jogados de um avião no momento do sepultamento dela, no município de Nísia Floresta; a obra de Constância Duarte *Vida e Obra*; a obra *Opúsculo Humanitário*; escritos dos biógrafos Manoel de Oliveira Lima e Aduato Câmara; jornal *O Poti ilustrado*, Natal, RN, Domingo, 18 de Junho de 1995; encadernação da conferência de Manuel de Oliveira Lima, quando esteve em Natal (1919) para paraninfar a primeira turma de concluintes da Escola Doméstica de Natal; conferências de Aduato Câmara e João Cabral (p. 09-109); Folha *Tribuna do Norte*, Natal, datada 23 de abril de 1999 contendo o texto: *Nísia Floresta lendas e Mitos*; três encadernações da tese de Constância Duarte; uma carta de Luiz Carlos Freire, pesquisador de Nísia. Esses foram catalogados em uma primeira visita de estudos ao local. Como não encontramos documento sobre suas escolas e tampouco alguma caderneta de anotações de Henrique Castriciano, voltamos ao local para pesquisar e tivemos acesso a todos documentos que estavam nas estantes do *Espaço cultural Nísia Floresta* e também na biblioteca pessoal de Henrique Castriciano. Cabe destacar aqui que a atual responsável pelo espaço cultural Nísia Floresta e pelo museu de Henrique Castriciano, a professora Zoraide Accioly afirmou nunca ter visto alguma caderneta que pertenceu ao Henrique Castriciano, mesmo quando, ao lado de Noilde Ramalho, organizou o museu. A etapa do tratamento dos dados consistiu num processo de codificação, interpretação e de inferências sobre as informações contidas nas publicações, desvelando seu conteúdo manifesto e latente.

Os trabalhos produzidos por outros autores sobre ela foram obras de leitura e reflexão obrigatórias. São consideradas fontes de informação e diálogo na direção do atendimento sobre as ideias dela quanto à educação. Ao reunir as obras, buscamos fazer seu estudo crítico e discutir sobre sua inserção na história da educação. Primeiramente, procuramos averiguar se as categorias correspondiam, de fato, a uma interpretação que garantisse homogeneidade e coerência ao conjunto mais amplo de termos-chave. Ao término da revisão, as categorias foram distribuídas de acordo com o conteúdo abordado (manifesto) e o significado (latente) consoante ao que vem a ser inter-relações de teorias (filosofia positiva de Comte,

utilitarismo, pedagogia de Rousseau, gênero, direito das mulheres e educação moral) com as práticas pedagógicas de Floresta.

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através dessas obras, que se entende aqui como um estudo baseado em documentos como material primordial: revisões bibliográficas, pesquisas historiográficas, em que se extraem deles toda a análise, organizando-os e interpretando-os segundo os objetivos da investigação proposta numa perspectiva histórica. O método de análise documental constitui-se num processo de “garimpagem”. Como afirmou Pimentel (2011, p. 180) “se as categorias de análise dependem dos documentos, eles precisam ser encontrados, extraídos das prateleiras, receber um tratamento que, orientado pelo problema proposto pela pesquisa, estabeleça a montagem das peças, como num quebra-cabeças”.

O critério estabelecido para a organização das fontes documentais foi de leituras, releituras e o fichamento das obras. Para cada documento, foi criada uma ficha de leitura contendo um resumo, referência bibliográfica da publicação, além de algumas transcrições de trechos que poderão ser utilizados posteriormente. Sabemos que quando se trata de fonte documental, organizar o material significa processar a leitura segundo critérios da análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como levantamento quantitativo e qualitativo de termos e assuntos recorrentes, criação de códigos para facilitar o controle e manuseio.

Além da análise dessas obras, foi feito o levantamento de obras e de pesquisas sobre a Nizia Floresta, trabalhos sobre ela em anais de eventos na Educação, vídeo, jornais elaborados sobre Nizia Floresta, palestras sobre ela de intelectuais dos séculos XIX e XX, e outros materiais que servem de base para o nosso referencial teórico, como dicionários e periódicos femininos. Também procuramos documentos no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte; Academia de Letras do Rio Grande do Sul; arquivos públicos do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Mitra da Arquidiocese de Porto Alegre-Cúria de Porto Alegre e Igreja Matriz do Município de Nísia Floresta e Igreja Matriz de Porto Alegre.

A pesquisa documental deve muito à História e, sobretudo, aos seus métodos críticos de investigação sobre fontes escritas. A aproximação entre História e

Educação, por exemplo, acontece porque a investigação histórica, ao pretender estabelecer sínteses sistemáticas dos acontecimentos históricos, serviu às ciências sociais, no sentido da reconstrução crítica de dados que permitam inferências e conclusões.

O resgate das obras de Floresta tem sido feito no Brasil. Encontramos desde informações sobre uma exposição documentária sobre ela, datada de 1954, algumas conferências mais atuais, artigos, cartas, biografias e resgatamos obras raras escritas por essa educadora brasileira, em sebos.

Em *Opúsculo Humanitário* (1853), ela expôs o que pensava sobre a educação para meninas e como era a educação que ela praticava nas escolas que fundou, mas antes ela já havia escrito de maneira mais simples suas máximas pedagógicas no texto com conselhos para sua filha (1842), no discurso para suas educandas (1847), e no texto *Fany ou o Modelo das donzelas* (1847). No *Opúsculo Humanitário*, descreveu o que podemos chamar de sua filosofia da educação e nos outros textos/ensaios, há ideias que nos ajudam a configurar o que ela pensava sobre a educação feminina. Os textos *A Mulher* (1859), *Um passeio no Jardim de Luxemburgo* (1859); bem como as cartas que ela trocou com Comte são de suma importância para escrevermos sobre as rupturas promovidas por Nizia Floresta em termos sociais e educacionais e para verificarmos se a sua filosofia da educação avançou em relação à época. O texto *Máximas e Pensamentos*, como destacou Flores (1992), foi usado como recurso didático ainda na época em que Nizia residia em Porto Alegre. O papel social da mulher naquela época era apenas de atender aos filhos e ao marido, cuidando zelosamente dos afazeres do lar.

Pesquisamos em museus, memoriais, bibliotecas públicas, bibliotecas particulares de Hilda Flores (Rio Grande do Sul), Luis Carlos Freire (Rio Grande do Norte), bem como de Constância Duarte; pesquisamos em arquivos públicos, arquivos históricos; Institutos Históricos, Academias de Letras, no Rio Grande do Sul e no Rio Grande do Norte. Quanto às suas documentações, cartas, escritos, cadernos de anotações, bem como os cadernos de aula, planos curriculares e outros documentos que mostram a educação proposta por Nizia, bem como da sua vida e obras, ainda são um mistério, pois, em alguns registros (jornais e livros), consta a existência de documentações, mas não se sabe onde estão, por exemplo, os

documentos que foram apresentados na Exposição documentária de 1954. Citamos um trecho da reportagem que retrata sobre essa documentação:

A exposição sobre Nísia Floresta está assim organizada: Painel nº 1; Berço e Túmulo. Papari local da Fazenda Floresta. Ruas de Rouen e de Bonsecours. Túmulo de Nísia, fotografias do jornalista O.R Dantas em suas pesquisas no cemitério de Rouen. Retrato de Nísia a crayon pelo desenhista Rubens. Painel nº II; Maturidade de Nísia. Sua Vida seus Filhos. Fotografias, tiradas na Europa, 1851, 1871 e 1880. Nísia e sua filha Lívia. O filho de Nísia, Augusto Américo de Faria Rocha; o irmão de Nísia, dr. Joaquim Pinto Brasil, uma carta de Nísia a êle dirigida, datada de Paris, de 29 de março de 1871, em plena Comuna, durante o cerco da cidade, após a queda de Napoleão III. Retrato original de Lívia Augusta, colocado de notas autógrafas sôbre os últimos anos e o fim da vida de Nísia. Os grandes advogados de Nísia. Henrique Castriciano, ao lado de datas de Nísia, por êle organizadas. Adauto Câmara e Orlando Dantas no 'Diário de Notícias', com uma antiga serviçal do Colégio Augusto. Painel nº III, Biblioteca de Nísia sôbre a educação da mulher, transcritos do 'Opúsculo Humanitário'-1853. Legenda de Oliveira Lima. Lista das obras de Nísia, datas das primeiras edições. Medalhão de bronze de Nísia Floresta, executado em Paris (1851). Painel nº IV; Fac-similes da correspondência de Nísia Floresta com Augusto Comte. Fotocópias de sete cartas autógrafas, conservadas no Museu Augusto Comte, em Paris. Vitrine-Obras de Nísia Floresta. Biografias de Adauto Camara, Roberto Seydl, Oliveira Lima, Joaquim Grilo. Volume de 'Trois ans em Italie', que pertenceu a Henrique Castriciano completamente anotado. 'Plaquetes', conferências e publicações referentes à Nísia. Uma carta de Ana Carla Freire, mãe de Nísia²⁸.

Onde está a carta da mãe de Nizia, e a carta que Floresta escreveu para seu irmão? Onde podemos ver a foto de Lívia, sua amada filha e companheira de viagem? E essas biografias, tão desconhecidas? Como podemos notar, alguns documentos se encontram dispersos e inéditos. Na exposição referida, havia fotos e documentos que deveriam estar em um lugar destinado ao resgate e à conservação da memória de Nizia Floresta. O *Memorial da Mulher* em Natal, na pessoa de Zelma Furtado²⁹ se dedica ao resgate de obras e documentações sobre Nizia Floresta.

Com relação a conferências atuais sobre ela, destacamos a Conferência "Nísia Floresta: Seu legado, sua vida", que aconteceu no município Nísia Floresta

²⁸ Trecho da matéria sobre a exposição documentária que retratou a vida e a obra de Floresta, realizada no Centro Norte - Riograndense em março de 1954

²⁹ Fundadora do memorial e descobriu que, em 1952, havia ocorrido em Natal um movimento, liderado por Helione Dantas, para a criação da Academia Feminina de Letras da Casa Bertha Guilherme. A entidade funcionou durante um ano e não chegou a ser fundada em 1998. Zelma ocupa a cadeira de número 1, e a patrona é Nizia Floresta.

em outubro de 2011 e Luis Carlos Freire organizou e foi promovida pela Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente e Secretaria Municipal de Educação. O evento teve apoio da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte; Governo do Estado do Rio Grande do Norte e Secretaria de Estadual de Educação Cultura e Desporto. Estavam presentes no evento, discorrendo sobre a escritora: o Dr. Enélio Lima Petrovich (presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte); Zelma Bezerra Furtado de Medeiros (pedagoga, escritora, poeta, vice-presidente da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte e fundadora do Memorial da Mulher); Maria Aldenita de Sá Leitão Fonseca de Souza (poeta e cronista); Zélia Mariz (primeira mulher no Brasil a publicar um trabalho sobre Nizia Floresta); Maria Francinete de Oliveira (doutora em Educação, Vice presidente do NEPAM-UFRN (Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre assuntos da Mulher); dr^a Françoise Dominique Valéry (Consulesa Honorária da França no Brasil); Angélica Timbó (escritora, poeta, jornalista); Dr. Diógenes da Cunha Lima (Presidente da Academia Norte Rio-Grandense de Letras, ex-Reitor da UFRN, poeta e advogado); a filha do Câmara Cascudo, a Dr^a Ana Maria Cascudo Barreto, que é jornalista, procuradora da Justiça. Depois de Castriciano³⁰ Floresta aparece nas obras de Constâncio Alves, João Ribeiro, Oliveira Lima, Gilberto Freire, Aduino Câmara, Roberto Seidl.

Destaco o trabalho da professora e pesquisadora Constância Lima Duarte, que pesquisa há mais de 20 anos a vida e a obra de Nizia. Ela já encontrou praticamente todos os livros/textos de Nizia. Ela acredita³¹ que falta apenas um, que teria sido publicado em Paris, chamado “Parsis” e “Dacy ou a Jovem Completa”. Os trabalhos de Constância Duarte foram lidos durante o momento de revisão bibliográfica: (1) o Posfácio na obra *Opúsculo Humanitário* (1989), bem como a (2) apresentação, notas e posfácio da obra *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* (1989); (3) apresentação e biografia da obra *Cintilações de uma alma brasileira* (1997); (4) estudos e notas biográficas na obra *Itinerário de uma viagem à Alemanha* (1998); (5) a pesquisa, organização, notas e artigo introdutório na obra *Cartas: Nisia Floresta & Auguste Comte* (2002) e (6) apresentação da obra

³⁰ Intelectual potiguar. Para saber mais sobre seu pensamento sobre a Educação ler: “Educação e Modernização em Henrique Castriciano” (2005), de Rosa Aparecida Pinheiro. Ler também: “Nosso amigo Castriciano” de Luís Câmara Cascudo.

³¹ Palavras de Constância Duarte enviadas via e-mail, no dia 24.05.2008.

Fragmentos de uma obra inédita (2001); (7) *Literatura Feminina do Rio Grande do Norte- De Nísia Floresta a Zila Mamede* (org.: DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Maria Cunha P. de); (8) *Dicionário de Escritoras Portuguesas. Das origens à atualidade* (FLORES, Conceição; DUARTE, Constância; MOREIRA, Zenóbia Collares, 2009); (9) *Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta* (2009), essa obra faz parte da Coleção Estudos Norte-Rio-Grandenses e reúne poemas, crônicas, a novela *Fany ou o modelo das donzelas*, e o discurso de Nísia dirigido para as suas educandas; (10) *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Essa trata de um estudo introdutório, notas biográficas, seleção dos textos de Constância Lima Duarte. Outra obra de bastante importância foi organizada por Constância Duarte e Diva Cunha, intitulada (11) *Iniciação à Poesia no Rio Grande do Norte-Antologia*. Diva Cunha é admiradora de Nísia Floresta e é considerada uma das principais poetisas da contemporaneidade. (12) Em 2010, foi publicada pela Editora Massangana, na Coleção Educadores MEC/ UNESCO, o título: *Nísia Floresta*, de autoria de Constância Duarte.

Com relação à proposta educacional de Floresta, o Ministério da Educação, em parceria com a UNESCO publicou na coleção “Pensadores”, a obra, organizada por Constância Duarte. Essa é a primeira obra que reflete sobre a proposta educacional de Floresta, aponta a aproximação dela com algumas correntes do pensamento, já referenciadas por Constância em outras obras e faz algumas considerações sobre a aproximação de Nizia com Comte. Duarte (2010, p.13) afirmou que ela “vai fundo em suas intenções de acender o debate e de abalar as eternas verdades de nossas elites patriarcais”. Perguntamo-nos, até que ponto Floresta abala as verdades das elites patriarcais? Em parte a filosofia de educação nisiana agrada a elite, de fato o público elitista a lia, mas muitos não concordavam com o pensamento de Floresta. Uma mulher que idealizava um país democrático republicano. Sua crítica à corrupção fazia uma massa dependente dos cofres públicos se rebelarem contra seu pensamento.

Desse modo, Duarte também colaborou para a criação de um vídeo sobre a vida de Nizia Floresta, produzido pela Fundação Banco do Brasil e distribuído para as bibliotecas públicas do Brasil. No livro *Escritoras brasileiras do século XIX* (2000), organizado por Zahidé Lupinacci Muzart, Duarte escreveu sobre Nizia Floresta. A tese de Duarte (1991) trata de um estudo de Nizia, em que a pesquisadora se

propôs a contribuir para divulgar Nizia como uma das primeiras escritoras românticas. No capítulo I, Constância traça a atuação dessa educadora, fazendo em forma de biografia. Nos demais capítulos, são feitas análises dos textos que estão reunidos por temas. No capítulo II, são examinados os textos que expressam as diferentes vertentes da militância da autora: o indianismo, o positivismo, por exemplo. Nesse sentido, Constância procurou traçar o perfil intelectual de Nizia em sua tese.

Na busca por dissertações e teses no site da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que tratassem sobre Nizia Floresta encontramos os seguintes trabalhos: “Uma escolha pioneira na formação do professor primário no Rio Grande do Norte: Reconstruindo sua memória”, escrita por Leda Maria Nunes de Oliveira. Essa dissertação busca recuperar a memória da escola pioneira na formação do professor primário no Estado do Rio Grande do Norte. Trata-se de uma investigação historiográfica, que faz um resgate da história da educação do estado do Rio Grande do Norte. Nessa pesquisa, a autora recorreu a fontes primárias de dados existentes nos arquivos da escola estadual de 1º e 2º grau “Presidente Kennedy”, como relatórios, atas, regulamentos, registros de títulos de nomeações, apostilas e portarias. Ela analisa a educação brasileira e a inserção da política educacional potiguar, destacando educadores e educadoras como a Nizia Floresta.

Maria Helena Miscow Ferraz de Mendonça escreveu uma tese intitulada “A crônica e as cronistas brasileiras: Questões de Gêneros” (2002). Esta tese foi produzida na Universidade Federal do Rio de Janeiro e desenvolve uma reflexão crítica-literária sobre a crônica brasileira escrita por mulheres, a partir dos textos de seis escritoras: Nisia Floresta (1810-1885), cujos escritos refletem a consciência social e reformadora dos românticos, naquele fecundo século XIX; Carmem Dolores (1852-1910), que se destaca pelos temas polêmicos e pelo tom persuasivo de sua linguagem; Cecília Meireles (1901-1964), dona de uma "pedagogia poética", que se configura dialeticamente entre o sonho e a realidade; Rachel de Queiroz (1910), cujas crônicas, entre as reflexões sobre a vida em curso e as interferências da memória, assinalam uma relação bem resolvida com o tempo; Clarice Lispector (1925-1977), cujos textos, de estruturas e temas peculiares, confirmam o projeto exploratório e o caráter inaugural de sua escritura; e Marina Colasanti (1937), cuja

contemporaneidade sintoniza-se com uma (re) contextualização das diversidades históricas e culturais de tantas "minorias". Cronistas, enfim, que revelam, através de suas escrituras, um livre trânsito entre o público e o privado, enunciando a convivência segura e plena com o mundo em sua variedade.

Outra tese encontrada foi de Leonora de Luca intitulada "Amazonas do Pensamento: A Gênese de uma Intelectualidade Feminina no Brasil" (01/11/2004). Essa pesquisa deu sequência àquela realizada na iniciação científica (bibliográfica referente à Júlia Lopes de Almeida, 1862-1934) e em dissertação de mestrado (estudo do grupo de mulheres reunido em torno da revista Literária Feminina "A Mensageira", publicada entre 1897 e 1900). Esta tese de doutorado expande o foco de atenção para o universo mais amplo da centena de escritoras brasileiras arroladas pelo dicionário de Sacramento Blake, permitindo a descrição, a caracterização e a compreensão da participação do numeroso contingente feminino nacional, emergente na segunda metade dos oitocentos, na constituição de uma coletividade de mulheres reunidas em torno de objetivos comuns. Conclui-se que, na gênese desse processo de emergência, um importante papel foi desempenhado pela imprensa de autoria feminina - que teria assumido, especificamente ao longo das duas últimas décadas do século XIX, as características da "imprensa de formação" do iluminismo inglês; ao fornecer substrato para a consolidação de uma "comunidade virtual" entre essas escritoras, essa imprensa adquiriu os contornos de um "jornalismo integral", na acepção gramsciana do termo, que garantia a homogeneidade do grupo e a manutenção de seu comprometimento com a formação moral e intelectual de suas leitoras. Procedeu-se ainda o resgate das ideias de escritoras situadas em épocas anteriores como Teresa Margarida da Silva e Orta (1711-1793) e Nísia Floresta (1810-1885), precursoras na veiculação de ideias sobre a educação da mulher, em cujos escritos foi possível constatar a filiação a linhagens de pensamento inglesa e francesas.

O trabalho de Sonia Valéria Marinho Lúcio (1999), intitulado "Uma viajante brasileira na Itália do risorgimento", trata de uma tradução comentada do livro *Trois ans en Italie suivis d'un Voyage en Grèce* (Vol. I-1864; Vol.II-s.d) de Floresta, tese produzida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1999. Trata-se de uma tradução comentada dos dois volumes do livro "Trois ans en Italie Suivis d'un

Voyage en Grèce”. Publicado na França em 1864, os dois volumes nunca foram traduzidos integralmente.

Stella Maris Scatena Franco Vilardaga escreve, na Universidade de São Paulo (USP), “Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX”, (2005). Esse trabalho analisa os relatos de viagem de três escritoras latino-americanas à Europa e aos Estados Unidos no século XIX. São elas: a cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda (1814-1873), a brasileira Floresta (1810-1885) e a Argentina Eduarda Mansilla de García (1838-1892). Um dos objetivos dessa pesquisa é refletir sobre as convenções narrativas dos relatos, abordados aqui como um gênero literário específico. Tendo em vista que se trata de fontes produzidas por mulheres, buscou-se também interpretar as concepções das autoras sobre os papéis tradicionalmente atribuídos ao sexo feminino. O trabalho visa ainda examinar as representações sobre a Europa e os Estados Unidos, enfocando temáticas do imaginário social associadas a essas regiões, tais como a natureza e a civilização.

Além desses trabalhos acadêmicos e da produção de Constância Duarte, destacamos as seguintes obras: (1) o livro *História de Nísia Floresta* (1ª edição datada de 1941), escrito por Adauto Miranda Raposo da Câmara (1898-1952), que é considerado por alguns como o autor do primeiro livro biográfico de Nísia Floresta³²; (2) a monografia “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, de Zélia Maria Bezerra Mariz³³; (3) a pesquisa de Peggy-Sharpe³⁴ na obra *Opúsculo humanitário*, (4) algumas produções da academia literária feminina, produzidas pela professora Hilda Flores. (5) A obra *Buscando a Luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta* de Maria Simonetti Gadelha Grilo (1989). (6) *Personalidades Históricas do Rio Grande do Norte-Século XVI a XIX* (1999), no qual Nísia foi incluída.

Ao procurarmos artigos na internet sobre a *educação proposta por Floresta*, encontramos um texto intitulado “A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista”, escrito por Luciana Martins Castro. Trata-se de um artigo que foi publicado na revista “Outros Tempos”- Dossiê História e Educação.

³² Bacharel, professor, jornalista, deputado, acadêmico, historiador, genealogista, conferencista, ensaísta, prestou serviços ao Estado do Rio Grande do Norte, sendo eleito duas vezes na Assembléia Legislativa. Da academia Norte Riograndense de Letras foi membro fundador e escolheu para patrono Frei Miguelinho. Para saber mais sobre Adauto Câmara, ler Cônego Jorge O'Grady de Paiva (1959) e Brito (1981).

³³ Essa monografia foi um esboço utilizado para ingresso na carreira docente.

³⁴ Pesquisadora da University of Illinois at Urbana-Champaign

Nesse sentido, Saffioti (1976, p. 257), ao falar da mulher na sociedade de classes, lembrou-se de Nizia, dizendo:

Na verdade, a primeira feminista brasileira foi Nisia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) que, tendo vivido 28 anos na Europa, partilhava das idéias emancipacionistas lá desenvolvidas. Traduziu para o português o livro de Mary Wollstonecraft, *Direitos da Mulheres e Injustiças dos Homens*; em 1852, escreveu *A Mulher*, obra publicada no Brasil, em 1856, e traduzida para o inglês, logo em seguida. Em 1842, havia escrito *Conselhos à minha filha*, livro que o Bispo de Mondovi, na Itália, mandou adotar nas escolas de sua diocese. A posição feminista de Nisia Floresta, contudo, permaneceu circunscrita à sua pessoa, não organizando ela nenhum movimento visando à emancipação da mulher. Parece ter assumido postura mais convincente com relação à abolição, pois consta que tenha realizado conferências, no Rio de Janeiro, em 1842, nas quais pregava a liberdade de culto, a emancipação dos escravos e a federação das províncias brasileiras. Tudo indica, entretanto, que suas idéias, quer femininas, abolicionistas, quer republicanas estivessem impregnadas pelo romantismo que dominava até mesmo no socialismo francês nas duas décadas que seguem à revolução de 1830.

Floresta foi inserida no “Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)”, organizado por Vainfas (2002). Com relação às biografias, algumas considerações devem ser feitas. Temos como biógrafos (as) de Nisia Floresta, em ordem cronológica: (1) Roberto Seidl, com sua obra *Nisia Floresta 1810-1885- A vida e a obra de uma grande educadora, precursora do abolicionismo, da República e da emancipação da mulher no Brasil* (1933); (2) Adauto Câmara, em 1941, com a obra *História de Nisia Floresta*; (3) Maria Simonetti Gadêlha Grilo, como a obra *Buscando a Luz sobre Nisia Floresta Brasileira Augusta* (1989); (4) Constância Lima Duarte, com sua obra *Nisia Floresta- Vida e Obra* (1995). Devido à dificuldade de encontrarmos documentações e informações sobre sua vida, podemos dizer que esse conjunto de obras é o que temos atualmente sobre Nizia. Elas repetem informações, algumas mais simples do que outras, mas todas de suma importância que se complementam, fazendo com que hoje possamos conhecer quem foi Floresta.

Grilo (1989) reconhece que sua obra não é um estudo profundo, metódico, sistemático, da vida e da obra de Nizia. Ela alegou que as fontes e as circunstâncias não permitiram que se fizesse essa análise. Ela diz que a obra *Buscando a Luz sobre Nisia Floresta Brasileira Augusta* é apenas uma colaboração espontânea, para homenageá-la aos conterrâneos (GRILO, 1989, p. 29). Da mesma maneira, Seidl

(1933, p. 7) afirmou que sua obra tratava-se de um “esboço biográfico”. Ao escrever sobre as obras de Nizia, não podemos deixar de inserir nosso reconhecimento a esses (as) autores (as) e pesquisadores (as), pois foram sim biógrafos (as) de Nizia, na medida em que resgataram a vida e as obras tão difíceis de serem desvendadas. Em proporções diferentes, todos contribuíram significativamente para sabermos mais sobre ela. Se hoje sabemos de suas obras e conseguimos pensar Floresta, nas suas diferentes “facetas”, devemos a todos que se debruçaram sobre as lacunas e escrituras dessa mulher.

Destacamos algumas considerações no presente trabalho sobre a obra biográfica escrita por Roberto Seidl, Adauto Câmara e Maria Simonetti Gadêlha Grilo e Constância Lima Duarte, que, em tempo e contextos diferentes, escreveram se complementando, construindo o que ainda não está finalizada – a biografia de Nizia. Tratando-se de uma mulher que se contradisse e usou diferentes pseudônimos, trocou de nome no início de sua trajetória profissional, que foi tão polêmica, sofrendo muito preconceito e a maldade de algumas pessoas, que tiveram o intuito de excluí-la da história do pensamento brasileiro e da história da educação brasileira, entendemos que não é possível que haja uma ou duas biografias sobre ela apenas. O próprio significado da palavra biografia nos remete a essa conclusão. Só temos que reconhecer todos os esforços desprendidos até então na tentativa de retratar a vida dela, pois somente com essas informações é que conseguiremos escrever sobre a sua filosofia da educação. Seidl (1933) destacou os trabalhos que estavam sendo feitos sobre Nizia e essa falta de reconhecimento da importância do pensamento nisiano, vejamos Seidl (1933, p. 7):

Depois do centenário do nascimento de Nísia Floresta é que justiça começa a ser feita, surgindo trabalhos e estudos bem elaborados, cabendo ao Sr. Constâncio Alves a glória de ter sido um dos pioneiros destes patrióticos escavadores de papéis velhos. Em seguida aos artigos e roda-pés do erudito cronista do ‘Jornal do Comércio’, podemos citar: a conferência de Oliveira Lima realizada em Natal em 1919, a palestra do Sr. Reis Carvalho feita em 1924 no ‘Centro de Cultura Brasileira’ e os escritos esparsos do Sr. Henrique Castriciano, coestadano de Nísia e dedicado cultor de sua memória.

Seidl (1933) destacou que a obra *Conselhos a minha filha* e a obra *Opúsculo Humanitário* mereciam na história da nossa pedagogia lugar à parte. Ele também chamou a atenção para o fato de que a educação feminina de Portugal foi quase

que, sem alteração, transplantada para o Brasil e foi o primeiro a dizer que Nizia, na sua vida toda foi eloquente exemplo dessa educação que pregou. Seidl (1933) foi quem primeiro defendeu a ideia de que ela apontou os vícios, os erros dessa educação que reduzia a vida da mulher a uma eterna clausura, em que a casa do pai ou do marido era um prolongamento do convento, e que Nizia mostrou como uma educação literária e científica bem orientada pode armar uma mulher de forças para vencer a vida. Foi Seidl (1933, p. 19) quem já anunciava que Nizia Floresta trocou cartas com “notabilidades mundiais” como “Lamartine, Littré, Dumas, Saint-Hilaire, George Sand, Laboulaye, Vítor Hugo, Alexandre Herculano, Augusto Comte e com os corifeus da unificação italiana, notadamente: Mazzini, Cavour e Garibaldi...”. Foi Seidl quem primeiro mostrou quais obras Nizia tinha escrito e que foram publicadas, bem como aquelas que estavam inéditas. Em sua obra, ele priorizou a vida de Nizia; sua viagem à Europa; Nizia e Augusto Comte; Nizia e o abolicionismo; versou sobre ela enquanto escritora e educadora; além de descrever as obras “Conselhos à minha filha” e “Opúsculo Humanitário”.

Da mesma forma, Grilo (1989) além de apontar o que foi feito até então para resgatar a vida e obra de Nizia, fez um esboço genealógico³⁵, retratando a obra de Floresta e enfatizando-a como uma educadora e literata, além de destacar Nizia também como jornalista. Quanto ao reconhecimento dado a ela, Grilo (1989, p. 35) destacou que “era mister que a voz do reconhecimento de seu talento partisse do sul com Vieira Fazenda, Constâncio Alves, Roberto Seidl, para ter ressonância no Nordeste, no seu Estado”. Grilo (1989) destaca o nome de algumas pessoas que contribuíram para reconstruir a História de Nizia e resgatar as suas obras: Vieira Fazenda, Constâncio Alves, Oliveira Lima, Henrique Castriciano, Aduino Câmara, Joaquim Grilo, José Augusto de Medeiros, Gilberto Freyre, Augusto Tavares de Lira, Luis Câmara Cascudo, Hélio Galvão, Dioclécio Dantas, Nilo Pereira, João Medeiros Filho, Veríssimo de Melo, Zélia Bezerra Mariz, Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. Essas pessoas realizaram palestras, escreveram sobre ela em jornais e em livros, e iniciaram o trabalho (nada fácil) de reconstruir a história de vida de Floresta e divulgar suas ideias.

³⁵ Nele, ela destaca que o escritor Hélio Galvão, em seu trabalho exaustivo de escavação em papéis velhos, no cartório de Goianinha, conseguiu obter as raízes genealógicas das principais famílias goianinhenses, trazendo a árvore genealógica de Nizia, que foi neta materna do Capitão-Mor Bento Freire do Revoredo e Mônica da Rocha Bezerra, casal precípua, responsável na origem das destacadas famílias daquela terra.

Floresta está referenciada no *Dicionário Mulheres do Brasil* – de 1500 até a atualidade (2000). No livro *100 Brasileiros* (2004), publicado pelo governo brasileiro, encontramos Nizia entre as 100 personalidades brasileiras. Um ensaio de Peggy Sharpe intitulado *Nísia Floresta: Woman* (1995), publicado em inglês, foi encontrado na Revista Brasil-Brazil (Revista de Literatura Brasileira), editora Mercado Aberto. O material criado pela Nathalie Bernardo da Câmara, intitulado *Da Aurora ao Crepúsculo* (1997), produzido como tributo a Nizia Floresta pelos 187 anos de nascimento da escritora norte-rio-grandense. Ela também foi lembrada na obra *Poetas de outro sexo* (1930), na obra *Nos tempos da velha da escola* (1969, nessa última, esperávamos encontrar mais informações sobre a escola de Floresta fundada em Porto Alegre, mas só constava que ela foi “diretora de um colégio no Rio Grande do Sul, em 1833”, citamos Kraemer Neto (1930, p. 138):

Diretora de um colégio no Rio Grande do Sul, em 1833. Precursora do feminismo no Brasil. Pensadora dotada de rara independência e compreensão filosófica no trato dos problemas políticos e sociais da humanidade. Foi a única brasileira que conheceu pessoalmente, em Paris, o fundador da Sociologia, Augusto Comte, que viu nela os indícios de uma preciosa discípula.

Ela é lembrada na obra *Patronos e Acadêmicos* de Veríssimo de Melo como patrona da cadeira nº 2 da Academia Norte-Riograndense de Letras. E também na obra *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937* (1981) com uma das primeiras feministas e a autora ressalta que ela converteu-se ao positivismo.

Merece destaque os trabalhos de Luis Carlos Freire, professor e pesquisador de Floresta, morador do município Nísia Floresta, que publicou e apresentou alguns artigos em eventos: (1) *Nísia Floresta: uma figura esquecida- levantamento e catalogação das fontes primárias e secundárias da história da Educação do RN* (1993). Trabalho apresentado em evento na Universidade de São Paulo; (2) *Nísia Floresta: Por que os livros de história do Brasil não ressaltam esse nome?* (1994). Trabalho apresentado em evento na Universidade Federal do Ceará, Fortaleza; (3) *Nísia Floresta: Por que os livros de História do Brasil não ressaltam esse nome?* (1994). Trabalho apresentado em evento na UFES; (4) *Nísia Floresta: mito e ficção face a uma rebelde progressista* (1994). Trabalho apresentado em evento na Universidade Federal do Piauí; (5) *De Papari a Paris. Itinerário de Uma Educadora Revolucionária: Nísia Floresta Brasileira Augusta – 1810/1885*. UFRN/CNPq.

Trabalho apresentado na 49ª Reunião Anual da SBPC, UFMA; (6) *Nísia Floresta: Quem foi essa mulher?* (1996), trabalho apresentado em evento na UERJ; (7) *Nísia Floresta, a história que o Brasil não conhece*. Trabalho apresentado na 49ª Reunião da SBPC, UFMG; (8) *Nísia Floresta: gênio; Isabel Gondim: geniosa* (1999). UFRN/CNPq. Trabalho apresentado na 53ª reunião da SBPC, UFBA.

Percebemos que existem inovações em materiais didáticos, investimentos em pesquisas que buscam conhecer a vida, as obras e resgatar o pensamento de Floresta. Cito a iniciativa da Fundação Banco do Brasil que elaborou um material sobre ela e estão distribuindo em bibliotecas e escolas. Nesse material, constam um livro biográfico, um DVD e um material para o (a) professor (a) trabalhar em sala de aula.

Outro vídeo, longa-metragem que fala de Floresta intitulado *Nísia, Paulo e Josué*, foi produzido por Tânia Quaresma, em 2008. Nele, três pensadores foram homenageados pelo projeto Memória da Fundação Banco do Brasil, em parceria com a Petrobrás, que resgata a vida, pensamentos e obras de brasileiros e brasileiras que contribuíram para a transformação social do país. Também encontramos o documentário *Nísia Floresta, uma grande brasileira* (2005), vídeo produzido pela interfilms/Rio Grande do Norte. Outro material descoberto foi o *hino a Nizia Floresta*. De autoria anônima, encontrado por Luis Carlos Freire em 1992, pesquisador que lançou em praça pública no dia 12.10.2007, em comemoração aos 197 anos do aniversário de Nizia Floresta- RN. No Memorial da Mulher, Natal-RN, encontramos um busto dela, bem como algumas de suas obras e de seus poemas, bem como vídeos.

Em 2006, tivemos o 12º Prêmio Nacional Assis Chateaubriand de Redação/Projeto Memória, concurso para estudantes no Ensino Fundamental, Médio e Superior³⁶. Esse concurso que buscou estimular jovens estudantes do ensino fundamental, médio e superior a redigirem textos sobre Floresta, buscando assim destacar seu trabalho e importância.

Duarte (1989) afirma que, desde o início do século XX, encontrava-se Constâncio Alves, Brito Broca, Henrique Castriciano, Clementino Câmara, Roberto

³⁶ No jornal Correio Braziliense, (Brasília, quinta-feira, 9 de Novembro de 2006) encontramos o suplemento especial "Nísia Floresta -Uma brasileira à frente de seu tempo" em que constam as redações vencedoras do concurso. Nesse concurso, tive um aluno agraciado com uma menção honrosa.

Seidl, Oliveira Lima, Adauto da Câmara, Gilberto Freyre, Nilo Pereira e Câmara Cascudo escrevendo páginas laudatórias, que mal escondiam a admiração e o fascínio por “esta mulher mais notável de nossas letras”, este “adorável mito”, verdadeiro “monstro sagrado”. Henrique Castriciano (1874-1947)³⁷, por exemplo, viajou à Europa e esteve na Suíça, Itália, Portugal, Espanha, França, Grécia, Egito e Palestina, Bélgica e Alemanha pesquisando a vida e obra de Nízia e esteve também em contato com pessoas que a conheceram. Sabe-se que Castriciano:

investigou sôbre a vida de Nízia Floresta na Europa, viajando quilômetros e quilômetros para entrar em contacto com raras pessoas que a conheceram. Visitou o cemitério que jazem seus restos, e conseguiu uma fotografia da sepultura. Correspondeu-se com a filha e as sobrinhas da excelsa escritora que ele arrancou do olvido. Foi a sua perene veneração por esta singular mulher de letras que a revelou ao Brasil. Era a patrona da cadeira que fundou, na Academia Norte-Riograndense, não tendo, porém, produzido o seu elogio (CÂMARA, A., 1959, p. 15).

Ele era filho de família ilustre no mundo político e intelectual, irmão do senador Eloy de Souza e da poetisa Auta de Souza. Pinheiro (2005, p. 10) destacou que “essa elite era republicana, mantinha contato direto com a Europa, ligada ao mundo da cultura e das artes”. Ele tinha um pensamento muito parecido com o de Floresta, a quem ele declarou profunda admiração. Pinheiro (2005, p. 14) afirmou:

Jornalista, poeta e escritor, com participação em cargos políticos, tem a ênfase de sua ação no incentivo a outros intelectuais, promovendo atividades de fomento cultural no estado do Rio Grande do Norte. Escreveu sob vários pseudônimos, fato comum na época, com temáticas abrangentes, como crítica de costumes, comentários literários, análise das relações sociais da época, peças de teatro, poemas e projetos educacionais. Teve artigos publicados na imprensa nacional, estendendo-se posteriormente também para outros países.

Foi Noilde Ramalho³⁸ quem organizou o *Museu Henrique Castriciano* e o *Espaço Cultural Nízia Floresta*. Se hoje, o livro de Adauto da Câmara é considerado

³⁷ É considerado o primeiro pesquisador de Floresta, mas não escreveu a biografia dela. Viajou à Europa para pesquisar sobre ela, ainda em 1909. Essa caderneta encontra-se na Escola Doméstica de Natal, no espaço Museológico Henrique Castriciano (1874-1947) e será analisada nesse trabalho. A ex-diretora Noilde Ramalho, pessoa responsável pelo museu faleceu em dezembro de 2010, foi ela que organizou o espaço cultural Nízia Floresta.

³⁸ Para conhecer sobre essa educadora Rio-Grandense ler: “Noilde Ramalho-Uma história de amor à educação”, escrita por Daladier Pessoa Cunha Lima, atual diretor geral da Faculdade Natalense Para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte-FARN.

(por alguns intelectuais) a primeira biografia de Floresta, deve-se também ao fato de Aduino Câmara incentivar e doar algumas obras a ele. Aduino da Câmara verificou que a sua admiração (de Henrique Castriciano) pela escritora nascida em Papari exerceu sobre ele decisiva sugestão, e, vencendo dificuldades sem conta, reuniu material para uma breve biografia, editada em 1941 (CÂMARA, A., 1959, p. 15). Nesse sentido, devemos também ao Henrique Castriciano, no que diz respeito ao resgate da vida e obra de Floresta. Em 1938, Henrique Castriciano escreveu uma carta sobre os primeiros ensaios de Aduino Câmara acerca de Floresta³⁹. Vejamos:

‘Prezado Aduino. Só agora, chegando do interior, recebi, por intermédio de Eloi o 3º artigo sobre a nossa grande Nísia. Os outros me chegaram às mãos em tempo, e não acusei logo o recebimento, aguardando o último. Li-os todos com satisfação crescente e é com a maior sinceridade que lhe envio um forte aperto de mão. Os que vieram depois de mim devem fazer como V., e não como uns tantos outros do meu conhecimento, que nada fizeram a não ser magoarem a pecha de preguiçoso um que, se não trabalhou mais pela sua terra, é porque nem a doença, nem os desgostos lhe permitiram. A respeito de Nísia, poetisa medíocre, mas pensadora notável, a ninguém disse que estava escrevendo uma obra sobre ela. O que anunciei desde muito, é que estava procurando achegas para esclarecimento de sua vida, e neste sentido dei os passos que pude, infelizmente quase infrutíferos quanto ao essencial, que era saber a tensão de suas relações com as grandes figuras do tempo, quase todos da escola romântica. Tudo quanto consegui saber de sua filha, depois de trabalhosa busca do paradeiro dela, é que se perdeu, num naufrágio, a sua correspondência com essas grandes figuras. Aguardo a publicação, em livro, de seu trabalho, contando escrever uma notícia mais ou menos circunstanciada a respeito. Acredito que outros trabalhos de valor, como o seu e o de Seidl [Roberto Seidl], irão aparecendo, e acabarão esclarecendo a vida da nossa luminosa patricia. Minhas felicitações pelo seu nobre esforço, e um afetuoso abraço do velho Henrique. Natal, 3, Julho, 1938.’

Essa carta mostra que Castriciano foi o primeiro pesquisador de Floresta, mesmo que não tenha deixado nada escrito. Relata o naufrágio que ocasionou a perda das correspondências entre ela e os grandes pensadores, que Henrique Castriciano não nomeia, mas entendemos que uma dessas “figuras”, seja Augusto Comte.

³⁹ Uma importante obra que mostra as cartas entre Henrique Castriciano e Aduino Câmara foi escrita por Brito (1981), “Uma viagem pelo arquivo epistolar de Aduino Câmara”. A Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras (1959) publicou um artigo de Aduino da Câmara sobre Henrique Castriciano. Daladier Pessoa Cunha Lima escreveu um pequeno documento “Recordando Henrique Castriciano” (2004), que trata de um discurso pronunciado na solenidade de posse na categoria de sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

2.3 Falar ou Calar no Século XIX: Contextualizando as contradições na Filosofia de Educação Nisiana

A maneira por que as mulheres são educadas as autoriza a toda sorte de temor; não lhes é permitido fazer os exercícios que põem os homens em estado de atacar e de se defender. Elas se acham sem socorro expostas aos ultrajes de um sexo entregue aos transportes os mais brutais, vítimas do desprezo de uma gente bárbara, que se vale algumas vezes contra elas de sua superioridade de forças com mais raiva e crueldade, do que exercem os brutos uns para com os outros (FLORESTA, 1989, p. 83-84).

Ao dialogar com as produções sobre a história de mulheres, especialmente a história intelectual da mulher brasileira a ambiguidade do pensamento nisiano é explicitada, pois há uma tentativa de manutenção do poder patriarcal na fala de Floresta em favor da educação das meninas, pois essa é uma educação moral. Não é novidade que até hoje em diferentes áreas perpetuam conceitos sobre a realidade que são meras representações ou percepções de um grupo masculino dominante, por isso, buscamos compreender o pensamento educacional de Floresta, e saber qual filosofia da educação ela defendeu em suas obras. Como destacou Amorós (1994, p. 45):

La legitimación del poder patriarcal, por lo tanto, no se mide con el mismo criterio que la legitimidad del poder político. Porque el poder político, como es um contrato en el espacio de *los iguales*, tiene que pactar y, por tanto, hacer explícito su próprio pacto, como portadores del logos que es cada uno de ellos. Mientras que la mujer no tiene *su próprio logos*, delega en la voluntad del varón, como portador, y el pacto, por lo tanto, es un pacto entre varones.

Floresta se manteve amarrada na lógica misógina de seu contexto social. Lembramos Beauvoir (1980, p. 28):

Quanto mais a criança cresce, mais o universo se amplia e mais a superioridade masculina se afirma. Muitas vezes, a identificação com a mãe não mais se apresenta como solução satisfatória; se a menina aceita, a princípio, sua vocação feminina, não o faz porque pretenda abdicar: é, ao contrário, para reinar; ela quer ser matrona porque a sociedade das matronas parece-lhe privilegiada; mas quando suas freqüentações, estudos, jogos e leituras a arrancam do círculo materno, ela compreende que não são as mulheres e sim os homens os senhores do mundo.

Floresta analisou como viviam as mulheres em diferentes espaços, lugares e situações; nesse aspecto, ela fez análises das relações entre os homens e as mulheres por onde andou, mostrou como as meninas eram educadas em outros países, no entanto, educou as meninas para serem “matronas esclarecidas”. Floresta não tinha outra alternativa para aquele momento histórico. Enquanto as mulheres não podiam ocupar os cargos públicos, ou se tornarem mulheres importantes fora do âmbito doméstico, ela as preparava para atuarem em casa para que, ao longo do tempo pudessem chegar em outros espaços.

Em Porto Alegre, se referiu às mulheres farrapas⁴⁰; na Europa, escreveu sobre as amas de leite⁴¹ e as mães de classe social abastada e problematizou a questão educacional das meninas brasileiras; posicionou-se como abolicionista, tendo também analisado a vida das mulheres indígenas e ressaltado o seu valor. Quando falava de exemplo de mãe, na obra *Opúsculo Humanitário*, Floresta (1989, p. 50) citava as mulheres indígenas como “boas mães e esposas fiéis: eis aqui duas qualidades preciosas, comuns às nossas indígenas, dois vínculos santos que ligam e enobrecem a família”. As mulheres indígenas estão sempre cuidando de seus filhos, bem diferente da realidade francesa, em que algumas deixavam as suas crianças com as amas de leite e, muitas vezes, esqueciam e, por isso, foram elogiadas por ela. Como marca de sua ambiguidade e contradição, percebe-se que os conselhos de Nizia reproduziam em parte a lógica patriarcal, em que o poder é do macho, isso ao mesmo tempo em que Floresta dá indícios de uma filosofia da educação que sonha que as mulheres rompam com esse modelo e ocupem cargos públicos, por exemplo.

Arnaud-Duc (1991) ao analisar as mulheres ocidentais no século XIX afirmou que, na Europa do Norte, as Irlandesas fizeram da sua ilha um dos primeiros lugares do feminismo, ligado à conquista da independência do país. Eleitoras municipais em 1882, elegíveis em 1902, obtêm a plenitude dos seus direitos, em 1915, para as de idade superior a quarenta anos e, em 1920, para todas. Na Suécia, são lhes abertas as municipalidades a partir de meados do século XIX. Em 1909, são elegíveis e adquirem capacidade total no plano político em 1924. Na Dinamarca, intelectualmente muito desenvolvida, mesmo nos campos, as mulheres votavam

⁴⁰ Sobre o assunto, lembramos a obra “O Papel da Mulher na Revolução Farroupilha” (1871).

⁴¹ Sobre as amas de leite no Recife (1789-1831), ler Nascimento (2007). Ver referências.

para as eleições municipais, desde 1883 e para o Parlamento, desde 1915. A Noruega foi a primeira nação europeia a consagrar a igualdade política. O movimento iniciara-se aí em 1830. O sufrágio universal foi estabelecido em 1910, beneficiando as mulheres de todos os seus direitos cívicos.

Ao falar das contradições e do progresso, Briggs (1973) descreveu que o século XIX é a época das conferências, dos museus e das bibliotecas. Ideias culminavam em exposições em Londres. Em 1851, podia se admirar a nova maquinaria agrícola; as últimas máquinas a vapor e caros arados. Extraímos a fala de Floresta, de 1857, com relação ao Brasil, Floresta (1997f, p. 169) destacou:

Entre inumeráveis tesouros naturais, entre tantas diferentes belezas, vejo o engenho e as artes que dão as mãos para facilitar os modernos progressos. Vejo o inspirado gênio do jovem e grandioso Brasil consagrar ao aperfeiçoamento desses os grandiosos produtos do seu fértil solo, e a índole humana de que se privilegiam os seus filhos. Vias públicas estendem-se por quase toda parte; linhas ferroviárias permitem em alguns lugares que o vapor transporte os vagões através das planícies e montes, como faz há mais de anos um grande número de embarcações singrarem os mares e os rios que banham este continente.

As notícias se propagavam rapidamente com o aumento da instrução popular e os periódicos nos países do Norte. Nas artes, destacavam-se Gustavo Courbet (1819-1877) e Jean-François Millet (1814-1875), que expressavam na sua arte os acontecimentos públicos. Buscavam figuras humanas e paisagens, pois, no século XIX, a arte era uma maneira de analisar o mundo e de representá-lo. Londres foi a primeira cidade a ter linha férrea subterrânea e o transporte público nas cidades passou a ser uma necessidade.

Em 1830, as revoluções tomaram conta do continente Europeu e foram responsáveis por mudanças significativas em diversos países, como a França e Bélgica, que tornaram monarquias constitucionais, favorecendo a hegemonia da alta burguesia e a aceleração industrial. Cabe destacar Alves e Pitanguy (1985, p. 42):

O século XIX se caracterizou por duas frentes de luta de operariado: a luta por melhores condições de trabalho (salário, redução da jornada, repouso semanal, condições de higiene), e a luta pelos direitos de cidadania (o direito de votar e ser votado sem o critério censitário e a reivindicação de remuneração para os cargos do Parlamento [...]).

O conjunto das revoluções de 1848 ficou conhecido como “Primavera dos povos”; pois, motivados em parte por ideias socialistas, a classe popular se manifestava, mas a ideologia que predominava era a do liberalismo. O liberalismo tinha ideias antagônicas às limitações determinadas pela monarquia. Defendia a propriedade privada, a iniciativa individual no setor econômico, reformas sociais graduais e tinha profundas relações com o capitalismo. O modelo de hegemonia cultural da Europa estava presente no Brasil de Nízia Floresta, não só nas ideias, mas nos objetos que se trazia da Europa, na religião católica, bem como na concepção de educação. A burguesia se tornava a classe social hegemônica e “com a derrota dos movimentos de 1848, consolida-se a sociedade capitalista liberal” (CORSETTI, 1995, p. 15). A burguesia se desenvolvia, enquanto os proletários se mantinham sufocados com o desenvolvimento capitalista. A miséria social e a exploração que resultavam para os setores subalternos, no início do século XIX, eram correspondentes ao desenvolvimento do capitalismo agrário e manufatureiro e da sua transformação em capitalismo industrial. A massa rural permaneceu na indigência, o peso dos impostos era grande para os pequenos proprietários, as novas necessidades provocaram escassez. Floresta viveu em um período de transição do capitalismo, a riqueza cresceu ao longo do século XIX, como reflexo do capitalismo e da industrialização. Com o aumento da riqueza, ocorreram transformações na vida familiar, bem como na educação das meninas, que deveriam, desde cedo, aprender a contribuir para o progresso social. No Brasil, a urbanização e a industrialização fez com que alterações ocorressem para as mulheres.

A mulher continuava condicionada as normas sociais e a educação feminina era um problema que precisava ser resolvido, mas as meninas deveriam continuar recebendo uma educação doméstica, para casarem e cuidar da prole. “O trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades, ao proporcionar seu funcionamento e reprodução, e na vida das mulheres” (PERROT, 2007, p. 114). Com a inserção da tecnologia no espaço doméstico, especialmente nos países mais desenvolvidos, as mulheres abastadas também liam jornais, revistas e aprendiam sobre etiquetas, outro estilo de vida, dicas de como criar os filhos, culinária e outros conhecimentos destinados a sua vida doméstica. No entanto, a resistência

masculina era forte e as mulheres tinham dificuldades em exercerem profissões que os homens exerciam. Vejamos Saffioti (1976, p. 180):

A sociedade oferecia, como o faz ainda hoje, sérias resistências à instrução da mulher, resistências essas que se avolumam à medida que se sobe na escala de escolarização. De qualquer modo, o alargamento dos horizontes culturais da mulher urbana, a limitação da natalidade, o recurso crescente ao processo legal da separação conjugal constituem dados reveladores de que a posição social da mulher vem sofrendo uma redefinição constante pelo menos nos centros dinâmicos da vida social brasileira.

O século XIX marcou diversos impasses na sociedade brasileira, como por exemplo, em virtude da extinção da escravidão no país. As últimas duas décadas do século XIX, no Brasil marcaram um período de grandes transformações sociais e políticas, como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Nizia se destaca como uma pensadora abolicionista e ao falar de direitos das mulheres, já que, nas primeiras décadas desse século, ela escrevia em prol dos direitos humanos. Como destaca Saffioti (1976, p. 175, grifo nosso), a mulher:

permaneceu, pois, alheia à agitação da opinião pública urbana da última década do Império em torno da abolição da escravatura. Como o movimento abolicionista fermentou nos meios letrados, a mulher brasileira não pôde sequer ver nele a oportunidade para um enfoque crítico de sua condição existencial. **Não ofereceu, assim, nem mesmo o eco para as manifestações da ideologia liberal que, embora representasse uma forma utópica de consciência, ‘dessacralizava’ várias áreas da vida social da nação.**

Floresta deixou-se influenciar pela ideologia liberal e mostrou a sua opinião sobre a escravidão e o Brasil escravocrata. Ao falar das casas rurais na Província de São Paulo, na segunda metade do século XIX, e parafraseando Nestor Goulart Reis Filho, que estudou a arquitetura regional brasileira do século XIX, e mostrou que a transformação arquitetônica era superficial, Schwarz (1988, p.20) afirmou:

Sobre as paredes de terra, erguidas por escravos, pregavam-se papéis decorativos europeus ou aplicavam-se pinturas, de forma a criar a ilusão de um ambiente novo, como os interiores das residências dos países em industrialização. Em certos exemplos, o fingimento atingia o absurdo: pintavam-se motivos arquitetônicos Greco-romanos-pilastras, arquiveladas, colunatas, frisas etc. – com perfeição de perspectiva e sombreamento, sugerindo uma ambientação neo-clássica jamais realizável com as técnicas e

materiais disponíveis no local. Em outros, pintavam-se janelas nas paredes, com vistas sobre ambientes do Rio de Janeiro, ou da Europa, sugerindo um exterior longínquo, certamente diverso do real, das senzalas, escravos e terreiros de serviço.

Essa “fachada” estava presente no discurso nisiano contra a escravidão, que via o abolicionismo como solução para vários problemas dentro do âmbito familiar e não tinha em seu cerne uma preocupação com os escravos. Trata-se de uma mentalidade burguesa de cunho liberal. Tudo o que se tentava inovar no Brasil era do “tipo importação”, o que fazia com que os escravos mantivessem distância, já que não tinham lugar naquela sociedade que vislumbrava a ostentação de luxos que imitassem outros povos. Assim, o Primeiro Reinado foi marcado pela crise econômico-financeira herdada do período colonial e pela instabilidade política. Guerras, práticas excludentes, divergências de ideias, escravidão, resistências, lutas por direitos, discussões sobre implantação ou não de impostos, revoluções regionais, conflitos, crescimento das cidades, estruturação do ensino, projetos, movimentos expansionistas e sociais, participação política restrita, reformas políticas, disputas pelo poder são algumas das características desse século, no que diz respeito ao Brasil.

Algumas reformas políticas brasileiras, desse período, tiveram a proposta de descentralizar o poder, porém, os presidentes das províncias eram nomeados pelo governo central. Esse fato gerou descontentamentos e conseqüentemente trouxe à tona revoluções, revoltas, guerras e conflitos, liderados pelos próprios burgueses. O governo imperial conseguiu sufocar todas as revoltas ocorridas entre 1824 e 1850, na maioria das vezes sem fazer concessões aos revoltosos (KÜHN, 2002, p. 85). Dom Pedro II foi declarado maior em 1840. O ano de 1845 viu terminar a guerra civil no Rio Grande do Sul.

Com relação às iniciativas culturais ocorridas no Brasil de Nizia, destacamos: (1) Criação da Imprensa Régia (1808); (2) Biblioteca Nacional (1810); (3) Jardim Botânico do Rio (1810); (4) Museu Real (1818), que começou com materiais fornecidos pelo rei, recebeu coleções de José Bonifácio e coleções de zoologia ofertadas por naturalistas estrangeiros em viagem pelo Brasil; (5) Missão cultural francesa (1816), em que vários artistas franceses eram convidados e influenciaram a criação da Escola Nacional de Belas-Artes. O estabelecimento da Corte Portuguesa

no Rio de Janeiro marcou uma nova época na vida da colônia brasileira. Mas só alguns desfrutavam de melhoramentos e das inovações.

No posfácio intitulado, *Nos primórdios do feminismo brasileiro*, da obra *Direitos das mulheres e Injustiça dos Homens* o cenário de Recife nas primeiras décadas do século XIX nos é apresentado da seguinte maneira:

[...] cenário conturbado, onde os sentimentos nacionalistas explodiam em revoltas a todo instante, e em que idéias separatistas fervilhavam. Percebemos facilmente que o terreno ali era fértil e o clima extremamente favorável à propagação de concepções de reforma social, que uma elite intelectual se incumbia de divulgar (DUARTE, 1989, p. 102).

Duarte (1989) nos mostra, citando Estêvão Pinto, que em Recife no século XIX melhoramentos eram feitos:

[...] a reforma do Trem Militar, novas estradas, o telégrafo semafórico da Torre do Espírito Santo, cujo farol acendeu-se em 1822, a criação de um gabinete topógrafo, reformas de edifícios públicos, a construção do Theatro de Santa Isabel, a ponte pênsil de Caxangá, a inauguração do cemitério de Santo Amaro e da pequena linha férrea do Cabo (DUARTE, 1989, p. 104).

Na educação, destacamos (1) a criação da Academia Real da Marinha (1808) e a Academia Real Militar (1810), que após 1832 foram anexadas, formando uma instituição de engenharia militar, naval e civil. (2) Cursos médico-cirúrgicos, a partir de 1808, na Bahia e no Rio, visando a formação de médicos para a Marinha e o Exército; (3) criação de diversos cursos avulsos de economia, química e agricultura também na Bahia e no Rio; (4) os cursos jurídicos surgem após a independência, em São Paulo e Recife (1827), só se tornando faculdades em 1854. Mesmo com essas mudanças ocorridas no Brasil Imperial, a condição da mulher permaneceu igual. O papel da mulher brasileira era ser “mãe, esposa e dona-de-casa”, mas mesmo assim houve mulheres que se destacaram por atuarem em outros espaços.

No século XIX, a vida da mulher da camada senhoril sofria algumas modificações, à proporção que se intensificava o processo de urbanização. Embora nenhuma alteração profunda se tivesse produzido em sua posição social, já não vivia reclusa na casa-grande. O ambiente da cidade propiciava mais contactos sociais nas festas, nas igrejas, nos teatros. **A família patriarcal perdia sua dimensão rígida, permitindo à mulher desenvolver certo desembaraço de atitudes.** Todavia, não se cuidava de sua

instrução; apenas se acrescentava ao ideal de educação doméstica o cultivo da conservação, que permitiria à mulher ser agradável nas reuniões. Enquanto isso, a miséria e a prostituição grassavam fora dos sobrados e o regime escravocrata desintegrava-se a cada passo. **Mas a mulher branca**, carente de instrução, dedicando-se, em caráter praticamente exclusivo, à família, à Igreja e às festas, **não despertou para o mundo em mudança** (SAFFIOTI, 1976, grifo nosso, p. 175).

As condições do ensino eram precárias e muito havia para realizar, o que dependia de recursos financeiros que eram insuficientes. Freyre (2006, p. 506) contou:

É verdade que depois da Independência começaram a aparecer colégios particulares, alguns de estrangeiros- pedagogos ou charlatães; e a freqüenta-los, filhos de magistrados e altos funcionários públicos, de negociantes e até de senhores de engenho. Imagine-se a saudade com que os meninos de engenho, acostumados a uma vida de vadição – banho de rio, arapuca de apanhar passarinho, briga de galo, jogo de trunfo na casa de purgar com os negros e os moleques, chamego com as primas e as negrinhas – deixavam essas delícias para virem, de barcaça ou a cavalo, parando pelo caminho nos engenhos dos parentes e conhecidos dos pais, estudar nos internatos; ou mesmo nos externatos [...].

As mulheres não tinham a liberdade dos homens, muitas delas precisavam escrever anonimamente ou usando pseudônimos e mesmo as que assim fizeram, foram pouco lembradas e inseridas em obras. Destacamos como exemplo a obra de Lúcia Miguel-Pereira, *História da Literatura Brasileira – Prosa de ficção- de 1870 a 1920*, que, num universo de muitos homens, raras são analisadas. Não encontramos mulheres sendo lembradas como escritoras brasileiras e a própria autora dessa obra denuncia “o silêncio que se fez em torno da maioria das escritoras”, argumenta que muitos livros esgotados, não foram encontrados nem mesmo na Biblioteca Nacional (PEREIRA, 1973, p. 269). E mesmo se tratando de obras que mostram as “mulheres admiráveis”, Floresta não era lembrada, como a obra de Galeno (1966), que buscou enaltecer as mulheres brasileiras que atuaram no mundo das letras, como poetisas, educadoras e escritoras.

2.4 A Reforma de Educação para as Meninas Proposta por uma ‘Pré-Feminista’?

Na primeira metade do século XIX, portanto, sob a vigência da Lei das Escolas de Primeiras Letras, a instrução pública caminhou a passos lentos. As críticas principais recaíam sobre a insuficiência quantitativa, falta de preparo (a tentativa de resolver esse problema com a criação de Escolas Normais ainda não surtia efeito e vinha sendo objeto de críticas constantes, parca remuneração e pouca dedicação dos professores; a ineficácia do método lancasteriano atribuída, sobretudo, à falta de instalações físicas adequadas à prática do ensino mútuo; e a ausência de fiscalização por parte das autoridades do ensino, o que tornava freqüente nos relatórios a demanda pela implantação de um serviço de inspeção das escolas. A situação estava, pois, a reclamar uma ampla reforma da instrução pública (SAVIANI, 2007, p. 129-130).

Saviani (2007) fez um levantamento das ideias pedagógicas e reformas educacionais, mas ele não cita Floresta como uma educadora brasileira. E, ele considerou duas etapas na História da escola pública no Brasil em sua obra *O legado educacional do “longo século XX” brasileiro* (2004). Segundo essa divisão Floresta acompanhou parte do segundo período (1759-1827), que “estaria representado pelas “Aulas Régias” instituídas pela reforma pombalina” (SAVIANI, 2004, p. 20) e o terceiro período (1827-1890), que constituiu “nas primeiras tentativas, descontínuas e intermitentes, de se organizar a educação como responsabilidade do poder público representado pelo governo imperial e pelos governos das províncias” (SAVIANI, 2004, p. 20). O pensamento pedagógico do século XIX deve ser compreendido não só a partir das alterações econômicas e sociais, mas também a partir do estágio cultural e científico da população. Numa tendência liberal foi surgindo, no século XIX, nítidas preocupações com a educação da criança para a vida em sociedade, relacionando a educação com o progresso, a educação e o bem-estar. “Historicamente a emergência dos Estados nacionais no decorrer do século XIX foi acompanhada da implantação dos sistemas educacionais de ensino nos diferentes países como via para erradicação do analfabetismo e universalização da instrução popular” (SAVIANI, 2004, p. 51).

A educação era vista como um meio de solucionar problemas, mas Giolo (2006, p. 459) afirma que “muitas dessas aulas estavam fadadas a morrer no próprio nascedouro, pois o Império se desincumbiu delas em 1834”. Giolo (2006, p. 461)

afirma que “o ato adicional⁴² deixou à província de São Pedro do Rio Grande do Sul todo o encargo com a instrução, porque o Império jamais criou faculdades de medicina, cursos jurídicos ou qualquer outra academia”. O Império manteve a Escola Militar e o seminário São Feliciano. Algranti (1993) ao analisar a condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, nos anos de 1750-1822, diz que havia um total desinteresse, por parte dos monarcas, na criação de estabelecimentos que pudessem aprimorar o estado da educação feminina na Colônia. A menção a educandários só surge na documentação oficial, quando uma iniciativa particular para a fundação de um convento ameaça a política portuguesa de restrição à vida religiosa feminina no Brasil.

No *Opúsculo Humanitário*, Nizia se lembra das escolas régias, que resultaram da reforma de ensino imposta pelo Marquês de Pombal, após a expulsão dos Jesuítas do reino de Portugal (1759). Ela afirma que os estabelecimentos para as meninas eram raros, e “as habilitações intelectuais das professoras que os dirigiam também” (FLORESTA, 1989, p. 71). Ela também criticou o “exame público” da época, que não passava de um “simples interrogatório” (FLORESTA, 1989, p. 71). Muitas vezes, o discurso era favorável em relação à importância da educação e a um maior investimento nesse setor; no entanto, na prática, ações não ocorriam no sentido de qualificar e valorizar o ensino. Tanto na antiga capitania do Rio Grande do Norte quanto nas outras regiões, a situação era de fato revoltante. Portanto, conseguimos hoje compreender, porque Floresta fez tantas críticas e escreveu sobre a educação de seu tempo. Vejamos Floresta (1989, p. 71):

Se ainda vemos a maior parte desses lugares preenchidos por mulheres cuja principal habilitação consiste no patronato dos que as admitem nele, hoje que se vai crendo finalmente que as meninas devem aprender alguma coisa mais além dos trabalhos materiais, qual não seria a ignorância das mestras primitivas, a quem se confiava a tarefa de instruir o sexo? Daí o descrédito em que caíram as escolas públicas de instrução elementar, freqüentadas somente, ainda hoje, por meninas a cujos pais falecem os meios de as mandar às escolas particulares, posto que, em geral, as diretoras destas não sejam mais capazes de corresponder à sua expectativa.

Floresta escreveu sobre o que o governo estava fazendo em favor do ensino primário das meninas (capítulo XXXVI do *Opúsculo Humanitário*). Ela analisou o

⁴² Referindo-se a lei nº 16, de 12 de agosto de 1834, que dava autonomia às províncias:

quadro demonstrativo do Estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e Município da Corte, no ano de 1852. Baseando-se nele, afirmou que o número de alunos que frequentaram as aulas era limitado para a população da época e aponta seu olhar para o número de meninas: “a estatística dos alunos que frequentaram todas as aulas públicas monta a 55.5000, número tão limitado para a nossa população, e que neste número apenas 8.443 alunas se compreendem” (FLORESTA, 1989, p. 81). Pelos números, ela demonstra o atraso que se encontra a instrução feminina e nem mesmo as falas presidenciais escaparam de seu senso crítico. Cito Floresta (1989, p. 82):

Na província de Minas, onde a instrução se acha mais geralmente difundida, entre 209 escolas de primeiras letras, só 24 pertencem ao sexo feminino. Considerando-se esta tão desproporcional diferença, o sexo parece permanecer ali debaixo da influência do anátema que fulminara sobre ele um dos mais notáveis presidentes daquela província. Tratando das cadeiras públicas do ensino primário, dizia ele que ‘deve-se ensinar às meninas tudo quanto convém que saiba uma mulher, que tem de ser criada de si e de seu marido’. Este severo administrador abstraiu, por sem dúvida, do século em que falava ou confundiu um povo livre, o digno povo mineiro, com a maldadada população de escravos que infelizmente o Brasil contém em seu seio.

Com dados de 1852, Floresta (1989) analisou algumas províncias: a Bahia tinha 184 escolas primárias e 26 somente para meninas; em Pernambuco, 82 escolas e 16 para o sexo feminino; no Rio de Janeiro, 116 escolas e 36 para meninas. Floresta (1989, p. 82) destacou que “no município da Corte, a sede do governo imperial, onde devia-se mais facilitar a instrução do povo, acham-se apenas criadas 9 aulas de meninas”. Além de apontar os números baixos de escolas para meninas, ela denunciou a confusão de métodos, criticou a falta de instrução e de exemplos “edificantes” dados pelo clero à mocidade brasileira, denunciando que a fé em Cristo não estava sendo ensinada devidamente nas paróquias do Brasil à mocidade (Capítulo LV, LVI); se referiu as doutrinas seguidas pelas professoras e do baixo grau de instrução que as meninas recebiam, no capítulo XXXVII do *Opúsculo Humanitário*. Nesse capítulo, ela relata ter encontrado provas no último relatório do ministro do Império, prova do que Floresta (1989, p. 83) denunciava em seu tempo.

A desarmonia em que se acham as disposições legislativas de cada província, relativas a tão importantíssimo objeto, a deficiência do método de ensino das matérias, a multiplicidade e má escolha de livros para uso das escolas, o programa de estudos nos estabelecimentos literários, a insuficiente inspecção em alguns lugares e a quase nenhuma em outros, e, finalmente, a pouca frequência e assiduidade dos alunos, são outras tantas causas desse estado tão pouco próspero.

Floresta provocava aqueles que tinham condições de implantar uma escola para meninas, especialmente quem havia estudado no exterior. Para ela, as causas que atrapalhavam os progressos na educação eram a falta de interesse e a negligência, por parte do governo da época, o descaso das autoridades que não pensavam nos métodos, não elaboravam as leis e tampouco criavam mais escolas para meninas, ou seja, não se preocupavam com a educação para elas. Além disso, “os encarregados do ensino” eram inaptos e os pais, que, em muitos casos, não falavam sobre tais problemas. Ao receber o jornal na sua porta, todos os dias, Floresta procurava por informações sobre a educação da mulher brasileira, mas não as encontrava. Desejava que a educação da mulher fosse preocupação das autoridades (governo) e do povo brasileiro.

Mesmo depois que o governo brasileiro abriu, em 1879, as instituições de ensino superior do país às mulheres, capacitando-as assim a ingressar em profissões, apenas um pequeno número de mulheres pôde seguir esse caminho para empregos de prestígio. Além de superar as pressões e a desaprovação social, as jovens tinham que assegurar os estudos secundários, frequentemente dispendiosos, mas indispensáveis para continuar. Nunca de fácil obtenção para os que não eram membro da elite, a educação secundária permanecia esquivada mesmo para mulheres com pais influentes [...] (HAHNER, 1981, p. 71).

Floresta fez denúncias em relação às casas de instruções que eram dirigidas por pessoas que chegavam de outros países com interesses comerciais, transformando essas em negócio, com raras exceções. Além disso, fez a crítica ao comércio de escolas, feita por estrangeiros. Criticou os impressos de propagandas da época, que mostravam novidades e ostentação nos colégios que “faziam pretensiosas promessas, contando com a credulidade do público, que era solícito em acolher sem verificar antes” (FLORESTA, 1989, p. 78). Muitos desses eram comerciantes e artesãos e, para ela, não deveriam ser preceptores da mocidade brasileira. Floresta apreciava os talentos dos estrangeiros, porém no que diz respeito

à educação, percebia que eram poucos aqueles que poderiam instruir o povo brasileiro e utilizar o próprio conhecimento, ou seja, oferecer instrução e trabalho.

Ao fazer a crítica ao ensino e às escolas privadas, na obra *Opúsculo Humanitário*, Floresta já havia morado na Europa (1849-1852) e acreditava que as pessoas que educavam, nos países europeus, não deveriam vir educar aqui no Brasil. Considerava que a única justificativa para os estrangeiros virem ao nosso país, era porque tinham interesse material, demonstrando preferência à América do Norte. Vejamos Floresta (1989, p. 80):

Para o Brasil, o interesse material, e somente ele, conduz em geral o estrangeiro, a não serem os curiosos viajantes e naturalistas, cuja amor da ciência os indeniza, no meio de nossa pomposa natureza, da falta da civilização européia.

Floresta colocou a responsabilidade do problema da educação das meninas e das mulheres na maneira “tirânica” de pensar e agir dos homens. Como resultado desse tratamento dos homens com as mulheres, Floresta (1989, grifo nosso, p. 90) asseverou:

A falta de saber e educação, que arrasta as mulheres às ações que os homens reprovam, as priva das virtudes que poderiam sustentá-las contra os maus tratamentos que eles imprudentemente lhes fazem sofrer; faltas destas virtudes elas imaginam os meios os mais condenáveis para se vingarem de seus tiranos. Donde resulta que em geral os homens e as mulheres têm, uns para com os outros, um soberano desprezo e combatem à porfia quem trata pior o outro; quando, pelo contrário, **deveriam viver felizes, se ambos os sexos se resolvessem a tomar um pelo outro os sentimentos de estima, que se devem reciprocamente.**

Visualizamos a possibilidade de conhecermos e nos aprofundarmos na filosofia da educação nisiana, a fim de encontrarmos algumas possibilidades para pensarmos a educação de hoje, especialmente no que diz respeito às meninas e às mulheres. Floresta acreditava que, gradualmente, o preconceito seria superado e os homens diminuiriam e reformariam seus modos de lidarem com as mulheres. As mulheres aperfeiçoariam seus talentos, se adquirissem conhecimentos.

Em minha pesquisa de mestrado, entrevistei mulheres que atuam na Filosofia, que tiveram e ainda têm seu acesso negado quando tentam lecionar em cursos de graduação e pós-graduação ou trabalhar algum tema que não seja o clássico da

filosofia, como por exemplo, o estudo das questões de gênero. Esse é apenas um exemplo; pois, na História e nas Ciências, tivemos muitas mulheres excluídas. Cito Floresta (1989, p.91):

[...] enquanto os homens nos fecharem toda a entrada às ciências, eles não poderão, sem fazer recair sobre si toda a repreensão, lançar-nos ao rosto as faltas de conduta que a ignorância nos faz cometer e nós acusaremos sempre de injustiça e crueldade os desprezos e maus tratamentos que eles têm para conosco.

Numa época em que as mulheres não podiam andar livremente em espaços públicos, não podiam estudar o que alguns homens tinham acesso e nem trabalhar em qualquer local, ela publicava suas ideias. No final do século XIX, alguns ambientes ainda eram considerados como lugares para os homens (cafés e bares), já nas confeitarias, era admitida a presença das mulheres, mas essas deveriam estar sempre acompanhadas. As distinções e os preconceitos relacionados aos pobres, mulheres e negros fazem parte dessa história.

No Brasil, a rua foi considerada o “local da transgressão”, mas por muito tempo não fora o lugar das mulheres. Também não era o lugar do “vale-tudo”, como destaca Pesavento (1994, p. 85), “havia um trabalho intenso para normalizar o espaço público e a educação moral servia para isso”. Ao pensar as mulheres na história da educação, percebemos que lacunas sobre suas vidas e obras foram encontradas e estão sendo pesquisadas, mas a descrição por muito tempo foi masculina. Fruto de uma sociedade patriarcal, de visão androcêntrica que excluiu as mulheres e fez com que seus saberes fossem desconsiderados. Hoje sabemos que “o movimento de mulheres gera mais cientistas e mais cientistas feministas, homens e mulheres, com maior propensão para reconhecer a predisposição androcêntrica do que o fazem os homens não-feministas” (HARDING, 1993, p. 14). Mas até então, muitas obras foram queimadas, esquecidas e ridicularizadas, apenas por terem sido escritas por mulheres. Bourdieu (2000, p. 59) questionou:

[...] como reconstruir os olhos das mulheres, como tratar enquanto sujeitos de percepção - e para si próprias, durante todo tempo em que apliquem a si mesmas as categorias de percepção dominantes, ou seja, masculinas, e se vejam com um olhar masculino?

Telles (1997) afirma que, no século XIX, para as mulheres que pensaram em ser algo mais do que “bonecas” ou personagens literárias, os textos dos escritores colocaram problemas tanto literários quanto filosóficos, metafísicos e psicológicos. Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam as mulheres, muitas precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas a autoridades que as aprisionavam.

Gomes (1990, p. 8) diz que obras como as de Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Machado de Assis, Lima Barreto, Sérgio Buarque de Holanda, Noel, Chico Buarque, além daquilo que se tem feito no campo das ciências humanas nos últimos anos, têm mais a nos dizer do que as maçantes teses universitárias, nas quais a Filosofia se mascara no Brasil. Digo, ainda, que obras produzidas por mulheres também entram nessa lista, ou pelo menos poderiam entrar. As obras de latino-americanas, como Nizia Floresta, Graciela Hierro, Marcela Lagarde y de los Ríos, Cèlia Amorós, Francesca Gargallo, Maria Zambrano e tantas outras, também tem muito a nos dizer. Floresta não perdeu esse olhar latino, mesmo tendo ficado tanto tempo no exterior e escrito por lá. Os trabalhos historiográficos e de cunho feminista têm contribuído muito. Soihet (1997, p. 97) acredita que:

enquanto campo específico de estudo, há certa unanimidade em considerar a história das mulheres como tendo sido decorrente de um movimento recíproco: o das historiadoras preocupadas com a questão e, de outro lado, o movimento feminista.

Quanto à organização do movimento feminista no Brasil, Saffioti (1976, p.274) destacou que:

Apesar de ter resultado da importação de idéias que não encontravam muito eco na sociedade brasileira (neste sentido, teria, se tivesse tido pleno êxito desde seu início, criado um grande hiato entre a legislação referente à mulher e as verdadeiras relações sociais que a inferiorizavam), inoculou, em boa parcela das mulheres, a aspiração de libertar-se e de emancipar-se através do trabalho, processo este que foi amadurecendo à medida que, efetivamente, iam os elementos femininos penetrando em áreas até então reservadas exclusivamente aos homens.

A partir da década de 60, as mulheres e suas vidas passam a ser pesquisadas e pensadas com intensidade. Soihet (1997, p. 99) “atribui o avanço da

abordagem do feminino ao campo da história cultural”, temos também a contribuição dos estudos feministas e de gênero que abordam do feminino, histórias de vida e pensamentos de mulheres. A história das mulheres não é uma história *à parte* da própria história. As mulheres escreveram sobre suas histórias de vida e sobre a história do pensamento de mulheres.

Rebatendo os argumentos de inferioridade feminina e mostrando que “las mujeres eran tan dignas como los hombres. A una literatura de fuerte carácter misógino se contraponía otra que destacaba los méritos de las mujeres y sus capacidades” (GATELL, 1997, p.117). Nossas pioneiras que merecem ser lembradas:

Chirstine de Pizan, Marie de Gournay, Lucrezia Marinelli, Simone de Beauvoir, Maria Zambrano o Simone Weil...asumieron el riesgo del pensamiento, escribieron, nos legaron sus obras, y ello es importante no porque pretendamos entresacar una temática específica, no porque pretendamos entresacar una temática específica, no porque pretendamos añadir un pequeño capítulo de filosofía femenina a la filosofía en general, sino porque es justo el reconocimiento a su esfuerzo, porque las teorías de hoy e del futuro deben saber que sus palabras rememoran toda un tradición de pioneras, que el ejercicio del pensamiento no ha estado acotado a un solo sexo, y ello independientemente del campo de reflexión que se elija (RODRÍGUEZ MAGDA, 1997, p. 9).

A historiografia está diretamente relacionada com os estudos feministas e as questões de gênero. Trata-se de um estudo que busca conhecer e compreender as mulheres, suas vidas e seus pensamentos. “Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê à relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das sociedades” (PERROT, 2005, p. 14). Nesse sentido:

O nascimento de uma história das mulheres inscreve-se no campo mais vasto das ciências humanas, desigualmente visitadas pelo sexo. Ela não é própria da França, mas do conjunto do mundo ocidental. Os Estados Unidos foram pioneiros, utilizando às vezes elementos elaborados pela velha Europa e por ela desprezados. A vida intelectual é feita destas idas e vindas, destas incessantes bricolagens (PERROT, 2005, p. 15).

Perrot (2007) destacou que a história das mulheres tem sua cronologia nem sempre fácil de estabelecer e tem seus acontecimentos próprios. A livre

contracepção como exemplo “é provavelmente o acontecimento mais importante, o que mais abalou as relações entre os sexos, e começou a ‘dissolver’ a hierarquia entre eles” (PERROT, 2007, p. 141). A historiografia das mulheres é um estudo dos fatos, da história a partir de um olhar para as mulheres, faz a crítica e analisa as relações entre homens e mulheres, seus movimentos derrotas e conquistas. No Brasil, a partir da década de 70, com o movimento feminista e pesquisas no campo da Sociologia, algumas pesquisas começaram a serem realizadas no campo da historiografia das mulheres. Nesse sentido, Matos (2009, p. 287-288) destacou que:

Outrora rejeitada- e até marginalizada-, a história da mulher passou a ser encarada como uma possibilidade de recuperação de outras experiências. Com a incorporação do gênero enquanto categoria de análise, tem-se procurado demonstrar que o comportamento ou os valores que são aceitos em uma sociedade num certo momento histórico podem ser rejeitados em outras formas de organização social ou em outros períodos. Assim, destacar as diferenças a partir do reconhecimento de que a realidade histórica é social e culturalmente constituída tornou-se um pressuposto do pesquisador que procura incorporar essa categoria, permitindo perceber a existência de processos históricos diferentes e simultâneos, bem como abrir um leque de possibilidades de focos de análise.

As biografias foram consideradas por Sorj (2004, p. 130-131) como “um produto político”, pois ajudam a organizar a memória coletiva do grupo e encontrar no passado referências positivas de transgressão e luta. Temas como: mulher e trabalho; educação, classe e gênero; trabalho doméstico; violência doméstica; aborto; contracepção; saúde da mulher; maternidade e outros entraram em cena. Sorj (2004, p. 119) afirmou que “comparado aos demais países latino-americanos, o Brasil destaca-se por ter obtido um grande êxito na consolidação de uma área de pesquisa voltada aos estudos sobre mulheres e relações de gênero”. É importante destacar Sorj (2004, p. 129):

Antes de ser trabalhado o termo gênero no país, era utilizado o termo mulher. A incorporação do termo mulher, como objeto e sujeito do novo conhecimento, durante a década de 80 correspondia ao entendimento de opressão, dominação, patriarcado. No início, os trabalhos nessa área tinham o objetivo de conscientizar e a pesquisa-ação era a metodologia usada para intervir em grupos de mulheres, através das histórias de vida. Outra característica prevaiente dos projetos, nesse período inicial, era o caráter monográfico, que descrevia a situação das mulheres de extração popular em diversas ocupações no mercado de trabalho. O grande

interesse pelas mulheres das classes populares refletia a força de sua presença na cena pública, nos anos 80, em movimentos sociais, nas periferias das grandes cidades e nas organizações sindicais.

Bernardes (1989) constatou que, no final dos anos de 1880, havia uma dualidade no próprio mundo feminino da época e ressalta o comportamento destrutivo de senhoras pouco letradas, o que criava obstáculos à educação da mulher, segundo Bernardes (1989, p. 125) “de um lado, mulheres mais cultas reagindo às injunções sociais que restringem seu papel na sociedade; de outro, as de poucas letras, acomodadas à posição “vantajosa” de inferioridade”. Além disso, a visão do papel social da mulher imposta, ao longo dos séculos, era vista como natural. Assim:

A história das mulheres pode levar-nos a alguma coisa de maior extensão na história humana. Pode ajudar-nos a ver como a sociedade funciona, como o poder e os papéis são distribuídos, como operam os mecanismos de controle social, quais são as pré-condições para as mudanças sociais e quais são as experiências individuais comuns e quais as diferenças, baseadas em sexo, raça e classe. Em potencial, a história das mulheres na verdade representa o oposto do interesse estreito e sectário que lhe foi atribuído por alguns críticos. Concentra-se na ‘outra metade’ da humanidade fornece uma oportunidade inestimável para escapar do quadro limitado da história tradicional, e ajudar-nos-á a alcançar uma visão mais abrangente do passado [...] (HAHNER, 1981, p. 23).

No Brasil, mais especificamente nas regiões do Norte e Nordeste, “mesmo ‘nadando contra a maré’, vêm desenvolvendo diversas atividades nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, tendo produzido estudos relevantes sobre relações de gênero e condição feminina na região”⁴³ (COSTA; SARDENBERG, 1994, p. 393). Podemos dizer que Floresta está sendo mais estudada e reconhecida nessas regiões, no entanto, não é uma tarefa fácil encontrar documentações sobre ela.

Em geral, o termo estudos *feministas* se distingue por reconhecer que o conhecimento está inserido em um contexto histórico e político definido e por tornar explícito o compromisso com as propostas políticas feministas. *Estudos da mulher* enfatiza a necessidade de focalizar um grupo social que se tornou invisível pelo ‘patriarcado’ e de considerar a perspectiva do ‘Outro’, reconhecido como marginalizado pelo paradigma dominante que supõe representar a humanidade de forma neutra. Trata-se da denominação mais comumente utilizada pelas acadêmicas brasileiras

⁴³ Destaco a obra *A mulher Potiguar-Cinco Séculos de presença*, material produzido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Nessa obra, Floresta também foi lembrada.

que criaram núcleos de pesquisa nas universidades ao longo da década de 80. Finalmente, a utilização do termo *gênero* exprime a incorporação de novos desenvolvimentos teóricos e metodológicos que, a partir dos anos de 1980, promovem uma análise crítica das visões essencialistas e uniformes da identidade das mulheres e expressão a adesão a uma leitura mais diversificada das múltiplas experiências identitárias de gênero, incluindo-se também a experiência masculina (SORJ, 2004. p. 124-125).

Diversas questões e temáticas, com distintas perspectivas teóricas e enfoques metodológicos, vêm sendo priorizadas e assumidas por educadores/as, trabalhadores/as culturais e intelectuais. Essas estudiosas e esses estudiosos estão, por sua vez, espalhados em diversos centros de pesquisa, universidades ou escolas, formam núcleos e grupos de estudos ou trabalham isoladamente, em várias regiões do País, e tentam estabelecer um diálogo com a teorização e a produção internacional da área. Louro e Meyer (2001) apontam que seria preciso reconhecer, não apenas nesses espaços, mas também em escolas e centros comunitários, que alguns docentes e estudantes questionassem suas experiências e ensaiassem práticas sob a ótica do gênero. Um processo, portanto, plural, polêmico e complexo, no qual práticas educativas e pedagógicas cotidianas incitam questões e problemas teóricos, ao mesmo tempo em que novas teorias e movimentos sociais provocam ou transformam as práticas pedagógicas. Sorj (2004) lembra que a entrada dos estudos de gênero no polo mais valorizado da academia deve-se também à presença da primeira geração de pesquisadoras feministas nos chamados centros de excelência, entre elas, Heleieth Saffioti, Eva Blay, Carmen Barroso e Neuma Aguiar. Hoje acompanhamos um significativo aumento de pesquisas nos estudos de gênero. Há um número expressivo de trabalhos apresentados no Seminário Internacional Fazendo Gênero, que ocorre a cada dois anos em Florianópolis - Santa Catarina. Há uma clareza de que não há como educarmos, sem falarmos das relações de gênero em sala de aula e tampouco deixar de falar das mulheres na História para os discentes.

Passou-se a estudar no Brasil as questões de gênero relacionando as experiências a partir das questões de classe, raça, gênero, etc. A partir da década de 90, o interesse acerca da temática “trabalho” declina e aumenta o interesse por assuntos como sexualidade, AIDS, saúde mental, raça, etnia, violência sexual, etc. Essa análise foi feita no ano de 2004 por Sorj. O edital lançado pelo CNPQ em 2005, do “Concurso de Redações e Trabalhos Científicos Monográficos na área das

“Relações de Gênero, Mulheres e Feminismos”, que sugere uma lista de temas para estudantes de graduação e pós que permeiam todos os campos do saber é um exemplo de que os estudos de gênero estão aumentando em nosso país. Chamon (2005) destaca a importância dos movimentos de mulheres e cita o exemplo da professora, dona Francisca Senhorinha da Mota Diniz, que fundou o jornal “O sexo Feminino”, editado pela primeira vez em 1873. Para Chamon (2005, p. 41), “o principal inimigo contra quem as mulheres deveriam lutar estava escondido na ‘ignorância da mulher’”:

Dona Francisca, como uma pioneira de seu tempo, apregoava que as mulheres precisavam se alertar para as injustiças, o domínio e a postergação de direitos de que eram vítimas. Tendo acesso à educação, poderiam recuperar seus direitos, criar seus filhos adequadamente, ter compreensão das finanças e dos negócios de suas famílias e ser a companheira, não a escrava do marido (CHAMON, 2005, p. 41).

Numa perspectiva feminista é que a historiografia foi sendo resgatada. A diversificação das ideias sobre educação da mulher no século XIX foi um assunto tratado por Bernardes (1989), no estudo, denominado “Mulheres de ontem?”. Foi analisada como era a mulher do século XIX que vivia no Rio de Janeiro, bem como o que se pensava sobre elas. Havia quem acreditasse que a “educação da mulher representaria a sua emancipação”, bem como que “educar a mulher é contribuir para a dignificação da família, da nação e do mundo”; esses pensamentos estavam relacionados com a ideia de que a educação feminina consistia em sua preparação moral e religiosa. Nizia também fazia a crítica à ignorância das mulheres brasileiras, no entanto, mesmo que proporcionasse educação às meninas; elas, quando mulheres, deveriam se dedicar aos seus lares, não há desse modo uma perspectiva pré-feminista.

Era comum no tempo de Floresta que a educação preparasse a mulher exclusivamente para o lar e jamais contribuir para sua emancipação intelectual feminina. A mulher precisava ser protegida e controlada por homens, já que era considerada como frágil. Louro (1997) lembra que o trabalho feminino não poderia afastá-las da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. A atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco e o trabalho das jovens das camadas populares nas fábricas, no comércio ou nos

escritórios era aceito como uma espécie de fatalidade. Em uma obra de 1930, intitulada *Autores Contemporâneos*, encontramos uma passagem que fala da mulher na sociedade:

Da sujeição filial, a única reconhecida pela natureza, lá passam para o captiveiro conjugal! O anel de noivado é o primeiro de um grilhão, muitas vezes insofrível, e que nenhuma força lhe poderão quebrar; o nome do seu senhor lhes é para logo imposto, em vez do paterno! É a marcar, é o ferrete do domínio! Marca indelével, que sobreviverá ao possuidor; e que só um possuidor novo encobrirá, substituindo a esse nome o seu nome, e á tyrannia extincta uma segunda tyrannia (CASTILHO, 1930, p. 183).

Algumas pessoas tinham “temor pelo desabrochar da personalidade feminina em direção a horizontes intelectuais, científicos, profissionais e políticos, como possível resultado (não desejado por eles...) de um processo de educação” (BERNARDES, 1989, p. 25). Ainda percebemos sistemas muito excludentes, em que algumas pessoas não conseguem ter acesso à educação, ao conhecimento, outras, possuem suas produções teóricas excluídas na história. Louro (1997, p. 443) referencia Floresta, dizendo que “uma voz feminina revolucionária, denunciava a condição de submetimento em que viviam as mulheres no Brasil e reivindicava sua emancipação, elegendo a educação como o instrumento”. Floresta foi considerada por muitos como revolucionária, pois os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros (LOURO, 2000, p.16). E, Floresta falou por si e também pelas “outras”. Apenas os homens faziam isso, eles apresentavam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos. Louro (2000, p. 16) ao falar das mulheres afirmou que “as formas como elas se representam ou são representadas, ou significados que atribuem às suas experiências e práticas são sempre atravessadas e marcadas por relações de poder” (LOURO, 2000, p.16)⁴⁴ e as relações de poder estão explícitas na maneira que as meninas deveriam se comportarem.

⁴⁴ Destacamos o artigo que fala sobre poder, escrito por Pires (2002) intitulado “As dimensões do poder e seus impasses”. E a obra de Amelia Valcárcel merece destaque: *Sexo y filosofía. Sobre ‘mujer’ y ‘poder’* (1994).

Em *Fany ou o Modelo das Donzelas*, encontramos o modelo de menina em Floresta e não se tratava de uma moça pobre, Fany era de uma das principais famílias do Brasil, uma moça de uma família, que gozava de bens na cidade de Porto Alegre. Ela era monitora no colégio em que estudava na capital, diferenciava-se das outras meninas, pois era a mais modesta e a mais tímida das donzelas, era aquela que serviria de exemplo. Estava sempre vestida com asseio e bom gosto, era uma moça simples e obediente, sabendo realizar também os serviços domésticos. Mesmo depois de ter terminado seus estudos, ela achava tempo para estudar. O pai de Fany morreu na Revolução Farroupilha e ela passou a cuidar de sua mãe e de seus irmãos. Ela não se queixava, tampouco murmurava, nem mesmo quando perderam muitos de seus bens. Viveu nos melhores círculos da capital e foi respeitada por todos, após receber os bens que pertenceram à sua mãe. Câmara (1997, p.81) já havia salientado que Floresta viveu no meio da elite:

Suas relações eram com a gente mais fina: marquesas, condessas e baronesas desfilam pelas páginas de suas obras. Na Itália foi hóspede de várias destas fidalgas, de cujos nomes escrevia apenas as iniciais. Uma princesa polaca se lhe afeiçoou em viagem que fizeram. Dois barões e um conde jogaram o coração aos pés da filha. Ao mesmo tempo que assim procedia, recusava-se a visitar a condessa de Áquila, sua patrícia, irmã de Pedro II, para ostentar sentimentos democráticos, não obstante a admiração que nutria pela princesa, e de lhe recordar carinhosamente a gentil figura quando residia no Brasil.

Acredita-se que devido a tantos opositores e obstáculos encontrados por Floresta, que ela não tenha atuado em escolas públicas, não educando meninas pobres, no entanto isso demonstra uma noção de classe. Ela não criou escolas para indígenas ou negras, ela buscou atender uma parcela da população que estava sendo educada para conservar a estrutura e a ordem social. Ela lamentou o fato de, na sua época, pouco ter se feito para remover os obstáculos que retardavam os progressos da educação das mulheres brasileiras e também lamentou pelo fato do assunto “educação das mulheres” terem sido tão desprezados. Floresta (1998a, p. 162) se considerou “uma decepcionada com suas esperanças de vinte anos de devotamento e trabalho”.

Para Comte, era indispensável às diferenças de classes e, com isso, ele expressa o seu liberalismo conservador. “O positivismo oferece uma nova justificativa para as hierarquias sociais. Mas já não são o sangue, nem a herança,

nem Deus, quem explica as desigualdades, e sim a Ciência” (PAZ, 1984, p. 119).
Vejamos Marcuse (1978, p. 314):

Êle denuncia as teorias e esforços ‘estranhos e extremamente perigosos’ que se dirigem contra a ordem dominante da propriedade. Tais teorias e esforços constroem uma ‘Utopia absurda’. É verdade que é necessário melhorar a situação das classes baixas, mas isso deve ser feito sem que se destruam as barreiras de classe e sem que ‘se perturbe a indispensável ordem econômica’ [...] Êle promete ‘garantir as classes dominantes contra qualquer incursão anarquista’ e mostrar a espécie de tratamento apropriado a ser dispensado à massa.

Floresta apoiou-se nas teorias morais existentes e nos ideais liberais e essas são questões-base da educação moral que fundamentam a sua filosofia da educação. Nesse sentido, ela refletiu sobre quem estaria habilitado para identificar e a ensinar as virtudes às meninas. Discutiu sobre o tipo de conhecimento que era essencial para a vida das mulheres e lutou para manter a ordem social através de uma conduzida educação feminina.

Louro (1997) historiciza a atividade docente, no Brasil, como iniciada por homens - religiosos, especialmente jesuítas, no período compreendido entre 1549 e 1759 e que, posteriormente, foram homens leigos, que se ocuparam do magistério com mais frequência, tanto como responsáveis pelas “aulas régias” oficiais - como professores que se estabeleciam por conta própria. Floresta avança ao falar no início do século XIX e denunciar os problemas relacionados com a educação feminina. Na introdução do livro “Mujeres en la historia del pensamiento”, Rodríguez Magda⁴⁵(1997, p. 9) nos diz que:

Chirstine de Pizan, Marie de Gournay, Lucrezia Marinelli, Simone de Beauvoir, Maria Zambrano o Simone Weil...asumieron el riesgo del pensamiento, escribieron, nos legaron sus obras, y ello es importante no porque pretendamos entresacar una temática específica, no porque pretendamos añadir un pequeño capítulo de filosofía femenina a la filosofía en general, sino porque es justo el reconocimiento a su esfuerzo, porque las teorías de hoy e del futuro deben saber que sus palabras rememoran toda un tradición de pioneras, que el ejercicio del pensamiento no ha estado acotado a un solo sexo, y ello independientemente del campo de reflexión que se elija.

⁴⁵ Essa professora de filosofia escreve também a obra “Feminino fin de siglo. La seducción de la diferencia”.

Muitas dessas mulheres citadas por Rosa María Rodríguez Magda foram professoras. A relação das mulheres com o mundo do saber, os processos de exclusão é algo que vem sendo construído por professores/as e pesquisadores/as. Talvez questionar em que espaço são colocadas as ideias dessas mulheres, que não estão em nossos livros didáticos, seja o início de um caminho, no qual as mulheres na história do pensamento e na história da educação possam aparecer. Não basta saber suas biografias, é preciso conhecer suas concepções, ideias e teorias.

Tratar as questões de gênero e história de mulheres significa também “explorar o inconsciente” (BOURDIEU, 2000, p.59), trabalhando, assim, subjetividades, educando a humanidade permeada por mulheres e homens que continuam fazendo histórias, ainda carentes de análises. Beauvoir (2000, p.7) já dizia que “escrever sobre mulheres se torna um tema irritante, isso devido às volumosas tolices já ditas”, porém ela mesma afirma que, mesmo com as produções teóricas feministas existentes, não foi esgotada a questão. Torna-se necessário deixar de crer que seja um problema de consciência apenas, e assim, como sugere Gargallo (2001, p. 23), “localizá-lo no horizonte da política econômica, dos direitos humanos e da construção de subjetividades móveis, capazes de enfrentar mudanças que venham de dentro e de fora”. Não é pelo fato de serem mulheres que temos que lê-las, mas porque, como mulheres, também contribuíram para a história do pensamento:

Desejamos que cada autora reclame para si el espacio que requiera: el de mujer que piensa o el de mero ser pensante que se enfrenta a una problemática universal. La teoría feminista es una disciplina concreta en la que caben por supuesto las aportaciones de filósofos varones (RODRÍGUEZ MAGDA, 1997, p. 9).

Foram, de fato, as feministas que fizeram as primeiras reclamações sobre a condição de vida das mulheres, mas cabe destacar que a partir do século XVIII, as reivindicações feministas foram em toda a parte as de uma vanguarda, mais ou menos audaciosa, de mulheres empenhadas na vida ativa, instruídas, oriundas da pequena e média burguesia. O conceito de “pré-feminista” é designado a pessoas que isoladamente pronunciaram e lutaram pela equidade de gênero e buscaram a igualdade de direitos, como Christine de Pizan, no final do século XV e Mary Astell, no século XVII. Como encontramos um distanciamento entre a teoria e a prática, na

filosofia de educação nisiana, no que diz respeito aos direitos das mulheres e à atuação civil e política, não encontramos subsídios para afirmar que Floresta tenha sido uma pré-feminista. Nizia baseou sua filosofia de educação nisiana nas ideias ditas muito mais por homens do que por mulheres. **A abnegação era para Floresta (1998, grifo nosso, p. 73), “o sentimento mais sublime que Deus pôs no coração do homem”.**

As feministas, “são, de início, isoladas, mulheres emancipadas da burguesia ou da aristocracia” (PERROT, 2007, p. 157). Hoje “não há como negar, entretanto, que o feminismo contribuiu para um ceticismo cultural generalizado sobre o que se reivindica como conhecimento e verdade, particularmente quando essas noções são impostas como válidas para toda a experiência e história humanas” (BORDO, 2000, p. 17). Cabe aqui situarmos, por meio das feministas liberais, os diferentes momentos desse movimento, fazendo a conexão com a história. Não temos como objetivo mostrar todas as movimentações das mulheres, mas sim destacar algumas características e fatos históricos referentes às chamadas três “ondas” do feminismo⁴⁶, que “é intermitente, sincopado, mas ressurgente, porque não se baseia em organizações estáveis capazes de capitalizá-lo” (PERROT, 2007, p. 155).

O feminismo age como uma sucessão de ondas. No século XIX, luta pela igualdade dos sexos, noção relativamente nova, enunciada pelos cartesianos no século XVII, refinada e reiterada em seguida, mais do que por uma diferença que corre o risco de confinar as mulheres na inferioridade (PERROT, 2007, p. 158).

O feminismo liberal buscou em todas as suas facetas, direitos iguais para homens e mulheres em todos os espaços sociais. Como destaca Perrot (2007, p. 157) “o feminismo age por suas alianças, muito diversas” e visualiza no liberalismo uma teoria que daria suporte para as mulheres serem livres, assim como o socialismo de Saint-Simon, por exemplo, oferece a união das mulheres e dos operários. Eggert (2003, p. 2) destacou:

O feminismo liberal construiu sua luta por igualdade de direitos por intermédio dos movimentos da busca pelos direitos das mulheres no final do século XVIII e início do séc. XIX, em especial nos EUA e na Europa. A luta pelo sufrágio envolve mulheres como Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, Juan Stuart Mill, Elizabeth Cady

⁴⁶ Sobre a história do feminismo no Brasil, ler as obras: *Breve História do Feminismo no Brasil e Uma História do feminismo no Brasil*.

Stanton. A lógica dos seus argumentos era que as mulheres tinham tanta capacidade quanto os homens. E, por isso, deveriam ser incluídas no mundo dos homens, na realidade pública da compreensão da cidadania, possibilitando que as mulheres tivessem os mesmos direitos que os homens.

No Brasil, na primeira fase do feminismo, as mulheres lutaram por direitos políticos. As manifestações não foram sempre organizadas, muitas foram vozes solitárias que se revoltavam com a condição de vida que levavam. Pinto (2003, p. 13) afirma que:

Na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX as lutas e manifestações esparsas cederam lugar a uma campanha mais orgânica pelos direitos políticos de votarem e de serem votadas. O movimento sufragista se espalhou pela Europa e pelos Estados Unidos, construindo a primeira vaga de feminismo organizado no mundo.

As mulheres desejavam ser incluídas como cidadãs e esse momento é considerado como a primeira onda do movimento feminista. Pinto (2003) identificou diferentes vertentes no movimento ainda nas primeiras décadas do século XX. Afirmou que, pelo menos três, eram claras: (1) a primeira foi considerada a mais forte e organizada, foi liderada por Bertha Lutz, que via a mulher como sujeito de direitos políticos. Pinto (2003, p. 15) concluiu que “sem mexer com a posição do homem, as mulheres lutavam para ser incluídas como cidadãs. Esta parece ser a face bem-comportada do feminismo brasileiro do período”. (2) A segunda vertente foi denominada por Pinto (2003, p. 15) como “feminismo difuso”. “Atuavam as mulheres cultas, com vidas públicas excepcionais, na grande maioria professoras, escritoras e jornalistas”. Para Pinto (2003), as questões dessas mulheres eram mais vastas. Elas falavam em dominação dos homens, no interesse deles em deixar a mulher fora do mundo público e defendiam a educação das mulheres.

O direito ao saber, não somente à educação, mas à instrução, é certamente a mais antiga, a mais constante, a mais largamente compartilhada das reivindicações. Porque ele comanda tudo: a emancipação, a promoção, o trabalho, a criação, o prazer. Essa reivindicação se acompanha de um imenso esforço de apropriação: leitura, escrita, acesso à instrução. Com procedimentos um pouco diferentes (PERROT, 2007, p. 159).

As mulheres escreviam sobre questões delicadas para a época como sexualidade e divórcio. Esta foi considerada por Pinto (2003, p. 15), “uma fase menos comportada do feminismo brasileiro do início do século XX. (3) “a terceira vertente se manifesta no movimento anarquista e, posteriormente, no Partido Comunista” (PINTO, 2003, p. 15). Eram mulheres trabalhadoras e intelectuais, militantes do movimento de esquerda. É considerado por Pinto (2003) o “menos comportado dos feminismos no período”. Muitas mulheres anarquistas se manifestaram durante as três primeiras décadas do século XX, entre elas Maria Lacerda de Moura, que defendia o amor livre e se posicionou contra as sufragistas, buscava compreender as causas da problemática condição das mulheres, se posicionava contra o capitalismo e teve influência na sua juventude pelo positivismo e cientificismo. Quanto à “primeira onda” no Brasil, Pinto (2003, p. 38) avaliou:

Retomando as diversas manifestações do feminismo das primeiras décadas da República, pode-se concluir que houve de fato, se não um movimento feminista na época, uma movimentação feminista que se expressou de diferentes formas, com diferentes graus de radicalidade e mesmo com diferentes ideologias. O centro da questão feminista do período era, sem dúvida, a luta pelos direitos políticos, concretizados no direito de votar e ser votada. Esta foi a porta de entrada das mulheres na arena de luta por seus direitos, não só no Brasil, mas em todo o mundo ocidental. Na verdade, essa primeira luta era pela cidadania em seu nível mais básico.

A “segunda onda” é a que compreende as décadas de 1960 e 1970. Nela, as feministas se envolveram com questões referentes à igualdade e à discriminação. Num mundo pós-guerra, o capitalismo prometia o acesso aos bens duráveis, reforçava a imagem da família, no entanto, os conflitos raciais mostraram a fragilidade da sociedade norte-americana. “Os movimentos *beatnik* e *hippie* nos Estados Unidos e o maio de 1968 em Paris são as expressões mais fortes de uma nova geração, nascida durante, ou mesmo após, a Segunda Guerra Mundial” (PINTO, 2003, p. 42). Esses movimentos provocaram novas reações frente uma sociedade conservadora. Muitas intelectuais mulheres roubaram a cena, como Beth Friedman e Simone de Beauvoir. No Brasil, a realidade era bem diferente. Em 1964, com o golpe militar, iniciava um regime em que a censura, a tortura, repressão, desaparecimentos, mortes, exílios, prisões e a extinção dos direitos políticos vieram à tona. Qualquer tipo de atuação política era reprimida e assim o silêncio deveria prevalecer no cenário brasileiro, enquanto na Europa e nos Estados Unidos, estava

ocorrendo a Revolução dos Costumes. No entanto, o movimento feminista surgia no início da década de 1970 e, no Brasil, tinha algumas especificidades, destacamos: “a grande maioria das militantes feministas dos primórdios do feminismo no Brasil esteve envolvida ou foi simpatizante da luta contra a ditadura no país, tendo algumas delas sido presas, perseguidas e exiladas pelo regime” (PINTO, 2003, p. 45). Assim, mesmo com tanto autoritarismo, no início da década de 1970, as mulheres se organizavam em grupos feministas, que “eram pequenos, contando no máximo com 20 mulheres, informais, alguns muito efêmero e privados, pois suas reuniões eram realizadas nas casas de pessoas às quais só se tinha acesso por convite” (PINTO, 2003, p. 52-53). Ao analisar o contexto social brasileiro que o movimento feminista começou a se organizar, introduzindo questões ignoradas até então sobre a condição das mulheres, fica notável o pioneirismo de Floresta, pois algumas das denúncias e reivindicações que as feministas da década de 70 fizeram, Nizia já havia feito no século XIX. O ano de 1975 é considerado o marco do feminismo brasileiro e Pinto (2003, p. 56) explica:

Em 1975, o general Geisel já havia assumido o governo e prometia uma distensão política gradual e controlada. Mas o que marcou realmente o ano na história do feminismo foi a decisão da ONU (Organização das Nações Unidas) de defini-lo como o Ano Internacional da Mulher e o primeiro ano da década da mulher, realizando ainda uma conferência sobre o assunto no México. A questão da mulher ganhava a partir daí um novo status, tanto diante de governos autoritários e sociedades conservadoras como em relação a projetos ditos progressistas que costumeiramente viam com grande desconfiança a causa feminista.

Dessa maneira, o feminismo brasileiro se desenvolveu de maneira muito diferente daqueles países onde havia democracia, um processo amadurecido de lutas sociais e políticas. O cenário era muito diferente:

Enquanto nos Estados Unidos e na Europa os negros e as mulheres começavam a expor com força as especificidades de sua condição de dominação, no Brasil tanto o pensamento liberal como o marxista revolucionário dividiam a luta em dois campos exclusivos: o primeiro, da democracia contra a ditadura; o segundo, do proletariado contra a burguesia. Nesse cenário, as mulheres entravam em contato com o feminismo internacional por meio de viagens ou pela literatura, introduziam as questões, formavam grupos de reflexão, propunham encontros, mas tinham muito pouco sucesso em transformar suas problemáticas em temas do debate público (PINTO, 2003, p. 61).

Mesmo com todas as dificuldades, as feministas brasileiras deram início a pesquisas científicas sobre a condição da mulher no Brasil, fundaram o Centro da Mulher Brasileira no Rio de Janeiro, organizaram núcleos de mulheres intelectualizadas, congressos e organizaram o Movimento Feminino pela Anistia. No entanto, o movimento feminista ao término da década da Mulher era “frágil, perseguido, fragmentado, mas muito presente, o suficiente para incomodar todos os poderes estabelecidos, tanto dos militares como dos companheiros homens de esquerda” (PINTO, 2003, p. 66). Posteriormente, nos anos 80, marcaram a luta feminista com temas ainda pouco abordados, como a violência contra as mulheres, a saúde, a questão do aborto. Foi criado o SOS mulher, bem como realizadas pesquisas no Departamento de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, que contribuiu para que fossem criados núcleos de pesquisas em Estudos da Mulher no país. Na busca por formas alternativas de atendimento à mulher foi criado pelo Ministério da Saúde em 1983, o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM). Além disso, “a década de 1980 trouxe consigo a partidarização e a institucionalização do movimento feminista no Brasil” (PINTO, 2003, p.79). As mulheres passaram a ocupar cargos estaduais e federais. Em 1985, foi criada a primeira delegacia especializada em atender as mulheres agredidas.

A terceira onda é considerada por Pinto (2003, p. 93) como “o feminismo difuso”, pois, para essa autora, esse feminismo “não tem militantes nem organizações e muitas vezes é defendido por homens e mulheres que não se identificam como feministas. Também não se apresenta como um rol articulado de demandas e posturas em relação à vida privada e pública”. Fala-se então de “feminismos”, percebe-se a presença significativa das organizações não governamentais (ONGs) e a articulação das mulheres brasileiras nos movimentos populares. Não são mais mulheres da classe média, heterossexuais, brancas que representam outras mulheres. Muitas representam a si mesmas e lutam dentro de seus interesses comuns e diversos, sendo o que Pinto (2003) chamou de “segmentação das lutas”. São as mulheres rurais, as negras, as trabalhadoras, as estudantes, as que sofreram violência, as intelectuais, as representantes políticas, que se articulam e fazem do seu cotidiano uma luta feminista. Fala-se também em pós-feminismo, feminismo autônomo, feminismo institucionalizado, feminismo

neoliberal, ecofeminismo, entre outros. É tempo de repensar a trajetória feminista e traçar novos rumos, nesse sentido, ressaltamos Pisano (2004, p.31):

¿Cómo hilamos una historia feminista sin negociar nuestros pensamientos, políticas y diferencias? Es un error pretender formar parte de un sistema social y cultural que se gestó, se sustenta y se enriquece sobre la base de nuestra desvalorización, explotación y anulación históricas. Creo que el feminismo de los grandes cambios civilizatorios sucumbió una vez más, esta vez entre las arenas movedizas de la masculinidad y en el modelo light de sociedad. ¿Esta nueva traición cuánto tiempo nos va a costar? ¿Siglos, hasta que aparezca otro foco feminista que parta de cero nuevamente? ¿Cómo podemos leer como avances esta sucesión continua de olvidos y fracasos, si desde todas las luchas de resistencia que hemos tenido, no conseguimos siquiera que no se les extirpe el clítoris a las mujeres en África, que el tráfico de mujeres se acabe o que las más pobres del mundo no sigan siendo las mujeres?

Pisano (2004) sugere que as mulheres construam sua própria lógica, a simbologia e sua própria cultura. Essa não seria linear, hierarquizada, misógina e tampouco repleta de poder. Uma sociedade que não mata a ideia de liberdade e tampouco a capacidade de pensar. O modelo de “feminilidade” imposta pela cultura masculinista representa um modelo de sociedade falido. Floresta tinha proposto uma educação alternativa para meninas, pois acreditava que era preciso haver uma melhora na vida das mulheres e precisava haver espaços de igualdade na sociedade. Ela fez parte da primeira onda de mulheres que problematizavam a condição de vida das mulheres e reivindicaram por direitos iguais isoladamente. Tinha, dessa maneira, consciência da realidade social, que silenciava e reprimia as mulheres e usou talvez, como estratégia, a contradição em suas obras. O seu pensamento estava acompanhando as mudanças e as revoltas que ocorriam nos países europeus e no norte da América. No que tange ao Brasil, estava indo contra o poder patriarcal, na medida em que denunciava os problemas relacionados às mulheres, porém suas propostas recuavam e a sua prática docente conservava a lógica patriarcal.

As mulheres sufragistas sofreram influência do positivismo e não podemos perder de vista que “a masculinidade, como referência através das filosofias dos homens, reforça o poder androcêntrico e ensina as mulheres a serem patriarcais” (EGGERT, 2006, p. 225) e “el nicho cómodo de la feminidad, que ha sido uno de los conceptos más manipulados por la masculinidad y por nosotras mismas (PISANO,

2004, p. 5). A educação nisiaiana estava voltada para os mesmos modos de comportamentos que era esperado para as meninas daquela época. A proposta alternativa de educação proposta por Floresta estava marcada pela mesma lógica social e cultura ditada pelos homens e isso se deve ao fato de que:

Nadie es neutro dentro de una sociedad, las mujeres, sobre todo, cargamos um sistema de valores que no nos pertenece genéricamente, que forma parte de una cultura minentemente masculina que nos socializa para estar casadas, para ser complemento de algo, al mismo tiempo que nos caza la lógica de los grupos hegemónicos masculinos que asumimos como propia, reduciéndonos e instalándonos en un espacio reproductor y no creador (PISANO, 2004, p.63).

O liberalismo valoriza o trabalho, a supremacia das leis, acreditava na universalização dos direitos e, nesse contexto, podemos situar as feministas liberais. Butler (2000) nos diz que a construção do gênero atua através de meios *excludentes*, de forma que o humano é não apenas produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural. Portanto, não é suficiente afirmar que os sujeitos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos “humano”, o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o “humano” com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação. Nessa mesma perspectiva, Nizia Floresta fez uma pergunta, referindo-se mais ao trabalho de casa, e à criação dos filhos, mas que cabe bem para essa problemática, ela questionou (1989, p. 36): “Que direito, pois têm eles, de nos desprezar e pretender uma superioridade sobre nós, por um exercício que eles partilham igualmente conosco?”. Da mesma maneira, podemos perguntar quanto ao exercício de refletir, usar o senso crítico, sermos amantes da sabedoria.

Ao considerar a história e todos os aspectos que norteiam as questões de gênero e as produções das mulheres na historiografia vemos que essa trama é, de fato, muito complexa. E então concordamos com Saffioti (2004, p. 113) que diz que “quem lida com gênero de uma perspectiva feminista contesta a dominação-exploração masculina e, estrutura uma estratégia de luta para a construção de uma sociedade igualitária”.

[...] o domínio masculino sobre as mulheres, não diretamente vinculado à estrutura econômica da sociedade, acaba por servir aos interesses daqueles que detêm o poder econômico. Os homens da classe dominada funcionam, pois, como mediadores no processo de marginalização das mulheres de sua mesma classe da estrutura ocupacional, facilitando a realização dos interesses daqueles que na estrutura de classes ocupam uma posição oposta à sua (SAFFIOTI, 1976, p. 78).

Floresta contestou a dominação masculina e denunciou os problemas das relações de gênero entre homens e mulheres, escrevendo uma proposta de reforma educacional que não se propõe a modificar o papel da mulher na sociedade, que era em sua filosofia de educação o de uma digna e virtuosa mãe e esposa. Suas escolas para meninas tinham uma filosofia cristã conservadora e eram conservadoras. “A concentração do elemento feminino nas escolas confessionais, principalmente católicas, constituía-se num poderoso fator de obstrução das mudanças educacionais cuja necessidade já se fazia sentir” (Saffioti, 1976, p. 204). Os colégios fundados por ela, na década de 1830 (Colégio Augusto-R/J, foi fundado em 1838), oportunizaram novos conhecimentos para meninas, visto que as escolas particulares para meninas foram aparecer mais tarde e com funcionamento de caráter precário ou que, até então, não aprendiam idiomas diferentes. Não podemos desconsiderar que outras mulheres pensaram na possibilidade de existirem escolas para meninas, mas foi ela que, na capital gaúcha, fundou uma escola para meninas em plena Revolução Farroupilha. Além disso, como destacou Duarte (2010), o Colégio Augusto competiu em qualidade com os melhores da corte, dirigidos, em sua maioria, por educadoras estrangeiras. Para Duarte (2010, p. 16), Floresta avança no fato de ela ter sido diretora de escolas numa época em que “a grande maioria das escolas era dirigida por mulheres estrangeiras”, sendo ela “uma das primeiras brasileiras a ter um colégio no país”. Duarte (2010) vê o avanço ao valorizar a figura feminina (função biológica exclusiva), naquele momento histórico no Brasil, pois assim, as mulheres passavam a ser o centro das atenções e recebiam homenagens:

[...] ao enfatizar nos seus escritos ‘as virtudes naturais’ da mulher, ao lhe atribuir uma ação moralizadora diante da família e ao considerar a educação moral como a responsável pela maior consciência dos seus deveres, a autora termina por contribuir também para a construção e a cristalização de uma ‘mística feminina’ que ocorria naquele momento e por tocar as mesmas teclas de outros

pensadores, em tudo contrários a uma ampla emancipação da mulher (DUARTE, 2010, p. 77).

Essa “mística⁴⁷” faz parte do discurso da lógica patriarcal que Floresta contribuiu ao enfatizar. Hoje, podemos questionar o que adiantava ser o centro das atenções e continuar apenas servindo os outros, na submissão, consideradas seres naturalmente frágeis, débeis, que não usam a razão, apenas o coração? A reivindicação por direitos das mulheres em Floresta, não pode ser visto separado de sua luta pela educação das meninas, pois se define principalmente na sua luta pela educação das mulheres e por denunciar as “aberrações do intelecto viril” e chamar a atenção para uma sociedade em que a equidade de gênero deveria ser levada em conta. Verificamos que na medida em que Floresta asseverou uma reforma na educação brasileira, ela ensinava as meninas a obedecerem, concentrem e contribuírem para a ordem social, calando-se. E marcando o seu caráter ambíguo, isso não significa que Floresta não contribuía para a desestabilização de alguns padrões.

2.5 Nizia Floresta Fala e a Sua Filosofia de Educação Cala!

Cena significativa: provavelmente houve, no século 19, uma certa recusa da fala feminina, desqualificada pelos meios de comunicação modernos, pelos sucessos saltitantes do escrito: correspondência, cartões postais, diários. E ao mesmo tempo, perda insidiosa de uma função tradicional e ruptura de antigas formas de memória (PERROT, 2005, p. 40).

As palavras ditas por mulheres são palavras que, muitas vezes, não quiseram calar e a escrita se manifestou como uma ferramenta de luta e de emancipação para as mulheres. Escrita que registrou muitos choros, muitas raivas e alegrias. Palavras que mudaram o rumo de uma história e, em alguns casos, comprometeram vidas e eternizaram desejos e saberes. Falas, que foram ditas e escritas e que, acima de tudo, mostraram encantamentos e desencantos em uma época marcada pelo preconceito contra as mulheres e num meio dominado apenas pelo homem. Brabo (2002) afirmou que a atitude política de mulheres, mesmo não sendo vista na Filosofia, se fez presente na História e a escola pode exercer um importante papel desde que haja uma consciência da importância dessas questões para sua

⁴⁷ Sobre essa mística, ler *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, de Heleieth Saffioti.

formação, pois a escola é o ambiente favorável e adequado à reflexão e questionamento dos papéis tradicionalmente atribuídos a ambos os sexos. Por isso, temos que levar as ideias de Floresta à discussão histórica e filosófica, levando-se em conta o difícil contexto social da época em que ela atuou.

O século XIX marca o início de uma “nova” mulher. A mulher trabalhadora industrial aparece em cena, especialmente após a metade do século XIX⁴⁸. Mas, as mulheres desempenhavam, basicamente, as mesmas atividades: nos serviços domésticos, como lavradoras, costureiras, operárias em tecidos, sempre muito mal remuneradas. No século XIX, “o mundo exclusivo da privatização familiar permanecia intocado e moralmente superior, mesmo que os seus membros masculinos sem dúvida rompessem suas regras no domínio do público” (PESAVENTO, 1994, p. 85). Alguns avanços em relação ao enclausuramento das mulheres nos lares foram obtidos, na medida em que as mulheres passaram a trabalhar, a estudar, a refletir e também a escrever sobre si mesmas e sobre a sociedade. “Com efeito, as mulheres não são simples agentes da reprodução, mas há um tempo sujeitos e objetos da produção. Elas não são apenas criaturas, são também criadoras, e modificam incessantemente o processo que as faz” (FRAISSE; PERROT 1991, p. 141). Nunca havia se falado tanto nas mulheres. É mais do que compreensível a ambiguidade feminina, oscilando entre a santidade e o pecado [...] (PAIXÃO, 1991, p. 41). Floresta fez parte desse mundo e oscilava entre a transgressão e a moralidade. Ela buscava harmonia na sociedade e, assim como Comte, doutrinava para uma ordem social. Buscou a equidade entre homens e mulheres, entre pessoas ricas e pobres, brancas e negras, na perspectiva de “conservar melhorando”. Tanto Floresta quanto Comte tiveram a visão de que a educação e o trabalho eram essenciais para as pessoas, o trabalho regular iria garantir a ordem social. Para ele, “tal visão acarreta um estado hierarquizado totalizante, governado por uma elite cultural composta por todos os grupos sociais, e perpassado por uma nova moral” (MARCUSE, 1978, p. 323). Para ela, as mulheres deveriam ser educadas para serem “matronas esclarecidas”. Essa “nova moral”, comum em Nizia Floresta e Auguste Comte conduziria corpos disciplinados, as

⁴⁸ A respeito desse assunto, ver: SAMARA, Eni de Mesquita. Mão-de-obra feminina, oportunidades e mercado de trabalho, no Brasil do século XIX. In: SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). As ideias e os números do gênero. Argentina, Brasil e Chile no século XIX. Editora HUCITEX CEDHAL/FFLCH-USP. Fundação VITAE: São Paulo, 1997; BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras de prestígio.

meninas receberiam uma educação moral, se tornariam virtuosas e estariam estudando para serem boas mães e esposas.

Na Europa, a classe média já havia consolidado seu poder econômico e social. Comte pensava na ordem social e na autoridade, sua filosofia visa acabar com a desordem. “A idéia de ordem, tão cara ao positivismo de Comte, tem um conteúdo totalitário no seu sentido social e metodológico” (MARCUSE, 1978, p. 316). A escrita nisiana estava impregnada daquilo que ela vivia em seu cotidiano. Ela não separou a sua vida de suas lutas. Vejamos Floresta (1989, p. 47):

Os portugueses, levando suas armas e seus missionários a outras regiões do mundo, explorando a glória pela reunião destas duas forças heterogêneas que eles sabiam tão bem empregar para subjugar os povos, embriagavam-se demasiadamente em seus grandes triunfos para poderem ocupar-se, como deviam, da instrução da mulher, que segundo a opinião da maioria de seu país – mais afeita aos costumes mouriscos que aos dos povos do Norte – não há mister de outros conhecimentos além daqueles que a habilitam a ser a primeira e mais útil servente de sua casa.

Para as mulheres, a Revolução Francesa trouxe avanços na vida em sociedade, mas não podemos acreditar que, com tais melhorias, a condição de vida feminina foi facilitada, pois o preconceito contra as mulheres e a hegemonia masculina continuou. Os direitos políticos, como o sufrágio, a representação e o governo continuaram sendo reivindicados por uma parcela da população. Não se admitia à mulher qualquer iniciativa que lhe permitisse escapar do estreito círculo a que estava confinada. “Os espartilhos do preconceito teimavam em mantê-la bem segura e dentro dos limites do espaço doméstico” (DUARTE, 1997c, p. 89). Nesse sentido, sabemos que:

O sistema convencional de representações do Ocidente só admite uma visão, que é a do sujeito masculino, visão esta que autoriza uma única representação, invalidando ou proibindo outras. Dentre essas formas de representação não legitimadas estão as das mulheres. Para falar ou representar a si mesmas, as mulheres assumem uma posição masculina. O homem, no caso, fala e representa a espécie humana, enquanto que a mulher é apenas apresentada, pois já falaram por ela (PAIXÃO, 1991, p. 195).

A violação das normas “androcêntricas” significaria a perda definitiva do respeito social. Pensando na educação para as meninas, Floresta deixou registros de que o Brasil tinha homens com conhecimentos adquiridos em diferentes universidades da

Europa e criticou o fato de que a maior parte das brasileiras, mesmo aquelas que moravam no Rio de Janeiro e principais cidades não aprendiam a ler. Citamos Floresta (1989, p. 67):

Dizia-se geralmente que ensinar-lhes a ler e escrever, era proporcionar-lhes os meios de entreterem correspondências amorosas, e repetia-se, sempre, que a costura e trabalhos domésticos eram as únicas ocupações próprias da mulher. Este prejuízo estava de tal sorte arraigado no espírito de nossos antepassados, que qualquer pai que ousava vencê-lo e proporcionar às suas filhas lições que não as daqueles misteres, era para logo censurado de querer arrancar o sexo ao estado de ignorância que lhe convinha.

Essa crítica de Floresta nos mostra a análise que ela fazia da vida cotidiana, bem como seu repúdio à ideia de que a costura e o trabalho doméstico seriam as únicas ocupações próprias das mulheres. De maneira ambígua, ela assim se posicionava em alguns escritos, no entanto, na sua prática, defendia a educação moral, em que as meninas seriam verdadeiros “anjos” na sociedade. Vale lembrar que as representações das mulheres ocidentais no século XIX são elaboradas, sobretudo, pela oposição homem/razão/cultura *versus* mulher/instinto/natureza. As mulheres ocidentais, de maneira geral, fizeram uso de uma “liberdade”, que foi “concedida” pelos filósofos⁴⁹ e pedagogos das Luzes e, ao final do século XIX, colocou a sociedade “em perigo”, porque a leitora não cumpre o seu ofício de mãe e esposa, nem a sua missão de mulher, que é velar pela ordem íntima da família e do lar (DEMARLE, 1991, p. 181). Já nos últimos anos do século XVIII, a escrita era um elemento de liberdade feminina. Um interessante estudo sobre os jornais femininos no Rio de Janeiro (1852-1890) pode ser lido em “Mulheres de ontem? – Rio de Janeiro-Século XIX”, escrito por Bernardes (1989, p. 102-175). O autor cita Floresta como uma das escritoras que residiram no Rio de Janeiro.

Ao estudar as mulheres do século XIX, Demarle (1991, p. 181) relata que “naquele tempo ler equivalia a sonhar e escapar as contingências, as normas e às convenções, fazendo exatamente o contrário do que era permitido a uma mulher na sociedade do século XIX”. Perrot (1991, p. 503) acredita que:

⁴⁹ Reconhecemos que tiveram mulheres nesse processo, como, por exemplo, Olympe de Gouges (1748-1793), feminista e revolucionária que reivindicou os direitos das mulheres que não estavam sendo reconhecidos no ideário “Igualdade, Liberdade e Fraternidade” da Revolução Francesa. Assim como Olympe, que perdeu sua vida numa guilhotina, muitas mulheres foram condenadas à morte por reivindicar.

As mulheres souberam apoderar-se dos espaços que lhes eram deixados ou confiados para alargar a sua influência até às portas do poder. Aí encontraram os rudimentos de uma cultura, matriz de uma 'consciência de gênero'. Tentaram também 'sair' daí para terem, 'finalmente, lugar em toda a parte'. Sair fisicamente: deambular fora de casa, na rua, ou penetrar em lugares proibidos- um café, um comício-, viajar. Sair moralmente dos papéis que lhes são atribuídos, ter opinião, passar da submissão à independência: o que pode acontecer tanto no público como no privado.

Esse empoderamento é constantemente lembrado em estudos de cunho feminista. Ler e estudar sempre foram ferramentas emancipatórias para as mulheres. Duarte (1997c) destacou que mesmo aquelas mulheres que tivessem incentivo por parte da família, uma educação sólida e a oportunidade de publicar, a crítica se encarregava de mostrar que aquele não era o seu lugar. Floresta coloca a educação da mulher como um tema relevante na história do pensamento latino-americano, mas educa para o silêncio, a repressão dos impulsos das meninas, à domesticação. E mesmo que ela escrevesse em tom de reivindicação; sua escrita aliada a sua prática docente era doutrinadora.

Escrever é também mostrar o que existe de mais íntimo no ser, as suas fantasias, os seus desejos e ideias, constituindo uma mudança na esfera particular que deve observar algumas leis, sobretudo em se tratando da mulher, cujo domínio é restrito ao espaço privado. Escrever, para a mulher, constitui um ato de rebeldia, uma transgressão à ordem pré-estabelecida (PAIXÃO, 1991, p. 22).

Muzart (2000, p.24 e 25), afirma que a literatura exercia como nunca sua função social:

[...] os escritores eram respeitados, as conferências literárias, um acontecimento social. A vivência da literatura-privilegio das classes mais altas - constituía uma importante vertente de lazer e cultura da qual as mulheres não estavam excluídas, como leitoras, como ouvintes, como assistentes, nos salões e teatros. Mas o outro lado, o de quem produz literatura, que já beirava o profissionalismo, deste a mulher esteve excluída por preconceito, pela religião, pelos limites do papel que deveria desempenhar na sociedade burguesa.

Floresta tinha uma escrita voltada para fora, diferente para sua época. Ela transgredia naquilo que dizia respeito à sua própria vida, assim, "a literatura feminina consistia numa transgressão, principalmente quando se tratava de expor os

sentimentos, a parte mais íntima do ser” (PAIXÃO, 1991, p. 22). Vejamos Paixão (1991, p. 31):

[...] a grande questão da literatura feminina está expressa numa fala camuflada, resultado da transgressão efetuada ao ultrapassar os limites do espaço íntimo, fato este que explica, de certa maneira, podermos considerar a produção literária da mulher, no final do século XIX, como expressão de uma fala-a-menos.

Com palavras, Floresta (1998, p. 302) reivindicava:

A dissolução dos costumes das grandes cidades, a miséria que reina por toda parte e tantas outras chagas que corroem a sociedade não são a consequência inevitável da fatal incúria que sempre se teve para com a educação moral dos povos? Não reside aí a fonte envenenada que fará murchar para sempre as mais belas flores da civilização, se o espírito humano, que as produz, não conseguir romper com todos os preconceitos superados, e, como primeira condição dos progressos futuros, secar completamente essa fonte funesta? Não reside nisso a reforma mais essencialmente importante, que deveria, antes de qualquer outra coisa, preocupar um governo previdente e bem convicto de sua missão providencial?

Sabe-se que “de norte a sul do país, houve poetisas, jornalistas, dramaturgas, autoras de romances, de contos, de livros didáticos, de manifestos, de pareceres e também tradutoras de vários idiomas com publicações até no exterior (BERNARDES, 1989, p. 98) e que eram “bastante numerosas as escritoras brasileiras no século XIX, que as mulheres escreveram muito e abordaram todos os gêneros: das cartas e diário, dos álbuns e cadernos aos romances, poemas, crônicas e contos, dramas e comédias, teatro de revista, operetas, ensaios e crítica literária” (MUZART, 2000, p. 23). Será que podemos dizer que Nizia era uma exceção nas primeiras décadas do século XIX no Brasil? Mesmo tendo se dedicado em fundar escolas para as meninas da classe favorecida, notamos que seu discurso era a favor de que todas as mulheres tivessem acesso à educação. Vejamos Floresta (1989, p. 94-95):

Em uma palavra, mostremos-lhes, pelo pouco que fazemos sem o socorro da educação, de quanto seríamos capazes se nos fizessem justiça. Obriguemo-los a envergonhar-se de si mesmos, se é possível, à vista de tantas injustiças que praticam conosco, e façamo-los enfim confessar que a menor das mulheres merece um melhor tratamento de sua parte, do que o que hoje prodigalizam a mais digna entre nós.

Floresta fundava escola, viajava e escrevia obras, tendo escrito com objetivo de publicar e assumindo a literatura como profissão. No discurso, ela se superava e “embora à margem, a literatura feminina foi presença constante, principalmente nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias” (MUZART, 2000, p.18), mesmo assim, a escrita feminina e o pensamento das mulheres eram ridicularizados em jornais da época. Em 1852, foi divulgado o primeiro periódico feminino, o *Jornal das Senhoras*, editado por Joana Paula Manso de Noronha e, mais tarde, por Violeta Bivar. Dez anos depois, em 1862 foi publicado *O Belo Sexo*, sob a direção de Júlia de Albuquerque Aguiar. Em 1873, foi fundado *O Sexo Feminino*, que em 1889, após a Proclamação da República, seu nome passou a ser *O Quinze de Novembro Feminino*, um jornal de Minas Gerais, dirigido por Francisca S. da M. Diniz, que propunha a educação da mulher como forma de combater a ignorância, considerada como “grande inimigo”⁵⁰ (PAIXÃO, 1991, p. 33-34). Outros jornais, não menos importantes foram sendo fundados: *Jornal das Damas* (1874), *Eco das Damas* (1879), *Direitos das Damas* (1882), *A Família* (1888). A principal finalidade desses periódicos era a valorização da mulher no desempenho do seu papel do lar, privilegiando aspectos moralizantes no seio da sociedade. A imprensa feminina⁵¹ visa normatizar a conduta da mulher, através de preceitos de higiene e de comportamento, tendo como meta a educação da mulher, responsável pela formação dos filhos (PAIXÃO, 1991, p. 35). Cabe destacar que alguns periódicos, eram destinados às mulheres de classe média, cujo padrão de vida lhes permitia o acesso à leitura, a viagens e aos salões ou teatros, onde a vida intelectual se desenrolava (PAIXÃO, 1991, p. 44). O que a coloca como uma das primeiras mulheres letradas no Brasil é que anterior a essas publicações, ela já, nas primeiras décadas do século XIX, escrevia para fins de publicação. A educação era o foco principal de Floresta, nas primeiras décadas do século XIX e “a educação foi foco de interesse primordial da imprensa feminina no final do século XIX” (PAIXÃO, 1991, p. 46). Vejamos Muzart (2000, p. 25):

[...] a Inglaterra, por exemplo, deve à mulher o nascimento do romance, no século XVIII. No Brasil, esse percurso para as mulheres foi mais difícil. A literatura serviu de válvula de escape do confinamento em que viviam. Algumas tiveram consciência já da literatura como profissão, tal como Nísia Floresta, que escreveu

⁵⁰ Para saber mais, ler Sylvia Paixão (1991).

⁵¹ Teles (1999) fala sobre “a imprensa das mulheres” em sua obra “Breve história do feminismo no Brasil”.

romances, diários, cartas, poemas sempre com o objetivo de publicação [...].

Escrevia poesias, livros e novelas críticas em uma época que o Brasil engatinhava em sua independência da coroa portuguesa e os valores culturais de outros povos fixavam-se no Brasil. País agrícola, latifundiário, que exacerbou a divisão sexual em todas as atividades sócio-econômicas e culturais. O sistema educacional mal se desenhava e eram raras as “mulheres educadas” (BLAY, 1989, p. 9). Demarle (1991) constatou que, em apenas um século, 1780 a 1880 se pode considerar que, nos principais países da Europa, foi implantado ou estava em vias de realização, o ensino primário e secundário para as meninas. Mesmo que a literatura fosse uma “válvula de escape do confinamento em que viviam”, temos que considerar “que poucas mulheres ousaram investir em suas próprias escritas” (DEMARLE, 1991, p. 171-172). Além disso, muitas abortavam suas produções, acabavam escrevendo uma obra apenas. Demarle (1991, p. 172) questionou:

- Como souberam as mulheres aproveitar esses factores de aculturação para entrar no mundo que se chama moderno, pela via indirecta da cultura, que lhes permite ler, e pelos meandros do literário, que lhes permite dizer?-Que obstáculos encontraram no seu caminho, e que estratégias desenvolveram para os contornar, e mesmo, cada vez mais, para os enfrentar?

As mulheres não liam mais somente a Bíblia nem os textos religiosos, mas romances escritos por homens, jornais e grossos volumes de História. Demarle (1991) nota a ausência de qualquer texto reivindicativo, segundo o modelo da Mary Wollstonecraft ou de Olympe de Gouges. Destaca, ainda, que “da leitura nasce uma solidariedade feminina que atinge as mulheres de todas as classes sociais e de todas as gerações” (DEMARLE, 1991. p. 183). A manifestação literária que aparece, nada mais é do que a manifestação da expressão de si, que trata do cotidiano e da vida das mulheres. Para Käppeli (1991, p. 548) “a aprendizagem da escrita pública pelas mulheres está no coração do feminismo e torna-se essencial na luta contra o esquecimento e o efêmero”.

Floresta viajava com sua filha pelo mundo, tendo fundado escolas para meninas em lugares centrais e próximas às casas dos nobres. Ao pesquisar sobre as mulheres do século XIX, Dauphin (1991, p. 477) diz que, “fora de casa, as mulheres que viviam sozinhas deviam levar as virtudes domésticas para o vasto

mundo, elevar o nível moral das fábricas, dos hospitais, das escolas e de outras instituições públicas”. Como podemos perceber tanto as mulheres com família, quanto as “mulheres sós”, tinham um papel social normatizador, de cunho moral na sociedade daquela época. Quando analisamos a escrita feminina do século XIX, temos que levar em conta que as mulheres desenvolviam suas atividades literárias “no aconchego do lar, rodeada pelos filhos, em meio a bordados, agulhas e livros de receita” (PAIXÃO, 1991, p. 47). Além disso, havia a falta de condições materiais e de um espaço que lhe garantissem o isolamento necessário à criação poética.

Bernardes (1989), ao pesquisar o quadro literário feminino, distinguiu noventa e nove escritoras e tradutoras com publicações entre 1840-1890, que foram classificadas pelo local de moradia: - quarenta que viveram, ao menos por algum tempo, no Rio de Janeiro; - cinquenta e quatro que residiam em outros pontos do Brasil ou no exterior; - Cinco sobre as quais não há informações do local. Destacou também uma diferença das produções das mulheres que residiram no Rio de Janeiro, essas se destacavam pelos escritos em prosa, enquanto as demais se dedicavam à poesia. Bernardes (1989, p. 101), destacou que “as autoras que escreveram em prosa publicaram mais artigos e obras didáticas do que obras de ficção. Nesse caso, as escritoras que residiam no Rio de Janeiro foram as que mais se destacaram pelas obras de reflexão”. Contudo, temos que contextualizar os pensamentos de Floresta, compreendendo o tipo de argumentação e porque ela defendia tais ideias é fundamental. A seguir, esboçamos um esquema da pesquisa e após esclarecemos se Floresta transgride no que diz respeito à situação das meninas a partir de sua filosofia de educação e prática docente.

Figura 2 - Esquema da Pesquisa



3 TRANSGREDIR E MUDAR A EDUCAÇÃO DAS MENINAS? OU EDUCAR E REFORMAR PARA QUALIFICAR O SISTEMA DE MANUTENÇÃO DO PODER PATRIARCAL?

Floresta não teve como romper com algumas questões e nesse sentido ela avança ao propor uma educação para as meninas. Além disso, a educação das meninas era valorizada, na medida que as meninas recebiam medalhas e eram destacadas em diferentes disciplinas, conforme consta em nossos anexos. No entanto Nizia educava para a submissão, vejamos Duarte (1995, p. 216-217, grifo nosso)¹:

Ao se deixar contaminar por ideias moralistas de fundo religioso (ou mesmo pelo pensamento positivista), **a autora termina por contribuir não para a ampliação do universo feminino, mas ao contrário, para uma nova delimitação do papel da mulher, aproximando-se perigosamente daqueles teóricos** – como Rousseau e Gregory – que tentava combater. Senão vejamos: a educação deve ser iniciada no berço, com a amamentação feita pela própria mãe. O ideal de educação para a menina é aquela feita no lar sob a orientação materna (a escola atenderia apenas às meninas que não pudessem, por qualquer motivo, ser educadas em casa). **As virtudes, como a modéstia, simplicidade e caridade devem ser incutidas desde cedo não só através de palavras, mas principalmente pelo exemplo doméstico. A menina deve ser poupada do contato com escravos e estranhos; bailes, teatros e diversões em geral costumam ser perniciosos na formação da criança (deve-se dar preferência a passeios ao ar livre e as brincadeiras infantis devem ser supervisionadas pela mãe).** Precisa ainda, a menina, de um horário para dormir, acordar, brincar, fazer refeições, estudar, enfim, deve conhecer desde cedo o ‘nobre fim para que foi criada’. Assim, Nísia Floresta delinea o ambiente ideal para a menina que, ao final, não era outro senão aquele onde as mulheres sempre estiveram: a casa paterna. No lar – na ‘estufa’ – ela estaria protegida dos ‘miasmas’ subversivos de correntes mais arejadas [...].

O exemplo de menina perfeita e mãe exemplar estão no conjunto das obras que ela versou sobre a educação das meninas. Floresta lutou para que fosse proporcionado o acesso das meninas à educação, pois acreditava que com “conhecimentos, aptidão e gosto a fim de preencherem elas mesmas, como deviam,

¹ Sobre esse assunto, ler *Educar para a submissão*, de Elena Gianini Belotti, obra que problematiza as relações de gênero na educação, analisando os jogos e brincadeiras infantis, a literatura infantil e as velhas histórias infantis. Fala também da ausência dos homens nas escolas de maternal, a discriminação de professoras, divisão por sexos e discriminação na escola.

a honrosa e sublime missão de preceptora de suas filhas” (FLORESTA, 1989, p. 91), as mulheres iriam contribuir para a educação da nação. A mãe teria uma função importantíssima, pois Floresta (1989, p. 91) acreditava que a mulher sendo “bem educada e suficientemente instruída para dirigir a educação de sua filha obterá sempre maiores vantagens”, pois, para ela, uma mãe inspira virtudes e dignidade, que qualquer diretora não conseguiria obter de suas educandas. Para Floresta, se uma mãe, mulher de bons costumes, conservar sua filha sempre sob suas vistas, essa será mais educada, mesmo que tivesse sob os cuidados de uma diretora também de bons costumes.

Nizia pensava de maneira adequada à um contexto em que as mulheres estavam presas em seus “cativeiros” e pensavam como os homens, de maneira androcêntrica. Eram educadas dessa maneira em suas casas e na Igreja, como então, Floresta romperia com esse modelo?

La familia es la que asume sin duda el papel principal en la reproducción de la dominación y de la visión masculinas; en la Familia se impone la experiencia precoz de la división sexual del trabajo y de la representación legítima de esa división, asegurada por el derecho e inscrita en el lenguaje. La Iglesia, por su parte, habitada por el profundo antifeminismo de un clero dispuesto a condenar todas las faltas femeninas a la decencia, especialmente en materia de indumentaria, y notoria reproductora de una visión pesimista de las mujeres y de la feminidad, inculca (o inculcaba) explícitamente una moral profamiliar, enteramente dominada por los valores patriarcales, especialmente por el dogma de la inferioridad natural de las mujeres (BOURDIEU, 2000, p. 107).

Duarte (1995, p. 218) já apontou que “o próprio conceito de educação feminina proposto por Floresta termina por não avançar muito no que se refere às possíveis mudanças nas condições de vida da mulher do seu tempo”. Mesmo com o que ela chamou de “reforma educacional”, não tinha a intenção de modificar o lugar que as mulheres ocupavam na época. Pelo fato de educar somente meninas ricas, não atuar no ensino público, então ela defendia os interesses da classe dominante, que necessitavam de boas meninas e dóceis mulheres. Diferentemente do que muita gente pensa, Floresta não propôs uma educação “à frente de seu tempo”, para as meninas brasileiras, pois é uma educação baseada em correntes do pensamento que viam as mulheres como “filhas, mães e esposas”, elas estudavam para se

tornarem “matronas esclarecidas” e isso está de acordo com o pensamento liberal e conservador de seu tempo.

Mesmo se referindo à equidade de gênero, suas ações não rompem com o paradigma da época. Educava as meninas para a manutenção do poder patriarcal, em que estavam sendo preparadas para desenvolverem os papéis enquanto mães, filhas e esposas. Os discursos, as máximas moralistas e seu conjunto de obras, em que ela versa sobre a educação são moralistas e demonstram que a participação social das mulheres deveria ser restrita. A vida das mulheres era para se dar na “sombra dos homens” e em poucos espaços públicos, como nas igrejas. A sua filosofia de educação tinha o mesmo caráter misógino da filosofia ocidental. A questão moral está presente na filosofia de educação nisiana, pois as meninas deveriam exercer as virtudes ditas “femininas”. As meninas educadas por Nizia Floresta não foram preparadas para atuarem na vida pública e estavam dentro da lógica de subordinação na vida privada, como passaremos a analisar em suas obras.

Mesmo que Floresta tenha lutado por direitos das mulheres e poucas mulheres agiram de tal forma no Brasil, ela via a “superioridade” na mulher na sua condição de mãe e esposa virtuosa, capaz de amenizar os problemas sociais e conservar a ordem. Duarte (2010) deixou claro que acredita que a influência do *Direito das mulheres e Injustiças dos homens*, é evidente nos “Diálogos”, “nos muitos argumentos utilizados pela personagem para convencer os outros da superioridade feminina, assim como dos direitos que elas tinham ao estudo e a uma maior participação social. Pensando nas mulheres brasileiras no texto *A mulher*, consta que era tempo de elas enxugarem as lágrimas causadas pelas opressões sofridas ou por um arrependimento estéril, e de assumir uma heróica resolução de fazer o máximo para erguer-se da sua prostração, do modo que acham melhor, guiadas e sustentadas pela simples força do coração, despindo-se das fraquezas, de que às vezes, injustamente, as mulheres são acusadas. Para Floresta, as fraquezas das mulheres frente às opressões masculinas tinham origem no desejo doentio de agradar seus amáveis dominadores. No entanto, ao organizar instituições de ensino para meninas, a opressão das mulheres estava presente nas virtudes que as meninas deveriam seguir e na ausência de pesquisa em suas disciplinas. As meninas eram educadas a partir da divisão do trabalho, pelas relações antagônicas

de classe, pela hierarquia de poder e domínio de uns sobre os outros, por não decidirem por si mesmas, exclusão de indivíduos, por serem consideradas reprodutoras e seus corpos pertencerem a outros.

Em *A mulher*, Floresta diz que o coração precisava ser trabalhado com uma educação especial e convenientemente dirigida. Assim, ela pedia que o coração da mulher fosse educado e que o seu intelecto fosse trabalhado com coisas úteis, sem frivolidades, para que as mulheres não se tornassem mais escravas de seus caprichos. Considerando que “todas as mulheres viven patriarcalmente y su modo de vida se conforma de manera importante en torno a la opresión genérica” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 103) podemos considerar que para a sua época esse pensamento questionava as opressões, mesmo que não tirasse as mulheres dos “cativeiros”, fato que até hoje é discutido nas relações entre homens e mulheres. Para Lagarde y de los Rios (2005), cativeiro é a categoria antropológica que sintetiza o fato cultural que define a situação das mulheres em um mundo patriarcal, que se concretiza politicamente na relação específica das mulheres com o poder e se caracteriza pela privação de liberdade.

Sabemos que apenas com o desenvolvimento do movimento feminista é que as mulheres tiveram êxito nas suas “lutas” e tiveram força política, visto que as mulheres não eram reconhecidas como seres de poder político, tampouco livres. Nizia pediu que não se fizesse da mulher a mulher da Bíblia, pois para ela a mulher daquele tempo poderia sair-se melhor do que aquela; nem muito menos ela queria que as mulheres fossem como a da Idade Média. O que ela queria era que “a mulher progredisse com o século dezenove, ao lado do homem [mas com o papel de mãe e esposa], rumo à regeneração dos povos” (FLORESTA, 1997, p. 116-117). Em 1847, novas publicações, de cunho feminista, vêm à luz no Rio de Janeiro: *Daciz ou a jovem completa*, *Fany ou o modelo das donzelas*, por exemplo. Vejamos então como as obras de Floresta, em que ela versa sobre a educação, contribuíram para a manutenção do poder patriarcal.

3.1 Obediência ou Subversão: As Obras de Nizia Floresta e a Manutenção do Poder Patriarcal

Por toda parte a humanidade se debateu, como se debate ainda em nossos dias, contra a ambição, a tirania, a ingratidão e todos os outros flagelos que germinam e germinarão no seio das sociedades, para retardar e entravar o desenvolvimento, até o dia em que os governos voltem sua atenção, seriamente, **à educação moral dos povos**. Em todos os tempos, houve grandes sábios e artistas notáveis que trabalharam, a vida inteira, pelo amor às ciências e às artes. Mas, qual foi o governo que se empenhou em fazer uma reforma completa e radical, no que concerne à educação de seu povo, e se entregou exclusivamente ao cuidado de torná-lo feliz? Nobre e santo amor à humanidade, quantos bens espalhaás sobre a terra, quando os homens, sabendo bem compreender-te, retirarão de tua fonte divina, **não teorias brilhantes, mas grandes virtudes!** Então, somente então, quando os povos estiverem unidos entre si pela homogeneidade de sua vinculação constante à prática dos deveres que instituições livres, esclarecidas e sábias, lhes terão ensinado a conhecer e amar, o espírito do verdadeiro progresso acrescentará às glórias de que o mundo se vangloria a mais essencial, que lhe falta: a paz geral das nações e sua prosperidade, pelo trabalho, ordem e amor (FLORESTA, 1998, p. 140, grifo nosso).

A filosofia de educação nisiana abrange o âmbito familiar e o social e nesse se inclui a escola. Esse tipo de educação alternativa foi proposta para as meninas por Floresta e podemos fundamentar isso através do conjunto das obras que analisamos nesse trabalho. As ideias dela nos fazem pensar em um labirinto. Streck (2006, p. 7) diz que “o que caracteriza o labirinto é a perplexidade diante de caminhos que podem levar a lugar nenhum quando não ao ponto de partida, num aparentemente infundável andar em círculos”. Buscando uma saída moral para os problemas que percebia relacionados à educação das meninas, ela se baseou na perspectiva de sociedade da época. Limitada e pensando no contexto latino-americano, o sentimento de Floresta parece ter sido o de viver num mundo onde as saídas anunciadas dificilmente se transformam em saídas de fato. Além disso, para Paz (1984), o mito do labirinto está associado ao mito da solidão. Esse retoma a idéia da expulsão do Paraíso, de um espaço sagrado, que condenou a Humanidade à solidão “o rito de fundação, de cidades ou de moradas, aludem à busca deste centro sagrado” (PAZ, 1984, p. 188). O mito do labirinto simboliza a tentativa humana de retomada do centro do mundo, assim com as obras de Floresta se movimentam no “labirinto” de suas ideias que mostra seu pensamento ambíguo.

Floresta idealizou uma educação moral, a partir do modelo de mães de família, seriam as “matronas esclarecidas” que conduziriam moralmente a sociedade. A religião também deveria ser a base da educação da mulher.

Demonstrava muito conhecimento sobre a realidade das mulheres em diferentes sociedades. Em *Opúsculo Humanitário*, Floresta (1989) deixou claro que era em favor de todas as mulheres brasileiras que escrevia e que era a prosperidade, o alvo de seus trabalhos. Mesmo que ela tenha vivido cerca de vinte e oito anos no exterior e ter conhecimento da realidade das mulheres de diversos países, era pela mulher brasileira que lutava e escrevia. Nessa obra, deixou transcrito como a mulher era educada em diferentes países e apontou os problemas que o Brasil já tinha em seu tempo, considerando, como destacou (SHARPE-Peggy, 1989, p. xxxii) a “educação como meio de superação do problema da inferioridade feminina”. Trata-se de uma obra, que é de suma importância para a história da educação brasileira, pois nela a autora abordou a educação para as meninas, fazendo uma análise da história do Brasil, discorrendo sobre as escolas da época. Além disso, deixou claro o papel da mulher na sociedade, da mãe e escreveu também sobre a menina e a mulher brasileira. Fez alguns apelos aos pais, citando o Colégio Augusto. Para Peggy-Sharpe (1989, p. xliii):

[...] a obra de Nísia Floresta teoriza a prática política de uma específica realidade social, e rearticula essa realidade sob o prisma da experiência histórica das mulheres. Afinal, o sumo do seu projeto é interceder pelas mulheres, desenredar a contradição em que vivem as mulheres- e ajudar cada uma a se fazer mulher.

Ao estudarmos o *Opúsculo*, elencamos algumas referências que Floresta fez: (1) sobre a Educação; (2) sobre o Brasil; (3) sobre as escolas brasileiras; (4) como deve ser a mulher/mãe; (5) sobre a menina/mulher brasileira e iremos, ao longo da pesquisa, demonstrando suas concepções. Na obra citada, ela também traçou o panorama da situação e citou alguns problemas da educação, deixando claro que as meninas deveriam aprender sobre coisas que fossem além dos trabalhos materiais. Evidenciou que a boa educação feminina iria afetar a sociedade em geral, pois segundo suas ideias, se uma mulher fosse educada, a sociedade melhoraria também. Quanto à estrutura dessa obra, cabe destacar que:

Mesmo que o livro não revele nenhuma divisão estrutural externa, tem, contudo uma organização temática interna que se constrói ao redor dos seguintes temas: as condições universais da mulher através da História; a superioridade da educação da mulher européia; a situação da mulher no Brasil; recomendações para

mudar essa situação; e finalmente uma expressão de esperança para o futuro (SHARPE-Peggy, 1989, p. xxxii).

Em “*A Mulher*”, ela narrou o que seus olhos viram em Paris, em 1859. Mostrou o que duas mulheres² vivenciaram em uma aldeia situada a vinte léguas de Paris³. Floresta (1997, p. 87) descreveu que, nesse lugarejo, havia “casas precárias”, “aposentos úmidos”, “assoalhos cobertos de lodo” e que até “pareciam uma caverna”. Um lugar que a avó materna e o pai da criança haviam confiado seu menino, visto que a mãe havia falecido. Nesse texto, Floresta (1997) fez uma crítica às mães que confiavam seus filhos às chamadas “amas de leite”:

Ó mães sem coração, que abandonais os mais sagrados deveres da natureza, destacando de vosso seio os próprios filhos, esta parte de vossa alma, para mandá-los sugar um leite estranho em alguma longínqua aldeia, onde não dais depois o ar de vossa presença! A vós, somente, quero narrar o que vi: ante vossos olhos quero eu delinear o deplorável quadro que partiu-me o coração, e que verbalizará o processo de vossa desnaturação face às gerações porvindouras! (FLORESTA, 1997, p. 87).

O texto deixa claro que a mulher não deveria estar em outro lugar na sociedade. Ela não deveria trabalhar em outro espaço, a não ser o doméstico, devendo amamentar e se dedicar aos filhos. Mesmo que, em outras obras, como no *Opúsculo*, ela fez uma crítica ao fato de as mulheres não ocuparem outros espaços devido ao preconceito dos homens. Considerando que “a tarefa principal da ciência política positivista é a de equilibrar os diferentes tipos de trabalhos a serem executados, e a de propiciar o hábil aproveitamento do interesse de cada um em favor da causa do bem comum” (MARCUSE, 1978, p. 317), vemos que a educação que ela propõe serve para fazer isso. Sendo assim, em ambas as teorias filosóficas, encontramos a ideia de que a mulher se dedicava aos homens e a seus filhos, enquanto o homem ocupava os melhores cargos e exercia o poder. Nísia chegou a questionar esse poder, mas a ideia de que a mulher obedecia e o homem comandava está clara na concepção de Comte e na de Floresta. “Com respeito a isto, Comte acentua a exigência de uma autoridade forte” (MARCUSE, 1978, p. 317). Vejamos Marcuse (1978, p. 318):

² Uma delas é ela mesma e a outra é a avó materna do menino da história.

³ Floresta não menciona o nome das aldeias que lhe proporcionaram material para tal estudo.

A felicidade sob a proteção de um braço forte- atitude hoje tão característica das sociedades fascistas- tão ligada ao ideal positivista da evidência. A submissão a uma autoridade absoluta fornece o grau máximo de segurança.

A narrativa, presente no texto *A Mulher*, de Floresta insiste que as mães permaneçam em casa cuidando de seus filhos e maridos. A “indústria do aleitamento” não era característica apenas dos hábitos dos ricos e isso foi destacado por ela como um hábito maléfico. As mães deveriam honrar o seu papel. Floresta implora para que sejam “dignas mães”. Nesse sentido, Knibehler (1991, p. 376) afirma sobre o aleitamento materno:

[...] a origem da indústria do aleitamento não reside apenas no egoísmo das classes abastadas. Há que recorrer a amas mercenárias para as crianças abandonadas e para aquelas cujas mães são obrigadas a trabalhar. São numerosas nos países católicos, especialmente em França.

Em *A Mulher* (1856), Floresta lembrou a fala de um pai de família que destacou que existiam “asilos para meninos que não poderiam ser criados por seus pais e creches recentemente instituídas para os filhos dos operários que são obrigados a trabalhar o dia todo” (FLORESTA, 1997, p. 107). Mas o que ela problematizava era o fato de mulheres que poderiam estar cuidando e educando os seus filhos, não fazerem isso. Conforme o texto *A Mulher*, as camponesas que aceitavam criar esses pobres pequenos iam buscá-los aos hospícios das cidades ou em serviços especializados. As crianças foram descritas como “débeis” e de pouca saúde. O menino, que Floresta se refere nesse texto, estava quase com três anos de idade e vivia na cabana de uma ama de leite em um alçapão, aos “cuidados” de uma “aldeãzinha”, que supostamente trata-se de uma outra criança. Ela problematizou também o fato de outras crianças cuidarem dos menores, para que seus pais fossem trabalhar. Floresta assim descreveu a situação do menino:

[...] menino abatido, cujos membros e as imundas vestes teriam nauseado qualquer um não afeito a respirar naquela atmosfera impregnada de miasmas, se não se sentisse afeiçoado à infeliz criaturinha que tínhamos diante dos olhos (FLORESTA, 1997, p. 89).
[...] esta, desgraçada criança penava muito para caminhar. Suas pernas debilitadas mal podiam sustentar o corpinho lânguido e enfermiço, fazendo bem ver que nunca lhe foram prestados os cuidados que exige uma tão tenra idade. Seu caminhar era mais um arrastar-se com o corpo: e seu sorriso era a expressão de um longo e resignado sofrimento, mais que o impulso daquele júbilo tão próprio da infância (FLORESTA, 1997, p. 91).

A autora (FLORESTA, 1997, p. 91) critica a negligência da família, que “condenaram-no a vegetar fora do teto paterno”. *Sob o teto paterno é que deveria ser oferecida a educação para as crianças, por isso as mães deveriam estar presentes, já que seriam elas que conduziriam a educação moral dos filhos e filhas.* A narrativa descreve ainda que o menino dormia no chão do celeiro, permanecendo em um cantinho, não estava acostumado a receber atenção. De narradora, ela passa para uma posição de pesquisadora, dizendo que quis obter essa experiência, argumentos para um estudo que ela considerou, naquela época “não totalmente inútil” (FLORESTA, 1997, p. 95). Ela afirmou que aproveitou de sua estadia naquela aldeia, para melhor estudar aqueles hábitos, que mesmo “enjoantes” a ela, lhe interessavam (FLORESTA, 1997, p. 93). Expôs também que teve facilidade em introduzir-se em todas as cabanas e fazer “tagarelar” as amas e as mulheres da vizinhança. Além de fazer alguns pedidos às mães, apelava às esposas, às filhas, implorando às mulheres por uma mudança de seus preceitos morais. Problematicando sobre a tarefa que a mulher deveria cumprir na sociedade, ressaltando os valores morais. Isso mostra o que Floresta (1998, p. 195) deixou registro: “O povo sempre me interessou muito. Gosto de, por toda parte estudar suas virtudes e seus esforços na luta mais ou menos enérgica, mais ou menos contida contra a tirania que o esmaga ou contra a hipocrisia que busca desnaturalizá-lo e evitá-lo”.

A sua concepção de educação estava ligada ao pensamento comteano. Floresta prestou homenagem e lamentou por Comte não ter “inteiramente” “se dedicado a secundar a grande obra do espírito moderno, iniciadora de um porvir melhor” (FLORESTA, 1997c, p. 199). Há “pistas” em *Um passeio no Jardim de Luxemburgo*, de fatos referentes à vida real de Floresta que podem ser percebidos em alguns trechos: “[...] nossos três passeantes, americanos de alma, brasileiros de coração, dedicando-se a estudar a civilização européia (FLORESTA, 1997c, p. 201); ela comentou sobre um dos passeantes (que seria ela): Um deles, tendo sorvido até a última gota o cálice da dor, tinha achado uma espécie de consolação em deixar-se espetar pelos espinheiros que atrapalhavam-lhe os passos, para levar a sua pequena pedra à construção do edifício [referindo-se a reforma na educação] que se levantava para o porvir (FLORESTA, 1997c, p. 195). Se refere a uma “tríplice morte” (FLORESTA, 1997c) que esse passeante havia vivenciado. Podemos entender

como a morte de seu pai, de sua cara metade, Augusto, e de um filho que Floresta tenha tido antes de seu filho Augusto. Com uma linguagem romântica e positivista, Floresta comentou sobre a “mais doce” ocupação desse passeante (ela mesma). Citamos Floresta (1997c, p. 195):

[...] entre as suas mais doces ocupações estava aquela de cultivar as plantas que encerram a semente preciosa [referindo-se às mulheres], de onde sairão as refinadas flores [referindo-se aos filhos (as)] que devem compor a bela guirlanda de que um dia ficará orgulhosa sua ilustre pátria.

Floresta finalizou esse texto com saudade de sua terra natal e dando ênfase no que ela considerava uma “grande obra social”- a reforma na educação. O patriotismo de Nizia fica evidente, e “após um bem ponderado e imparcial exame das vantagens da civilização falaciosa do velho mundo, e daquela que surge fúlgida e espontânea no vasto horizonte do novo mundo” (FLORESTA, 1997c, p. 203), Floresta encerra a sua narrativa se orgulhando de ter um coração brasileiro.

Destacamos o elogio de Blay (1989, p. 10):

Nisia é precursora ao mostrar que a mulher foi envolvida em uma rede: não lhe dão educação pois elas não desempenham tarefas em espaços públicos, e elas não as desempenham pois não são educadas. Daí o círculo que só será rompido com a educação.

A mulher em Nizia é quem possui em seu coração o que ela chamou de “potente motor”, capaz de curar as “chagas gangrenadas” da sociedade. A **ternura** é considerada esse motor potente. A autora afirmou que não basta que a natureza tenha sido cortês com as mulheres ao dar-lhes esse tesouro. “É preciso dirigi-lo bem com uma educação culta e fortificada na prática do dever e na razão, para sabê-lo utilizar **em benefício dos outros**” (nossos grifos, FLORESTA, 1997, p.115). Essa educação proposta por ela está calcada nas práticas dos deveres, sem “frivolidades pueris” (FLORESTA, 1997, p. 115) e sem “obediência vulgar” (FLORESTA, 1997, p. 133). A mulher de Nizia era uma mulher privada de liberdade e, portanto oprimida, mesmo que ela se posicionasse contra a opressão dos homens, as meninas eram educadas para os outros, pois eram privadas de autonomia, independência para viver e decidir sobre suas vidas.

También es opresiva la condición genérica por la definición de las mujeres como seres carentes, capaces de renuncia, cuya actitud básica consiste en ser capaces de todo para consumir su entrega a los otros, e incapaces para autonomizarse de ellos. Esta dificultad de las mujeres para constituye la impotência aprendida (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 36).

As mães possuem um papel importantíssimo na educação que Floresta propunha, pois sabemos que, de fato, a educação não é um fenômeno neutro, sofre com a ideologia e as influências da época:

[...] ela acreditava capaz de, mudando as consciências, mudar a vida material e concreta das mulheres. Os seus estudos, que se dedicam notadamente à educação feminina, tratam da ausência da mulher no mundo, ausência que se dá diante de si mesma, e levantam a tese de que os limites e os modelos dessa educação estão determinados pelos homens, que não querem contrariar os interesses da sociedade em que têm o domínio (SHARPE-Peggy, 1989, p. xviii).

Ao olhar a história da educação, vemos que Floresta avançou em aspectos referentes à educação de meninas, uma temática que ainda não era abordada no Brasil. Havia poucas escolas para meninas, ainda mais com um currículo que lhes oferecia outros idiomas. Seu discurso era de uma educadora e pedagoga, que conduzia meninas para escolas, a fim de construí-las enquanto “cidadãs”. No entanto, as cidadãs de Nizia Floresta estavam sendo doutrinadas para serem obedientes e submissas. A cidadania das mulheres estava baseada no fato de serem “madresposas”. Ela educava meninas para serem mães e esposas “Así, ser madrespasa és un cautiverio construído en torno a dos definiciones esenciales, positivas, de las mujeres: su sexualidad procreadora, y su relación de dependência vital de los otros por médio de lamaternidad, la filialidad y la conyugalidad” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 39). As meninas deveriam seguir o modelo de meninas dependentes, subordinadas e obedientes. Elas aprendiam a ser obedientes e não transgredirem, desempenhando a maternidade e a obediência ao esposo, pois estavam sendo educadas para serem boas moças. Permanecendo, desse modo, em casa e com a família.

A inclusão das meninas no ambiente escolar é um dos principais legados para a filosofia de educação nisiana, além das questões de gênero e da educação moral que aparecem em suas obras. Tratando de uma austera moral, o que era justo para ela no âmbito educacional? O que as obras de Floresta apontaram sobre a sua

concepção de educação moral? Em *Opúsculo Humanitário*, ela faz uma crítica e define a sua filosofia de educação como uma educação moral, baseada nas virtudes. A posição de Floresta se deve ao fato, primeiramente de ser uma seguidora do dogma cristã. Vejamos um de tantos mitos científicos acerca da natureza da mulher, comum no século XIX e que impediam que um pensamento menos androcêntrico fosse possível:

Os biólogos e médicos do século XIX afirmavam que o cérebro da mulher era menor que o do homem e que o ovário e útero exigiam muita energia e repouso para funcionar apropriadamente. ‘Provaram’ que, em consequência, as meninas deveriam ser mantidas longe de escolas e faculdades a partir do momento em que começassem a menstruar e advertiram que, sem esse tipo de precaução, os úteros e ovários das mulheres poderiam se atrofiar e a raça humana se extinguir. No entanto, mais uma vez, essa análise não se estendeu às mulheres pobres que eram obrigadas a trabalhar duramente, mas também eram censuradas por se reproduzirem *demais*. Na verdade, os cientistas interpretavam o fato das mulheres pobres poderem trabalhar arduamente e ainda assim gerar muitos filhos como sinal de que eram mais próximos dos animais e menos evoluídas que as mulheres das classes mais altas (HUBBARD, 1993, p. 27).

A posição de Floresta sobre a condição da mulher, a educação das meninas e as questões morais eram frutos desse tipo de mentalidade. Mesmo as mulheres educadas, “foram socializadas para pensar de certa maneira e se familiarizam com uma estreita fatia de história e cultura humanas, que compreende basicamente as experiências dos homens europeus e norte-americanos da classe mais alta” (HUBBARD, 1993, p. 22). Se isso ocorre há muitos séculos, como poderia Nizia Floresta ter agido tão diferente? Ela demonstra o conhecimento que tinha sobre a realidade educacional no mundo e no Brasil e não nos deixa dúvidas de que sua preocupação foi com a educação das meninas, no entanto, a ideologia da suposta natureza feminina estava impregnada em seu pensamento. Em algumas obras, fomos encontrando quais princípios morais que ela se referia. Percebemos que as *virtudes cristãs*, que ela desejou inspirar na filha se fazem presentes em *Máximas e Pensamentos*, bem como nos *conselhos* dados às educandas e também no seu texto *Fany ou o Modelo das donzelas*. Ela pedia para Lívia levantar pela manhã, e elevar seu pensamento a Deus. Vejamos Floresta (1845, não paginado):

De manhã despertando, ao Céu levanta
Teu espírito, ó filha! assim farás,
Que sobre ti Deus vele, pois não sabes

Se a terra antes da noite volverás!

Algumas virtudes são salientadas, como a da humildade ao pedir para Livia: “Prefere antes passar por ignorante. Que teres o conceito de pedante” (1845, não paginado); “e não creias jamais que sabes tudo” (1845, não paginado). Ao pedir para que Livia “se passe” por alguém que não tinha instrução nos mostra que suas máximas não eram nada emancipatórias. Floresta destacava outras virtudes como importantes: modéstia, dedicação ao estudo, bondade, paciência, ternura, fé, timidez. Tanto Fany quanto Livia, deveriam manter as “virtudes pacíficas” de seu sexo. Como destacou Arendt (2011, p. 117), “a bondade do homem no estado de natureza se tornara um axioma para Rousseau porque ele considerava a compaixão como a reação humana mais natural ao sofrimento do próximo e, portanto, seria o próprio fundamento de toda relação humana ‘natural autêntica’”.

Os argumentos a favor de um modelo de donzela ou exemplo de menina fazem parte de um leque de práticas discriminatórias que ressaltam as mulheres como seres biologicamente incapazes de desenvolver algumas tarefas e próprios para desempenharem alguns papéis na sociedade. Mesmo que, em algumas passagens, os escritos de Floresta nos apontam para um avanço nessa forma de pensar, ela educava as meninas com base numa austera moral, e nada mais fez do que condicioná-las a desempenhar os mesmos papéis que era justificado a partir de sua natureza, de reprodutoras e seres afetivos. O uso da razão era voltado para parir, criar crianças e trabalhar para os homens no espaço doméstico, contribuindo para que esses desempenhassem os seus papéis como legítimos cidadãos. Mas as meninas deveriam usar a razão “sem perder a cabeça”. “Perde a cabeça” significaria romper com os paradigmas e com o modelo patriarcal feminino.

Floresta (1845, não paginado, grifo nosso) ressaltou a Livia “Não desejes brilhar”, pois para ela “da mulher os talentos fazer devem os **encantos domésticos da vida**” ou seja, mais uma vez Floresta colocava a maior importância das mulheres no ambiente doméstico e nas tarefas de cuidado com a família. A filosofia de educação nisiana estava voltada para qualificar o sistema de manutenção do poder patriarcal. Há o reconhecimento dos papéis que tradicionalmente as mulheres desempenharam na sociedade patriarcal, uma sociedade em que os seus saberes não eram reconhecidos como importantes para si mesmas, e sim para viverem para os outros, a partir de suas contribuições domésticas.

Floresta destacou a necessidade da instrução em suas máximas, bem como fez no *Discurso que às suas educandas dirigiu*. Conforme Floresta (1845, não paginado) “as que são ignorantes não possuem. A vantagem⁴ de uma alma bem formada. Despeitosas então, sofrer não podem Aquelas, que instrução tem cultivadas”. A maioria dessas virtudes ela também exalta em toda a obra *Conselhos à Minha Filha*, como é o caso da timidez, mas em *Máximas e Pensamentos*, Floresta (1845, s/) reforça: “do terno coração de uma mulher. É muito belo ornamento a timidez; mil vezes infeliz foi sempre aquela. Que tão bela virtude em si desfez!”.

Nizia Floresta deu conselhos a Lívia para que fugisse do mal e seguisse o bem. Seus pensamentos estavam voltados, para que Lívia conduzisse sua vida de maneira virtuosa. “Para os homens, o mal é um ‘fazer’ que se pode, de alguma forma, ‘desfazer’. Mas, para as mulheres, o mal está em seu ser. Ser mulher já é um mal ou, pelo menos, um limite” (GEBARA, 2000, p.31). Historicamente as mulheres foram intrusas, usurpadoras de alguma coisa que não lhes pertence. Como destacou Gebara (2000), elas fazem mal desejando o saber e, como resposta a esse mal, tenta-se restaurar a harmonia social em forma de castigo, de silêncio, de tortura ou de morte. Mantêm-se os papéis sociais reconhecidos por um tipo de organização social.

Nesse sentido, se as meninas devem ter acesso ao saber, para manter essa organização social, ensinam-lhes a ser virtuosas. No pensamento VIII, de *Máximas e Pensamentos*, Floresta (1845) também aconselhou Lívia a fugir das pessoas indiferentes, pois para ela na alma do ser indiferente a virtude não habita. Alertou a não crer que as pessoas que estavam sempre com o rosto alegre fossem mesmo felizes. Ideia que também aparece quando Floresta explica para Lívia sobre a maneira dos homens tratarem as mulheres. Assim como na obra *Conselhos à minha filha*, Floresta pediu a Lívia que não escolhesse a vaidade. Para ela, “a vaidade destrói as paixões nobres” (1845, não paginado). Como encontramos essas “lições” também no discurso que dirigiu para suas educandas, em 1847, podemos dizer que esses valores e virtudes expostas em obras de cunho moral pedagógico fundamentam o plano de ação pedagógico dela.

⁴ Em Rinaldo Câmara (1964), consta “as vantagens”.

No Capítulo I de *Conselhos a minha filha*, Floresta descreveu sobre o que é ser mãe; sobre a capacidade de uma mãe, contou sobre sua infância e lembrou que, em 1824, vivenciou o horror da Guerra Civil, destacando a dor da perda de seu pai. Percebemos que ela comenta bastante sobre si mesma.

É a ele [o título de mãe], minha querida filha, que eu devo os únicos momentos de uma ventura real, que tenho gozado neste mundo; foi ele que me deu o gosto pelo estudo na esperança de poder gozar um dia da ventura de dar-te as primeiras lições, e que ministrou-me recursos para aplainar as terríveis dificuldades, que se opuseram a que eu me colocasse no estado de poder fazê-lo livre e decentemente, achando-me só no mundo, mulher fraca, sem apoio, e sem fortuna! É enfim a ele, que tu deves tua mãe [...] (FLORESTA, 1845, não paginado).

O que Floresta desejava com seus *Conselhos* era inspirar sua filha a seguir as “virtudes filiais⁵”, que “servem de base a todas as outras” virtudes. No II Capítulo, Nizia mostrou suas “dores”, devido à perda de seu pai e de seu amor, seu falecido marido. Nesse capítulo, Floresta registra que foi seu marido - Augusto, que traçou o plano e os preceitos de educação que ela tentava ministrar a Livia. Esse é um aspecto importante de ser destacado, pois se foi um homem que pensou os preceitos da educação oferecida à Livia e esses são os mesmos conselhos e preceitos encontramos nos conselhos que ela ofereceria às educandas, bem como nos textos *Fany ou o Modelo das Donzelas*, não há dúvida de que Floresta não só fundamentou a sua filosofia de educação a partir de autores, como Rousseau e Comte, como também seguia as ideias de seu marido quanto à educação das meninas. Nizia sofre sim a influência de outros homens, assim como sofreu de feministas, no entanto não podemos considerar o que Isabel Gonsim fez em sua carta, e considerar que toda obra de Floresta foi escrita por seu marido.

Não é surpresa que, naquela época, se esperava que as mulheres fossem mais fracas e menos competentes que os homens, desenvolvendo tarefas domésticas e se expressando apenas emocionalmente. Os homens esperavam menos das mulheres em relação a eles próprios. Se a sociedade era dominada pelo masculino, e seu companheiro, Manoel Augusto de Faria Rocha, um advogado,

⁵ Floresta deixou claro que não tinha pretensão de persuadir virtudes a Livia que ela mesma não possuísse.

homem letrado, da elite a influenciou, o que podemos esperar de avanço no plano que ele traçou para uma educação feminina e que Nizia seguiu?

Ela criticou, no capítulo II em *Conselhos à minha filha*, a vaidade e a definiu como um “vício desprezível”, pedindo para Livia não deixar sua alma se influenciar por esse vício. Esse mesmo pedido Floresta fez, mais tarde, em 1847, às suas educandas, no discurso que lhes dirigiu no final do ano letivo. Para Floresta (1845), “a vaidade só é própria de uma alma baixa, de uma medíocre educação”, era um “monstro devorador das virtudes”. Fany, o modelo de donzela proposto por Floresta, recebia muitos elogios, mas não era vaidosa. Descrevendo suas virtudes, Floresta (2009, p. 96) afirmou:

Ela estava certa de que a obediência filial e o desempenho exato dos deveres de uma donzela era uma lei que Deus escrevera no coração desta, e estranhava que o simples cumprimento desta lei pudesse atrair-lhe tantos elogios. Demais, o monstro devorador das qualidades das mulheres, a desprezível vaidade, não havia infeccionado a sua alma cândida com seu pestilento hábito; e quando nos salões ela ouvia o seu elogio passar de boca em boca, o mais lindo rubor lhe assomava às faces e procurando ocultar-se por entre as outras, dir-se-ia que ela havia cometido alguma falta que desejava subtrair aos olhos de todas.

Floresta ofereceu *Conselhos* de como deveria ser e se comportar uma moça, pedindo que Livia fosse natural, simples e amável, vejamos a citação abaixo de Floresta (1845, não paginado):

Sê pois sempre natural e simples: a simplicidade deve presidir às ações e ornatos de uma jovem em todos os estados e circunstâncias da vida, pois que ela é a filha primogênita da virtude. Sê amável sem pretensão de agradar, procura sê-lo para tua mãe, tua família, tuas companheiras, e todos enfim que te rodeiam; mas não ambiciones sê-lo para ouvir-te louvar. Possa a vaidade, esse terrível escolho da mocidade, em que tantas vezes tem naufragado a inocência mesmo, te não assomar nunca!

Ao aconselhar, Floresta definiu o verdadeiro sábio, como aquele que “julga mais ignorar” (FLORESTA, 1845, não paginado) e aconselha sua filha a estudar. Floresta (1845, não paginado) afirmou: “bebendo as saudáveis lições da sabedoria, procure dar um dia a seu espírito o realce das virtudes que tanto o enobrecem, e que é o único a torná-lo digno da estima e respeitos da sociedade”. Ela pediu para Livia seguir as práticas das virtudes inerentes à sua idade, implorando por amor e

obediência filial. Em *Conselhos à minha filha*, se refere à Deus, enfatiza o uso da razão e da felicidade. Para Floresta (1845, não paginado, grifo nosso):

O mau, minha filha, não pode ser jamais feliz, embora o pareça, pois **a felicidade é sempre o resultado da virtude**. Faze com que tua conduta sempre esteja de acordo com a consciência, dirigindo tuas ações conforme os ditames da sã razão, para que tua alma goze de uma calma que é preferível a todas as grandezas do mundo.

As meninas deveriam viver como santas e se assemelharem à imagem de anjos na terra, não podendo subverter a ordem. Estavam submetidas ao poder dos homens, sendo educadas a preservar e a não corromper os costumes. Obediência era uma virtude que muito realçava uma filha na filosofia de educação nisiana. Floresta (1845, não paginado) implorou:

Obedece, porém por amor de ti mesma e não porque temas as repreensões de tua mãe e mestres que debes olhar com igual respeito, enquanto ouvires suas lições. Obedecer por um temor puramente servil ou por força, é uma obediência de escravo que deixa então de ser virtude. Obedece pelo prazer que te deve resultar de haveres preenchido os teus deveres. Da mesma sorte pratica o bem unicamente pela doce satisfação que disso te deve ficar e foge do mal pela dolorosa impressão que ele deixa na alma do que o pratica, e pelas funestas consequências que o seguem.

As meninas estavam sendo educadas por Floresta a cumprir as tarefas domésticas, enquanto filhas e depois como esposas, deveriam sujeitar-se à vontade ou à autoridade primeiramente dos pais e depois do marido. Elas eram doutrinadas a não resistirem a tudo o que a sociedade poderia oferecer e que pudesse disvirtualizá-las dessa rígida educação moral, por isso, era fundamental que fossem modestas, obedientes e humildes, assim as meninas não iriam fazer nada além do que “a natureza” reservou a elas. Seriam excelentes mães de família, saberiam como ninguém receber ordens e executá-las, pois foram educadas para serem submissas à vontade dos pais e dos homens.

A menina era educada a partir da filosofia de educação nisiana para atender às necessidades de outras e, por isso, Floresta destacava a “providência” que as meninas deveriam tomar na sociedade em suas obras moralistas. Viver para os outros era o objetivo dessa educação e, em *Fany ou o Modelo das Donzelas*, encontramos uma descrição que nos aponta como deveria ser o comportamento

das meninas, a partir dessa educação. Vejamos como Floresta (2009b, p. 100) se posicionou:

Foi então que Fany desenvolveu grandemente todas as virtudes de seu sexo: animava com as suas doces carícias a mãe abatida, cuidava dos irmãos, prestava socorro aos que caíam feridos aos seus pés, rompendo suas roupas para estancar o sangue que corria de suas feridas, e impondo um religioso respeito aos soldados, que a contemplavam tão bela, e tão jovem no meio deles!

Essa dedicação com o outro era fundamental para obter a ordem social. No capítulo VI, de *Conselhos à minha filha*, Floresta enfatiza Deus, condescendência, resignação, bondade, solícitude e caridade. Na Itália, Floresta (1998, p. 76) destacou a caridade como a virtude “que nos aproxima mais da Santa Mãe do Cristo, este eterno feminino”. Além disso, Floresta (1998, p. 81) também ressaltou:

A caridade, quando pode ser escamoteada aos olhos do mundo, tem uma dupla vantagem para aqueles que a praticam de coração: é que nenhuma lisonja vem perturbar a suave quietude de nossa consciência, insinuando uma idéia qualquer de vaidade, que possa acariciar nosso amor-próprio, à revelia de nossa própria vontade.

Floresta (1845) pediu para Lúvia decidir sempre pelo oprimido, e lembrava que “os desgraçados têm incontestáveis direitos à nossa proteção e amizade” (não paginado). A bondade parecia ser uma de suas grandes virtudes, além de pedir para ela se acostumar a não julgar as pessoas pela aparência, Floresta (1845, não paginado) dizia assim:

Quando porém qualquer desgraçado implorar teu auxílio, corre a socorrê-lo, sem indagar se a sua desgraça é ou não merecida, nem te importe pela forma com que ele se apresenta, assim como com o que poderão dizer em seu desabono aqueles que, gozando no mundo de todas as comodidades, nem ao menos se lembram que seria possível operar-se uma mudança que os fizesse partilhar igual destino!

A mulher, agindo dessa maneira, seria um exemplo para a humanidade. Na filosofia de educação nisiana, baseada na sua proposta de educação alternativa para as meninas, encontramos predomínio de características afetivas. Floresta pedia por *humildade, paciência e generosidade* à Lúvia, sua filha. Citamos Floresta (1845, não paginado):

Demais, lembra-te sempre que, por mais elevada que seja a tua educação, terás defeitos, pois que pertences à espécie humana: e para que eles sejam menos sensíveis, debes procurar suportar paciente e generosa os dos outros, a fim de que tenhas para com eles iguais direitos.

A afetividade feminina é a base da sua filosofia moral e expressa a permanente carência e renúncia feminina. Peggy-Sharpe (1989) lembra que “os brasileiros haviam herdado dos portugueses o costume muçulmano de pôr debaixo de chave as mulheres, de rodeá-las com escravos, e de abandoná-las na ociosidade e na ignorância” (SHARPE-Peggy, 1989, p. xxxv). Floresta tinha consciência disso e, em diversos conselhos, que escreveu a Lívia, pedia que sua filha não se encantasse com as futilidades daquela época. Floresta (1845, não paginado) queria que ela fosse generosa e definia a generosidade como um “sentimento sublime, digno de uma alma bem formada”. Exaltava também o *sentimento de gratidão* e se posicionava contra o sentimento de vingança. Floresta (1845, não paginado) definia a vingança como “um sentimento que deixa a alma que a exercita inabilitada para conceber qualquer sentimento virtuoso”. Todos esses pedidos nos fazem pensar em uma educação oferecida em conventos, em que as meninas são doutrinadas segundo a imagem de “santas”. Lívia deveria seguir e respeitar os conselhos da avó. Em *Conselhos a minha filha*, ela pediu para sua filha ser atenciosa com os mais velhos. Afinal, a escuta feminina e a obediência são também destacadas:

Sus conocimientos genéricos no interesan a nadie en lo público, y ellas carecen de conocimientos públicos para intercambiar. Por eso son buenas escuchas y ésta es una cualidad exigida a las mujeres por los hombres en el marco de la cultura patriarcal (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 308).

Floresta contou à sua filha que havia, no mundo, diferentes tipos de admiradores das mulheres: um tipo comum e outro extremamente raro. O primeiro tipo que costumava lisonjear a vaidade vê as mulheres como flores, que se colhe para servir aos sentidos. Desses, Floresta (1845) pede para Lívia “fugir cautelosa”. Chamava a atenção para o que eles diriam a ela: “que és bela como a rosa, engraçada como as ninfas”, entre outros elogios, mas que, no fundo, não acreditavam no potencial das mulheres, especialmente para os estudos e as ciências. Já o outro “tipo”, o que ela chamou de “sorte de admiradores”, diz respeito ao homem que Nizia recomendava à sua filha, isso quando a razão de Lívia tiver

desenvolvido: “aqueles que menos te falarem de tuas qualidades, e te admirarem em silêncio, serão justamente os que mais convencidos estarão delas. É estéril a linguagem da modéstia, enquanto a da lisonja demasiadamente fértil” (FLORESTA, 1845, não paginado). O marido deveria ser também virtuoso, da mesma maneira que o Emílio de Rousseau era.

O suposto marido de Lívia teria de ter um aspecto sisudo, expressões honestas. Seria um homem acessível e a sua inteligência discriminaria profundamente as fraquezas das mulheres e as elevações das mesmas. Além disso, para Floresta (1845, não paginado), “o homem sério não abusa de uma posição”. Os homens hipócritas também foram alvo de Floresta que chamava a atenção de Lívia para com “esses detestáveis seres, que sabem a seu grado manejar as armas de uma aparente modéstia, a fim de que possam mais seguramente chegar a seus fins, e fazer cair sobre ti os tiros da maledicência” (FLORESTA, 1845, não paginado). Floresta pregava uma filosofia dos costumes. Deixava claro quais os valores fundamentais para a educação das meninas. A sua filosofia da educação foi fundamentada nesses valores apresentados como fundamentais, na conduta de sua filha Lívia. Floresta (1845, não paginado), afirmou:

[...] eu quis ajuntar a eles os quarenta pensamentos [referindo-se a Máximas e Pensamentos] que, te sendo por mim igualmente dedicados, te farão, pelo número, pensar naquele período de minha vida, em que tanto me tens ouvido falar, almejando atingi-lo na esperança de contemplar-te então um modelo das virtudes que me hei esforçado sempre por te inspirar-te.

A educadora e mãe Nizia Floresta apelava para a prática de virtudes femininas. O conhecimento que as meninas devem aprender são aqueles que tradicionalmente as mulheres acumularam e que serviram para atender aos outros, como: cuidar dos idosos, enquanto meninas devem contribuir nas tarefas domésticas e, quando crescerem, assumi-las, a caridade, o altruísmo, saber fazer o bem. O cuidado com os idosos foi ressaltado também na sua obra *Opúsculo Humanitário*, em que Floresta (1989, p. 20) enfatiza esse “respeito tributado à velhice, tão rigorosamente exercido pelos espartanos, tão menoscabado nas gerações presentes do Sul”. Ela teceu elogios ao povo germânico, pois eles conservavam o respeito e o amor pela família. Para Floresta (1989, p. 21):

Estes princípios foram de tal sorte infiltrados no coração e no espírito da mocidade, que, apesar da degeneração dessas raças e do filosofismo que contaminou o século XVIII, ainda constitui atualmente a superioridade da educação do homem do Norte sobre a educação do homem do Sul. As mulheres deveriam naturalmente participar dessa salutar influência e serem, portanto, o que na realidade são: melhores esposas, melhores mães, pensadoras mais profundas, mulheres mais completamente educadas do que o são em geral as mulheres do Sul.

Ao ressaltar a educação do povo alemão, Floresta declara que a sua concepção educacional está de acordo com os costumes patriarcais. Citamos Floresta (1998a, p. 174, grifo nosso):

A educação conservou aqui, em grande parte, os costumes patriarcais, sobretudo nas cidades e campos mais afastados do contato com os estrangeiros imbuídos do fluido elétrico do pretenso progresso moderno. É um prazer, nestes lugares, contemplar um lar, estudar a mãe de família, o pai ou a avó. É bom ouvir a conversa singela da moça instruída e trabalhadora, escondendo como a violeta, sob o véu da modéstia, o perfume das qualidades preciosas que ele mesmo ignora.

Ela destacou o povo inglês em seu *Opúsculo*, conforme suas observações, esse povo oferecia liberdade às mulheres e os meios para elas seguirem os homens nos progressos da civilização moderna. Conforme Floresta (1989, p. 23):

A mulher inglesa, educada nos severos princípios de uma sã e esclarecida moral, dá provas, desde sua mais tenra mocidade, de uma discrição e modesta altivez, que as mulheres das outras nações lhe não podem disputar. Gravando-se-lhe no espírito, quase logo ao sair do berço, a consciência de sua própria dignidade, ela compreende muito cedo a nobreza do sexo a que pertence e a importância do cumprimento de seus deveres.

O sentimento de amor ao próximo é consequência de suas virtudes, como a humildade, afetuosidade, simplicidade e amorosidade. Sendo assim, segundo a filosofia de educação nisiana, as meninas seriam felizes, pois não se apegariam ao mundo supérfluo e as riquezas materiais. Trata-se de um modelo de mulher cristã e submissa. Em *Conselhos a Minha Filha*, Floresta esclareceu quais são os princípios morais que envolvem a atitude virtuosa, que ela apontou também em outras obras. A escuta ao coração era um importante pilar da sua filosofia da educação, alicerçada com os valores morais. Vejamos Floresta (1845, não paginado):

Consulta o teu coração quando acabares de fazer qualquer benefício e o sentirás tão satisfeito! Tão tranquilo! Mas se tiveres a infelicidade de fazer sofrer ao teu semelhante, teu coração cerrar-se-á, e o pior dos tormentos, de que falei-te acima, virá dilacerá-lo!

Valores religiosos, uso da razão para o bem, paciência, generosidade, condescendência, bondade, solicitude, atenciosidade, benevolência, prática do bem, ternura e gratidão eram ensinados às meninas. Floresta (1845, não paginado) definiu gratidão como a “virtude sublime que tanto honra a humanidade! O ser que te não conhece é incapaz de outra qualquer virtude!”. Floresta (1845, não paginado) explicou para a Livia que *virtude* “é o mais precioso dom da vida, o primário, o mais poderoso atrativo de uma jovem, e o único escudo com que poderás triunfar das infelicidades da vida!”. As virtudes cristãs estavam presentes em seus argumentos. Floresta (1845) ressaltava que a caridade era a “primeira das virtudes cristãs”, uma virtude teológica e tratava-se de um amor voltado para o bem de outras pessoas. A prática da caridade estava relacionada com a beneficência e a filantropia e tratava-se então de praticar a benevolência e complacência. Para Floresta, eram as virtudes cristãs, baseadas na religião que esperava inspirar em sua filha e lembrava que tudo são escolhas nesta vida ilusória. Assim, o sentimento de caridade contribuiu para o entendimento de que as meninas deveriam viver para os outros, se dedicando primeiramente ao teto paternal, ao cuidado com os familiares e depois, com seus filhos e esposo.

Com esse modelo de mulher, a sociedade buscava garantir a ordem, pois ela educaria os filhos e os homens, além de também trabalhar para o bem dos outros, sendo uma espécie de cuidadora da humanidade, um anjo que traria paz e conservaria a ordem social. O *Discurso que Nísia Floresta dirigiu às suas educandas* também é um texto moralista, vejamos Floresta (2009, p. 105, grifo nosso):

[...] incansável⁶ procurei colher para vós, de meu último adeus de preceptora, enfim, àquelas dentre vós, que concluindo hoje a vossa educação, voltais ao seio de vossas famílias, e ides entrar em um mundo, onde tudo temo por vós! Jovens, muito jovens ainda para bem terdes refletido nas vantagens da austera moral, que se vos tem aqui procurado ensinar, vossos sentidos, e talvez vossos corações achar-se-ão surpreendidos aos primeiros sons, que a corda da lisonja vibrar, e magicamente ecoar em vossa sensibilidade! Então todas as nossas lições serão perdidas se vos não escudardes com a Égide da modéstia, que

⁶ O termo “incansável” foi usado pela própria Nísia no discurso que ela dirigiu às suas educandas em 1847.

sendo a mais bela e aromática flor, das que compõem a coroa da virtude, dá às qualidades da mulher o verdadeiro realce, que a torna no mundo de todos apreciada.

Esse excerto demonstra a preocupação dela com a imagem da menina, que deveria ser apreciada pela educação, modéstia e prática das virtudes. Sendo virtuosa, simples e despretensiosa, a menina se transformaria numa mulher que saberia a importância dos “sagrados deveres de esposa e de mãe”. A austera moral, trabalhada por ela nas suas escolas seria o caminho para ter meninas virtuosas. Mas, por que as meninas deveriam ser tão modestas? Porque assim, elas estariam aprendendo a ser despretensiosas numa sociedade que só teria lugar para os homens ricos. As meninas eram educadas assim para serem comedidas em suas ações, elas não deveriam “perder a cabeça”, na medida em que usassem a razão. Por isso, o uso da razão na filosofia de educação nisiana estava voltado para as meninas não “perderem a cabeça”. Nesse sentido, podemos ver o quanto que a sua proposta educacional pensada para meninas tinha uma concepção tradicional de conduta feminina, tratava-se de meninas simples, sem vaidade, ambição e/ou pretensões. Seriam, desse modo, educadas para desenvolverem apenas o papel de mães e esposas e deveriam, portanto, ter uma conduta contida e ações limitadas.

Numa visão androcêntrica, ela tomou como referência o masculino e afirmou que a mulher era destinada “pelo Criador” a amenizar a existência de seu semelhante. O homem tomava lugar de destaque e de poder, porque em “sublime missão” e “sagradas obrigações” a mulher teria o papel de cuidar, consolar e emanar paz. Floresta (2009) enfatizou também a importância da “instrução” para o sexo feminino. As virtudes filiais eram destacadas e ela deixava claro que acreditava que as meninas seriam reconhecidas com mérito devido à sólida instrução que receberiam. Recomendava o estudo de boas obras nas horas vagas, para que a “ociosidade não venha assaltar com os seus terríveis efeitos”. Ela acreditava que as meninas não deveriam se ocupar da vaidade. A missão da mulher estava no casamento, assim, “a ideia de que a missão da mulher é o casamento e a procriação conduziu não propriamente a uma qualificação da força de trabalho feminina, mas a uma especialização que destina as mulheres das camadas intermediárias da sociedade às ocupações subalternas, mal remuneradas e sem perspectivas de promoção (SAFFIOTI, 1976, p. 57). No final do discurso que fez às suas educandas, Floresta (2009) encerrou com o mesmo tom que iniciou, destacando que se as

meninas seguirem o que ela havia dado como lições, elas iriam adoçar o “acre do magistério”, que “por gosto” ela havia adotado e lutado com inúmeras dificuldades. Ela deixou claro que lutava com “inúmeras dificuldades” e que precisava descansar, pois o caminho da ciência estava muito difícil.

Mas como deve ser a educação das mulheres, segundo a obra *Opúsculo Humanitário*? Nessa obra, Nizia seguiu a mesma ideia de educação moral e religiosa, que serviu como base de toda a instrução da mulher, já que ela iria desempenhar futuramente o papel de educadora da humanidade, aquela que melhoraria os problemas sociais e conservaria a ordem social. Tratava-se de uma educação que criticou os “severos jesuítas” e os “mestres charlatões”. Exaltava o rigor da educação doméstica, defendendo que as brasileiras deveriam aprender a ler e a escrever, numa época em que o analfabetismo era característica do Brasil. O ideal de menina virtuosa e educada nos princípios morais foi apresentado nas obras “Máximas e Pensamentos” (1832), “Conselhos à Minha Filha” (1842), “Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta” (1847) e “Fany ou o Modelo das donzelas” (1847).

No *Opúsculo Humanitário*, mostrou uma preocupação com a parcela da população feminina sem recursos que, como ela mesma, afirmou “o seu abandono a expõe aos mais tristes extremos, não possuindo o prestígio de um título nem as galas da riqueza, que disfarçam e fazem mesmo desculpar os vícios abrigados nos salões” (FLORESTA, 1989, p. 131). Quando ela escreveu essa obra, ela já estava mais madura, havia vivenciado diferentes realidades sociais e sofrido algumas perdas. É no *Opúsculo Humanitário* que ela deixou claro o tipo de educação feminina que lutava- uma educação religiosamente moral. Ela exaltava os preceitos cristãos e a educação religiosa e moral, educando dentro dos moldes das “famílias patriarcais”, avançando em algumas críticas. Para ela, as mulheres permaneciam como “diamante lapidado”, devido a uma educação que ocultava o verdadeiro brilho da jovem brasileira. Fez a crítica a ações femininas tão valorizadas no seu tempo, destacando que:

Saber habilmente manejar os bilros com que faziam grosseiras rendas, girar o fuso para reduzir o algodão a grosso fio, pegar na agulha sem o conhecimento dos delicados trabalhos que dela se pode obter, conhecer o ponto da calda para as diferentes comptotas e doces secos, laborar a lançadeira do tear, bambolear a pequena urupema e a fina peneira para preparar depois as massas, colorir as

escamas dos peixes ou adaptar as variegadas penas dos lindos pássaros tropicais à simetria das flores que fabricavam com umas e outras etc. – tais eram geralmente as ocupações que revelavam o talento da jovem brasileira (FLORESTA, 1989, p.55).

Encontramos em *Opúsculo Humanitário*, uma crítica às escolas particulares existentes em sua época, dizendo que, em todos os pontos do Brasil, qualquer homem ou mulher que soubesse ler, julgava-se logo habilitado a arrogar o título de diretor de colégio. Ela provocava reflexões aos sistemas políticos e econômicos da época, vejamos o que Floresta (1989, p. 2 e p.43) questionava quanto à educação: “povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?” Se os liberais defendiam reformas sociais, via na educação das meninas a reforma mais urgente a ser feita no Brasil. Floresta (1989, p. 43) esperava a “universalidade do aperfeiçoamento da ideias, em ordem a fraternizar todos os povos da terra”. Ao mostrar como as mulheres foram tratadas ao longo da História, ela deixava claro que educava para formar um tipo de mulher: a burguesa cristã. Para ela, a educação das mulheres estava estacionada em países como o Brasil, pois “a natureza enriqueceu os seus mais belos dons. Ela educava as meninas, pois acreditava na “influência que tem a educação das mulheres sobre a moralidade e a civilização dos povos” (FLORESTA, 1989, p. 19). Trata-se da mesma perspectiva comteana, em que encontramos uma mulher idolatrada na sua função de mãe e esposa.

Temos também em *Opúsculo Humanitário*, a opinião de Floresta quanto à educação e as classes sociais de brasileiros: rica e pobre. Mostrando que, já no seu tempo, a primeira gozava dos favores da fortuna, a segunda atingia pela inteligência ao cúmulo da glória que dão as artes e as ciências. Para ela, não havia limites regionais, ela não analisou apenas a educação das mulheres de algumas regiões de nosso país, mas sim de todo o Brasil. E demonstrando o seu fervoroso patriotismo, acreditava que o povo deveria ter o mesmo interesse comum, para viver em fraternidade.

Dessa maneira, acreditava que tendo o Brasil duas classes sociais: a rica e a pobre, ambas poderiam prosperar. Assim, a educação moral, a educação virtuosa e o trabalho fariam com que a nação brasileira se tornasse melhor. Comte também justificava as diferenças sociais na necessidade de um estado hierarquizado, em que cada um tinha o seu papel e desempenhava o seu trabalho para o bem da

humanidade. Em ambos intelectuais, a ideia de “estática social” estava presente, pois desejavam a ordem. E tendo ordem, haveria progresso na concepção de ambos. A educação das meninas é pensada para o mesmo fim: tornarem-se “matronas esclarecidas”. Ela justificava as classes sociais devido às aspirações humanas no curso da História. Para Floresta (1989), o clero, o governo e a família deixavam a desejar em relação à educação brasileira. Para Floresta, o povo brasileiro é “dócil, “modesto” e “generoso”, esse é o “verdadeiro caráter natural desse povo”. Mas a falta de educação traz alguns vícios (preguiça, ócio, falta de fé, gosto por futilidades, falta de compaixão, falta de amor, falta de respeito, entre outros) fraquezas que seriam combatidas com a educação moral, religiosa e severa proposta na sua filosofia de educação.

Com relação ao povo brasileiro e se tratando mais especificamente das mulheres, as indígenas foram consideradas, por Floresta, como mulheres dignas, repletas de virtudes inatas e exemplo de heroísmo. Essas mulheres eram exemplos na filosofia de educação nisiana, pois não abandonavam seus filhos e porque onde andavam, eles estão ao seu lado. Em sua obra *Viagem Magnética*, Floresta (1997f, p. 165, grifo nosso) afirmou:

Eu os vejo daqui, em seu estado natural: os homens munidos de flechas pontudas, que levam suspensas aos arcos flexíveis; **as mulheres a caminhar encurvadas sob a preciosa carga de suas crianças que por toda parte levam qual tesouro caríssimo**. Estes são os infelizes aborígenes, aos quais os homens da civilização tudo arrebataram, e obstinam-se ainda a perseguir até dentro dos últimos recessos de suas inacessíveis florestas. Esta é a mãe selvagem, **mais tomada por sentimentos maternos**, que tantas mães civilizadas do grande mundo.

As indígenas eram a representação dos “sentimentos maternos” que Floresta tanto lutou para preservar. As indígenas são exemplos de dedicação e fidelidade, consideradas aptas para todo o gênero de trabalho e artefatos, bem como para a educação da sua família. Vemos assim o modelo de mãe, a “digna missão” sendo desempenhada por essas mulheres. O “espírito” feminino era aquele voltado para a caridade, para o outrem, bem como propôs Auguste Comte. As indígenas tinham todos os atributos de uma “digna mãe”, pois viviam para os outros, todos os instantes de seus dias. Passavam com seus filhos pendurados em seus corpos, não tinham recursos básicos e tampouco educação. Elas trabalhavam com artesanatos e

no espaço doméstico e se dedicavam exclusivamente a educar a sua família. Vejamos a descrição das mulheres brasileiras, feita por Floresta (1989, p. 159, grifo nosso):

Não vos diz a consciência que a mulher nascida nesta vigorosa terra superabundante de magnificências naturais, respirando sob um céu radiante, no meio da poesia de tão admirável natureza, não se pode limitar ao papel que tem hoje representado? Não sentis que a sua missão nesta parte da América civilizada, tão balda ainda de instituições caridosas, não deve ser a de recolher factícios triunfos tributados à matéria, quando **o seus espírito pode e deve pretender a elevar-se a mais dignas e nobres aspirações, promovendo na terra o bem do seu semelhante?**

A indígena era o exemplo de mãe, a mulher educada para cuidar da terra, dos filhos e do marido, contribuía para melhorar os costumes viciosos que o povo tinha e servia como exemplo para uma reforma nos costumes. Acreditando nisso, o *Opúsculo Humanitário* foi finalizado com as seguintes palavras: “educai, para isto, a mulher e com ela marchai avante, na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos a mais remota posteridade!” (FLORESTA, 1989, p. 160). Entende-se: educar, moralmente e de maneira patriarcal, para que a mulher contribua com seu papel de mãe e esposa.

Floresta tinha conhecimento da vida das mulheres em outros países, os problemas sociais de diversos lugares, como Ásia, Oceania, África, América do Norte e Europa foram apontados em *Opúsculo Humanitário* e o desejo de conquista, e a “glória das armas” foram criticados nessa obra. Ela deixou claro qual o papel dos pais na educação de seus filhos, dizendo que o rigor, castigos e a punição com relação às desobediências domésticas, não deveriam ser dados por estranhos. Para Floresta, deixar a responsabilidade da educação somente para as escolas ou empregados da família demonstra a fraqueza dos pais que são comparados por Floresta (1989, p. 77), no capítulo XXXIII, como um “sadio e vigoroso dono de um terreno fértil”, mas que inculto pela preguiça de seus braços, vai pedir ao seu vizinho, a quem falecem iguais vantagens, o alimento necessário para a vida. Ela fez uma crítica a quem, até então, havia versado e tratado sobre a educação:

Todos os que têm escrito sobre a educação da mulher, pregando tão errôneas doutrinas e considerando-a debaixo do ponto de vista puramente material, não tem feito mais do que tirar-lhe toda a dignidade de sua natureza (FLORESTA, 1989, p. 61). [...] Mas a educação da mulher permaneceu como nos férreos tempos coloniais:

isto é, entregue aos cuidados de ineptos pedagogos femininos ou à direção das mães no seio da família, onde a menina aprendia tudo, menos o que pudesse torná-la digna, mais tarde, de ser colocada na ordem de mulher civilizada (FLORESTA, 1989, p. 67).

Floresta (1989, p. 56) denuncia que “nenhum recurso podia o Brasil oferecer a mulher que desejasse cultivar a sua inteligência”. Naquela época, Floresta já escrevia sobre a ausência de escritos sobre história de mulheres: “não é na história de nossa terra que iremos estudar a situação de nossas mulheres, porque infelizmente os poucos homens que têm escrito apenas esboços dela não as acharam dignas de ocupar algumas páginas de seus livros” (FLORESTA, 1989, p.47). Vemos que a crítica à maneira sexista de escrever era feita por ela, mas nem mesmo a sua percepção frente a isso fez romper com essa lógica.

No *Opúsculo*, mostrou como deve ser a “instrução” das mulheres, apontando a importância da educação feminina, trata-se de uma obra mais densa, enquanto as outras obras nos apontam as virtudes femininas idealizadas por ela, e nos deixa claro de que tipo de educação estava defendendo- uma educação dos costumes, baseada numa austera moral. Floresta considerou mais seguro que as meninas fossem educadas com uma “educação moral”. Mas, se ela tinha percepções e pode ser considerada uma visionária, por que essa educação patriarcal seria “mais segura” para as meninas? Essa educação garantiria a ordem social e porque se aproxima da filosofia positiva, e que é positiva “no sentido de afirmarem uma ordem estabelecida como base para a negação da necessidade de construção de uma nova ordem” (MARCUSE, 1978, p. 315). Mesmo que “a inteligência, que não tem sexo, pode ser igualmente superior na mulher [...]” (FLORESTA, 1989, p. 63), a inteligência feminina serviria na conservação da ordem dentro do espaço doméstico. Ela criticou os antepassados que não tiveram um propósito firme com a educação, pois não incluíram as mulheres. O propósito da inclusão das mulheres só foi pensado por ela como mantenedoras da “ordem estabelecida”, trata-se de um propósito moral, aquele que consolida a educação submissa dos povos .

Educar, a partir da questão moral, não era algo incomum no tempo dela. Esse tipo de educação estava voltado para o tipo de sociedade da época e ao ideal de família que se buscava ter, para então, haver uma ordem social. A hierarquização, a dominação de uns sobre os outros e a desigualdade que existia, a partir das diferenças era comum. Comte foi um intelectual que exerceu forte influência em seu tempo e, mesmo após a sua morte, deixando seguidores de sua “religião”.

Encontramos aproximações entre a máxima que baseia tanto a moral positivista quanto a filosofia de educação nisiana, que é *viver para outrem*. O altruísmo está presente tanto na filosofia de educação nisiana, quanto nas ideias de Comte. Vejamos algumas correntes do pensamento que influenciaram a filosofia de educação nisiana e de que maneira isso se desencadeou.

3.2 Algumas Correntes de Pensamento Ditadas por Homens que Influenciaram a Filosofia de Educação Nisiana e os Colégios fundados por Floresta

As filosofias políticas que influenciaram a autora – a filosofia da Ilustração, o Idealismo Romântico, o Positivismo e o Utilitarismo – merecem ainda outros estudos que observem como mais atenção como precisamente são assimiladas por ela, quais os pontos comuns entre estas filosofias e em que aspectos se distanciavam, tornando-se por vezes até contraditórias. Ao lado de tais questões, ficam por examinar os modos pelos quais Nísia Floresta resolveu em sua obra estas influências (DUARTE, 1995, p. 330).

Devemos aos biógrafos (as) de Floresta o caminho apontado que motivou essa pesquisa. Na biografia escrita por Câmara, encontramos a informação de que Floresta relacionou-se com homens célebres: Lamartine, Comte, Azeglio, Manzoni, Alexandre Herculano, Duvernoy. Câmara mostra algumas referências que fez ao Augusto Comte, Alexandre Herculano, Manzoni e Lamartine, Duvernoy. Que aproximações há entre Floresta e esses autores? Silveira (1971, p. 66) enfatizou essas aproximações:

Intellectual, durante toda sua longa vida, passada boa parte no Rio de Janeiro e na Europa, teve oportunidade de privar com notabilidades como: Lamartine, Littré, Dumas, Saint Hilaire, George Sand, Victor Hugo, Alexandre Herculano e, principalmente Augusto Comte. Com esse último manteve interessante correspondência⁷. Depois, abraçando a causa italiana, também se relacionou com Mazzini, Cavour e Garibaldi.

Floresta escreveu muito sobre o Brasil nos países por onde andava, desmistificando a visão que os europeus tinham de nossa terra e também salientava que muito do que se tinha como ‘novo’ no âmbito educacional europeu; no Brasil, também havia. Comparou a educação dos países europeus e a do Brasil. Na tarefa de educar, deixou escrito, no *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta*

⁷ Ver: “Cartas de Nísia Floresta & Augusto Comte”, organizadas por Constância Lima Duarte (2002).

Brasileira Augusta (1847), que o caminho da ciência era difícil. Floresta foi influenciada por quatro correntes do pensamento (concordando com Duarte, 2010): a *Filosofia da Ilustração*, o *Idealismo Romântico*, o *Utilitarismo* e o *Positivismo*. Inspirada nessas correntes filosóficas, que estavam em voga na metade do século XIX, começou sua produção teórica no ano de 1831. Em *Espelho das Brasileiras*, um jornal dedicado às senhoras pernambucanas do tipógrafo francês Adolphe Emille de Bois Garin, ela começou a aparecer como escritora. Durante trinta números do jornal (de fevereiro a abril), ela colaborou com artigos que tratavam da condição feminina em diversas culturas. Mas é, em 1832, com apenas 22 anos, que ela publicou o primeiro livro, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, inspirada no livro *Vindications of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft, obra de cunho feminista, na *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, de Olympia de Gouges e em outras obras européias.

Mas houve um preço por tal pioneirismo. Seu nome foi envolvido pelo manto do esquecimento e durante algumas décadas não se ouviu falar dela. O pouco que se ouvia estava marcado pelo preconceito, ou impregnado da surpresa dos que se deparavam com uma história de vida como a sua, e a novidade de suas reflexões. Viver à frente de seu tempo vai custar-lhe o não-reconhecimento do talento: por isso seu nome não costuma ser citado na história da Literatura Brasileira, como escritora romântica, ou na História da Educação feminina, como educadora (DUARTE, 2006, p. 19).

Qual a influência desses intelectuais na produção de Nizia Floresta? Rousseau escreveu em favor de direitos humanos, mas se suas ideias eram baseadas na busca por direitos humanos das mulheres, como Floresta não criticou o fato de as mulheres não terem seus direitos reconhecidos em Rousseau? Até que ponto a educação da Sofia, se aproxima das ideias de educação feminina proposta por Nizia? E ainda, se ela seguia o Cristianismo, qual sua relação com a nova religião de Auguste Comte? Percebemos influências bem contraditórias em seu pensamento. Buscamos esclarecer aqui o que Duarte (1995) chamou de uma “aproximação perigosa” entre ela e os outros intelectuais. Não é novidade que intelectuais como Rousseau avançaram em muitos aspectos, mas conservavam a mesma concepção de educação para as meninas, que qualifica o sistema de manutenção do poder patriarcal. Uma educação que mantinha a ideia de que a mulher era submissa ao homem e de que o lugar de atuação da menina era o “teto

paternal”, em que sua mãe desenvolve a “sublime missão” de educar virtuosamente os seus filhos e filhas e a ensina a ser uma futura “matrona”.

As mulheres eram educadas a partir das ideias dos homens. Ela lia os filósofos que consideravam as mulheres como seres inferiores aos homens. Filósofos como Kant não reconheciam os atributos morais das mulheres, tampouco intelectuais. Jean-Jacques Rousseau escreveu obras que causaram impacto na educação, literatura e política. Insistiu que nossos julgamentos devem se basear nas exigências dos sentimentos e não apenas na razão. Também acreditava que o homem era bom por natureza, ou seja, que ele nasce bom, alegando que a sociedade o corrompia. Rousseau argumentou contra o poder absoluto do rei e a favor da importância da educação para o desenvolvimento humano, defendidos por Locke. Tais escritos nos fazem questionar por que esses pensadores não viam as mulheres como sujeitos, tratando-as como objetos apenas. Se pensavam assim, por viverem em uma sociedade patriarcal, então cabe questionar como, nessa mesma sociedade, apareceram preocupações em emancipar as mulheres na sua condição humana, que englobasse a sua participação e a sua valorização na vida pública e na privada? Também houve movimentos a favor da valorização das mulheres como seres racionais.

Para Duarte (1989, p. 106), Nizia “abraça o liberalismo com toda a sua força de mulher” ao se inspirar na obra de Mary Wollstonecraft e escrever *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Podemos dizer que ela sofreu influência das correntes do pensamento que, de alguma maneira, questionavam algumas estruturas e formas de pensar da época? Podemos afirmar que a filosofia de educação nisiana está fundamentada em Rousseau também. Duarte (2002, p. 30) destaca semelhanças entre Floresta e Rousseau, pois ambos defendiam a premissa de “que o nível do progresso social de uma nação deveria ser estimado pelo grau de uma emancipação feminina e o lugar reservado às mulheres na sociedade”. As aproximações intelectuais entre Floresta e Rousseau são evidentes. Ambos eram contra as frivolidades que havia na época. Para Rousseau, a criança deveria abrir caminhos, descobrir o mundo, para então se construir enquanto cidadão. Mas cabe lembrar que as ideias de Rousseau sobre a educação, só foram inovadoras para os meninos. Percebemos melhor isso analisando o livro V, intitulado *Sofia ou a Mulher*, da obra *Emílio ou Da Educação*, pois Sofia (a personagem da estória de Rousseau)

mantinha as características da “menina perfeita”. As obras de Rousseau inspiraram reformas sociais e educacionais. Ele declarou as suas ideias não apenas em obras, mas em romances, cartas e autobiografias (escritas não-formais), mas a emancipação era algo oferecido e idealizado apenas para o Emílio.

Así, para Rousseau, por ‘naturaleza’ el hombre pertenece al mundo exterior y la mujer al interior- encabalgando así en la dicotomía naturaleza-cultura la dicotomía interior-exterior, que cobra especial relevancia en la sociedad burguesa capitalista-. ‘La educación de las mujeres deberá estar siempre en función de la de los hombres. Agradarnos, sernos útiles, hacer que las amemos y las estimemos, educarnos cuando somos pequeños y cuidarnos cuando crecemos...Estas han sido siempre las tareas de la mujer, y eso es lo que se les debe enseñar en su infancia [...] (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 1991, p. 35).

A Sofia de Rousseau era a menina educada para ser a perfeita esposa. Rousseau acredita que o único dever da mulher era ser esposa e, por isso, ela deveria ser educada de maneira diferente, pois, para ele, as mulheres eram diferentes dos homens. Os homens eram fortes e as mulheres, fracas; sendo a mulher submissa a eles. O “Emílio” é uma criatura livre e a “Sofia”, dependente. A restrição é dada apenas às meninas, cabendo as “Sofias” se empenhar nas tarefas domésticas. As mulheres deveriam ser educadas para os homens a serem mães, servindo em Rousseau apenas para o desejo masculino, estimulando-o sempre, pois, para esse autor, a sedução é própria da sua natureza.

Duarte (2002) relata que Floresta foi à Europa em meados do século XIX, “quando o ‘espírito de 48’ contaminava a todos (as). As palavras-chave eram liberalismo, nacionalismo e socialismo, e as pessoas queriam mudar o mundo, as pessoas e as instituições” (DUARTE, 2002, p. 29). As revoluções de 1848 deixaram claro que a classe média, liberalismo, democracia política, nacionalismo e mesmo as classes trabalhadoras eram, daquele momento em diante, presenças permanentes no panorama político (HOBSBAWM, 1979). As Revoluções de 1848 traziam a voz do povo, elas foram bem profundas. Marcaram o fim, pelo menos na Europa ocidental, da política da tradição, das monarquias que acreditavam que seus povos (exceto os descontentes da classe média) aceitavam, acolhiam mesmo com prazer, a regra do direito divino que apontava dinastias para presidir sobre sociedades hierarquicamente estratificadas, tudo sancionado pela tradição religiosa, na crença dos direitos e deveres patriarcais dos que eram superiores social e economicamente

(HOBBSAWM, 1979). Ao desejar um mundo melhor, especialmente para as mulheres, Nizia encontrou, nesses movimentos, espaços para reivindicar e, no positivismo, uma “valorização” da mulher. Em outros autores, como Mary Wollstonecraft e Rousseau, a valorização dos direitos humanos e da liberdade dos povos.

Como podemos constatar esses filósofos e outros tantos que desvalorizaram as mulheres, pouco se preocuparam (ou não se interessaram) em amenizar o abismo entre os direitos de homens e de mulheres. Comte também não se preocupou com isso. As ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, no que diz respeito às leis, cabiam apenas aos homens, além deles chefiarem os lares. Mesmo Rousseau sendo um democrata, colocou as mulheres sobre a autoridade masculina⁸. Na sua obra *Émile*, Rousseau (1761) diz que tanto os processos educativos, quanto as relações sociais devem partir de um princípio básico: a liberdade como direito e dever, ficando claro que as mulheres devem ser educadas para os homens a serem mães.

O *Contrato Social*, publicada em 1762, obra de teoria política, expressa suas opiniões sobre o governo e os direitos dos cidadãos. Segundo ele, ao deixarem o estado de natureza, os homens estabeleceram entre si um contrato ou pacto, através do qual todos seriam iguais perante as leis. O Estado (isto é, a comunidade politicamente organizada) e o governo (isto é, o agente executivo do Estado que deve realizar a vontade geral), nascidos do contrato entre os homens, estavam submetidos às leis que deveriam ser aprovadas pelo voto direto da maioria dos cidadãos. Dessa forma, aparece a hierarquia, primeiro o macho e depois a fêmea, no que diz respeito ao pensamento revolucionário do Rousseau. Com a “filosofia da ilustração”, Floresta trabalhava as ideias do filósofo Jean Jacques Rousseau sobre a igualdade de direitos. Destacam-se as publicações “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*” e seu texto “*A mulher*”, que enfatizavam o papel da mulher na sociedade.

Ao escrever a obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Floresta escreve o capítulo V, intitulado “*Se as mulheres são naturalmente capazes de ensinar as Ciências ou não*”, nele encontramos reflexões sobre a necessidade da igualdade de gênero nas ciências. As mulheres são os seus modelos e mestres, isso

⁸ Um curto artigo sobre *Rousseau e as Mulheres* foi escrito por Julio Dantas. Ver referências.

porque, para ela a eloquência é um talento tão natural e particular às mulheres, que ninguém lhes pode disputar. As mulheres devem ser reconhecidas, a partir das obras de Nizia Floresta, tão capazes de aprender e ligar com diferentes conhecimentos. Se não havia mulheres nas cadeiras das universidades, Floresta defendia a ideia de que não era por incapacidade, mas sim por efeito da violência com que os homens se sustentavam nesses lugares. “No campo da educação, embora minoritariamente, há registros de mulheres frequentando universidades. Assim, em Frankfurt, no século XIV, quinze mulheres estudaram medicina e exerceram a profissão, enquanto em Bolonha algumas mulheres formaram-se em Medicina e Direito” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 15).

Arnaud-Duc (1991) afirma que as mulheres, não participando na elaboração das leis, não podiam fazer mais do que manifestações e petições em jornais para convencer os que votavam sobre as suas ideias. Na França, militavam com os livres pensadores e os republicanos. Na Alemanha, as Igrejas livres desempenhavam um papel importante. De um modo geral, os democratas laicos, os republicanos e os liberais de esquerda europeus apoiavam as suas reivindicações. Em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Nizia estava imbuída do espírito e ideal divulgados pelo Iluminismo, a autora colocou desde o início os conceitos filosóficos fundamentais em que se apoiaria no desenvolvimento de sua argumentação. Entre eles e, em posição de destaque, temos o “primado da razão”, isto é, a crença de que o homem tem uma vantagem única sobre os demais seres vivos, porque pode raciocinar. Nos iluministas, temos a ênfase no uso da razão, pois é o melhor método para se alcançar a verdade. Com base nesta exigência- a razão- Floresta desmontou toda a argumentação masculina de superioridade (DUARTE, 1989) e mostrou que as mulheres eram próprias para as ciências também.

O “idealismo romântico” de Nizia Floresta foi demonstrado nas obras em que insistia que a reforma da sociedade começaria no centro da vida privada, tendo a mulher um papel essencial nessa mudança, por isso, era necessário investir na educação, especialmente na das mulheres, que eram naquele período da história a parcela da população que mais sofria com uma educação repleta de problemas e preconceitos. Paixão (1991, p. 86) explica que “o Romantismo é o momento em que o poeta investe na identidade nacional, tematizando a natureza e a pátria, enaltecendo o pitoresco e o exótico, como formas de atrair a atenção no sentido de

firmar o conhecimento da terra”. Encontramos, na escrita de Nizia Floresta, a invocação à pátria, em que mesmo do exterior exaltava o Brasil, como se buscasse a sua identidade. O patriotismo e a exaltação das belezas naturais são constantes em suas obras. Vejamos Floresta (1997c, p. 9):

Ei-lo este filho predileto da natureza, este Éden do presente, este gigante do porvir! Ei-lo assentado entre diamantes e ouro, rodeado por todas as pompas da criação, e recebendo a homenagem do Atlântico, que vai deitar a seus pés o engenho de muitos e variados povos, em troca de suas raras produções, e de sua liberdade. Todos os povos civilizados da terra precisam conhecer este amplo e rico país da América meridional, que se estende desde o majestoso Amazonas, o maior rio do mundo, até o Prata. Aí se encontram, além de uma infinidade de outros rios navegáveis, grandiosas florestas, reclinadas, a maior parte, por todo o seu perímetro em forma de admiráveis curvas; excelsos montes, cujos cumes parecem tocar o céu; pradarias risonhas de uma eterna vegetação: cheios uns e outras de quanto têm de flores e frutos o antigo e o novo mundo. A essas magnificências da natureza juntam-se os prazeres de uma civilização progressiva, espalhada em muitas de suas partes.

Como trabalhamos com as obras em que Nísia abordou a sua proposta alternativa de educação, não iremos aprofundar com exemplos de “idealismo romântico”, mas ele pode ser visto em quase todas as suas obras. Destacamos: *O Brasil e Viagem magnética*, ressaltando a beleza das florestas naturais, vejamos Floresta (1997f, p. 165-167):

Ali desdobram-se a meus olhos majestosas cheias, qual não se vêem em nenhuma outra parte; serenas ribeiras, ornadas de árvores gigantescas, cujos largos ramos vergam-se sobre as límpidas águas, formando aqui e ali um céu de verdor, sob o qual vai e vem a piroga do indígena, e o barco do comerciante; riachos de margens floridas, que se perdem em alegres voltas por imensas pradarias que fogem à vista: e como palco destas naturais magnificências, estende-se sobre elas um firmamento de lápis-lázuli. De quando em vez lustrosas nuvens pendem do horizonte, semelhantes a franjas de mil cores.

Duarte (1989) lembra que a doutrina do utilitarismo foi uma tendência do pensamento ético, político e econômico inglês, dos séculos XVIII e XIX, que via no útil (e na utilidade) o valor supremo da vida. O utilitarismo possui relação com o positivismo. Abbanano (1992, p. 539) afirmou que “el utilitarismo de la primera mitad del siglo XIX puede considerarse como la primera manifestación del positivismo en Inglaterra”. Floresta se refere a diferenças naturais entre homens e mulheres. No capítulo I da obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, o cuidado com os

filhos e filhas e ela via isso como natural às mulheres, úteis como mães e esposas. Citamos Floresta (1989b, p.37):

Ora, as mulheres, encarregando-se generosamente e sem interesse, do cuidado de educar os homens na sua infância, são as que mais contribuem para esta vantagem, logo são elas que merecem um maior grau de estima e respeito públicos.

Floresta apontou intensamente, em suas obras, a importância da mulher, enquanto **mãe e esposa**. Como destacou Lagarde y de los Ríos (2005, p. 121): “el trabajo de la madresposa es vital tanto para los individuos como para la sociedad: para el sujeto (mujer) porque ella es mediante el proceso, y para el objeto (el outro) que lo requiere a diario, permanentemente para sobrevivir”. Lagarde y de los Ríos (2005, p. 131) destaca:

Ideológicamente su trabajo aparece- en la sociedad de la dependencia económica de la mujer y de la anulación de su trabajo-, como un intercambio entre cónyuges (por amor o por obligación terrena o divina), y entre madre e hijos (por instinto maternal): ella cuida a los otros, ella sostiene a su prole. Al hacerlo es femenina, se realiza como mujer. Ni las actividades de la mujer son vistas como trabajo, ni el sostén económico del hombre es visto como salario. La madresposa no es asalariada, es mantenida y el cónyuge ejerce formas particulares de violencia y dominio sobre ella mediante el dinero.

Para Floresta (1989, p. 38) “as mulheres não deixarão jamais de ser necessárias enquanto existirem homens e estes tiverem filhos”. Isso mostra que “todo, en la génesis del hábito femenino y en las condiciones sociales de su actualización, contribuye a hacer de la experiencia femenina del cuerpo el límite de la experiencia universal del cuerpo-para-outro (BOURDIEU, 2000, p. 83). A filosofia de educação niana estava voltada para o outro masculino e não para as meninas. Essas deveriam se constituir como “matronas esclarecidas”. Para Lagarde y de los Ríos (2005, p. 365):

La categoría que abarca el hecho global constitutivo de la condición de la mujer en la sociedad y la cultura es madresposa. En el mundo patriarcal se especializa a las mujeres en la maternidad: en la reproducción de la sociedad (los sujetos, las identidades, las relaciones, las instituciones) y de la cultura (la lengua, las concepciones del mundo y de la vida, las normas, las mentalidades, el pensamiento simbólico, los efectos y el poder).

Em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Floresta parece hierarquizar as mulheres úteis e as “verdadeiramente úteis” (FLORESTA, 1989b, p. 38). Essas últimas seriam aquelas que se ocupam em conservar a vida dos Juizes, os Magistrados e os Oficiais. Ou seja, na perspectiva utilitarista, as mulheres são verdadeiramente úteis se cuidarem e conservarem a vida dos homens. Assim, são indispensáveis para os outros, responsáveis pela manutenção da casa e pela conservação de sua vida e das outras.

La mujer se reproduce siendo mujer, es decir: madresposa, como ser-de-otros, al dar vida a los otros – al cuidar, alimentar, amamantar, al ser la testigo y la vigia de sus vidas. Así obtiene la atención económica, social, emocional, erótica, del otro, quien se relaciona con ella a partir de su capacidad gratificadora de sus necesidades, como Consuelo, como espacio de cuidados. En el intercambio, la mujer da vida a los demás y se da vida a sí misma, por la mediación de los otros. [...] **La fuerza vital de las mujeres se aplica siempre en los otros** (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 124-125, grifo nosso).

Ao fazer uma crítica aos filósofos, Floresta (1989) demonstrou acreditar que as mulheres achariam meios de empregar “utilmente” as indagações que fazem. Para Lagarde y de los Ríos(2005, p. 126) “la reproducción y *los otros* son objetos de acción de la madresposa, la constituyen, son sus médios de vida, sus medios de existência como tal; a través de ellos la mujer es madresposa”. O trabalho como reprodutora lhe mantinha na condição de objeto de outra pessoa. A educação oferecida às meninas era importante na medida em que ela iria fazer de uma melhor maneira a manutenção do lar e da vida dos outros. Etchegoyen (2006)⁹ ao analisar os princípios constitutivos do positivismo, destacou o fato de a ideia de ciência ser a única atividade intelectual, possível de levar a um conhecimento verdadeiro, único, imutável, cópia fiel da realidade. Etchegoyen (2006, p. 60), se refere a escola na visão positivista:

[...] al ser La escuela la que implementa y hace circular el ‘verdadero conocimiento’, ésta se vê rodeada de un halo de **progreso** y **civilización**, entendidos éstos como que el saber científico de la escuela, ligado al progreso y a la civilización, mayor garantía de que resulten personalidades democráticas y respetuosas.

⁹ Ao falar de educação e cidadania esse autor analisa o poder e a verdade nas instituições educativas, abordando o positivismo, Foucault, Gramsci. Também versa sobre o tema “Educação e Cidadania”, analisando as ideias de Gramsci a Freire. Ver referências.

A escola é um espaço em que esses intelectuais doutrinaram pessoas e disciplinaram corpos, a partir do seu ideal de civilização. Rousseau, Comte e Floresta buscaram não reformar a posição social das mulheres. Vejamos um pouco mais a aproximação da filosofia de educação nisiana com o pensamento de Rousseau.

3.2.1 Sofia, Fany e Lívia: “Anjos” de J.J. Rousseau e Nizia Floresta

Leitores, remeto-me a vós, tende boa-fé; o que vos dá melhor opinião sobre uma mulher ao entrar em seu quarto, o que vos faz abordá-la com mais respeito, vê-la ocupada com os trabalhos femininos, com os afazeres do lar, cercada das roupas dos filhos, ou encontrá-la escrevendo versos na penteadeira, rodeada de livros de todos os tipos e de bilhetinhos pintados de todas as cores? **Toda moça letrada permanecerá solteira a vida toda quando só houver homens sensatos na terra** (ROUSSEAU, 1991, p. 573, grifo nosso).

Como podemos ver na citação acima, Rousseau não tinha intenção de modificar o papel da mulher na sociedade, assim como Floresta. Não temos muitas fotografias de Nizia Floresta, mas quando a vemos, sempre estava com um livro nas mãos. Era uma mulher letrada, que se tornou escritora e, ao lermos a citação acima, podemos nos questionar: que aproximações entre o pensamento pedagógico de Rousseau e a filosofia de educação nisiana existe? Floresta leu Rousseau, mas que impacto isso teria causado em suas obras?

Em algumas passagens da obra *Emílio ou Da Educação*, e a partir da descrição de Sofia, lembramos os conselhos que Floresta dava para sua filha Lívia, os quais dedicamos uma melhor atenção em outro momento dessa pesquisa, a partir da análise de diferentes textos moralistas e obras. Aqui nos detemos apenas na obra *Opúsculo Humanitário* (1989), escrito por Floresta e na obra *Emílio ou Da Educação* (1991), de J.J. Rousseau. Não iremos aqui descrever suas vidas e dialogar com outras obras, enfatizaremos as aproximações entre o pensamento de Rousseau e Nizia sobre a educação das meninas¹⁰.

¹⁰ Ver “Rousseau e a Educação”, de Danilo R. Streck. Uma obra que fala de Rousseau e a Educação e mostra o mundo de Rousseau.

Ambos intelectuais, que viveram em tempos e contextos diferentes devem ser pensados como frutos de uma época. Rousseau (1712-1778) nasceu em Genebra, viveu no tempo do Iluminismo e no período da Enciclopédia e Nizia, século XIX, nasceu em terras recém-invasidas, um “mundo novo”, mas por ter vivido 28 anos na Europa, teve influências intelectuais diversas. Nada nos impede de analisá-los como pessoas que se preocuparam e se dedicaram à educação.

O texto também moralista, ***Fanny ou o Modelo das donzelas***, de 1847, de Floresta é um de seus escritos em que a autora coloca as características que uma menina deve ter. *Fany é o modelo ideal de menina*, uma legítima donzela, que ignorava suas qualidades “porque a mais perfeita modéstia coroava todas as outras virtudes (FLORESTA, 1847, não paginado) e Fany tem todos os atributos que Floresta aconselha em *Conselhos a minha filha* a Lívia. Mas que modelo de menina é esse idealizado por Nizia Floresta? Esse modelo não representa o desejo de emancipação, e não tem como chamarmos de pré-feminismo. A menina deveria seguir o cristianismo e ter honra, docilidade, ternura, simplicidade, naturalidade, obediência familiar, capacidade de resignação, ser condescendente, caridosa, ser estudiosa, educada, generosa, cuidadosa, honesta, modesta e atenciosa. A menina não deveria ser vaidosa, orgulhosa, preconceituosa e não poderia julgar as pessoas pelas aparências. Com essas características, a menina está dentro dos padrões de santidade, uma beata, pois só tem boas ações e excelentes qualidades. O sentimento de dignidade na filosofia de educação nisiana mostraria que a menina estaria pronta para desempenhar sua “digna missão”, enquanto mãe e esposa. Com base nessa educação e com todas essas virtudes, a mulher não geraria conflitos, pelo contrário, se submeteria a todas as ordens do marido e aceitaria o que está posto. E ainda, educaria seus filhos e o marido a viverem de maneira virtuosa também, através de uma suposta “lei divina” todos respeitariam as leis dos homens poderosos, pois a hierarquia estaria dada e as condições para se viver em harmonia nessa sociedade seriam postas.

Floresta (1847, não paginado) desprezava a vaidade, considerando-a “o monstro devorador das qualidades das mulheres”. Em *Conselhos*, Floresta (1847) criticou o fato de algumas meninas passarem a maior parte do dia despenteadas ou à janela. Fany é a primogênita de uma família (composta dos pais e nove filhos), assim como a primogênita Lívia. Além disso, Fany foi escolhida para ser monitora de

uma escola da capital. Parece-nos que a jovem educanda seria a Livia e a diretora, a própria Floresta. Outro aspecto interessante é o fato de Floresta considerar Porto Alegre um “asilo feliz dos perseguidores por ela nas demais províncias” (FLORESTA, 1847, não paginado). Talvez tenha sido esse o sentimento da própria Nizia, quando chegou a Porto Alegre, após seu pai ter sido morto na guerra civil do Recife. Aqui aparecem semelhanças da história pessoal de Nizia com a personagem Fany:

[...] Fany, no recinto de seu quarto, dirigia ardentes preces ao Divino Autor da Natureza para que protegesse os dias de seu pai; de seu pai que imprudente comandava uma das forças rebeldes; de seu pai que surdo à voz do dever que o chamava junto a uma esposa virtuosa e doze filhos, correria a empenhar-se em uma guerra civil, murchando dest’arte os louros que havia colhido nas fileiras legais quando combatera outrora o estrangeiro em defesa de sua pátria! (FLORESTA, 1847, não paginado). [...] Ei-la, pois órfã com uma numerosa família, no meio de uma campanha, onde bem depressa novos combates ensangüentaram a terra, não lhe deixando quase os primeiros recursos da vida [...] (FLORESTA, 1847, não paginado). [...] Em sua desgraça, desprovida daqueles meios que mais deslumbram os homens quando tratam de fazer uma união, ela teve partidos, mas querendo viver somente para sua mãe e seus irmãos ao menos por alguns anos ainda, renunciou ao casamento e encarou resignada com sua mãe a pobreza e o desdém de um povo, cuja causa seu pai não havia seguido (FLORESTA, 1847, não paginado).

A qualidade ou privilégio de “andar bem vestida” em uma sociedade em que havia ricos e pobres nos faz pensar para quem Floresta escrevia. Quando viveu em Porto Alegre, ela era “casada” com Manoel, um advogado, profissão de prestígio para a época. Foi considerada uma *Dona*, em Porto Alegre e sendo ele um doutor, ninguém iria questionar¹¹. Fany, a sua personagem fazia parte do círculo da elite intelectual da época e era de uma das famílias mais importantes do Brasil naquela época. Vejamos algumas passagens de *Fany ou o modelo das donzelas* em que o comportamento da jovem Fany foi destacado por Floresta (1847, não paginado):

Quando acabou a sua educação, era ela quem dirigia sob as ordens de sua mãe todo o governo da casa; cosia a roupa de seus irmãos, tratava de sua mãe com uma devoção angélica; e, longe de

¹¹ Procuramos por algum documento que comprovasse essa união em Porto Alegre, mas nada foi encontrado e, levando em conta, que ela era uma dona e ele um advogado não era difícil fazer as pessoas aceitarem o que eles dissessem que eram. Da mesma maneira, não foi difícil para Nizia utilizar o seu pseudônimo ou novo nome (Nizia Floresta Brasileira Augusta) até mesmo em documentações oficiais como certidão de batismo de Augusto e certidão de óbito de Manoel. Ver anexo

assemelhar-se a essas jovens que apenas deixam de ser colegiais [...] Fany, no meio de tantas ocupações, achava tempo de empregar-se em cultivar os estudos que havia aprendido e conservar uma correspondência diária com aquela que havia cuidado de sua educação [...] A caridade era uma de suas primeiras virtudes e da qual sua mãe lhe tinha em sua infância dado o mais edificante exemplo, e nunca sua bondade se ostentava mais do que quando ela tinha um pobre a consolar em sua miséria [...].

A caridade foi considerada por Floresta como a “primeira das virtudes cristãs” e é uma das primeiras virtudes dessa donzela. Esse modelo de “boa moça” foi o modelo de menina que trabalhou em sua filosofia de educação. Na obra *Opúsculo Humanitário*, Floresta (1989, p. 15) afirma:

A caridade, virtude personificada no sexo pela mãe do Redentor do mundo, e o heroísmo com que algumas santas mulheres suportavam o martírio, na esperança de uma vida melhor, podiam então somente consolar a mulher cristã. Feliz aquela que de fato o era, porque achava na fé, essa luz divina que nos esclarece a alma, um poderoso antídoto contra a degeneração do homem e um porto seguro de salvação.

Além de realizarem boas ações, teriam de ser perfeitas a partir do conjunto de suas virtudes. A timidez, “no es una cualidad exclusiva de las mujeres sino de los oprimidos, los que son considerados inferiores en el mundo, la inmensa mayoría de los seres humanos” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 308). Tinha uma relação com a rigorosa modéstia que a menina deveria ter, para ser humilde, ela teria que conservar a sua *timidez natural*. E para ser submissa, não poderia ser diferente, pois é tímido quem sente temor, e/ou quem tem dificuldade de relacionar-se com outras pessoas, quem é retraído e/ou fraco. A partir dessa lógica, timidez não é característica de homem e assim a filosofia de educação nisiana pensa as meninas como seres frágeis, dóceis e fracas, pois foram educadas para serem mais retraídas do que os meninos.

O cenário da história sobre a vida de Fany foi Porto Alegre, local onde Floresta viveu e presenciou mais uma guerra civil. Ela descreveu a participação das mulheres e o papel da mulher na sociedade, especialmente aquelas dotadas de virtudes, segue Floresta (1847, não paginado):

Tão heróica coragem, tão sublime sentimento filial achou apoio no seio da Divindade; porque Fany e sua família ficaram ilesas das balas que em direção da carreta em que elas iam, caíram a seus pés

deixando apenas espavoridos de susto os seus mais jovens irmãos. Foi então que Fany desenvolveu grandemente todas as virtudes de seu sexo: animava com suas doces carícias a mãe abatida, cuidava dos irmãos, prestava socorros aos que caíam feridos a seus pés, rompendo suas roupas para estancar o sangue que corria de suas feridas e impondo um religioso respeito aos soldados, que a contemplavam tão bela e tão jovem no meio deles!

Assim, Floresta escreveu o que ela chamou de “ligeiros traços da história de Fany” para que, como ela mesma destacou, “possam todas as donzelas” imitar as virtudes de Fany. Quando se dedicou a educação da mulher, Rousseau destinou uma parte (livro V) em sua obra *Emílio ou Da Educação*. Trata-se da última parte dessa obra e a única destinada à educação das meninas. Uma ficção em que, primeiramente, Rousseau descreveu como deveria ser educada uma menina, traçou um panorama histórico, ressaltou também as virtudes que uma mulher deveria ter e como, de fato, as meninas devem ser conduzidas a uma boa educação. Depois, ele começou a tecer uma descrição de Sofia, sua personalidade, sua fisionomia e suas características físicas. Ressaltou que o mais importante em uma mulher não é ser bela. Demonstrou como o pai de Sofia deveria encaminhá-la ao casamento, e escreveu sobre os tipos de homens que existiam, deixando claro que a maior riqueza em um casamento não estava no dinheiro, oferecendo a Sofia o livre arbítrio para escolher seu marido. Já Floresta (1998, p. 320) ao escrever sobre casamento, ressaltou:

É um grande erro crer que a riqueza ou uma bela posição no mundo podem, por si sós, propiciar o bem mais doce e desejável na terra! A felicidade do lar. O dinheiro compra tudo neste mundo, títulos, honras, homens, mulheres, etc., mas não pode, nem perderá nunca, comprar as virtudes, nem os corações. E como o amor vem do coração, e sem esse poderoso móvel de nobres ações não há união feliz possível, não se deve, parece-me, acusar o casamento como causa de esfriamento do amor, mas antes ao homem ou à mulher que se ligam levemente e sem amor.

Dessa forma, Sofia aprende que “sua maior riqueza sempre será bastante grande se tiver braços, bons costumes e se amar a sua família” (ROUSSEAU, 1991, p. 561). Em seguida, Rousseau, como “pai de Emílio”, refletiu sobre felicidade, casamento e levando Emílio a encontrar uma amada. Quando ele encontra Sofia, vai sendo narrado o namoro dos dois, conversaram sobre ciúmes, morte, virtudes, felicidade, orgulho, Deus e sobre a vida. Ao lado de seu preceptor, Emílio foi levado

para uma longa viagem de quase dois anos e foi forçado a deixar a sua amada. Com essa viagem, Emílio aprendeu muito sobre a sociedade e a necessidade do contrato social. As características de Emílio foram evidenciadas e ao final desse percurso, ele estava pronto para reencontrar Sofia. Mas e Sofia, como foi educada?

Rousseau (1991) deixou claro que as meninas e os meninos não devem ter a mesma educação. “Elas devem aprender muitas coisas, mas apenas aquelas que lhes convém saber” (ROUSSEAU, 1991, p. 501). Ao defender a ideia de que as mulheres dependem dos homens, Rousseau (1991, p. 501-502) destacou que:

A mulher e o homem foram feitos um para o outro, mas sua mútua dependência não é igual; os homens dependem das mulheres por seus desejos, enquanto as mulheres dependem dos homens tanto por seus desejos quanto por suas necessidades; subsistiríamos melhor sem elas do que elas sem nós. Para que disponham do necessário, para que estejam bem, é preciso que o demos a elas, que queiramos dá-lo a elas, que consideremos que são dignas disso; elas dependem de nossos sentimentos, do valor que damos a seus méritos, da importância que prestamos a seus encantos e a suas virtudes.

Nizia se debruçou a analisar a educação feminina, pois desejava (como uma boa cristã) uma revolução dos costumes. Enquanto que Rousseau foi o precursor daquilo que ela não explorou em suas obras – o ideário de liberdade! Rousseau impactou ao defender a “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” e, a partir de seus pensamentos, muitas reflexões e ações se desencadearam. Floresta lutou para que as meninas tivessem igualdade quanto ao acesso à educação. Ambos criticaram as convenções e eram sonhadores, pois desejavam uma sociedade melhor em que a mulher fosse um anjo protetor, aquela que garantisse a sobrevivência da humanidade e a moralidade, através de seu exemplo e ensinamento. Rousseau ressaltava a necessidade da experiência no processo educacional, por isso que Emílio foi realizar uma viagem antes de se casar. Rousseau e Floresta defenderam uma educação que limitava as meninas, pois elas seriam educadas para desenvolverem bem o seu papel como “matronas esclarecidas” e, por isso, deveriam pensar, mas pouco e sem “perder a cabeça”.

Tanto Rousseau quanto Floresta, criticaram o papel das amas de leite, pois eram as mães que deveriam amamentar, cuidar e educar seus filhos. Acreditaram que tudo passava pela educação, mas quem educa fora do espaço doméstico não iria conseguir dar conta dessa tarefa, por isso precisavam que as mães

desenvolvessem bem o seu papel, afinal são elas que deveriam criar, dar afeto e ensinar o princípio da vida. O (a) preceptor (a), mesmo sendo companheiros (as) e amigos (as), não dariam conta. Podemos afirmar que Rousseau e Floresta são intelectuais que se complementam na busca pelos direitos dos cidadãos e cidadãs. Ambos chamam as nossas atenções para com as crianças. Rousseau colocava a questão da autonomia e da cidadania para os homens. Já ela, lembrava as meninas, que essas também devem se tornar cidadãs (mesmo que isso não signifique grandes rompimento em sua obra). Floresta se inspirou em Rousseau, leu suas obras e, do seu jeito, agiu a favor da educação das meninas em seu país e assim buscou contribuir para uma sociedade que levasse em conta as diferenças. Para que fosse copiada a educação que era dada nos países europeus, ela pedia para imitar “principalmente os ingleses no respeito à religião e à lei, os alemães no hábito de pensar e no empenho de elevarem-se acima de todos os povos pelo estudo e pela reflexão, os franceses em seu espírito inventor e em suas generosas inspirações civilizadoras” (FLORESTA, 1989, p. 101). Desejava que o povo brasileiro despertasse o gosto pelo trabalho e a atenção para com a educação das meninas.

Em algumas passagens da obra *Opúsculo Humanitário* (1989), encontramos referências de Nizia à obra de Rousseau. Ela critica o fato de as crianças brasileiras serem cuidadas por escravas. Floresta (1989, p. 92, grifo nosso) mostrou as diferenças da sociedade e ao ler *Emílio*:

Se Rousseau, com o seu Emílio, fez corar as mães francesas pelo esquecimento em que estavam desse **primeiro dever da maternidade**, em França, onde as amas têm mais ou menos alguma educação e se distinguem pelo asseio, o que sentiriam as mães brasileiras que bem compreendessem aquele livro, à vista de seus filhos pendentes do seio de míseras africanas, que passam, muita vez, do açoite, na Casa de Correção ou nas dos próprios senhores, ao berço do inocente para oferecer-lhe seu leite?

Rousseau (1991) assim como Floresta (1989) apelava às mães que conduzissem a educação de seus filhos. Rousseau (1991, p. 501) afirmou: “Mãe judiciosa, acreditei em mim e não façais de vossa filha um cavalheiro, como que para desmentir a natureza; tornai-a uma dama, e podeis estar certa de que será melhor para ela e para nós”. A mãe seria o exemplo e, sem ela, não se conseguiria nada com as crianças. “Toda menina deve ter a religião de sua mãe, e toda mulher a de seu marido” (ROUSSEAU, 1991, p. 522). Floresta acreditava que para curar as

“chagas” dos costumes no Brasil, seriam “as mães quase sempre o árbitro exclusivo da educação das filhas” e “a elas, pois incumbe particularmente prevenir ou corrigir as faltas dos primeiros anos” (FLORESTA, 1989, p. 112). Além disso, a Igreja teria papel fundamental na educação das moças.

Emílio não precisava de colégios, mas para Sofia seria recomendável um convento. Rousseau (1991, p. 522) deixou claro que “sem condições de serem juízes elas mesmas, devem receber a decisão dos pais e dos maridos, assim como a da Igreja”. No entanto, Rousseau (1991, p. 531) afirmou:

Não torneis vossas filhas teólogas e reaciocinadoras; não lhes ensineis coisas do céu além do que serve à sabedoria humana; acostumai-as a sempre se sentirem sob a vista de Deus, a tê-lo como testemunha de suas ações, de seus pensamentos, de sua virtude, de seus prazeres, a fazer o bem sem ostentação, porque é assim que ele gosta; a suportar o mal sem protestar, porque ele as recompensará; enfim, a serem todos os dias da vida o que ficarão contentes de ter sido quando comparecem diante dele.

Para ser uma mãe de família, a mulher estaria longe de ser uma mulher do mundo, por isso conforme a pedagogia de Rousseau (1991, p.540) ela “é pouco menos reclusa em sua casa do que a religiosa em seu claustro”. Floresta e Rousseau criticaram as futilidades das sociedades que fizeram parte. O valor humano não estava nos trajes. Rousseau (1991, p. 514) criticava a moda, pois “o amor pelas modas é de mau gosto, porque os rostos não mudam com elas e, permanecendo os mesmos, o que lhes cai bem uma vez cai-lhes bem sempre”. A vaidade era um sério problema, tanto para Floresta quanto para Rousseau, podemos observar pelo excerto abaixo (1991, p. 515):

Ofereci sem escrúpulos uma educação de mulher às mulheres, fiz com que gostem dos trabalhos de seu sexo, com que tenham modéstia, saibam zelar por seu lar e cuidar da casa; o cuidado excessivo com a beleza desaparecerá por si mesmo e elas só se vestirão com um gosto melhor.

O trabalho foi ressaltado na citação acima e, sobre tal tema, Floresta também versou, pois ela percebeu que as mulheres mais consideráveis das nações ocupavam utilmente o seu tempo e, por isso, ela (Floresta,1989, p. 113) lhes aconselhou:

Procurem, sobretudo, habituá-las ao trabalho, apresentando-o como uma virtude necessária em todos os estados da vida, qualquer que seja a opulência do indivíduo, e não digno do desdém com que o olham certas classes.

Os bailes foram criticados por ela, neles as boas moças de família não deveriam ir. A autora (1989, p. 114) afirmou:

Não é nas representações teatrais, principalmente as de nossa terra, nem nas casas de baile, que entre nós muitas meninas freqüentam de comum com o colégio- donde as mandam buscar, interrompendo seus exercícios escolares, para não perderem triunfos que inebriam as filhas e lisonjeiam os pais, nesta atmosfera viciada onde a *crocodílica* voz de improvisados galantes, ou de galantes parasitas, destrói quase sempre o efeito das mais severas lições de moral- que uma jovem donzela adquire o gosto e o hábito do trabalho [...].

Da mesma maneira, Rousseau (1991, p. 541) criticou esse tipo de festas:

Mães, fazei de vossas filhas companheiras, pelo menos. Dai-lhes um juízo reto e uma alma honesta, e depois nada lhes escondais que um olho casto possa olhar. O baile, os banquetes, os jogos, até mesmo o teatro, tudo o que, malvisto, faz o encanto de uma juventude imprudente pode ser oferecido sem risco a olhos sadios. Quanto melhor elas virem esses ruidosos prazeres, mais cedo sentirão repugnância por eles.

Mesmo que Floresta (1989) problematizasse a educação oferecida às mulheres em diversos lugares do mundo, ela lutava para uma melhora na educação das meninas brasileiras e era para elas que se dedicava. Citamos Floresta (1989, p. 105):

E o que é a menina brasileira? À fé que a não podemos encontrar nessas pequenas criaturas apertadas nas barbatanas de um espartilho, penteadas e vestidas à guisa de mulher, afetando-lhe os meneios e o tom, destituídas muita vez de toda a simpleza e candura que constituem o maior atrativo da infância.

Lívia considerou sua mãe confidente. Lívia era tão companheira, que traduzia os livros de sua mãe. E como destacou Demarle (1991, p. 190) “ser tradutora é uma atividade feminina por excelência no século XIX”. Além disso, Demarle (1991) aponta que traduzir é fazer um uso concreto dos conhecimentos adquiridos e, para certas mulheres que tinham consciência disso, era uma margem de liberdade na escolha dos textos a traduzir, e até mesmo a possibilidade de introduzir, ao acaso da tradução, reflexões e matizes que não encontrariam lugar. Que tipo de educação receberam essas meninas? Como foram suas vidas? Tanto Rousseau quanto Floresta, acreditaram que a educação das meninas contribuía para uma sociedade melhor. Assemelham-se no fato de considerar o teto paternal (em condições apropriadas) o melhor lugar para se educar e oferecer a educação de

que as crianças tanto precisam. As mães teriam essa “honrosa e sublime missão”, a de preceptoras de suas filhas. Enquanto Rousseau se debruçou principalmente sobre a educação de Emílio, Nizia se dedicou à educação das meninas, tendo Livia, recebido uma obra de cunho moralista, repleta de conselhos para seguir. Na obra *Conselhos à minha filha*, encontramos os mesmos valores ressaltados por Rousseau naquilo que Sofia tinha de mais encantador.

A moça como modelo de donzela e a mulher como boa mãe e zeladora do lar são encontradas tanto em Rousseau, quanto em Floresta. Rousseau se referiu a semelhanças e diferenças entre os homens e as mulheres, enquanto Floresta se preocupou em mostrar que ambos eram iguais nas suas diferenças e no que diz respeito ao uso da razão. Em *Emílio ou Da Educação*, os homens e as mulheres são considerados diferentes no que diz respeito ao sexo e iguais, enquanto espécie. “Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco; é preciso necessariamente que um queira e possa; basta que o outro resista pouco” (ROUSSEAU, 1999, p. 492). O que isso representa? No dicionário Aurélio (2008, p.427), “resistir” significa:

1. Lutar contra (ataque, atacante), ou responder a (acusação ou acusador); defender-se. **2.** Não ser alterado, danificado ou destruído (por algo, ou ação de algo). **3.** Não seguir, não ser dominado (por impulso, vontade, ideia, influência, etc); não aceitar (o que atrai). **4.** Não se deixar convencer, não aceitar, não concordar. *Int.* **5.** Resistir.

Nesse sentido, se o homem deseja, se quer e pode fazer, cabe à mulher que “resista pouco”, já que “a mulher foi feita especialmente para agradar ao homem” (ROUSSEAU, 1991, p. 492). Essa é a lei da natureza para Rousseau. A mulher até poderia lutar contra, responder, defender-se, não seguir, não ser dominada, não aceitar, não deixar-se convencer e não concordar com o homem, mas de maneira amena. Essa postura deveria fazer parte de um jogo, trata-se de um “poder” comum às mulheres, já que são cheias de encantos:

Se a mulher foi feita para agradar e para ser subjugada, deve tornar-se agradável ao homem em vez de provocá-lo; sua violência própria está em seus encantos; é por eles que ela deve forçá-lo a descobrir sua força e a usar dela. A arte mais certa de animar essa força é torná-la necessária pela resistência. Então o amor-próprio une-se ao desejo e um sai vencedor com a vitória que o outro fá-lo alcançar. Daí nascem o ataque e a defesa, a audácia de um sexo e a timidez do outro, enfim, a modéstia e a vergonha com que a natureza armou o fraco para sujeitar o forte (ROUSSEAU, 1991, p. 492-493).

Podemos perceber que, para Rousseau, a mulher possuía artimanhas próprias do seu sexo para sujeitar e convencer os homens. Não é com o uso da razão e tampouco por ter conhecimento, mas ela pode convencer o homem justamente por ter uma natureza fraca. Quanto à mulher educada, Rousseau (1991, p. 572) se posicionou:

[...] eu preferiria ainda cem vezes uma moça simples e educada rudemente a uma moça erudita e intelectual que viesse estabelecer em minha casa um tribunal de literatura de que se faria presidenta. Uma mulher intelectual é o flagelo de seu marido, de seus filhos, de seus amigos, de seus empregados, de todo o mundo.

Para ambos, a educação moral era o que guiava as mulheres. No entanto, Floresta se posicionou de maneira diferente da de Rousseau. Para Floresta (1989, p. 60) “a força não pode nunca persuadir, mas sim fazer hipócritas”. Na filosofia de educação nisiana, a razão combatia e a fraqueza humilhava. Floresta (1989, p. 61) não considerava correto o fato de colocarem na beleza da mulher o seu poder de persuasão. Ao defender a instrução que as mulheres deveriam receber, Floresta (1989, p. 61, grifo nosso) ressaltava:

Todos os que têm escrito sobre a educação da mulher, pregando tão errôneas doutrinas e considerando-a debaixo do ponto de vista puramente material, não tem feito mais do que tirar-lhe toda a dignidade de sua natureza. Mulheres assim educadas seriam próprias para fazer as delícias de qualquer epicurista em um harém, mas cremos que nenhuma de nossas brasileiras amarará semelhante existência, a não ser a que é indigna de outra melhor. Qual é aí o homem razoável e honesto, que se contente de uma esposa, que prefere passar no seio dos prazeres do mundo entregue às futilidades de uma vida de dissipação e indolência, antes que no empenho constante de restabelecer seu direito aos gozos razoáveis, e de **ilustrar-se pela prática das virtudes que honram a espécie humana e contribuem para a felicidade?**

A educação era concebida aqui como prática da virtude, que iria oportunizar felicidade nos lares. Floresta (1998, p. 97, grifo nosso) escreveu o que sentia: “a doce lembrança de um tempo em que eu acalentava a esperança de formar para a pátria mulheres **dignas de ilustrarem-na pelas virtudes do coração e pelos atrativos do espírito consagrados à felicidade da família**”. No entanto, Rousseau (1991, p. 572) questionava:

De resto, como uma mulher que não tenha nenhum hábito de reflexão educará seus filhos? Como discernirá o que lhes convém?

Como os preparará para virtudes que desconhece, para méritos de que não tem a menor idéia? Ela só será capaz de mimá-los ou de ameaçá-los, de torná-los insolentes ou medrosos; fará deles ou palhacinhos amaneirados ou moleques avoados, nunca bons espíritos nem crianças amáveis.

Ambos abordaram uma educação moderada, que não provocasse grandes mudanças na vida da mulher, visto que elas iriam continuar desempenhando o mesmo papel social. Floresta dava indício de que as mulheres com a educação iriam romper com essas “amarras”, no entanto, na prática, as disciplinas que oferecia nas escolas não eram científicas, pois as meninas só precisavam aprender as quatro operações. Elas recebiam educação religiosa, baseada na moral cristã, então como avançariam ao “lado dos homens”? Elas, mesmo em salas de aulas, mantinham-se em desvantagens, pois continuavam sendo educadas para manter o poder patriarcal.

‘Sofía’ es la mujer ‘complemento’ del hombre; sensible, más que razonable, débil frente a la voluntad y la fuerza masculina. Es la mujer entregada, que vive en el interior (la casa) mientras el hombre se ocupa de lo exterior (la política), ocupada en la esfera privada mientras él se ocupa de la pública. Sofía es una mujer profundamente moral para un ciudadano moral y razonable (DEUSA, 1997, p. 160).

O modelo de mulher e a conduta moral das meninas, tanto na época de Rousseau, quanto na de Floresta eram muito parecidas. Por isso, encontramos nas virtudes que Sofia tinha, tudo aquilo que ela esperava que Lívia fosse.

Se espera de ellas que Sean ‘femeninas’, es decir, sonrientes, simpáticas, atentas, sumisas, discretas, contenidas, por no decir difuminadas. Y la supuesta ‘feminidad’ solo es a menudo una forma de complacencia respecto a las expectativas masculinas, reales o supuestas, especialmente em materia de incremento del ego. Consecuentemente, la relación de dependencia respecto a los demás (y no únicamente respecto a los hombres) tiende a convertirse en constitutiva de su ser (BOURDIEU, 2000, p. 86).

A preceptora Nizia desejava as suas jovens educandas brasileiras tudo o que Sofia possuía. Vejamos Rousseau (1991, p. 554-555):

Sofia ama a virtude; esse amor tornou-se a sua paixão dominante. Ama-a porque nada há de tão belo quanto a virtude; ama-a porque a virtude é a glória da mulher, e uma mulher virtuosa parece-lhe quase

igual aos anjos; ama-a como o único caminho para a verdadeira felicidade, e por não ver senão miséria, abandono, desgraça, opróbrio, ignomínia na vida de uma mulher desonesta; ama-a, enfim, por ser cara a seu responsável pai, à sua carinhosa e digna mãe; não contentes com serem felizes por sua própria virtude, querem sê-lo também pela virtude dela, e sua primeira felicidade própria é a esperança de causar a felicidade deles.

Nizia acreditava que a felicidade das meninas estava em serem virtuosas e Rousseau (1991, p. 497) afirmava que “é importante que ela seja modesta, atenta, reservada e que leve aos olhos dos outros, assim como à sua própria consciência, o testemunho de sua virtude”. A conduta feminina precisava da aprovação do homem. Vejamos Rousseau (1991, p. 533):

De resto, submetida ao julgamento dos homens, ela deve merecer sua estima; deve sobretudo obter a estima de seu marido; não deve apenas fazer com que ele ame a sua pessoa, mas também com que aprove a sua conduta; ela deve justificar perante o público a escolha do marido e fazer com que ele seja honrado com as honras que se prestam à sua mulher.

Conforme os escritos sobre *Sofia ou a Mulher*, de Rousseau (1991), destacamos as virtudes que uma moça deveria ter e que Sofia tinha. Ela não deveria mentir, “polidez carinhosa”, teria que ser agradável, polida, obediente, fiel, terna, atenciosa, estimada, conveniente, honrada, benevolente, generosa, bondosa, espirituosa, tinha que saber se comportar nas diferentes situações, saber agradecer, ter capacidade de encontrar a “moral experimental”, ser modesta, prudente, casta, pura, sensível, madura, delicada, doce, graciosa, ter amor pelas “coisas honestas”, franqueza, modéstia, ser reservada, complacente, ter boa vontade, paciente. Deveria aprender com os seus erros, ter um “amável temperamento”, ser sensível e submissa. Quanto a essa última característica, destacamos uma passagem de Rousseau (1991, p. 554), em que ele diz: “A mulher foi feita para ceder ao homem e para suportar até sua injustiça. Nunca reduzireis os meninos ao mesmo ponto; o sentimento interior ergue-se e se revolta dentro deles contra a injustiça; a natureza não os criou para tolerá-la”. A lógica era a mesma para ambos estudiosos da educação, a menina deveria aprender a ser e viver para os outros. Vejamos Rousseau (1991, p. 502):

Assim, toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, educá-los, quando jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar suas vidas agradáveis e doces: eis os deveres da mulher em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância.

Rousseau (1991) deixou claro o que ele chamou de “submissão respeitosa”, que equivale a uma servidão voluntária. As meninas deveriam aprender a sentir e não deveriam pensar muito, pois não seria da natureza das mulheres se revoltarem. Floresta (mesmo não sendo uma revolucionária) denunciava as injustiças feitas às mulheres de seu tempo e provocava outras mulheres a não suportarem tais comportamentos. Ela talvez não se encaixasse totalmente nesses moldes, pois se revoltava. Vejamos uma passagem de sua obra *Opúsculo Humanitário* de Floresta (1989, p. 70):

Já vimos a dissolução ou inércia em que caíram os povos que mais têm desprezado ou mal dirigido a educação da mulher. E continuasse, entretanto, a olhar essa artéria vital da morigeração dos povos, senão com a mesma incúria revoltante de outrora, sem o firme propósito de incluir a reforma de sua educação nos importantes melhoramentos que ocupam atualmente os brasileiros.

Floresta estava tão inserida quanto os homens na hegemonia masculina. Rousseau (1991, p. 598, grifo nosso) afirmou que “a arte de pensar não é alheia às mulheres, mas elas só *devem tocar de leve nas ciências de raciocínio*”. Para Rousseau, os maiores progressos de Sofia aconteciam na moral. Os hábitos e os valores eram aquilo que as meninas deveriam cultivar. Conforme as indicações de Rousseau (1991), as meninas e as mulheres deveriam ter asseio para com sua pessoa, com suas roupas, com a casa, com o trabalho, com a higiene. Ou seja, o ideal de uma mulher educada baseava-se em uma perfeição angelical e uma pureza de beata. As meninas deveriam ser perfeitas! Também exaltava a prudência materna como o melhor guia para as filhas. Todos os conselhos dados às mães para educarem as suas filhas aparecerem nas qualidades de Sofia, no seu modo de comportar-se, em seus gostos, bem como no modo de vestir-se. Essas mesmas características aparecem na educação moral e religiosa proposta por Floresta em seus textos e novela. Ela brincou com a ideia de novelas, foi zelosa e astuta ao dialogar com Comte e Rousseau.

Conforme Rousseau (1991, p.550):

Sofia tem os talentos naturais; sente-os e não os desdenhou; mas, não tendo podido empenhar-se muito em cultivá-los, ela contentou-se com exercitar sua voz bonita para cantar com precisão e gosto, seus pezinhos para andar rapidamente, com graça e simplicidade, e para fazer a reverência com todo tipo de situação sem constrangimento e sem desajeitamento.

Sofia sabia coser, cortar seus vestidos e dominava o trabalho da agulha, mas preferia o trabalho com a renda. Era habilidosa até para enxugar as lágrimas. Citamos Rousseau (1991, p. 551) descrevendo Sofia:

Também se aplicou a todos os detalhes do lar. Entende de copa e cozinha, sabe os preços dos produtos, conhece suas qualidades, sabe fazer as contas muito bem e serve de dispenseira para sua mãe. Criada para um dia ser ela própria mãe de família, governando a casa paterna ela aprende a governar a sua; pode preencher as funções dos empregados e sempre o faz de bom grado.

Nessa passagem, fica claro para o que uma menina deveria ser educada, seguindo a lógica da “matrona esclarecida”. “Sofia é bem mais do que limpa, ela é pura” (Rousseau, 1991, p. 552), ela possui alguns defeitos, é imperiosa e exigente, além de que “a terra parece-lhe suja; quando vê algum estrume, acredita sentir o seu cheiro” (ROUSSEAU, 1991, p. 551) e, por isso, ela nunca se ocupou da conservação do jardim. A essência da filosofia da educação nisiana era pautada nos princípios morais. A razão deveria ser desenvolvida com os exemplos da família, deveriam aprender a ouvir e valorizar os outros, distinguindo as boas das más ações. Nas reivindicações de Floresta (1989, p. 68), encontramos suas críticas aos homens que ela chamou de “apologistas da ignorância da mulher”, que faziam questão de manter o que ela denominou de “grosseiro manto da ignorância”. Floresta não fez apologia à ignorância das mulheres, mas elas também não precisariam ir muito além com o seu pensamento.

Para Rousseau (1991), a menina não deveria ser alegre e Sofia era “por natureza”, e havia sido levada na infância, só que “aos poucos a mãe tratou de reprimir essas maneiras” (ROUSSEAU, 1991, p. 553). Até mesmo nos gostos por alimentos, Sofia “estava certa”. Na concepção de Rousseau, (1991, p. 552) ela “conservou o gosto próprio de seu sexo; adora os laticínios e os confeitos, gosta dos bolos e dos doces e massa, mas não gosta muito de carne; nunca experimentou nem vinho nem bebidas fortes; além disso, come de tudo com muita moderação”. Na perfeição de Sofia, “ela suporta com paciência os erros dos outros e conserta com

prazer os seus”, pois “este é o amável temperamento do seu sexo” (ROUSSEAU, 1991, p. 554). Além disso, a mulher é colocada no seu deslumbrante pedestal, como exemplo para a humanidade. Não caberia usar adornos, tampouco ousar e estudar.

A Sofia de Rousseau era uma moça boa, tinha retidão, era piedosa, pobre, tinha maturidade de julgamento, tão boa, amava tanto a virtude, que por isso não conseguia um namorado. Tinha uma boa índole, pois fora bem educada. Numa educação doméstica, aprendeu a ser habilidosa e complacente, valores que Rousseau (1991, p. 571) valorizava na mulher:

O domínio da mulher é um domínio de doçura, de habilidade e de complacência; suas ordens são carícias, suas ameaças são lágrimas. Ela deve reinar no lar como um ministro no Estado, fazendo com que lhe ordenem o que quer fazer. Nesse sentido, é comum que os melhores casamentos sejam aqueles em que a mulher tem maior autoridade; quando porém, ela despreza a voz do chefe, quando quer usurpar seus direitos e mandar ela própria, de tal desgoverno resulta apenas miséria, escândalo e desonra.

A mãe de Lúvia, a Dona Nízia Floresta foi considerada uma mulher sem honra, pois não aceitou ficar casada com quem não amou, no entanto Lúvia, seu anjo, não quis casar-se. Não seguiu o modelo de Sofia, que sonhava em encontrar um namorado, que não se parecesse com “palhaço”, para ser seu futuro marido. Como contou Rousseau (1991, p. 565), ela “estava à procura de um homem e só encontrava palhaços; estava à procura de uma alma e não a encontrava”. Teria que ser uma alma gêmea, tão virtuosa quanto ela, mas ela teria que amá-lo e também não adiantaria forçá-la a isso, vejamos a narrativa de Rousseau (1991, p. 565):

Como sou infeliz!, dizia ela à mãe; preciso amar e nada vejo que me agrade. Me coração repele todos aqueles que atraem os meus sentidos. Não vejo nenhum que não excite os meus desejos e nenhum que não os reprima; um gosto sem estima não pode durar. Ah, o homem de que precisa a vossa Sofia não existe! Seu encantador modelo está gravado muito fundo em sua alma. Ela só pode amar a ele, só pode honrar a ele, só com ele pode ser feliz. Ela prefere consumir-se e lutar sem tréguas, prefere morrer infeliz e livre a viver desesperada junto de um homem que não ame e que ela também tornaria infeliz; mais vale deixar de existir do que só existir para sofrer.

Sofia tinha personalidade, foi educada para casar e realizou seu sonho ao lado de Emílio, que tinha características que ela não tinha, como “a honra do

combate e da vitória” (ROUSSEAU, 1991, p. 634). Já Lívia, preferiu não casar. Mesmo assim, se tornou a Dona Lívia Augusta de Faria Rocha. Seu nome honrava a sua mãe nos jornais brasileiros do século XIX, pois era habilitada para dirigir colégio de instrução primária e lecionar a Língua Francesa. Atuava no Rio de Janeiro e fez o que apenas o Emílio pode fazer. Ele percorreu alguns dos grandes Estados da Europa. Aprendeu duas ou três línguas, bem como o que havia de curioso neles, nas artes, nos governos e nos homens. Privilégios de Emílio, enquanto Sofia o esperava para casar.

Lívia viajou pelo mundo ao lado de sua mãe Nizia Floresta, gozando de liberdade e status social. Para Lívia e sua mãe, não faltaram bens materiais, pois herdaram terras e tinham bens para desfrutar a vida da maneira que desejavam. Apenas sentiam a falta da família e das belezas naturais de sua terra natal. Sofia seguiu Emílio e teve filhos. Quando ele se tornou seu marido, tornou seu chefe, e coube a Sofia obedecer, pois acreditavam que a natureza quis assim e a obediência era natural às mulheres. Nesse “santo dever”, Sofia e Emílio sabiam muito bem como queriam educar seus filhos, da mesma maneira que foram educados pelos seus “criadores”.

A mãe de Lívia, assim como Sofia, escolheu com quem iria se casar, não na primeira vez, mas na segunda. São mulheres que, nesse sentido, fizeram escolhas. Estaríamos frente a novos modelos de mulher e de família? Talvez, pois tanto Rousseau quanto Nizia nos deixaram um legado educacional cujas investigações e análises já provocaram vastas reflexões e, mesmo assim, não se esgotam, e provocam inquietações... Nós ficamos com algumas inquietações: Estamos educando *Sofias* e/ou *Lívias*? Como educar nossas meninas?

3.2.2 Usar a Razão ou “Não Perder a Cabeça”: A Educação nos Estabelecimentos Educacionais de Nizia Floresta

O homem do Velho Mundo, apreciador dos grandes poetas, tinha razão em espantar-se ao encontrar ali, tão longe das plagas européias, em um país que se tem a ingenuidade de crer ainda semi-selvagens, uma instituição de jovens, **onde ao mesmo tempo em que se lhes ensinava a prática das virtudes domésticas, não se descuidava o cultivo de seu espírito revelando-se-lhes as belezas dos Herculano, dos Racine, dos Shakespeare, dos Goethe, dos Dante e dos Virgílio**



(FLORESTA, 1998, p. 97-98, grifo nosso).

Floresta criticou o fato de os antepassados não terem “propósito firme” de fazer uma reforma na educação para as mulheres e não concordava com a idéia de que a costura e os trabalhos domésticos eram as únicas ocupações próprias para as mulheres. Esse foi um dos motivos que a fez estruturar um novo currículo nas escolas em que fundou (que não tivessem apenas questões práticas, que inserisse as meninas no campo das letras e nas ciências). Com relação às suas inovações pedagógicas, encontramos indícios em algumas biografias. Seidl (1933, p. 19), afirmou:

Bom será que se diga desde já que dentre varias inovações pedagógicas introduzidas nos seus estabelecimentos de ensino, exclusivamente destinados a meninas, destaca-se a adoção do sistema direto do ensino das línguas vivas, tendo ela contratado na França e na Inglaterra professores especializados, com a proibição de falarem o português nas classes. Metodo que hoje se nos afigura novidade, recentemente admitida nos nossos institutos oficiais de ensino secundário, já tinha sido empregado pela nossa grande educadora, na primeira metade do século XIX [...].

Mariz (1982) destacou as suas inovações pedagógicas em três itens: a) preocupação com o preparo intelectual da mulher, que ensinava as virtudes morais e os aprendizados domésticos; b) instalação dos colégios dirigidos por brasileiros; c) adoção do sistema direto do ensino das línguas. Como podemos ver, as informações sobre as inovações na proposta educacional de Nizia se repetiram até então, isso se deve a dificuldade de encontrar documentações desses colégios. A necessidade de educar as meninas parece ser um dos grandes temas liberais da segunda metade do século XIX no Brasil, teria sido ela uma “liberal romântica” como destacou Pereira (1989, p. 21)? Floresta criticou incansavelmente a instrução superficial e mal dirigida de seu tempo e denunciou a desordem em que se achava o sistema de nossa educação, além de destacar o fato de algumas famílias parecerem não se importar com a completa ignorância de suas filhas. A esses, chamou de “apologistas da ignorância da mulher”. Quanto às escolas, Duarte (1989, p. 105) afirma que:

[...] em 1830 a cidade contava com quatro escolas de primeiras letras para meninas, contava com o Recolhimento da Glória, para as mais abastadas, e com um sem número de mestres estrangeiros que

anunciavam nos jornais para ensinar nas casas. Nesta época havia pelo menos três livrarias que divulgavam com freqüência a relação das obras estrangeiras-principalmente francesas e inglesas - recém-chegadas.

Floresta lutava contra o pensamento vigente de que a instrução intelectual das meninas era inútil, quando não prejudiciais, ela não aprovava o hábito de inspirar nas meninas gostos próprios da idade adulta. Ela acreditava que deveriam ser instruídas, mereciam sair da ignorância e serem educadas virtuosamente. Com uma educação moral, seria mais fácil fazer com que as meninas não se encantassem com “os vícios que a civilização trazia”. Na filosofia de educação nisiana, temos a ideia de uma mulher “santa”, “pura” e “virtuosa”. Câmara (1997, p. 39) descreveu assim Floresta enquanto educadora:

Vinha armada de ponto em branco para ensaiar, no cenário mais vasto da Corte, as suas aptidões de pedagoga, que já experimentara em Porto Alegre, onde se aprofundara no estudo das humanidades. Aqui chegou ostentando uma cultura absolutamente invulgar para o seu sexo, naqueles tempos em que a educação da mulher no Brasil se resumia às boas maneiras, dança, piano, trabalhos de agulha, ler, escrever e contar, e receitas de bolo. É o mais extraordinário caso de auto-didatismo neste país.

Ao afirmar que “o positivismo invade a corte”, Lins (1964) afirma que a sede da Corte e do Parlamento, centralizava a vida política do país e contava com numerosos estabelecimentos de ensino, além de vários centros culturais, salões de conferências. Citamos Lins (1964, p. 233):

Numerosos eram os seus institutos de ensino, particulares e oficiais, dedicando o Imperador a estes últimos uma atenção desvelada e permanente. Destacavam-se, entre muitos outros, o Ginásio padrão (Colégio Pedro II), a Escola Normal, o Colégio Militar, o Colégio São Bento, o Colégio Abílio, o Liceu de Artes e Ofícios, o Liceu Literário Português, as Escolas Municipais de Santa Rita, da Glória, de São José e de São Sebastião, os Institutos dos Cegos e dos Surdos-Mudos. Além das Faculdades de Medicina e Farmácia, e das Escolas de Engenharia, Guerra, Marinha e Belas Artes, abrigava ainda o Rio de Janeiro estabelecimentos e associações culturais e científicas tais como o Museu Nacional, o Jardim Botânico, o Instituto Histórico e Geográfico, a Academia de Medicina, o Instituto Politécnico Brasileiro, o Instituto de Música, a Sociedade Propagadora de Belas-Artes, o Instituto Farmacêutico, a Sociedade Amante da Instrução, os Institutos dos Bacharéis em Letras, dos Advogados, os Clubes de Engenharia, Naval e Militar, o Clube Ginástico Português e outros.

O mau direcionamento e o desprezo com relação à educação das mulheres a revoltava e, por isso, Floresta quis propôr uma reforma da educação e a pôs em prática em suas escolas, tornando-se diretora. Citamos Floresta (1989, p. 90):

Poucas diretoras sabem inspirar a emulação a suas alunas, conduzindo-as com esclarecida prudência pelo declive perigoso das raias da inveja, de sorte a garanti-las de resvalarem em seus funestos domínios. Porém, mais poucas são ainda as discípulas capazes de compenetrar-se da utilidade de uma das tristes conseqüências da outra, sujeitas como elas se acham às duas tão opostas atmosferas em que respiram - a família e o colégio.

A palavra emulação, no dicionário Aurélio (2008, p. 210), significa um “sentimento que incita a igualar ou superar outrem”. Floresta considerou a “emulação” como uma paixão nobre e generosa, que só tem por objeto a virtude. Através da educação, ela buscou amenizar o problema da desigualdade existente entre homens e mulheres. Tinha a paixão por ser perceptora das moças e educá-las virtuosas. Quanto ao ensino particular, Saffioti (1976) destacou que:

Para os colégios de meninos exige a lei que o diretor, embora possa não lecionar nenhuma matéria, tenha feito exame de latim, francês ou inglês, filosofia, aritmética e geografia, além de ter mais de 23 anos e apresentar prova de moralidade. Em contraposição, ‘nenhuma senhora poderá ser diretora de colégio de meninas sem ter feito exame de leitura, escrita, aritmética, geografia e de língua francesa ou inglesa, apresentando provas de moralidades’. Estas exigências legais expressavam eloqüentemente que, de um lado, as mulheres não estavam preparadas para o desempenho de funções docentes no ensino pós-primário, e de outro, que os fins visados pela educação secundária do homem eram inteiramente diversos daqueles que perseguia a educação feminina (SAFFIOTI, 1976, p. 197).

Frente aos problemas educacionais da época, *que soluções ela apontou?* A proposta de educação niana perpassava por uma reforma nos costumes. Era urgente terminar com o preconceito em relação às mulheres, pois tanto um quanto o outro, traziam prejuízos para a humanidade e para a educação que idealizava, uma educação que levava em conta o pensamento feminino e a mulher na sociedade, bem como os princípios cristãos, que para ela não condiziam com a escravidão. Também cabia ao governo e aos “homens do poder”,

Collegio Augusto.

Nos dias 17, 18, 19 e 20 do corrente tiveram lugar os exames de alunas deste estabelecimento, dirigido por D. Nelia Floresta Augusta. Foram examinadoras de doutrina christã, o Rev. padre João Soares de Souza; de leitura e grammatica portugueza, o Sr. J. J. dos Passos; de arithmetica, o Sr. Dr. João de Almeida; de lingua franceza, o Sr. Dr. João Custodio da Silva; de historia universal e patria, o Sr. Dr. João de Almeida; de latim, o Sr. Dr. João de Almeida; de geographia e cosmographia, o Sr. Dr. João de Almeida; e de musica, o Sr. Dr. João de Almeida.

ALUNAS EXAMINADAS.

D. Livia Augusta de Faria Rocha, em latindade, com o retrato em miniatura da diretora.

D. Maria Rosa Ferreira, em historia, cosmographia, poesia e italiano, com a 1ª medalha de ouro.

D. Maria Carolina de Sampaio, em historia, cosmographia e italiano, com a 2ª medalha de ouro.

D. Maria Emilia de Souza, em historia, cosmographia e italiano, com a 3ª medalha de ouro.

D. Francisca de Sousa Lima, em historia universal, poesia e cosmographia, com a 4ª medalha de ouro.

D. Joana Brígida Costa, em francez, geographia e historia antiga, com a 5ª medalha de prata.

D. Inês Clara de Abreu e Souza, em francez, geographia e historia antiga, com a 6ª medalha de prata.

Todas estas medalhas constam do distincto de — Premio ao Merito — e firmo da directora.

D. Nelia da Silva Brandão, em historia universal e poesia italiana, com o 1º premio, e distincção, não se retirou, tendo em mãos de ouro e mesmo distincto das medalhas.

D. Joana Carolina da Silva Guimarães, em traducção de italiano e em cosmographia, com o 2º livro, de igual escadearação.

D. Maria Tereza da Cruz Colares, em grammatica italiana e historia moderna, com o 3º livro.

D. Luiza de Oliveira Castro, em grammatica portugueza, dita franceza, traducção e historia antiga, com o 4º livro.

D. Maria Carolina Pinheiro, em grammatica portugueza, dita franceza, traducção, arithmetica e historia antiga, com o 5º livro, com o 6º livro.

D. Francisca Josepha Vilas de Souza, em grammatica franceza, traducção e geographia, com o 7º livro.

D. Francisca Josepha Vilas de Souza, em grammatica franceza, traducção e geographia, com o 7º livro.

D. Francisca Josepha Vilas de Souza, em grammatica franceza, traducção e arithmetica, com uma coroa.

D. Joana Apollonia dos Reis, em grammatica portugueza, dita franceza e arithmetica, com uma diad.

MENINAS HOMENAS.

A. D. Adelaide de Moraes Faria.

A. D. Francisca Luiza Costa.

A. D. Anna Amalia Loureiro.

A. D. Cecília de Castro.

A. D. Lina de Castro, filha.

A. D. Maria Francisca Torres.

A. D. Tereza Candida do Pilar.

A. D. Lilia Sieben.

A. D. Rita Franquim Pinto.

ocuparem-se com os melhoramentos materiais e, aos pais, com o melhoramento moral da juventude. Os pais deveriam questionar-se pelas condições materiais dos estabelecimentos de ensino, bem com o mérito da pessoa que o dirigia.

Floresta criticava o fato de os pais se atraírem pelas promessas e pelo número de meninas que já estudavam naquele estabelecimento, *pois o número deveria ser reduzido* e ela desejava que tanto os donos das escolas, quanto quem educava estivessem aptos para tal ação. Na obra *Opúsculo Humanitário*, foram feitas severas críticas aos diretores das escolas particulares da sua época. Como consta na correspondência sobre estatística colegial, publicada no Jornal do Comércio, de 23 de Dezembro de 1846 e anexada na biografia escrita por Câmara (1997, p. 151), no *colégio Augusto* as meninas aprendiam “latinidade, história antiga, moderna e universal, cosmografia, poesia, italiano, francês, português, aritmética, geografia”. As meninas recebiam o reconhecimento pelos seus esforços publicados no jornal, temos como exemplo no Jornal do Comércio datado de 24 de dezembro de 1846 (ver anexo I) a publicação dos nomes das meninas que se destacaram e foram premiadas naquele ano letivo no Colégio Augusto, certamente isso era um incentivo para a valorização da educação das meninas. O nome de Lívia foi o primeiro da lista, orgulhando sua mãe na disciplina do latim. Dezesseis meninas foram premiadas em diferentes áreas do conhecimento (latinidade, cosmografia, história, história antiga, história universal, história moderna, poesia, poesia Italiana, francês, geografia, tradução em livro em Italiano, gramática Italiana, gramática francesa, gramática de português e aritmética). De dezesseis meninas, apenas três se destacaram em aritmética. Percebe-se que as meninas se destacavam nos estudos das letras e que o estudo de ciências não estava no currículo, pois não foi mencionado. Além da premiação com medalhas de ouro e prata, nove meninas receberam menções honrosas (ver anexo I).

O Colégio Augusto que funcionou dezoito anos no Rio de Janeiro, sendo desativado em 1855, tinha programas de estudos que incluíam disciplinas como latim, caligrafia, história, geografia, religião, matemática, português, francês, italiano, inglês, música, dança, piano, desenho e costura. Para o ensino das línguas estrangeiras, os mestres eram contratados na Europa, excluía o uso do vocabulário pátrio, método revolucionário para a época, e ainda hoje em uso. Muitas pessoas não consideravam ser necessária tanta erudição. Muitas dessas disciplinas não

eram consideradas um conhecimento útil, afinal, as meninas da época não eram educadas com tanta erudição e precisavam aprender a serem virtuosas. Observamos que o ensino de ciências não aparece.

Na biografia de Aduino Câmara, aparece a primeira descrição sobre o Colégio Augusto, pois sobre o colégio situado em Porto Alegre encontramos informações muito superficiais em todos os escritos biográficos e que versam sobre a educação analisados. Consta uma informação na biografia de Câmara de que os Estatutos do Colégio Augusto estiveram com Henrique Castriciano (CÂMARA, 1997, p. 39). Onde estaria esse exemplar? Estivemos no Rio Grande do Norte, no museu de Henrique, procurando-os. Pesquisamos no acervo de sua biblioteca pessoal. Também consideramos que Câmara Cascudo foi biógrafo de Henrique Castriciano, e tínhamos como objetivo encontrar alguma correspondência, caderno de anotação que trouxesse informações de Floresta, especialmente sobre suas ideias pedagógicas, mas também nada encontramos no Museu de Câmara Cascudo.

Ferreira (2006, p. 02, grifo nosso), por exemplo, constatou que Nizia, *“foi militante na defesa de uma educação sólida e libertária. Um ensino sem a pedagogia de castigos corporais, sem a tortura dos açoites”*. Mas essas informações não conferem com os dados de Aduino Câmara. Ferreira (2006, p. 02) diz que Floresta *“combateu métodos baseados na tortura com a sua pedagogia da liberdade, numa proposta de educação visionária, voltada para a formação de homens e mulheres”*. Será que a educação para as meninas, defendida por Floresta, no início do século XIX foi um instrumento de superação e rompimento das barreiras do lar? Não a consideramos voltada para uma *“pedagogia da liberdade”*, no entanto, ela mantém as mulheres submissas aos homens, pois educa as meninas para qualificar o sistema de manutenção do poder patriarcal. As escolas particulares brasileiras foram criticadas por Floresta e os métodos dessas foram considerados *“antiquados”* e *“funestos”* (FLORESTA, 1989, p. 62), todavia, ela não contribuiu para que as meninas se tornassem mulheres livres de seus *“cativeiros”*. O Colégio Augusto estava situado na *“sociedade mais requintada do país, não só pela riqueza, mas pela educação e cultura, afeita às recepções no Paço e nos salões diplomáticos, freqüentando com paixão companhias dramáticas e líricas”* (LINS, 1964, p. 234). Além disso, Lins (1964) descreve que a divulgação do positivismo estava favorecida, pois algumas pessoas com maior influência na vida política e cultural do país iam

para a França, como por exemplo: “parlamentares, banqueiros, médicos, advogados, engenheiros, professores, jornalistas e homens de letras que, de volta, traziam de Paris os livros e as ideias científicas, filosóficas e literárias aí mais em voga a partir da segunda metade do século XIX” (Lins, 1964, p. 234). O segundo capítulo da obra de Lins (1964), intitulada *História do Positivismo no Brasil* é denominado “Nísia Floresta”. Lins (1964, p. 19) inicia assim:

‘Trabalhos de língua não faltaram: os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos’...Assim se exprimia ‘o Mercantil’ de 1º de janeiro de 1847, a propósito dos exames de línguas realizados no Colégio Augusto. Desde 1838, quando contava apenas 29 anos de idade, Nísia Floresta dedicava-se a esse Colégio, por ela mantido no Rio de Janeiro, onde, além do latim, lecionava, sozinha, quase tôdas as matérias.

Como estamos apontando, a mãe teria que compreender que é a primeira educadora de seus filhos. No pensamento educacional nisiano, ela era fundamental para que a reforma da educação ocorresse. Enquanto as mães não se dedicassem à educação de seus filhos (visto que muitas deixavam sob os cuidados de outras) e, posteriormente, transferiam para a escola essa função, seus filhos não seriam educados conforme a educação moral, tão necessária e idealizada por Nizia. Isso está na proposta educacional de Floresta (1989, p. 110):

O desenvolvimento da razão por meio de bons e edificantes exemplos da família; o hábito de raciocinar, que se deve fazer contrair às crianças, ensinando-as a atentarem no valor das palavras que proferem e ouvem proferir aos outros; discriminar as boas das más ações, excitando-as a imitar aquelas e a reprovar estas [...].

Nessa passagem, Nizia propôs ensinamentos educacionais, como: desenvolver a razão; criar o hábito de raciocinar; ensinar o valor das palavras que são ditas; aprender a escutar; refletir sobre as boas e as más ações; discernir o certo do errado. Na percepção dela, tudo isso se deixava na mais completa negligência e era considerado como o que havia de mais essencial em ensinar ou em corrigir. Segundo a filosofia de educação nisiana, a escola daria a instrução e a família (especialmente as mães) a educação, pois “a educação, para ser perfeita, deve começar do berço” (FLORESTA, 1989, p. 94). Em *Opúsculo Humanitário*, mostra-nos o que acreditava ser útil para a educação das crianças. Defendia os

jogos de exercícios, os passeios campestres e pequenos agradáveis trabalhos de uma utilidade real para a infância. Assim, a virtude e o saber deveriam estar relacionados.

A filosofia de educação nisiana se baseava nos ensinamentos morais, como os citados acima e caberia aos diretores que, de fato, se preocupassem com a educação para contribuir na formação de sujeitos com bons costumes, vida exemplar, ilustres, insignes, com boa conduta, repletos de simplicidade e ausência de vaidade. Essas são algumas características obtidas com a educação moral proposta por ela. Nessa perspectiva, cabe às mães a educação de seus filhos, habituando-lhes aos bons costumes e instruindo-os com ações e palavras edificantes desde bem pequenos. Para Hierro (1990, p. 10-11, grifo nosso):

La hegemonia masculina proporciona la sanción y ejercicio de todas las fuerzas físicas, económicas e intelectuales por parte de los hombres. Por ello el *orden moral* en el patriarcado es masculino. Los arquetipos de la educación femenina, formal e informal, contribuyen al desarrollo de los rasgos de carácter y de inteligencia deseables para la conservación de la condición femenina; **en efecto, se ‘educa’ a todas las mujeres de todas las clases sociales según la figura más valorada: la madre, encarnación de la ética.**

A filosofia de educação nisiana gira em torno da ideia de que *está nas mãos das mães a dignidade da família e a glória da pátria*. O bom senso e a religião no âmbito familiar conduziriam a boa educação das crianças. Diagnosticando que o governo e os poderosos estavam deixando lacunas na educação de seu tempo, ela apelou aos pais por uma maior participação no processo educacional, transformando-os em agentes de sua tão idealizada reforma da educação. Vejamos o que Floresta (1989, p. 113) solicitou às mães:

Transfundam nos tenros corações de suas filhas a inata doçura e as boas qualidades do seu [idem ao original, mas parece faltar uma palavra], furtando-as aos exemplos de vaidade, de orgulho e dos erros que tendem a destruir ou a inutilizar a sua obra. Resignem por amor delas o gosto imoderado pelos prazeres do mundo, sem todavia abster-las completamente deles, sendo que um e outro excesso lhes pode ser, da mesma sorte, prejudicial. É harmonizando distrações inocentes com úteis ocupações que uma mãe judiciosa deve procurar fortalecer o físico e o moral de suas filhas desde a mais tenra infância.

Nizia criticava o que, por via de regra, considerava-se uma educação para as meninas, como por exemplo: o costume de mandar as meninas dançarem para abrilhantarem os salões, ensinavam a ler e escrever, sem conhecerem a literatura, obrigavam a cantar e tocar piano, mesmo sem gosto e sem estilo; apenas noções de “desenho, geografia e música” e obrigatoriedade da prática de serviços manuais (crochês, bordados, tapeçarias) que, muitas vezes, serviam apenas para decorar a sala dos pais e receber “fúteis louvores” (FLORESTA, 1989, p. 110). A futilidade sempre foi alvo dela. Ela exaltou a prática de países desenvolvidos, em que as mulheres tinham horas reservadas para o trabalho intelectual e outras horas para o trabalho material. Na educação nisiana, a menina é cobrada até alcançar a perfeição, na prática dos costumes morais e religiosos. As mães eram responsáveis por essas cobranças e, por isso, também eram alvo de críticas, vejamos um exemplo dessas feita por Floresta (1998, p. 166-167):

Os melhores princípios inculcados à juventude feminina nas boas casas de educação se perdem ou enfraquecem quando a moça volta à família, onde não encontra, freqüentemente, senão elementos para a prepararem ao antegosto de frivolidades ou daquelas ambições que tendem a destruir quase sempre as lições aprendidas. Quantas vezes, em Paris, ouvi mães deslumbradas pelos prazeres mundanos dizerem que se orgulhavam de ter suas filhas no Sagrado Coração, onde as moças recebiam, acrescentavam, a melhor educação e a mais distinta! Pobres mães: pensei. Ignoram que as lições das educadoras mais sábias, mais santas, fossem das Penélopes ou das Santas Teresas, não poderiam jamais chegar a formar no espírito de suas filhas uma barreira suficiente à invasão de certos exemplos que as esperam, às vezes, lá onde deveriam somente encontrar as lições de todas as virtudes.

Floresta (1989, p. 103) afirmou que “uma mãe é então o quadro mais eloqüente para lhes servir de norma em sua conduta futura, o modelo que devem primeiro copiar: se esse modelo não é perfeito, como poderá a menina apresentar uma cópia perfeita?”. Conforme Floresta (1998, p. 167, grifo nosso):

Não é, todavia, nas casas estranhas, inclusive conventos, que a jovem encontrará as bases sólidas da melhor educação que se faz necessária, mas no lar: ‘nel santuario della familia, dove la madre sarà il primo e degno sacerdote, avendo il cuore per altare e la morale per sacrificio’. É somente lá, **quando as mães forem capazes de compreender e realizar sua santa missão na sociedade, que a jovem colherá com tal utilidade, os princípios e lições de que necessita para tornar-se o que deve ser um dia: simples, verdadeira, boa, compassiva e adornada da dignidade natural, que uma sábia educação materna terá desenvolvido**

convenientemente e fortificado nela, expulsando toda espécie de pretensões ridículas. A mulher, então, atrairá por seu mérito real tanto as homenagens sinceras quanto essas insípidas galanterias de que é objeto e de que gosta de ser cercada, em geral.

Assim, a virtude e o saber são os pilares da filosofia da educação nisiana. O desenvolvimento da razão era concomitante ao aprendizado por meio de bons e edificantes exemplos da família. Floresta percebia que, quando a menina passava da casa paterna para o colégio, levava alguns pequenos vícios que eram muito difíceis ou impossíveis de desarraigar. Destacando a parceria entre a escola e a família, Floresta (1989, p. 111) afirmou:

Será, portanto, da comunhão das boas práticas de uns e de outros que somente poderão sair homens e mulheres capazes de firmar o renome da Nação Brasileira, a qual, tão grandemente elevada pela natureza, tão pequeno espaço tem ainda conquistado no vasto e fértil campo da civilização moderna.

O colégio Augusto, que estava situado na Corte, tinha um número restrito de alunas que cursavam e só entravam outras quando vagassem lugares. No *Opúsculo Humanitário*, consta que a educação das jovens educandas estava em primeiro lugar, mas não nos diz quantas alunas poderiam estudar em sua escola, como eram distribuídas as vagas e sobre os processos seletivos, avaliações e métodos. A filosofia de educação nisiana buscava educar para uma “naturalização de uma ética”, que determina a postura, os modos de pensar, agir e ser de uma menina. As meninas aprendiam a serem contidas, reprimindo seus desejos e impulsos.

Pois o silêncio era ao mesmo tempo disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social e familiar – as paredes da casa abafam os gritos das mulheres e das crianças agredidas-, pessoal. Uma mulher conveniente não se queixa, não faz confidências, exceto, para as católicas, a seu confessor, não se entrega. O pudor é sua virtude, o silêncio, sua honra, a ponto de se tornar uma segunda natureza. A impossibilidade de falar de si mesma acaba por abolir o seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele (PERROT, 2005, p. 10).

As meninas permaneciam sendo confinadas nos “cativeiros” numa espécie de “cercado invisible”, termo de Bourdieu (2000) cunhado para explicar uma espécie de confinamento simbólico. Ela ensinava para a submissão do corpo, pois determinava qual deveria ser o modo de andar, como seriam as roupas que as meninas deveriam

vestir, além de proibir para as internas a exposição de seus corpos ao se despir para dormir. Sendo assim, como descreveu Perrot (2005, p. 34):

A cidade do século 19 é um espaço sexuado. As mulheres inscrevem-se nele como ornamentos, estritamente disciplinadas pela moda, que codificava suas aparências, roupas e cuidados, principalmente para as mulheres burguesas cujo lazer ostentatório tem como função significar a fortuna e a posição de seu marido. Protagonistas no verdadeiro sentido da palavra, elas desfilam nos salões, no teatro ou no passeio, e é por suas roupas que os cronistas se interessam [...]

As meninas deveriam se portar com decência e agirem como beatas. A educação era oferecida às meninas para que essas tivessem atitudes morais, visto que seu modo de vestir, agir e pensar eram manipulados e reprimidos. Eram consideradas “cidadãs”, enquanto desempenhassem dignamente os seus papéis de esposas e mães.

La moral femenina se impone sobre todo a través de una disciplina constante que concierne a todas las partes del cuerpo y es recordada y ejercida continuamente mediante la presión sobre las ropas o la cabellera. Los principios opuestos de la identidad masculina y de la identidad femenina se codifican de esse modo bajo la forma de maneras permanentes de mantener el cuerpo y de comportarse, que son como la realización o, mejor dicho, la naturalización de una ética (BOURDIEU, 2000, p. 42).

Para Floresta, estudar era uma vantagem, mas ainda não era algo comum à realidade das meninas no início do século XIX. Barroso (1982) aponta que, desde o início do século XIX, começaram a aparecer instituições destinadas a preparar a mulher para o magistério primário, e essas chegaram a funcionar posteriormente como alternativa para o curso secundário. Essas escolas teriam, no entanto, uma vida institucional bastante precária e só puderam funcionar com regularidade no final do século. Seus currículos reproduziam os conteúdos que deveriam ser apresentados no ensino elementar e a eles, acrescentando uma rudimentar iniciação pedagógica. Além de insuficientes em qualidade, no final do Império, as Províncias possuíam apenas uma ou duas dessas escolas em cada província. Era uma educação elitista, pois para as pobres, havia outras escolas nas províncias e elas não iam para outros lugares estudar. Nesse sentido, Floresta (1989, p. 87) criticava:

Nestas províncias encontram já meios de instruir-se em diversos ramos do ensino os rapazes, que outrora iam com mais ou menos

dificuldades procurá-lo longe de suas famílias, entretanto que as meninas, cujos pais por justas considerações não ousam aventurá-las em uma longa ausência de suas vistas, acham-se ainda privadas dessa vantagem.

O raciocínio é de que se deve educá-las para que elas se transformem em boas mães de família, já que seria no contato com a mãe que se formaria o homem de amanhã e as mães bem formadas, do ponto de vista moral e religioso, garantirão o bom caráter de seus filhos. “A educação feminina é, pois, pensada, de um lado, como necessidade para estabelecer a justiça social e, de outro, como o setor-chave de uma política de reformas sociais visando atingir um estágio superior de organização social” (SAFFIOTI, 1976, p. 206). O contexto para pensar a educação das meninas não era favorável, não havia interesse pela educação delas, as mulheres eram dependentes dos homens e a instrução feminina era considerada desnecessária. Floresta acreditava no poder da educação como fator de mudança e de justiça social, que contribuiria para o progresso da sociedade brasileira. “O baixo nível de educação feminina é, assim, defendido em nome da necessidade moral e social de preservação da família como se esta fosse incapaz de persistir através das mudanças que a evolução social lhe impõe freqüentemente” (SAFFIOTI, 1976, p. 205).

Os educandários para as meninas não constituíam solução total para o problema do ensino da mulher; representavam apenas uma tímida tentativa de transformar em pessoas úteis à sociedade as meninas sem recursos. A instrução feminina continuava, contudo, precária quer nas escolas públicas, quer nas particulares, quer ainda nos educandários destinados a receber indigentes. A instrução de nível secundário não chegaria mesmo a encontrar solução no Império enquanto ensino secundário feminino oficial (SAFFIOTI, 1976, p. 201).

Vejamos uma das críticas de Floresta (1989, p.80) à educação da época:

Em todos os pontos do Brasil, qualquer homem ou mulher que saiba ler, embora não seja no português classicamente belo de A. Herculano, e tem meios de montar uma casa de educação, julga-se para logo habilitado a arrogar o título de diretor de colégio, caricaturando o que na Europa ilustrada assim se denomina. Nenhum exame em regra se exige desses educadores da juventude que terá de fazer um dia a glória do nosso país: eles ensinam pelos compêndios que querem, instituem doutrinas à sua guisa. O pedante goza das mesmas garantias, e quase sempre de maiores vantagens, que as inteligências superiores.

A crítica citada acima nos mostra a sua preocupação com a educação das meninas, bem como a capacitação docente. A distinção entre educação e instrução parecia estar presente na filosofia de educação nisiana. A idéia de que instrução seria algo mais adequado aos homens, ou melhor, algo perigoso para as mulheres, porque poderia colocá-las em posição semelhante à deles. Para Louro (1987), o termo educação parece ser entendido de modo mais amplo e englobaria uma formação ideológica, enquanto que instrução provavelmente se refere, de modo restrito, às informações, ou ao saber científico e cultural disponível num dado momento histórico. Quanto à aritmética, bastava que as meninas soubessem as quatro operações e também servia para distinguir dois níveis de salário para os professores. Os que lecionavam geometria, receberiam maior pagamento. A atitude política de mulheres não era valorizada e o contexto social não era fácil para as mulheres lidarem com o saber. Como destacou Menezes (2002, p.13):

A escola e, por conseguinte, a Academia aparecem na história da humanidade como um lugar que deverá proporcionar ao ser humano o encontro consigo mesmo e com o mundo, por intermédio do conhecimento, da criação de um discurso. Mas as mulheres não pertencem, inicialmente a essa história de acesso ao saber, que lhes fora negado, impedindo, conseqüentemente, a própria possibilidade de sua humanização.

Após a Proclamação da Independência, foi instituída a lei imperial que cria o ensino primário no Brasil, em 1827. O projeto Januário da Cunha Barbosa, apresentado no Parlamento Nacional em 1826, apresenta a origem desse decreto. Esse documento definiu o plano de ensino, as regras necessárias para a organização pedagógica das escolas e regulou no Brasil as escolas oficiais de primeiras letras para meninos. Com relação às meninas, consta no artigo 11, que escolas para meninas iriam ser criadas nas cidades e vilas mais populosas, em que os presidentes das províncias, em conselho, julgassem necessário o estabelecimento de ensino para meninas. Não havia uma preocupação efetiva com a educação feminina. Criaram poucas escolas públicas para meninas. Casagrande (2006) constatou que o Primeiro Império sinalizou a urgência de instituir um sistema geral de ensino, através da implantação de escolas em todo o território brasileiro e considerou o projeto Januário da Cunha Barbosa, como a primeira iniciativa para a educação elementar no Brasil, oficializada no decreto de 15 de outubro de 1827.

Na lei, consta que o ordenado das “mestras” deveria ser o mesmo dos homens, mas “as mulheres que ensinavam meninas eram ainda menos treinadas e bem menos pagas do que os homens que instruíam os meninos” (HAHNER, 1981, p. 33). Essa lei foi assinada por Dom Pedro I e, com base nela, foram criadas escolas em cidades, vilas, lugares mais populosos do Império. O ensino geral passou a ser responsabilidade do governo geral e o plano de ensino foi regulado, constaria de leitura, escrita, quatro operações, prática dos quadrados, decimais, proporções, noções de geometria, gramática da língua nacional, princípios da moral cristã, doutrina católica, acompanhada de leitura da constituição do Império e da história do Brasil. Esse método passou a ser uma mistura do “ensino mútuo” do pedagogo inglês André Bell (1753-1832) e o método de Joseph Lancaster (1778-1838). O método de ensino mútuo, que foi copiado no Brasil a fim de instruir um maior número possível de pessoas com menos gastos. O método de Lancaster instituiu a metodização das lições e a organização das classes. O modo educacional adotado era um modo onde o professor escolhia uma estudante que se destacasse para auxiliá-lo com a classe de alunos. Era um método que, além de rígido e severo, visava à economia de dinheiro, recursos e pessoas. Além disso, o professor também era responsável por fiscalizar a escola. Somente em agosto de 1834, as províncias ficaram responsabilizadas pelos encargos referentes ao ensino primário. A Constituição de 1824 sinalizava para a criação de um amplo sistema escolar e ela procurou atender aos princípios liberais advindos da Europa.

Levando em conta a categoria de gênero na lei de 15 de outubro de 1827, vemos que os conteúdos de meninos e de meninas eram diferentes. A instalação de escolas para meninas ficava a cargo de um homem. No artigo 11º constava que iria haver escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, “em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento” (BRAZIL, 1827, p. 72). Como consta no artigo 12º, nas cidades e vilas mais populosas, haveria também aulas para meninas, com o currículo mais abreviado em relação ao das escolas para meninos, acrescentando-se “à economia doméstica” para elas (BRAZIL, 1827, p. 72). Os provimentos dos professores e Mestras “eram vitalícios” (BRAZIL, 1827, p. 72), mas os presidentes dos Conselhos, tinham autoridade para suspender e demitir, conforme consta no artigo 14º e encontrar quem o (a) substitua. Conforme consta no artigo abaixo:

Art. 6º. Os professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de aritmética (sic), pratica (sic) de quebrados decimaes (sic) e proporções, as noções mais geraes de geometria pratica (sic), a grammatica (sic) da lingua (sic) nacional, e os principios de moral christã e da doutrina da religião católica (sic) e apostolica romana, proporcionados á comprehensão (sic) dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brazil (BRAZIL, 1827, p. 72).

Os mestres e mestras eram submetidos (as) a uma avaliação da sua conduta moral, deveriam ser brasileiros, ter reconhecida honestidade e passar nos exames:

Art. 7º. Os que pretenderem ser providos nas cadeiras serão examinados publicamente perante os Presidentes, com Conselho; e estes proverão o que for julgado mais digno e darão parte ao Governo para sua legal nomeação (BRAZIL, 1827, p. 72).

Também se previam aulas para as meninas, no 13º art igo, em que dizia que tais aulas seriam ministradas por mestras, que, receberiam “os mesmos ordenados e gratificações concedidos aos mestres” (BRAZIL, 1827, p. 72). Os artigos previam concurso público para os professores, fixava salários, definia métodos e um currículo básico para as aulas de primeiras letras. No artigo 3º, por exemplo, os presidentes do conselho ficaram responsáveis de taxarem os ordenados de “200\$000 a 500\$000 annuaes” ([sic], BRAZIL, 1827, p. 71). Vejamos:

Art. 3º. Os Presidentes, em Conselho taxarão interinamente os ordenados dos Professores, regulando-os de 200\$000 a 500\$000 annuaes [sic], com attenção ás circumstancias da população e carestia dos logares e o farão presente á Assembléa Geral para a approvação. Art. 4º As escolas serão de ensino mutu o [...] (sic, BRAZIL, 1927, p. 71).

Nizia chamou a atenção dos “pretendidos melhoradores da educação da mulher”, aqueles que fundavam escolas em seu tempo e lutavam por uma educação que levasse em conta que “a inteligência não tinha sexo”. Portanto, o pensamento exposto em suas obras, parece contrário ao senso comum da época e questiona alguns pressupostos que eram incontestáveis ao pensamento da época. No entanto, o que ela escreve nas obras, muitas vezes, é o oposto daquilo que ela colocava em prática na escola. Uma educação que visava controlar os impulsos, desejos e ações

das meninas. Severa, pois punia, castigava e exigia que as meninas fossem anjos, pois elas não poderiam fazer travessuras, tornando-se santas.

Os estabelecimentos educacionais de Floresta sofreram influência da filosofia positiva de Comte, mesmo que ela não tenha se convertido a “religião da humanidade”. Ela o considerou o homem mais extraordinário do século e à luz de seus ensinamentos, cumpriu promover uma austera moral e considerava as mulheres seres importantes enquanto filhas, mães e esposas. Assim, ela declarou também sua crença no ideário comteano.

No século XIX, “uma severidade beirando a crueldade era considerada a maneira eficiente de educar os filhos” (LEITE; MASSAINI, 1989, p. 74). Mesmo que a escola tivesse o francês, as meninas recebiam uma educação rigorosa, com castigos e punições severas, como era comum na época. As meninas não podiam falar sobre suas vidas e vivências domésticas. Elas rezavam, mantinham o silêncio e não deveriam expor os seus corpos, tendo que se comportar com “decência”, caso contrário, seriam expulsas da escola. Trata-se de uma rígida educação moral. As meninas recebiam uma educação religiosa baseada na religião cristã. Com relação aos castigos e punições, Freyre (2006, p. 507) destacou que:

Nos antigos colégios, se houve por um lado, em alguns casos, lassidão – fazendo-se vista grossa a excessos, turbulências e perversidades dos meninos – por outro lado abusou-se criminosamente da fraqueza infantil. Houve verdadeira volúpia em humilhar a criança; em dar bolo em menino. Reflexo da tendência geral para o sadismo criado no Brasil pela escravidão e pelo abuso do negro.

Câmara (1997) contou que havia no colégio Augusto punições, castigos e prisões. Esse biógrafo escreveu sobre o Estatuto do Colégio Augusto, documento que não sabemos onde está. Vejamos Câmara (1997, p. 39):

Henrique Castriano possui um exemplar dos Estatutos do Colégio AUGUSTO, dos quais constam os seguintes preços: -internas, 20\$000; semi-internas, 10\$000; externas, 4\$000. Trata-se de regulamento muito minucioso. As internas teriam que levar bacia de rosto, vaso de noite, etc; as externas, cadeiras e livros. O método direto em Francês era de rigor. Entre os castigos, havia a prisão, ficar uma hora de pé, ficar privada do ‘sueco do sábado’. Para meninas que chegasse ao Colégio contando episódios passados em casa, punição severa. Menina que, à noite, quando se despia para dormir, não se portasse como decência neste ato, era castigada exemplarmente, podendo até ser “expelida” do Colégio. Havia

educação religiosa. À noite, quando se recolhiam as internas, uma 'tirava' o padre-nosso, etc., que as outras repetiam (CÂMARA, 1997, p. 39).

Tratando de imposição de limites na vida das crianças e jovens, percebemos que ela defendia que a escola tinha um importante papel nesse processo da educação moral, porém cabia aos pais essa "difícil missão". Ela denunciou a negligência dos pais e se posicionou preocupada com a situação educacional. Vejamos:

Quais as casas de educação cujo regime e instituições, baseados na previdência esclarecida do governo e no bom senso dos pais, possam garantir a educação radical da juventude? Não se tem visto, mesmo nesta Corte [Rio de Janeiro], diretores dessas casas, transpondo todas as metas de seus deveres, profanarem o mais sagrado princípio do magistério, sem que de tão criminosa conduta lhes provenha nenhum prejuízo mais que o de verem eliminado o nome de um ou outro aluno do livro de sua receita? (FLORESTA, 1989, p.77).

Com relação aos castigos, destaca, em 1853, que a maior parte dos pais não via os castigos escolares como um meio necessário para os bons resultados da educação dos filhos. Outros ainda toleravam que "homens sem princípios e de medíocre saber" (entenda: diretores de casas de educação) imprimissem a mão na face de seus filhos e tratassem com todo rigor para puni-los de suas desobediências domésticas (FLORESTA, 1989, p.76). Fundar escolas e ser diretora ou professora era algo inovador para a época dela. Freyre (2006, p. 472) mostrou que no tempo das casas-grandes:

[...]mulheres que, ainda meninas, se casavam; que muito cedo tornavam-se mães; que ainda novas começavam a envelhecer. E cuja única atividade, fora a procriação, a devoção e a administração das mucamas, era fazer renda e fazer doce [...].

Floresta provoca uma ruptura no que diz respeito à politização da realidade das mulheres da época, como destacou Freyre (2006, p. 510), "as meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais – depois substituída pela tirania dos maridos". Mesmo criticando a tirania dos homens, ela educava as meninas para serem dóceis e virtuosas, ela não contribuía para que elas deixassem de ser oprimidas. Então, como reagiriam frente à tirania

dos homens? Ela tinha um perfil diferente das mulheres que viviam nesse contexto, que serviam aos homens durante toda a sua vida. Ela, do ponto de vista particular, parece ter escapado de suas “servidões”¹², de seus “cativeiros”, no entanto, ela era uma mulher de seu tempo e acreditava que as mulheres “serviam” para a maternidade e a vida doméstica” apenas.

Así pues, la dominación masculina tiene todas las condiciones para su pleno ejercicio. La preeminência universalmente reconocida a los hombres se afirma en la objetividad de las estructuras sociales y de las actividades productivas y reproductivas, y se basa en una división sexual del trabajo de producción y de reproducción biológico y social que confiere al hombre la mejor parte, así como en los esquemas inmanentes a todos los hábitos (BOURDIEU, 2000, p. 49).

Duarte (1995) considerou curioso um anúncio publicado várias vezes no *Diário de Pernambuco* e ela acredita que o anúncio poderia ser a Nizia:

Uma senhora assaz, conhecida nesta cidade se propõe a ensinar a ler, a escrever, as quatro espécies de conta, a Doutrina Cristã e os elementos de civilidade às meninas que lhe forem confiadas para o dito fim, prometendo desvelar-se no adiantamento das suas alunas, instruindo-as ao mesmo tempo naqueles princípios verdadeiramente religiosos. Os pais de família que quiserem se utilizar do préstimo da dita senhora, podem dirigir-se à sua casa, -Rua das Flores D 12- a qual não duvida educar algumas meninas assistindo em sua companhia, sendo do agrado de seus pais, com quem antecipadamente deverá ajustar-se (Diário de Pernambuco, 29/04 e 08/05/1829).

Para Câmara (1997, p.41), ela “adotou métodos que honravam os seus conhecimentos pedagógicos, lutou contra a rotina, desvelou-se pela formação moral das meninas”. Ferreira (2006, p. 2) afirmou que:

Na condição de diretora-proprietária de educandários para moças, Nisia definiu um projeto educacional no qual o ensino das prendas domésticas era acompanhado de formação sólida em línguas e conhecimentos gerais, o que respondia à sua preocupação com a formação das mulheres para que pudessem conquistar um lugar digno na sociedade.

A escola fundada por Floresta, em Porto Alegre, deve ter tido os mesmos diferenciais do colégio Augusto, do Rio de Janeiro. Conforme Flores (1992) ela abriu o colégio Augusto em 15.2.1838, localizado na rua Direita, nº 163, hoje rua 1º de

¹² Simone de Beauvoir em entrevista com Alice Schwarzer no livro “Simone de Beauvoir hoje”.

Março. Mais tarde, transferiu-o para um sobrado, onde também residiu, à rua Dom Manoel, nº 20, com entrada pela travessa do Passo, 23.

O Colégio Augusto não foi bem recebido pelas concorrentes estrangeiras. As audácias da diretora, seu caráter sui júris, suas idéias já conhecidas em prol da reabilitação da mulher, causaram mal-estar entre as rivais assustadas, e entre os catões, que aborreciam aquela mulher metida de homem, pregando a emancipação do seu sexo, batendo-se pela extinção da odiosa tirania masculina, escrevendo nos jornais, estigmatizando os senhores de escravos, afrontando desassombadamente seculares preconceitos (CÂMARA, 1997, p. 42).

Para ser professora, na época, necessitava que essa tivesse boas relações pessoais. “Nessas relações, considerava-se, também, o grau de afeiçoamento dos donos do poder local com o marido ou pai das professoras” (CHAMON, 2005, p. 31). Muitas professoras foram perseguidas e Floresta questionava os valores da época quando fazia a crítica ao preconceito de gênero. As perseguições eram típicas do século XIX. Ela se opunha à comercialização do ensino por indivíduos incompetentes que, com frequência, abriam escolas de bela aparência, mas de pouca substância em seu interior. Como Peggy-Sharpe (1989) destacou que, para ela, a tarefa educativa era a missão que somente aos mais qualificados deveria ser confiada. Citamos Floresta (1989, p. 76, grifo nosso):

Todos os homens conscienciosos de nossa terra conhecem de há muito a necessidade urgente de uma **completa reforma no ensino de educação** da nossa mocidade. Muitos lamentam os erros e os prejuízos das antigas doutrinas que, menos ostensiva porém quase geralmente, continuam ainda em nossos dias a dominar nas escolas do Brasil.

No *Opúsculo Humanitário*, além é mostrado os obstáculos que retardavam os progressos do nosso ensino público, Floresta expunha a situação das escolas particulares e fazia suas críticas. Esses textos foram publicados em jornais da época. Imaginamos então o impacto que isso causava. Nos anos 50, ela criticava dizendo que não havia leis que investigavam os colégios particulares e que o ensino da mocidade brasileira não era convenientemente dirigido. Também não havia regras, os estrangeiros ensinavam pelos compêndios que queriam e instituíam as suas doutrinas. Floresta (1989, p. 80-81) se revoltava e dizia:

Seria difícil explicar vantajosamente a negligência com que um governo ilustrado deixa praticar assim abusos que tanto se opõem a nossa futura prosperidade. E enquanto vemos os nossos legisladores debaterem meses e anos sobre diversos melhoramentos do país, uma só voz não se levanta enérgica do meio dessa ilustrada corporação para reclamar sérias medidas tendentes à reforma da educação da nossa mocidade.

Chamon (2005, p. 38) explica que mesmo as “meninas privilegiadas, que tinham acesso à escolarização privada, recebiam uma instrução artificial, sem qualquer consistência, ou aprofundamento de conhecimentos. Assim, para as filhas das camadas desprivilegiadas economicamente, cujas tarefas se restringiam à prática dos trabalhos domésticos, não era percebida qualquer utilidade na frequência à escola. Chamon (2005) deixa claro que a educação feminina era um privilégio das filhas da elite brasileira e ocorria por meio do ensino de canto, dança, francês e da prática de algumas habilidades manuais, ministradas em aulas particulares por preceptores ou em escolas particulares, principalmente de congregações religiosas. Essa educação voltada para meninas ricas se aproxima da filosofia positiva, na medida em que Comte defendeu a ideia de que um pequeno grupo de uma elite intelectual deveria tratar das questões sociais.

Na época de Floresta, a formação intelectual não era considerada necessária, principalmente a educação para as mulheres. “Nota-se que, mesmo entre a elite, o esmero e a formação intelectual não tinham importância” (GIOLO, 2006, p. 453). Giolo (2006, p. 453) questiona:

Que dizer, então, a respeito dos quase 30% de escravos (impedidos, por lei, de entrar na sala de aula), dos remanescentes das tribos indígenas (já completamente destruídas), dos gaúchos andarilhos ou dos peões posteiros (isolados nas solidões das sesmarias) e dos primeiros imigrantes (pobres colonos desconhecedores da língua e da cultura local? Se nem a patronagem precisava e/ou valorizava as coisas da cultura letrada, não se devia esperar que os trabalhadores delas se interessassem ou a elas pudessem ter acesso.

Essa era a visão do mundo da produção, “o trabalho agropecuário primitivo não demandava outra especialização do que aquela que é adquirida na própria lida diária” (GIOLO, 2006, p. 456). Como afirma Giolo (2006), um peão raramente precisava ler e escrever. Da mesma forma, fazer contas simples e operar com moedas, pesos e medidas eram competências possíveis de serem aprendidas na prática cotidiana, podendo ou não, passar por um breve período de treinamento

sistemático. Nesse caso, os adultos mais desenvolvidos do lugar ensinavam à juventude, ou então, conforme as possibilidades, o fazendeiro contratava um professor particular para ensinar as noções básicas a alguns de sua dependência. Nem para ser eleitor, era preciso saber ler e escrever. Giolo (2006, p. 455) destaca “que a escola militar era, depois do ato adicional de 1834, a única instituição escolar do Rio Grande do Sul mantida pelos cofres do Império e aponta a contribuição das igrejas na implantação de um sistema escolar no Brasil, as Igrejas (principalmente a Católica e a Protestante) foram decisivas para a implantação de um sistema escolar nas regiões coloniais e também nas grandes cidades. A Igreja foi fundamental no campo educacional desde a colônia. Chamon (2005) destacou que tal ensino encontrava-se em uma lamentável situação de abandono e desprezo por parte de todos que dele participavam. O propósito principal da educação das meninas brasileiras era conservar a pureza, em sua conotação sexual, e assegurar um comportamento correto perante a sociedade, já que as mulheres eram subordinadas na hierarquia social.

São muitas as críticas referente a qualidade do ensino, com professores improvisados, incompetentes e, devido aos baixos salários no ensino público. E esse era o contexto educacional brasileiro da época em que Floresta atuou. Em 1837, foi fundado o Colégio D. Pedro II, na Corte, destinado a servir de padrão de ensino. Embora o ensino secundário fosse da alçada das províncias, esse colégio ficava sob a jurisdição da coroa. Ela denunciou os preconceitos que eram legitimados com as diferenças das disciplinas. Diferenças essas, que contribuíram para que as mulheres permanecessem em situação desigual na sociedade. Denunciou o descaso dos poderosos com a educação, vejamos Floresta (1989, p.81):

Tem-se tratado de muitas coisas, menos disso, disso que merece incontestavelmente a mais circunspecta atenção dos homens pensadores. Um dia raiará mais propício para nós, em que os escolhidos da nação brasileira se dignem de achar a educação da mulher um objeto importante para deles ocuparem-se com a circunspeção que merece.

Na condição de diretora de estabelecimento de ensino, ela se descrevia no *Opúsculo Humanitário*, vejamos Floresta (1989, p. 89):

Conhecemos outrora uma diretora que, não querendo fazer conhecido por fúteis exteriores o seu gosto pelo magistério, grandes

dificuldades teve a superar para colocar-se, como depois se achou, à frente de um dos mais frequentados estabelecimentos desta Corte. Impelida então pelo desejo de acelerar os progressos de suas alunas, ela fixou um certo número, não admitindo outras sem vagar alguns dos lugares preenchidos. Este procedimento admirava em extremo a todos de quem era conhecido, pois não se compreende que no magistério deve haver um interesse mais nobre que o do miserável ganho pecuniário¹³, interesse colocado pelos verdadeiros amigos da educação da mocidade à frente de todas e quaisquer outras considerações.

Floresta destacava que o rumo do Brasil mudava, “mas não a sorte de suas mulheres” (FLORESTA, 1989, p.65). Sua dedicação na educação foi em busca da dignidade feminina, palavra que, tantas vezes, aparece na obra *Opúsculo Humanitário*. Floresta acreditou que as mulheres mereciam respeito e uma posição melhor na sociedade, sendo honradas por suas capacidades. No entanto, sua proposta pedagógica nada alteraria a posição social das mulheres. Falava no exterior sobre os colégios do Brasil e sobre a educação existente na época em que viveu. Chegou a dizer em seu artigo “O Brasil”, que ninguém até aquele período havia se dedicado a estudar profundamente e tornar notório aquilo que havia no Brasil de mais importante. Ela contou que, nas salas de aulas de Paris, quando aparecia alguma brasileira que demonstrasse talento, perguntavam se ela havia sido educada na França. A educação que ela propunha pensa a inserção da mulher na sociedade, na medida em que as meninas passariam a ter domínio e influência nas vidas dos maridos e filhos (as), colaborando assim para a ordem social. Na filosofia positiva de Comte, a Sociologia possuía uma ordem imutável e as pessoas eram submissas a essa ordem. Marcuse (1978, p. 313) destaca que:

Comte também encarregara a sociologia de assegurar este ensinamento como um meio de estabelecer ‘os limites gerais de toda ação política’. O acentimento ao princípio das leis invariáveis na sociedade prepararia os homens para a disciplina e para a obediência à ordem existente, e promoveria sua ‘resignação’ diante dela.

Comte visava consolidar a ordem pública. “A ‘resignação’ é uma tônica na obra de Comte diretamente do seu assentimento a leis sociais invariáveis” (MARCUSE, 1978, p. 313). Ao renunciar aquilo o que deseja e ter paciência com os

¹³ Ela faz uma crítica às pessoas que lecionavam e/ou dirigiam estabelecimentos de ensino visando apenas à remuneração.

sofrimentos e as injustiças, as pessoas estariam agindo em prol de uma ordem social. Servindo aos homens, não trabalhando fora do espaço doméstico, a mulher ajudaria a manter a ordem, pois ela iria educar seus filhos e seu marido a serem obedientes. Essa ideia está relacionada com o pensamento de Auguste Comte, que propôs um papel subalterno à mulher. Conforme Marcuse (1978, p. 313) “raramente, no passado, qualquer filosofia insistiu com tanto vigor e tão abertamente em que ela mesma fôsse utilizada para a manutenção da autoridade dominante e para a proteção do interesse estabelecido, contra toda e qualquer investida revolucionária”. Comte visava à ordem na sociedade, mas para isso uma ordem intelectual deveria ser estabelecida. Para Comte, a Filosofia Positiva era “a única arma capaz de combater ‘a força anárquica dos princípios puramente revolucionários’; só ela pode ter êxito em ‘absorver a doutrina revolucionária corrente’” (MARCUSE, 1978, p. 313). A mudança social se daria na Filosofia Positiva numa mudança dos costumes e não nas instituições. Assim, como destacou Marcuse (1978, p. 313-314):

A política positiva tratará espontaneamente ‘de desviar dos vários poderes existentes...e de todos os seus representantes, a atenção enormemente exagerada a eles dispensada pela opinião pública...’ A consequência deste desvio será concentrar primariamente todo esforço social em uma renovação ‘moral’.

Floresta (1997) colocava a mulher na condição de ser capaz de melhorar a sociedade, com a simples prática de suas virtudes, mas para isso, obviamente as mulheres teriam que querer. Essa “melhoria social” se daria a partir do seu papel de mãe virtuosa e “matrona esclarecida”. Essa melhoria da sociedade se daria porque as mulheres influenciariam seus homens e filhos (as) a terem uma vida também virtuosa.

Exercitando o coração, Floresta (1997) sugere às mulheres que deixem aos homens as teorias mais ou menos eloquentes para declarar tudo o que pertence ao misticismo; os argumentos científicos, as vivas e elegantes discussões de toda espécie em seu progresso para alcançar a meta de seus vastos projetos, ou ter êxito nas arriscadas empresas. A questão moral está à frente da sua luta por direitos das mulheres. A mulher teria tarefa principal no que ela chamou de “ressurreição moral dos povos” (1997, p. 133). Ela reforça a ideia de uma educação científica elitista e isso aproxima a filosofia de educação nissiana com o pensamento de Auguste Comte,

já que a sociocracia é hierarquizada de tal maneira que os estudos positivos visavam o ordenamento social e a ordem. Floresta (1997, p. 143) chama a atenção das mães, pedindo:

Dedicaí-vos com mais atento cuidado ao estudo de vossas crianças, venci vossa fraqueza pelos seus graciosos errinhos; daí um basta àquelas longas teorias, as quais, antes de beneficiá-las, aborrece-mas.

Nessa perspectiva, criticava a educação, desprendida de valores morais e via nisso as raízes dos problemas sociais. Vejamos Floresta (1997, p.111-113):

A descrença!
E de onde vem este flagelo destruidor?
Da educação.
A educação moral, de que tenciono aqui falar, falta geralmente por toda parte, por toda parte é esboçada, não sendo em parte alguma levada a cabo. Daí a origem e a causa capital de todos os males morais que afligem, e afligirão ainda por muito tempo o gênero humano. Ter-se-á um enorme trabalho em abrir escolas, academias e asilos de caridade; promulgar leis, dilatar o horizonte das ciências e da arte; favorecer e ampliar o comércio e a agricultura; alinhar exércitos formidáveis; não se chegará nunca a curar as chagas gangrenadas da sociedade, se continuar a desleixar a educação moral dos povos.

Essa educação não se efetuará com armas, nem com o poder do ouro, mas com a virtude. Floresta deixava claro que a virtude que melhor condizia com a mulher era a abnegação. Por ser desprendida, é que a mulher poderia se voltar em prol dos outros. O que Floresta propôs em nível educacional, no que diz respeito à educação para as meninas, pôde vir a contribuir nos estudos de gênero, na medida em que se consideram as diferenças humanas, as diferenças na educação feminina e masculina, bem como na importância de uma educação que respeite as diferenças e a inserção das mulheres no campo educacional.

3.2.3 O Colégio de Porto Alegre: uma Página em Branco dessa História

Há uma imensa lacuna nessa história, trata-se do colégio fundado por Nizia Floresta em Porto Alegre. Na capital gaúcha, ainda não se sabe onde estava localizada a sua escola. Na Porto Alegre atual, Nisia Floresta é nome de uma rua, que fica localizada na Vila Nova Restinga e foi inaugurada no dia 7 de julho de 1987. Levando em conta que Terra (2001, p.129) contou que “na capital gaúcha apenas 4,3% das ruas,

avenidas, praças e travessas homenageiam as mulheres”, podemos considerar muito esse fato. Consideram por aqui, que ela “deixou sua marca na vida cultural de Porto Alegre” (TERRA, 2001, p. 129). Mas, se Floresta deixou marca na vida cultural de Porto Alegre, como ainda não sabemos mais detalhes sobre a sua escola? Encontramos sempre informações que não nos mostram nada sobre esse assunto, nem de suas publicações, suas participações políticas, entre outras. Sabemos que Floresta fundou uma escola, que essa ficava na região central da capital e que nela estudou o pequeno Marechal Câmara, quando criança.

No livro *Opúsculo Humanitário* (1989), consta que ela veio residir em Porto Alegre junto com o marido, a mãe e duas outras irmãs, provavelmente a convite de um cunhado residente nessa cidade. Flores (1971, p. 139-140) também diz que teria vindo morar em companhia da irmã Clara, da filha Lívia e do segundo marido, recém- formado em advocacia, a convite do irmão deste. No livro publicado pela Academia Literária feminina do Rio Grande do Sul (1993, p. 79), a versão contada é que ela teria mesmo vindo com o cunhado, Manoel Antônio Rocha Faria, juiz já radicado na capital gaúcha, o que teria facilitado o contato com intelectuais da época e o acesso à elite social e cultural. Câmara (1964) diz que “Nísia veio do Rio Grande do Norte para o Rio Grande do Sul no ano de 1825¹⁴, citamos Câmara (1964, p.142):

Conhecida, vulgarmente, por seu pseudônimo-Nísia Floresta Brasileira Augusta- ela veio do Rio Grande do Norte para cá no ano de 1825, regressando para o Rio, pouco antes da Revolução Farroupilha. Os historiadores Câmara Cascudo¹⁵ e Aduino Câmara traçaram-lhe magníficas biografias [...].

Na capital gaúcha, ficou viúva de Manuel Augusto de Faria Rocha, falecido em 30 de Agosto de 1833 em Porto Alegre. Peggy-Sharpe, (1989, p. VIII), afirmou que a morte ocorreu “quinze dias depois do batizado de Augusto Américo”, Augusto teria falecido dia 19 de agosto de 1833, porém essa data não confere com o atestado de óbito, que consta em anexo em nosso trabalho. Como aparece na certidão de óbito, ele morreu de uma “constipação, depois de ungido”. A Porto

¹⁴ Há divergências de datas.

¹⁵ Estivemos no Memorial Câmara Cascudo e na Casa Câmara Cascudo, que é localizado no centro de Natal, casa em que viveu esse intelectual. Hoje sua casa foi transformada no LUDOVICUS-Instituto Câmara Cascudo. O instituto tem como principal objetivo a preservação, divulgação, gerência e capitalização do patrimônio cultura de Luis da Câmara Cascudo. Sua instalação oficial deu-se em 2007. A casa foi aberta à visitação apenas em 2009, ainda muito recente, ninguém tinha conhecimento de que tivesse algo de e sobre ela no importantíssimo acervo bibliográfico.

Alegre que Nizia encontrou, tinha cerca de 12.000 habitantes, foi considerada cidade em novembro de 1822, e capital da capitania desde 1773, quando nem vila era ainda, apenas Freguesia, como destacou Câmara (1964, p. 113). Câmara (1964), descreve que essa cidade era bem um “porto alegre”, emoldurado de colinas bucólicas e de tão lindas paisagens que fizeram assim, transbordar de encantamento o equilibrado senso crítico daqueles cientistas que por aqui andavam em viagens de estudo. Esse autor descreve Porto Alegre entre os anos 1830-1840, e diz que apesar de bela, a cidade era suja, com cisco em todos os terrenos baldios, a iluminação pública era feita por meio de candeeiros de azeite suspensos às paredes dos edifícios, até surgir (quarenta anos depois, em 1875) a iluminação a gás.

Quando viveu em Porto Alegre, ela encontrou, entre outras coisas, a Igreja da Conceição e a Santa Casa de Misericórdia, instituição tradicional, fundada em 1803, o primeiro hospital foi concluído em 1826. Só bem mais tarde, em 1900, a Rua da Praia já era a rua do comércio. Mas nem sempre foi assim, no início do século XIX, a região era uma área de chácaras. O mercado público teve sua obra concluída em 1869, bem depois da passagem dela pelo Rio Grande do Sul. O calçamento da capital gaúcha era precário, e só tinha em algumas das principais ruas. Os animais eram amarrados em argolas, próximo às calçadas e o comércio já tinha introduzido algumas riquezas, que estavam ao alcance da parcela rica da cidade, bem como alguns bens supérfluos. A alimentação era farta, barata e sadia. A água potável se vendia em pipas ou era captada nos chafarizes das praças, e proveniente do Arroio Dilúvio. Ao retratar a vida social da capital gaúcha durante o decênio 1830-1840, Câmara (1964), lembra as descrições de Saint-Hilaire¹⁶ e afirma que as mulheres vestiam-se com simplicidade e decência, algumas tocavam bandolim e piano, outras cantavam com muita arte. O modo como se vestiam as mulheres da classe alta seguia a moda francesa. A vida social era agitada, sendo o teatro o gênero predileto de diversões, representando-se comédias e bailados, acompanhados de flautas, gaita e violão e os frequentadores precisavam levar suas cadeiras para assistir aos espetáculos. O que não sofreu mudança foi o preconceito naquela época. Vejamos o *Jornal O Artileiro* (1837, p.4):

¹⁶ Autor de obras que relatam suas viagens pelo Brasil. Essas viagens deixavam registros de relatos interessantes da época. Outro viajante, considerado o primeiro a fazer um depoimento sociológico e etnográfico da região (Recife/Fortaleza) foi Henry Koster

Oh! Senhor, que está lendo, qual he o seu pensar a respeito das farrapas, q' se lhes deverás faser? Nada, dirá talvez Vm.; porque são mulheres, e o seu desafogo he dar á lingoa: são mulheres não ha duvida, mas mettão-se lá com suas quitandas, com suas agulhas e dedaes, e não sejam desavergonhadas [...].

Esse excerto, retirado de um Jornal da época em que Floresta estava na capital da província, mostra-nos o tipo de mentalidade preconceituosa que as mulheres enfrentavam ao se expressar publicamente ou se posicionando politicamente. Em “O Artilheiro (1837), consta que o “Thermómetro farrapo”, ou seja, para saber como estavam e o que estavam fazendo os Farrapos, bastava “medir as ações das mulheres” (Jornal “O Artilheiro”, 1837, nº 23, p. 4). Foi um período marcado por mudanças propiciadas por acontecimentos políticos com reflexos nas estruturas sociais e econômicas. No Rio Grande do Sul, a chegada dos imigrantes alemães se deu a partir de 1824, quando passaram a se estabelecer em pequenas propriedades de terras, inicialmente doadas e, depois de 1834, compradas.

Como destacou Pesavento (1994), ao decorrer do século XIX, Porto Alegre adquiriu um maior movimento e se tornou o centro escoadouro dos gêneros produzidos pela zona colonial alemã. Realidade que demonstra o projeto político de modernidade capitalista. Para Franco (1988, p. 219), “foi tardio o desenvolvimento industrial de Porto Alegre”. No século XVIII e início do século XIX, há notícias da existência de alguns moinhos de vento, obviamente aplicado ao beneficiamento do trigo de produção local. As charqueadas foram uma atividade produtiva que era baseada no trabalho escravo.

Com relação à participação de Floresta em Porto Alegre, especialmente na imprensa dessa época, Duarte (2006-b, p. 18) afirma que “Nísia deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar contos, poesias, novelas e ensaios em jornais da chamada grande imprensa, como O Diário do Rio de Janeiro, O Liberal, O Brasil Ilustrado”. Flores (1971, p. 142) questionou se ela “teria manifestado suas ideias revolucionárias em Porto Alegre, sem que disso ficasse registro”. Mas destacou que aqui no Rio Grande do Sul, como no nordeste, não houve repercussão na imprensa; pois sabemos que o fato de ignorar era uma forma de preservar a situação de superioridade masculina, que ela combatia. Isto não quer dizer que o que Floresta produziu não causasse impacto na sociedade.

De 1830 a 1837, publicaram-se mais de 30 jornais em Porto Alegre, sendo que 17 deles circulavam durante o ano de 1834, às vésperas da Revolução Farroupilha. Soares (1980, p.125), afirma que “eram periódicos quase que exclusivamente políticos, dedicados a atacar ou defender o governo, oscilando entre a defesa de ideias e os ataques pessoais, às vezes em forma poética”. Soares (1980, p.130) destaca que é bom lembrar que “os jornais revolucionários defendiam a instrução pública, sem jamais mencionar o problema da educação feminina”. Essa autora destaca que a única referência às mulheres na coleção completa de *O Povo* é uma coleção de pensamentos sobre a família e a mulher. Nela se critica o ciúme feminino que “envenena a doce união conjugal”, atacam-se as mulheres que não são amáveis, atrativas e graciosas. Duarte (1989b, p. 133) afirma que:

Só bem mais tarde, a partir da década de 1880, encontraremos a questão de direitos e emancipação sendo debatida nos jornais femininos de todo país, com mais propriedade e consistência, tendo em vista conquistas objetivas, como o voto, ainda que enfrentando as oposições previsíveis de toda ordem.

Recorremos não apenas a livros sobre o ensino gaúcho, sobre a história de Porto Alegre e buscamos informações em jornais do Rio Grande do Sul, que foram publicados na capital da província, datados de 1831 a 1838, na esperança de descobrir algo sobre o colégio ali fundado. Analisamos todos os exemplares que havia no *Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa* dos seguintes jornais e compreendendo os seguintes anos: *O Anunciante*, *O Artilheiro* (1837), *O Avisador* (1835), *Campeão da Legalidade* (1837), *O Colono Alemão* (1836), *O Continentista* (1835), *Correio da Liberdade* (1831), *Correio Oficial do Povo de São Pedro*, *O Echo Porto Alegrense* (1834), *O Mensageiro* (1835), *O Mestre Barbeiro* (1835), *O Propagador da Indústria Rio Grandense* (1833), *O Recopilador liberal* (1832), *Sentinella da Liberdade* (1837). Todos esses jornais foram publicados na capital da província, no período em que Floresta residiu por ali. Cabe destacar que a imprensa porto-alegrense acabava de surgir. Franco (1988, p.214) afirma que “o primeiro jornal porto-alegrense, *Diário de Porto Alegre*, circulou pela primeira vez a 1º de junho de 1827”. Esse circulou até 30/06/1828.

Nessa busca por jornais publicados no Rio Grande do Sul, na época em que Floresta viveu em Porto Alegre encontramos algumas informações riquíssimas sobre a imprensa gaúcha, mas nada sobre ela. Na obra *Antigualhas Reminiscências de*

Porto Alegre (1881, p. 17), o autor retrata brevemente da Imprensa de Porto Alegre e relata que uma Tipografia (que ele desconhece o dono) apareceu em 1827 e se instalou em um dos salões térreos do Palácio do Governo. Foi nessa tipografia que foi publicado o primeiro jornal de meia folha.

No período em que Floresta viveu em Porto Alegre, circulavam alguns jornais¹⁷, como por exemplo, *O Compilador*, que foi publicado em 1831 ou começo de 1832; *O Viajante* (1832), *O Noticiador* (1832-1835), *O Observador* (1832-1834); *O Annunciante* (1832-1835); *O Recopilador Liberal* (1832); o *Programador da Industria Rio-Grandense* (1832-1838), de Rio Grande; *A Idade do Ouro* (1833), de Porto Alegre e partidária aos Caramurus; *O Republicano* (1834) que pregava as ideias da Federação e República; *O Pobre*, de Porto Alegre; *O Correio Oficial da Província de São Pedro* (1834-1835); *O Mestre Barbeiro* (1835); *O Continentista* (1835), substituindo o *Echo-Porto Alegrense*; *O Mensageiro* (1835-1836); *O Mercantil do Rio Grande* (1835-1840); *O Liberal Rio Grandense* (1835); *O Legalista* (1836) e o *Justiceiro* (1836); *Gazeta Mercantil* (1836); *O Campeão da Legalidade* (1837); *O Correio de Porto Alegre* (1837); *O Artilheiro* (1837). Na mesma época outros jornais e de curta duração apareceram: *o Inflexível*, *Bellona*, *O Inexorável*, *o Sete de Abril*, *o Democrata Rio-Grandense*, *o Federal*, defensores dos farroupilhas.

Ao procurar artigos da autora e notas sobre a sua escola, em jornais da época, em Porto Alegre, foi possível encontrar artigos que problematizava a situação das mulheres da época, provocando-as constantemente e demonstrando o patriarcalismo, mas nada foi encontrado especificamente sobre ela e nem sobre sua instituição. Em dois números do Jornal “O Artilheiro” (nº6 e nº20), foi escrita uma coluna intitulada “Vamos às modas das senhoras”. De maneira irônica, “O Artilheiro” retratava o modo de se vestir, usar adornos, enfim da “moda” das mulheres na capital gaúcha. Após receberem cartas de mulheres criticando as opiniões expostas no jornal número 6, foi retirado o título, mas continuaram mostrando suas ideias patriarcais, intitulando artigos como “As farrapas estão bravas” (1837), “As Farrapas andão doudas” (nº13, 1837, p. 3 e 4). Vejamos *O Artilheiro* nº11 (1837, p. 3-4) que abordava os deveres dos homens e os das mulheres:

Os deveres de huma mulher para com a sociedade limitão se a poucas coisas, os de um homem são mais amplos, e estendem-se

¹⁷ Fonte de Pesquisa: *Museu de Comunicação José Hipólito da Costa* (Porto Alegre).

muito além dos dellas: os deveres de huma mulher encerrão-se quase no interior de sua caza e são: o de ser boa Filha se vive na companhia de seu Pai; boa Esposa, sendo casada; boa Mãe de família, se a tem: os de um homem são, alem desses, que, tem uma mulher, o de ser bom Cidadão, bom súbdito, virtuoso, e homem de probidade sempre em toda e qualquer pozição, que occupe na sociedade [...]. A maior parte dos homens são a causa da perversidade das mulheres, elles as pervertem com o seu exemplo, fasm-as mudar de proceder, e de resolução com a sua conducta [...]

Após essa publicação, mulheres se manifestaram e, na edição nº13, utilizaram inclusive trechos das cartas que chegaram ao Jornal “O Artilheiro”(1837). Outros jornais como “O Noticiador” (1833, 1834 e 1835), “O alemão”, “O Mensageiro” (1835 e 1836), também foram lidos na busca por vestígios dela no período de 1833^a 1837, no Rio Grande do Sul, porém nada foi encontrado. Também nada consta no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, que é uma instituição situada no prédio do memorial do Rio Grande do Sul¹⁸ e “que tem como função primordial guardar e conservar a documentação histórica de origem pública e privada. Seu acervo remonta aos primeiros anos de ocupação efetiva do solo rio-grandense pela Coroa Portuguesa”¹⁹.

Foi pesquisado também nas colunas “Personagens”, onde constam reproduções de documentos, fotografias, desenhos e biografias em exposição temporárias; documentos e manuscritos raros provenientes da coleção de mais de 12 mil itens do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, porém nada sobre Nizia foi encontrado. E, ao buscar pelas correspondências de Floresta no *Museu Postal*, onde se preservam relíquias do correio, também não havia nada. Assim, esclarece a dúvida de Flores, que diz respeito ao fato de ela ter escrito ou não em jornais da época. Mesmo que publicar na imprensa “era um traço da modernidade de Floresta: sua constante presença na imprensa nacional (desde 1830, em O Espelho das Brasileiras, de Recife), sempre comentando as questões mais polêmicas da época” (DUARTE, 2006b, p.18), analisamos e consideramos os pseudônimos que conhecemos, e na imprensa gaúcha parece que ela não se fez presente.

Também pesquisamos no *Arquivo Público do Rio Grande do Sul* e com o nome de Nizia Floresta Brasileira Augusta e encontramos um processo jurídico,

¹⁸ É um centro de cultura de Porto Alegre, situado na Praça da Alfândega. Nele, disponibilizam-se ao público uma rica coleção de objetos, mapas, gravuras, fotos, livros e depoimentos importantes sobre os fatos mais marcantes ocorridos no Rio Grande do Sul

¹⁹ Ver: www.cultura.rs.gov/principal

datado de outubro de 1836, tratando-se de uma “assignação de dez dias”, em que Nizia era ré e Francisco de Paula Coelho, o autor. No entanto, não constava o endereço dela nesse documento. No Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, analisamos alguns mapas e plantas da cidade a fim de encontrarmos informações da escola que Nizia fundou, analisamos a coleção do acervo, em que não há o nome de Floresta, e procuramos pelo acervo pessoal de Rinaldo Câmara, que encontrou um caderno de Marechal Câmara, com as lições morais de Floresta, mas não houve resultado. Buscamos, então, saber da passagem de Floresta no *Memorial do Rio Grande do Sul*, em que nada consta sobre ela, a não ser a exposição itinerante organizada pela Fundação Banco do Brasil. No *Arquivo Histórico*, também não encontramos vestígios da passagem de Floresta na capital da província, nem mesmo da sua escola.

Na *Cúria Metropolitana*, pegamos as certidões de batizado de Augusto, que na época valia como certidão de nascimento, pois esse tipo de documento não existia no Brasil, e a certidão de óbito de Manoel Augusto e buscamos saber onde ele estaria enterrado. Em 1850, foi proibido pelo Império enterrar nos núcleos urbanos e, como ele estava enterrado atrás da Igreja Matriz, foi transladado em 1850, para o Cemitério da Santa Casa e, como não havia lista desses translados não temos como saber onde ficaram os seus restos mortais.

Há, no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, um livro no qual constam os diretores do ensino público (1832-1893), encontramos ao final dele uma lista de nomes dos professores (as) das escolas particulares, o levantamento de dados foi feito, em 1854, por Leopoldino Joaquim de Freitas em 08/04/1854, em Porto Alegre e não consta informações da escola de Nizia. Analisamos as estatísticas presentes nas correspondências ativas e passivas dos encarregados da estatística da Província, mas também nada foi encontrado sobre a escola de Floresta. Mesmo que fosse obrigação das províncias realizarem e enviarem as estatísticas, era muito difícil que elas fossem feitas, muitos se negavam a fornecer informações, mesmo com ameaças de punições. As Câmaras Municipais deveriam naquela época fornecer para a Estatística da Província os seguintes dados referentes aos estabelecimentos públicos, que incluíam as casas de educação, aulas pagas pelo Estado, aulas particulares e colegiados: o nome de cada um desses estabelecimentos, o ano da sua fundação, quem foi o seu fundador ou instituidor,

qual a sua instituição e organização, os fundos aplicados à sua manutenção, o resultado da sua administração, a sua utilidade, o número de indivíduos que frequentavam (ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL, tabela de solicitação feita às Câmaras). Em 1834, foi enviada uma correspondência aos juízes de Paz dos distritos, dando instruções sobre o recenseamento. Essa carta circular foi elaborada pelo encarregado da estatística, José Marcelino da Rocha Cabral aos juízes de paz dos distritos.

Quanto às estatísticas analisadas no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, encontramos nas correspondências ativas e passivas dos encarregados de Estatística (1827-1853), a fala do presidente da Província, Sr. Antônio Rodrigues Fernandes Braga, datada de 8 de abril de 1835:

[...] todas as autoridades e empregados do Serviço Público sejam positiva e expressamente obrigadas a satisfazerem ás exigencias do Governo, e dos seus empregados para a Estatística: estabelecendo-se ao mesmo tempo, que o movimento annual da população seja notado por meio de listas civis, formalizadas annualmente e em tempo determinado por todos os juízes de Paz da Província e decretando-se penas aos omissos, e dos chefes de famílias, que lhes não noticiarem, com as explicaçoens exigidas, e em hum prazo tambem determinado, os nascimentos, casamentos, hobitos tanto de livres como de escravos que acontecerem nas suas respectivas famílias [...]. Sem este dado do movimento annual da população geral, e das suas differentes classes, não se podem tirar ela Estatística, com V. E^a, conhece resultados e nações que são indispensaveis a todos os governos, e com particularidade áquele que tem de administrar hum Povo ainda na sua infancia politica, e hum vastissimo País, escasso de população livre, emocional, e já sobre carregado de huma população heterogenea, e extremamente perigosa para a sua presente e futura tranquilidade, e segurança [...] (ARQUIVO HISTÓRICO RIO GRANDE DO SUL, correspondências ativas e passivas dos encarregados de Estatística. 1827-1853).

A partir dessa informação, buscamos no *Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul* a documentação das Câmaras Municipais e as correspondências das Câmaras. Em 30 de junho de 1834, foi enviado o plano de estatística ao governo geral. Nessa correspondência, consta uma estatística física e natural do território, informações sobre o clima, política, dados sobre religião, moral e costumes, dados sobre os idiomas, população, força armada, estabelecimentos de caridade, dados da colonização, importação de estrangeiros, sobre os indígenas, educação, ciência, literatura e belas artes, a divisão judicial, municipal e estatística da Província; estatística judicial, criminal e civil; estatística industrial, fiscal e administrativa. Sobre a educação, o discurso era favorável, destacando a sua importância, já que era considerada indispensável para

mudar a realidade social, de “fraqueza, miséria e ondas selvagens, de povos bárbaros e ignorantes”. A visão era de que a educação traria benefícios, abundância e comodidades das nações civilizadas. Nessa época, algumas escolas particulares não forneciam os dados exigidos pelo Estado e isso inclusive na Primeira República, até quase os anos 1930.

Ao pesquisar nas documentações sobre as obras públicas, nada encontramos. Além disso, na época de Floresta, não havia registros de viagens (registro alfandegário) no Brasil e isso dificulta sabermos as datas certas de sua passagem por Porto Alegre. No *acervo dos relatórios e falas dos presidentes da província e mensagens dos presidentes e Governadores do Estado do Rio Grande do Sul (1835-1976)* encontramos dois registros da data que compreende a estada de Floresta na capital da Província: uma de 20/04/1835, fala do presidente Antônio Rodrigues Fernandes Braga, e outra de 2/10/1837, fala do presidente Feliciano Nunes Pires. Com a fala de 1835 podemos ver o que havia na Província: Secretaria da Província, escolas, câmara municipal, guarda municipal, guarda nacional, iluminação, casa de correção, cadeia, casas de caridade, hospital de Misericórdia da capital e a Santa Casa de Porto Alegre, barra da província. Mas nada foi dito das escolas particulares.

Flores (1992) registrou que a exemplo de Maria Josefa, Florisbela Flores da Conceição ou de Ana de Barandas, Floresta deve ter contornado ônus com prédio escolar ministrando aulas em sua residência, situada à rua Nova, atual Andrade Neves, no centro de Porto Alegre, onde, em escrito posterior, Flores(1992) registrou a existência de sua escola de meninas e onde Ana²⁰, sua amiga, possuía um sobrado. Flores (1992) nos relata que Floresta e Ana Euridice de Barandas tinham amizade e convergências literário-filosóficas por uma série de pontos afins, ambas filhas de mãe viúva e de pai português culto (o pai de Ana era cirurgião e o de Floresta, advogado). Como descreveu Flores (1992) tiveram uma infância livre em lugares, arrasados posteriormente por guerra civil, casaram com advogados na década de 1830 e residiram provavelmente na mesma rua no centro de Porto Alegre. Soares (1980) diz que Ana de Barandas teria nascido, em Porto Alegre provavelmente entre 1810-11. Pedro Maia Soares descobriu o primeiro exemplar completo de sua obra. Foi editado em 1845, sendo considerado o primeiro livro de

²⁰ Refere-se a Ana Eurídice Eufrasina de Barandas.

ficção publicado em Porto Alegre²¹. Tanto Nizia, quanto Ana Barandas escreveram sobre a mulher diante da Revolução Farroupilha.

Essa elite “possuía as casas mais bonitas das cidades, do comércio, das terras e dos gados. É ela também que freqüentava os bailes, os teatros e as festas” (RAMOS, 2006, p. 444). Cabe destacar que, nem toda a elite participou e aderiu aos ideais liberais da Guerra dos Farrapos. E também, que, “a elite rio-grandense era formada também por pessoas oriundas de outras províncias e países, que, por vínculos econômicos e/ou de trabalho, por laços maçônicos e político-ideológicos, vieram para a província e formaram um grupo social” (PADOIN, 2006, p. 41). Esse era o caso do cunhado de Floresta e dela mesma, enquanto morou em Porto Alegre.

O papel da mulher na sociedade farroupilha não era diferente do restante do Brasil e trazia reflexos na educação feminina, pois não precisava educar tanto, já que as mulheres ainda ficariam confinadas no lar, pois não eram consideradas cidadãs. A educação de poucos garantia a sociedade classista. Não apenas as mulheres deveriam receber uma instrução mínima, mas também os pobres, pois esses reproduziriam a lógica do modelo liberal. Na visão de senso comum encontramos alguns pensamentos dela, trata-se de ideias liberais, que eram também o pensamento dos Farrapos- como, por exemplo, a ideia de que a mãe inspiraria os filhos a seguirem as normas, a serem pessoas virtuosas e terem amor à Pátria. O que diferenciava a proposta educacional de Floresta com relação à instrução da época, é que para ela não bastava apenas ler e escrever; mulheres e homens deveriam lutar pelos direitos humanos e caminhar em busca de uma sociedade melhor, que respeitasse às diferenças e fossem incluídos os pobres, os indígenas (as), os negros (as) e mulheres. O que na prática não fizeram os farrapos.

Em Porto Alegre, Floresta “iniciou no magistério e onde se aprofundara no estudo das humanidades (Diário de Natal-Educação, 2006, p. 06), após a morte de Manuel Augusto, que morreu repentinamente, com apenas vinte e oito anos. Conforme Câmara (1964), aos 28 anos, já era professora de Latim, Francês e Italiano, lecionando todas as disciplinas no colégio. No livro publicado pela Academia literária feminina do Rio Grande do Sul (1993, p.80), consta que “Nisia abriu a escola de meninas *para sustentar o casal de filhos*”. Floresta não dependia desse dinheiro para sustentar seus filhos. Quando Câmara (1964) escreve a

²¹ Para saber mais, ler sua obra “O Ramalhete ou Flores escolhidas no jardim da imaginação” (1990).

biografia do Marechal Câmara e aborda aspectos culturais da vida desse homem, Câmara (1964, p.142) encontra relatos da importância da professora Nizia Floresta:

[...] quando o nosso biografado atingiu a idade escolar, sua instrução primária foi orientada por uma professora particular- D. Dionísia Gonçalves Pinto, que lecionava, também, à sua mana Rita de Assis, um ano mais velha que ele. Foi uma ótima iniciação essa, pois D. Dionísia era uma autêntica vocação pedagógica [...].

Ao procurarmos por dados sobre a escola que fundou em Porto Alegre encontramos algumas pistas com relação a localização da escola. Suspeitamos que a escola era na rua da Ponte, esquina com a rua do Ouvidor, ficava próxima a casa do pequeno Câmara, do Theatro São Pedro, que teve sua obra iniciada nos anos em que ela viveu por ali. Era uma região que tinha a Escola do Corpo Santo e que por muitos anos sediou instituições de ensino. Localizava-se próximo ao antigo cemitério e da Igreja Matriz, do Palácio da Presidência. Suspeita-se que foi aonde é a Biblioteca Pública Municipal hoje. No guia histórico de Porto Alegre consta que essa biblioteca foi criada com a lei provincial nº 724, de 14/4/1871. Para Franco (1988, p.73) “começou a funcionar em 21/1/1877, no prédio do antigo Liceu, à esquina das ruas Duque de Caxias com Marechal Floriano [antiga rua Bragança]”. Franco (1988, p.73) afirmou também que:

O atual prédio da Biblioteca, à Rua Riachuelo [antiga rua da Ponte], esquina de General Câmara, começou a ser construído em 7/2/1912, com base num projeto do engenheiro porto-alegrense Afonso Hébert, e com vistas a retirar a instituição do prédio da então ‘Escola Complementar’, que já se tornara superlotado.

Ao denunciar um contexto desfavorável à experiência escolar no Rio Grande do Sul, Giolo (2006, p.450) relatou que:

A província de São Pedro do Rio Grande do Sul recebeu da administração colonial, em 1822, uma herança educacional de pequeníssima monta. Mesmo sabendo que a situação geral do Brasil era muito precária, se comparadas às estruturas, o continente de São Pedro estava muito aquém do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e de algumas províncias do Nordeste brasileiro. Escreveu Gonçalves Chaves, em suas Memórias econômico-políticas sobre a administração do Brasil (1822): ‘Não consta que haja mais de três homens formados naturais desta Província. Até 1820 havia uma única aula de Latim, a de Porto Alegre, e que não havia uma escola de primeiras letras paga pelo Estado em toda a Província!’.

Giolo (2006), esclarece que uma resolução da Regência brasileira, de 25 de outubro de 1831, criou escolas de primeiras letras para meninos em Vacaria, São Francisco de Paula, Camaquã e Faxinal; e para o sexo feminino em Porto Alegre, Rio Grande, Triunfo, Rio Pardo, Cachoeira, Santo Antônio da Patrulha, São José do Norte, Taquari, Caçapava e Pelotas. Contudo, sua provisão demorou muito e não foi completa. A primeira aula para meninas foi provida em 1832 na capital. Depois disso, apenas temos notícias de outras aulas providas para o sexo feminino em 1834: São Francisco de Paula, São José do Norte e Rio Grande. A partir desse contexto, não resta dúvida de que a história dessa pensadora e educadora deveria estar mais viva, no Rio Grande do Sul, seu nome merece estar presente nos acervos e memórias históricas.

Por toda uma vida devotada à causa de educação, Nísia Floresta é hoje nome de Rua e patrona da cadeira nº 17 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. E também nome de educandário nos municípios de Alvorada e Viamão (Academia Literária Feminina, 1993, p. 80).

Conforme Arriada e Costa (2009, p.34-35), “até a metade do século XIX no Brasil, assim como no Rio Grande do Sul, os professores do ensino das primeiras letras são preponderantemente homens”. Numa época que isso não era considerado próprio para as meninas, Floresta fundava escolas para meninas baseadas numa “austera moral” cristã como mostramos a seguir.

3.3 Uma “Austera Moral” Cristã na Fomação de “Matronas Esclarecidas”



A vós, pais de família, a vós cumpre remediar os erros das gerações extintas! Educai vossas filhas nos sólidos princípios da moral, baseada no perfeito conhecimento de nossa santa religião, no exemplo de vossas virtudes, quer domésticas, quer cívicas. Em vez da leitura de inflamantes e perigosos romances que imprudentemente lhes deixais livre, **fornecei-lhes bons, escolhidos livros de moral e de filosofia religiosa, que formem o seu espírito, esclareçam e fortifiquem a sua razão.** A história, principalmente a de nossa terra, de que bem poucas se ocupam, é um estudo útil e agradável, mais digno de ocupar as suas horas vagas que certos contos de mau gosto, inventados pela superstição ou fanatismo ignorantes para recrear a mocidade sem espírito. Fazei-lhes compreender desde a infância que a mulher não foi criada para ser a boneca dos salões, a mitológica ridícula divindade a cujos pés

queimam falso incenso os desvairados adeptos do cristianismo. Inspirai-lhes o sentimento de sua própria dignidade e a firme resolução de **mantê-la intacta e vantajosamente, por ações dignas da mulher, dignas da cristã, dignas da humanidade. Bani de seu espírito os errôneos preconceitos que por aí vogam a respeito da fraqueza do sexo, fazendo-as penetrar-se desta verdade evangélica: a fraqueza escudada nas virtudes cristãs será sempre invencível** (FLORESTA, 1989, p. 158-159, grifo nosso).

O excerto da abertura desse capítulo não nos deixa dúvidas que tipo de educação Floresta oferecia para as meninas. Ela escreveu uma filosofia da educação de cunho moral, pois desejava que as meninas e mulheres fossem virtuosas, e as virtudes destacadas por ela eram baseadas nas virtudes que a religião católica defendia. A religião católica era a oficial do Império e era quem controlava as relações sociais. Mas Nizia não via defeito no fato das mulheres romperem com o âmbito doméstico e se dedicarem **também** aos estudos e ao trabalho. O ócio não deveria fazer parte do cotidiano das meninas e, por isso, os estudos foram incentivados por ela.

Floresta (1989, p. 33) afirma que “a educação moral deve ser a base de toda a instrução da mulher” e essa ideia está presente em todas as suas obras em que versa sobre a educação. Ela acreditava que a educação moral faria com que as mulheres não se desviassem, sendo vitoriosas no que Floresta chamou de “labirinto da vida”. Nesse “labirinto”, a menina teria de lutar com o monstro da sedução (FLORESTA, 1989, p. 33). É interessante perceber que, ao pensar sobre a educação, ela abordava questões que têm sido bastante discutidas ainda hoje: a valorização da família, a importância da educação para todos, bem como o papel da educação para a vida das mulheres, a importância de se resgatar valores. Essas são ideias conservadoras e de cunho moral/religioso. Sua visão de educação para as meninas, baseada numa educação moral seguia a lógica tradicional, mas o fato de ela insistir na educação para as meninas e denunciar a opressão contra as mulheres, davam indícios de rompimento com os “cativeiros”, no entanto, essa impressão se dá quando não analisamos com profundidade a filosofia de educação nissiana.

La opresión está en nosotras cuando nuestro cautiveiro cuenta com nuestro más firme apoyo, y cuando aprender, atreverse y experimentar, son acciones que parecen imposibles. Lo es también cuando mantenemos intocadas las normas de nuestra cultura

confrontadas com experiencias vividas que no tienen en ella explicación o son reprobables (LAGARDE Y DE RÍOS, 2005, p. 18).

Podemos dizer que se tratava de uma educação opressora. Encontramos aproximações no conceito de mulher com a valorização da família, bem como na perspectiva da Filosofia Positiva. Trata-se de uma educação pensada para “salvar” a sociedade dos seus problemas. A mulher não apenas salvaria a humanidade, como poderia ser “salva” pelo seu ‘instinto maternal’ (PINHEIRO, 2005, p. 77). Mas como a mulher iria conseguir ser esse anjo, a salvadora? Na obra *A Mulher*, Floresta estimulava o “divino instinto materno”. Para Petit (1999 p. 42-43) “os discursos de 1844 e os de 1848, davam mais e mais importância à moral. Esta, considerada a finalidade da filosofia e o ponto de partida da política”. A moral é a “sétima ciência”, constante nos planos da educação sistêmica, possuía sete anos. A proposta comteana era elevar a religião à qualidade de instituição social. Vejamos Comte (1973, p. 54-55, grifo nosso):

É, pois, sobretudo **em nome da moral que é preciso, de agora em diante, trabalhar ardentemente para constituir, enfim, a ascendência universal do espírito positivo** [...] A nova filosofia é a única a poder estabelecer hoje, a propósito de nossos diversos deveres, convicções e profundas e ativas, verdadeiramente suscetíveis de sustentar com energia o choque das paixões. Conforme a teoria positiva da Humanidade, irrecusáveis demonstrações apoiadas sobre a imensa experiência que agora possui nossa espécie, determinarão [...] as regras de conduta, quer gerais, quer especiais, mais conforme à ordem universal e que, conseguinte, deverão se dar ordinariamente como as mais favoráveis à felicidade individual.

A filosofia positiva de Comte não foi militante e tampouco revolucionária, como mostramos no quarto capítulo desse trabalho. A renovação moral, que Comte propunha, e a proposta de uma reforma educacional com cunho moralista que encontramos nas obras de Floresta são muito semelhantes. A filosofia positiva de Comte propunha leis, regras que ninguém poderia transgredir. Em *Opúsculo Humanitário*, Floresta acreditava que, era através da educação, que a mulher contribuiria para o progresso da humanidade, é essa era a sua tese. Mas não se tratava de qualquer educação moral, além de ser severa, ela era baseada nos valores cristãos. Vejamos o que Floresta (1989, p. 134, grifo nosso) pensava sobre a influência da religião na vida da mulher:

A religião é a cadeia indestrutível que liga a mulher a seus deveres, a coroa mais preciosa que lhe cinge a fronte. A mulher sem religião assemelha-se àquelas lindas flores de nauseante cheiro que se deve admirar de longe, sendo que o seu contato infecciona o ar que respiramos. É a religião que fortifica e realça as qualidades feminis, e ela ainda que sustenta e consola todo o indivíduo nas circunstâncias mais difíceis da vida, a bússola invariável que lhe indica os seus deveres e o conduz ao exato cumprimento deles.

A filosofia de educação nisiana faz apologia ao cristianismo. Ela usava a religião para ditar as normas e princípios morais às meninas. Havia uma conveniência, na medida em que as meninas deveriam estudar para serem “matronas esclarecidas” e esposas exemplares. A “servidão doméstica” precisava existir, caso contrário quem iria cuidar do lar, e educar os filhos? Para Pinheiro (2005. p.81):

Uma característica universal da regeneração positiva vai consistir no desenvolvimento da existência doméstica em todas as suas condições, com a mulher podendo gerir sobre seu lar e educar os filhos, enquanto a organização industrial garante ao homem um trabalho regular para a manutenção da família.

Para Floresta (1989b), as diferenças que existem entre os homens e as mulheres vem da educação. As meninas deveriam aprender a ter docilidade, ternura, naturalidade, simplicidade, ser amável, não ser vaidosa, ser estudiosa, ter amor ao próximo, demonstrar obediência filial, amar a Deus, demonstrar condescendência, resignação, bondade, solicitude, fazer caridade, não julgar as pessoas pela aparência, não ser preconceituosas, reconhecer os direitos humanos, não aderir as futilidades, seguir e respeitar os mais velhos, ser atenciosa, modesta e usar a razão para o bem. A menina deveria ser cuidadosa, missionária, valorizar a sólida instrução e realizar boas obras nas horas vagas e sempre desviar dos perniciosos exemplos que tendem a corromper-lhe, para seguir sendo o modelo da família, como “filha, mãe e esposa”. A vaidade era uma ameaça a essa educação, sendo considerada por ela como um “monstro devorador das qualidades das mulheres”, bem como “um vício desprezível”. A menina deveria cultivar o saber despojado de orgulho, ser cristã e preservar a timidez natural. Em *O abismo sob as flores da civilização*, Floresta incentivava o sexo realizado nos limites do casamento.

Em outras obras, esse discurso também se faz presente, como por exemplo, no *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta*.

O espírito de religiosidade estava presente no cotidiano dela, pois em todos os lugares do Brasil estavam alicerçados os valores morais que a igreja pregava. Além disso, “os teóricos do catolicismo assinalam o imenso poder das mulheres como condutoras rumo ao bem, mas sempre no âmbito doméstico, onde alcançarão a sua realização com o casamento” (GIORGIO, 1991, p. 204). E também:

[...] a Igreja alimenta a ideia de que o trabalho da mulher, diferentemente do do homem, não deve visar à sua realização pessoal, mas que se compreende somente em situação de necessidade financeira da família. Além de sérias implicações no terreno da qualificação da força de trabalho feminina, esta ideia cria, na mulher, um certo desamor pelo trabalho produtivo, o que constitui mais um elemento de discriminação social dos contingentes femininos. O trabalho passa a ser visto pela mulher como um elemento integrante de sua vida apenas provisoriamente, como um momento, às vezes necessário, para a consecução do fim desejado: o padrão doméstico (SAFFIOTI, 1976, p. 101).

O modelo feminino católico é exclusivamente o da esposa e da mãe. Assim como na Igreja, Floresta ensinava às meninas a serem esposas submissas e com sentimento de abnegação. Dessa maneira, acreditava-se numa superioridade da moral das mulheres. Chamon (2005, p.29) destaca que:

O catolicismo, fortemente implantado durante o domínio português, teve um grande poder de influência na cultura brasileira [...]. O trabalho catequético, o apego aos dogmas e à autoridade, a prática de princípios morais e de subserviência e a negação de freqüência à escola pelo sexo feminino formaram a base dos princípios em que se fundamentou a organização do ensino no Brasil. Dessa forma, a educação feminina restringia-se ao desenvolvimento de ‘boas maneiras’ e prendas domésticas. Esse modelo de ensino teve conseqüentemente, uma influência decisiva sobre as ideologias de classe social e gênero na história da educação brasileira.

Floresta herda do catolicismo as ideias de uma pedagogia moral. Sabe-se que “Utilizava a mestra um texto moralista de sua autoria *Pensamentos e máximas*, que ditava e mandava copiar, abrangendo simultaneamente o ensino de religião, caligrafia e ortografia” (FLORES, 1992, não paginado). Floresta (1997) deixou claro que era, através do culto religioso, que ela acreditava ser o único jeito digno de se render ao Ente supremo. Floresta (1997) define religião em seu texto *A Mulher*,

explicando que essa deveria ser a base de toda a “obra”²² da mulher. Para Floresta (1997, p. 131) “a religião, este santo e indestrutível liame que une a alma a uma potência superior, nunca é tão profundamente sentida, e utilmente praticada, como por uma mente e um coração de mulher”. As fraquezas têm origem no desejo doentio de agradar seus amáveis admiradores. A reforma na educação foi proposta a partir da sua crença na força e poder das mulheres sob valores morais. As próprias feministas do século XIX consideravam importante o coração e a virtude. “Maternidade espiritual e social exaltadas pelos pedagogos, humanitarismo das primeiras enfermeiras ou ainda atitude filantrópica na origem do trabalho social profissional, todos fazem apelo ao coração e às virtudes femininas e estimulam a missão social da mulher” (KÄPPELI, 1991, p. 560). Assim, a virtude feminina maternal confunde-se com a virtude cívica.

A proposta nisiana de educação recebeu severas críticas de educadores “concorrentes” (Dicionário das mulheres do Brasil, p. 451 e 452). Na medida em que ela fazia com que as mulheres pensassem, estudassem e mudassem a sua condição de vida, ela era discriminada e considerada uma “louca” na sociedade brasileira da época. Também recebia crítica de quem não via necessidade das meninas estudarem. Essa educação moral e o trabalho regular são pressupostos defendidos pelo positivismo. Na filosofia de educação nisiana, encontramos a mesma lógica. O homem deve trabalhar enquanto a sua mulher (virtuosa) se dedica ao espaço doméstico. Para Floresta, a mulher exerce uma influência decisiva na educação de seus filhos, acreditava que dificilmente uma mulher que soubesse ler deixaria seus filhos ignorantes. Dessa maneira, ela estava dialogando com os principais teóricos de seu tempo sobre a educação feminina. O texto de caráter moralista e didático estava em voga há alguns séculos atrás. O principal propósito da filosofia de educação nisiana era de moralizar, mesmo defendendo os direitos humanos e o respeito pelas diferenças entre homens e mulheres.

Exaspera-se na moça o sentimento de pureza, expresso nos termos da moralidade convencional cristã. A filosofia de educação nisiana deixa claro como deveria se comportar uma moça. A menina precisava desacomodar-se para sair de casa e ir estudar e, ao mesmo tempo, manter-se acomodada para seguir os princípios morais e os padrões sociais. Comte não tinha essa concepção de que as

22 Entende-se como vida.

mulheres precisavam de direitos, mas ambos relacionavam o papel da mulher com a melhoria da sociedade e a elevação moral da humanidade. Como bem salientou Câmara (1997, p.43) sobre Floresta:

O magistério foi uma das vocações predominantes de seu espírito, ao lado da ação social e do amor às letras. Toda a sua obra de professora e de escritora testemunha o seu cuidado pela formação moral e intelectual da juventude, sobretudo no **Opúsculo Humanitário** e nas **Scintille**²³.

Floresta, ao observar as sociedades e ter interrogado a história, consultado obras de educação, verificado o comportamento dos pais, o funcionamento das escolas e ter vivido em lugares diferentes, chegou à conclusão de que a miséria das mulheres provém de sua descuidada educação, mas não era o seu interesse mudar a condição social da mulher, tampouco dos negros e indígenas.

O progresso do país seria consequência de uma nova mentalidade, por isso, a educação das meninas era tão necessária. Não há como negar que Floresta rompia com a ideia de que a educação das meninas não era necessária, mas podemos questionar por que era importante na filosofia de educação niana? Na sua reforma, o papel social das mulheres é o mesmo, não vai além de uma mulher “mãe, filha e esposa”. A sua cidadania estava voltada para o doméstico, na conservação da família, por isso Floresta (1989, p. 86) dizia: “Insistamos, portanto, em clamar energicamente contra a escassez de meios de educação, que assim expõe grande parte de nossas mulheres a merecer tão acre censura”.

Opúsculo Humanitário é uma obra audaciosa para aquele tempo, nela Floresta demonstrou a sua coragem para reivindicar que as meninas estudassem e mostrassem sua convicção com relação ao fato de considerar as mulheres aptas e dignas ao mundo das letras e não apenas ao mundo prático (doméstico). Ela criticava os métodos educacionais do século XIX e dizia que tais métodos “prendiam a inteligência”, pois enfraquecia os sentidos. Floresta deixava subentendido que as mulheres poderiam fazer muito mais, insistindo a serem educadas a “purificar os seus corações”. Apenas as mulheres “santas” seriam exemplos para seus filhos e filhas. A “purificação” se daria com a austera educação moral, pois essa era o “guia mais seguro” para as meninas. A educação não poderia enfraquecer os sentidos das meninas. Desse modo, ela criticava àqueles e àquelas

²³ Se referindo a obra *Cintilações de uma alma brasileira*.

que olhavam as mulheres como seres fúteis, e apostava numa educação para que enquanto mães e esposas elas fossem ser úteis.

Pedindo por humildade, Floresta propunha uma vida com “gozos razoáveis”, em que as meninas estivessem sempre embalsamadas nas “práticas das virtudes que honram a espécie humana”. Para ela, a vaidade era um problema de virtude e, por isso, que era no âmbito familiar que começava a reforma da educação proposta por Floresta, é nele que a mãe deveria educar seus filhos e também um espaço em que os bons exemplos começam a serem dados. Sem vaidade, as meninas não deveriam ler romances, eram “perigosos”. Seus livros deveriam ser os de educação moral e os religiosos. Seriam eles que, nas horas vagas, ensinariam as virtudes cristãs. Tratava-se uma sociedade que ainda mantinha as meninas e as mulheres isoladas no espaço doméstico. Ela diagnosticou os problemas sociais e viu que a solução para eles seria dada com uma educação severa e religiosamente moral, assim as mulheres deveriam estar inseridas nessa educação.

Enquanto mães, as mulheres fortaleceriam a sociedade e seriam as responsáveis pela mudança dos costumes sociais, que precisavam ser modificados, para que então a sociedade brasileira evoluísse. Por outro lado apontou críticas com relação ao clero e a igreja católica. Floresta percebia que o clero tinha que se responsabilizar com a educação moral da juventude, visto que o governo deixava “lacunas”, e assim deveriam fazer os pais de família.

Mesmo que Floresta considerasse a educação no âmbito familiar como a fundante da educação moral, ela reconheceu que “as lições e os esforços de uma ou outra pessoa desta ou daquela família, nada podem contra a generalidade dos princípios e hábitos seguidos por uma nação inteira” (FLORESTA, 1989, p. 108). A reforma da educação proposta por ela tinha que ter como agentes os pais e as autoridades governamentais, mas como as autoridades deixavam lacunas, Floresta (1989, p. 108) apelava aos pais:

Um ou outro pai conseguirá educar bem seus filhos, mas, não estando esta educação no espírito de seu país, eles permanecerão estrangeiros no meio de sua própria sociedade, e nada terá o país ganho com estas frações diminuídas da enorme soma dos prejuízos e erros que presidem à educação geral.

A reivindicação dela era que pais e governos se esforçassem para banir as práticas viciosas da sociedade. Mas é interessante notar, que ao perceber que os

governos deixavam essa “lacuna” na educação, especialmente na educação feminina, Floresta traz o papel da família, e principalmente o da mãe, para que a reforma da educação idealizada por ela fosse possível acontecer.

En este juego cultural, el espacio familiar es básico para asegurar el sometimiento de las mujeres y pre- servir el modelo de una sociedad neutra y mentirosa, donde la idea de hombre representa a la humanidad entera, es aquí donde se asienta el orden simbólico de la masculinidad. Este constructo es dinámico y ha sido resistido por las mujeres, por ello los hombres han reinstalado su poder constantemente. La resistencia no há dejado de existir y ha generado una fricción que le ha servido a la masculinidad para rearmar su genealogía y defender su poder (PISANO, 2004, p. 12-13).

Para ocorrer uma reforma da educação, o governo tinha que realizar medidas enérgicas. Floresta apelava aos pais para que esses ajudassem a abolir a instrução superficial isolada, por uma educação severamente moral. O sistema de educação, fosse ela doméstica ou pública, teria que ser radicalmente reformado. O pensamento de Floresta se aproximava das ideias de Comte nesse aspecto, pois ele também propunha uma reforma da educação. Ambos autores educam para uma moral. A partir dessa educação moral, as mulheres e os proletários aprendem os seus deveres. Por que em Comte o operário deveria receber primeiramente educação e depois o trabalho? Pelo mesmo motivo que as meninas deveriam aprender no teto paternal e depois nas escolas uma educação baseada na austera moral. Somente assim contribuiria para o bem comum. Se na Filosofia positiva de Comte todas as atividades são concebidas como um serviço público, as mulheres na filosofia de educação nisiana contribuem para a “hierarquia positiva” encontrada nas ideias de Auguste Comte.

Dessa maneira, tanto Auguste Comte quanto Nizia Floresta idealizaram um estado hierarquizado, em que a elite era preparada para governar. Os interesses estavam focados no bem comum, uma sociedade “positiva” e no progresso. Nesse sentido, “o programa positivista de reformas sociais prefigurara a passagem, do liberalismo ao autoritarismo” (MARCUSE, 1978, p. 323), enquanto que a filosofia de educação nisiana estava educando com máximas morais e alguns conhecimentos elitizados para as futuras “matronas esclarecidas” desempenharem bem o seu papel e contribuir para o bem comum. Sem educação para os proletários, seria impossível manter a disciplina nas indústrias, assim como sem educação para as mulheres, não

haveria ordem e progresso. Para Comte, “é certo que a ação de harmonizar padrões e operários de nenhuma maneira é tentada no sentido da abolição da posição inferior do operário” (MARCUSE, 1978, p. 324). Floresta educou para não romper com a hierarquia existente na sociedade, tampouco para que as mulheres deixassem de ser submissas e mudarem a sua situação social. A moralidade estava a favor dos mais fortes. E, assim as escolas, as indústrias e o exército possuem um importante papel na educação e doutrinação dos corpos e mentes, ambos autores pensavam a educação a partir dessa alienação dos corpos. Hierro (1990, p. 45) destacou que “tres son los elementos básicos que configuran la moralidad positiva en torno a la condición femenina: la biología de las mujeres, la hegemonía masculina y, por último, la educación – formal e informal- que se imparte específicamente a las mujeres”.

Floresta (1989, p. 34), considerou que era da falta de educação que nasciam “os desvarios, os erros, algumas vezes os crimes, que ofuscam as qualidades do espírito, mancham a vida da mulher e a torna infeliz, mesmo quando possuem fortuna”. Em alguns momentos, Floresta distinguia instrução de educação, mas não as definia. Para Floresta (1989, p. 37), “jamais a instrução da mulher pode ser prejudicial quando tem por base uma bem dirigida educação”. Para ela, as mulheres não podiam ser igualmente instruídas. Floresta (1989, p. 65) afirmou: “o que pretendemos é possível, justo e de rigorosa necessidade, isto é, que todas sejam bem educadas em suas respectivas situações”. Em parte, a filosofia de educação nisiana estava de acordo com o pensamento de Auguste Comte e seguia a ideia de uma hierarquia e de uma ordem na sociedade. Marcuse (1978, p. 325) concluiu que:

A ideia de uma ordem positiva universal fêz Comte superar a sua concepção vazia de uma ciência unificada e a visão opressiva de um govêrno de altos sacerdotes positivistas. Há ainda uma outra universalidade que predomina no sistema de Comte, a sociedade. Ela surge como a arena única na qual o homem desempenha sua vida histórica, e além disto, como o único objeto da teoria social. O indivíduo quase não tem lugar na sociologia de Comte, onde é inteiramente absorvido pela sociedade, e o estado é um mero subproduto de leis inexoráveis que governam o progresso social. A humanidade, não o estado, é o universal real, ou melhor, a única realidade. Na idade madura do gênero humano é ela a única entidade digna de reverência religiosa.

Floresta se destacou como uma intelectual brasileira, numa época em que as mulheres pouco ousavam em dizer o que pensavam, imagina argumentar a favor do

acesso das mulheres à educação baseada em intelectuais como Rousseau e Comte. Ela preferiu continuar seguindo a religião cristã, e conservou a sua crença em Deus, mas é certo que contribuiu para a sociologia positivista, na medida em que educava as meninas na “atmosfera opressiva” que movia Auguste Comte.

A filosofia de educação nissiana baseada na questão moral nos apontou categorias teóricas de análise que se relacionam com a filosofia positiva de Comte e que não podem ser compreendidas isoladamente na proposta de uma reforma na educação das meninas. Uma filosofia da educação que se relaciona com Comte na medida em que propõe uma reforma moral, que tinha como fim uma mudança na sociedade brasileira, em que não haveria mais escravidão, os pobres seriam respeitados e as mulheres progrediriam “ao lado dos homens”, enquanto “mães, esposas e filhas”, sempre preservando a família e a ordem social.

3.3.1 O Abolicionismo para Manter a “Família”, a “Ordem Social” e Educar Moralmente as Meninas para a Felicidade Familiar

Ó futuro, futuro! Quanta doce consolação não se experimenta, ao pensar na melhoria e na felicidade que reservas a esta pobre Humanidade, já sujeita a tantos flagelos naturais e inevitáveis, arrastando ainda o pesado grilhão da escravidão física e moral, com o deplorável cortejo de desgraças! Tu farás compreender aos homens que não é isolando o ensino das idéias do ensino da afetividade que se poderá obter a perfeita moral nos povos, moral tão inutilmente pregada desde Cristo até nós! Tu os convencerás, enfim, de que, **sendo a família o elemento imediato da sociedade**, esta jamais ostentará uma prosperidade, verdadeira sem que aquela seja dignamente constituída e de maneira a **fazer jorrar do lar as virtudes salutareis que nele o sentimento da ordem desenvolve**, com base primeira da solidariedade social (FLORESTA, 1998, p. 243, grifo nosso).

Nizia Floresta lutou pela educação, pois viu nela a possibilidade de manter a família, que é visto em sua filosofia da educação, como um “ pilar” que sustenta a sociedade e auxilia assim para o progresso e a felicidade de um povo. Essas apontam a necessidade que ela viu em fazer uma reforma na educação do país. Nessa etapa do trabalho, iremos analisar as categorias teóricas, a partir das obras em que Floresta trata sobre a educação das meninas.

Em *Poetas de outro sexo* (1930), Floresta é lembrada como “a mulher dos lances varonis, das conferencias abolicionistas, que collocava o amor feminino

aquém dos seus altos sentimentos sociais” (COSTA, 1930, p.21). Ela observou que alguns problemas sociais, como a escravidão afetava a família e a educação das crianças na medida em que as mulheres destinarem às escravas a amamentação de seus filhos, as palavras e conversas educativas não eram ditas pelas mães, bem como a educação dos costumes não era passada de geração em geração, as meninas acompanhavam as amas serem “descartadas”, quando não servia mais, e já haviam as amamentado. Esse ato, para Floresta, era de pura ingratidão e era um “dos mais detestáveis exemplos dados às meninas”, que poderia transmitir para os seus futuros filhos. Também percebia que a convivência dos meninos com os escravos trazia consequências tristes, que interferiam em sua educação.

Mais especificamente no caso dos meninos, o que incomodava Floresta era o fato de ser antecipado assuntos e acontecimentos relativos à sua sexualidade, que para ela desrespeitava os meninos e afetava a sua inocência. Ela abordou de uma maneira muito sutil essa questão. Floresta (1989) criticou o exemplo que os meninos tinham aos seus olhos. Relatou o fato de rapazes e meninas, senhores e escravos juntos passavam a maior parte do dia- seminus; e que o calor do clima afetava a puberdade, que a educação era viciosa e depravada, sendo necessária uma *reforma completa nos costumes do país*, que estava de acordo com o discurso higienista daquele tempo, além do pensamento comteano, como estamos apontando. Com relação a essa “revolução”, Floresta (1989, p. 99-100) asseverou: “Essa revolução nós a desejamos ardentemente, quaisquer que sejam os meios para isso empregados, contanto que possamos obter o melhor dos resultados a que aspiramos para o porvir venturoso de nossa terra”. Para que a reforma dos costumes ocorresse, a mãe teria a função principal no espaço familiar. A educação das meninas não deveriam ficar a cargo das escravas e as mães deveriam afastar dos olhos dos seus filhos e filhas o tratamento que se dava aos escravos. Como abolicionista, a escravidão era um “bárbaro prejuízo”, tanto para os escravos, quanto para a humanidade, pois afetava os costumes das famílias dos senhores, donos dos escravos e das escravas. O exemplo que esses pais davam aos seus filhos e filhas, bem como o desprezo e excessiva severidade empregada por alguns senhores para com os escravos foram criticados por Floresta.

A educação das meninas não poderia também depender das escravas, que muitas vezes, ficavam responsáveis por tudo e as meninas ficavam em completo

ócio e poderiam ser responsáveis por algumas tarefas. Haraway (1993, p. 287) lembrou que “mães escravas não podiam transmitir um nome; nem ser esposas; estavam fora do sistema de troca de casamento. Os escravos não tinham posição, fixação, num sistema de nomes; eram, especificamente, deslocados e portanto disponíveis”. Floresta considerava errado alguns costumes, como: o “prestígio frívolo da grandeza material, grandeza que muitas vezes lhes sufoca até o sentimento de sua natureza, julgando-se de uma raça privilegiada, superior a todos os seus semelhantes sujeitos às eventualidades da fortuna (FLORESTA, 1989, p. 118). As meninas, sem a presença das escravas dentro de casa, aprenderiam melhor a serem mães, pois desde novas aprenderiam como cuidar de uma casa. Ela exemplifica com experiências de outros países, que educaram suas meninas nos princípios aristocráticos e aprenderam que não deveriam limitar a instrução de suas meninas ao conhecimento das etiquetas do grande mundo e ao da enumeração de seus títulos. Floresta relata que, após se darem conta disso, estava educando as meninas em princípios mais humanos, com sólidos conhecimentos e aprendendo a trabalhar. Vejamos uma passagem que aparece a posição abolicionista de Floresta (1989, p.52):

Os prejuízos de Portugal estenderam-se sobre as vastas plagas do Brasil debaixo de um aspecto mais desfavorável, pois que tiveram de envolver nossa límpida atmosfera no tenebroso manto da escravidão, que Portugal repelia de seu seio e que seus filhos traziam a infestar a nossa sociedade, manchando-a perante as sociedades da Europa, onde mais de uma vez tivemos de corar, ouvindo incluir os brasileiros na censura em que ali incorrem, e horror que inspiram, os povos traficadores da espécie humana.

A reforma na educação das meninas proposta por ela necessitava de uma reforma nos costumes, em que as mães tivessem uma postura diferente, mais presente na vida de seus filhos, de que alguns problemas sociais fossem sanados, como a escravidão e a negligência com a educação. Por que a escravidão, qual a relação entre a escravidão e a educação? Sendo considerada por Nizia a educação no âmbito familiar, no “teto familiar”, a primeira educação e de suma importância, como ter nesse espaço exemplos de castigos, indiferença, opressão, frieza, prepotência, falta de compaixão e caridade, violência, princípios não cristãos. A escravidão inviabilizada a educação moral no âmbito familiar. Floresta (1989, p. 117) propôs:

Procurai, enfim, refundir todos esses e outros costumes, tão contrários à civilização dos povos, em um quadro de edificantes e dignos exemplos, mais próprio a ser copiado pela nossa mocidade de hoje e torná-la feliz em um futuro que é só dela.

Os costumes do povo africano ameaçavam a proposta educacional nisiana? As crenças dos escravos eram outras, seus hábitos, costumes e religiões interferiam na educação moral que Floresta propôs. Sob o “teto paternal”, as meninas deveriam ser educadas a serem melhores mães e esposas virtuosas, e como poderiam aprender se nada faziam na presença de escravas já que essas faziam tudo por elas? Floresta não escreveu sobre os jogos dos escravos, da culinária e de outros costumes dos negros africanos. A cultura africana não foi mencionada na obra dela, mas a cultura germânica foi a mais elogiada. Isso porque o objetivo de Floresta era educar meninas ricas para servirem a lógica patriarcal, conservadora e liberal, baseada nos valores morais ditados pelo cristianismo e pelo ideal de sociedade e humanidade proposta por Comte. Cabe destacar que:

A história nos mostra que não é praxe, de forma alguma, que o espetáculo da miséria mova os homens à piedade; mesmo durante os longos séculos em que a religião cristã da misericórdia definiu os critérios morais da civilização ocidental, a compaixão operava fora da esfera política e frequentemente fora da hierarquia estabelecida da Igreja (ARENDETT, 2011, p. 106).

Floresta, assim como Rousseau e Comte, acreditavam na *persuasão moral feminina*. As mulheres eram importantes como modelos, na medida em que influenciava os outros, citamos Floresta (1989, p. 38): “Entretanto, não será difícil provar que o conhecimento de nós mesmas e de outras coisas é absolutamente necessário para aumentar-nos a persuasão de nossas obrigações morais”. Nesse sentido, o que diferencia o pensamento de Floresta e o de Comte quanto a influência das mulheres nas virtudes humanas está na ênfase que Floresta dava em suas obras à educação para as meninas. Para Floresta, as mulheres precisavam de conhecimento para se tornarem virtuosas, e ela rebateu a ideia de que as ciências eram prejudiciais e inúteis para as virtudes, ideia que está presente no pensamento Comteano.

A ‘mãe republicana’ é igualmente o ideal que a sociedade francesa reserva às mulheres: compete-lhes educar os filhos para fazer deles bons republicanos, inculcando-lhes o amor da liberdade e da

igualdade. Elas podem, portanto, sem participar nas discussões, assistir às assembléias políticas para aí aprenderem os princípios revolucionários. Nem completamente dentro nem completamente fora, são compreendidas na periferia, como cidadãs sem direitos políticos, que não se sabe bem onde colocar (GODINEAU, 1991, p. 37).

A república positivista foi analisada por Trindade (1999), no artigo intitulado “A república positivista: teoria e prática”. Nesse artigo, o autor reflete se Comte foi um filósofo ou um reformador, comenta sobre o impacto da herança política da Revolução sobre o pensamento de Comte em vários níveis e discorre sobre a teoria da república positivista. Além disso, enfatiza o papel dos clubes como espaços de poder, escrevendo também sobre a prática republicana positivista na Europa e na América Latina. Destacamos uma passagem sobre a República positiva e a ditadura romana:

O fascínio inicial pela monarquia parlamentar é superado pela adesão ao regime republicano encarnado pela Convenção. Esta posição é abandonada a partir da revolução de 1848, onde a opção de Comte se consolida em direção de uma ditadura positivista, primeiro como governo revolucionário e, depois como governo de transição. A natureza desse regime resulta, ‘como sua filosofia da história o mostrará, que Comte foi seduzido pelo modelo romano’ [...] (TRINDADE, 1999, p. 102).

Trindade (1999) considerou que, no Brasil, o positivismo foi marcadamente um discurso antiliberal e foi adotado na América Latina pelos mesmos grupos sociais que antes haviam incorporado o liberalismo. Quanto à educação, ela deveria ser pública e social, ou seja, deveria estar a serviço de todos, inclusive os pobres e as mulheres. A educação nissiana tinha como público as meninas ricas e estava voltada para os interesses dessa classe social, e Comte acreditava que as mulheres não precisavam ter acesso a todos os níveis de conhecimento, pois esses poderiam afetar sua vida virtuosa e os princípios morais que eram responsáveis em persuadir na espécie. Corsetti (1998) destacou que no *Curso de Filosofia Política*, Augusto Comte criticou o liberalismo na medida em que a absolutização do desejo de lucro, aceso egoisticamente em cada agente da vida social, tendia a criar um estado de anomia ou de violência desenfreada que tão somente uma prudente e enérgica administração pública conseguiria evitar. Levando em conta que no ideal de sociedade comteana, a autoridade deveria estar presente, “Comte sustenta que a teoria e a prática do liberalismo não podiam

salvaguardar a disciplina” (MARCUSE, 1978, p. 323). A ideia de uma educação moral está relacionada com essa educação, pois seria através dela que os operários e as mulheres saberiam se comportar e agiriam na sociedade hierarquizada e estratificada. A ideia de direito e de igualdade não estavam presentes na república comteana, a ordem era o meio de se obter o progresso.

A prática positivista inclui, no plano da construção do imaginário republicano, a alegoria da mulher. O papel destinado à mulher, por Augusto Comte, possibilitou a alegorização da figura feminina, símbolo da Humanidade, como exemplo, temos no Rio Grande do Sul um monumento erguido a Júlio de Castilhos, que foi inaugurado em 1913. Compõe-se de uma pirâmide em cujo topo domina a figura da República em forma de mulher, tendo aos pés um globo onde se distinguem vinte e uma estrelas, que representam a Federação, e o lema “Ordem e Progresso”. No plano educacional, a figura feminina passou, no período republicano, a ser considerada a educadora por excelência e, no positivismo, a mulher é definida como sendo superior porque se submete, porque sua capacidade em obedecer é maior que a do homem. “Toda a série de estereótipos femininos se confirmam na ideologia positivista, que promove o altruísmo da mulher, regida pelo instinto materno, pelo amor, pela docilidade e pela capacidade de obedecer” (PAIXÃO, 1991, p. 41). Não esqueçamos que a obediência era uma das máximas da filosofia de educação nisiana.

As questões sociais, por serem complexas deveriam ser elaboradas por um pequeno grupo de uma elite intelectual, por isso, que Comte desejava que ela fosse responsável por um templo no Brasil, ele a via como uma intelectual, que poderia ser adepta ao positivismo e disseminadora dessa doutrina.

A educação ganha, na construção comteana, um papel de maior importância, o que é largamente descrito no *Discurso sobre o Espírito Positivo*. Para Comte, o domínio do positivismo estava relacionado na promoção da situação do operário, inicialmente no setor da educação, depois pela criação do trabalho. A educação moral e o trabalho regular eram os elementos para a obtenção da ordem social. Na concepção de Comte, primeiramente seria oferecida educação e depois trabalho aos proletários. Às meninas deveriam receber educação moral para, quando crescessem fossem dignas para trabalhar no espaço doméstico em prol do bem comum. Sem excluir nenhuma classe, o ensino deveria ser dirigido, sobretudo para a classe mais

numerosa - os proletários, que seriam, devido à ausência de uma educação escolástica, “menos acessíveis do que a maioria dos letrados aos diversos sofismas perturbadores”, configurando-se o que Comte denomina de “essa inclinação natural das inteligências populares para a sã filosofia”. Através da educação, a aceitação da hierarquia social deveria ser promovida entre as classes subalternas, pois “e entre os proletários que deverá melhor realizar-se a universal propagação da instrução positiva, condição indispensável para o cumprimento gradual da renovação filosófica”. Os estudos positivos eram vistos por Comte como instrumento fundamental para o *ordenamento social e a manutenção da ordem estabelecida*. Esses estudos são aqueles baseados na religião de Comte e que visam à harmonia social, o amor à ciência exata e o sentimento republicano. Essa ordem almejava o progresso social, que estava relacionado com o modelo de sociedade e humanidade liderado por uma pequena elite.

As meninas deveriam ser educadas para serem solícitas, caridosas, condescendentes, boas, obedientes, generosas, modestas, atenciosas, cuidadoras, doces, amáveis e serviriam como modelo à família. Essas são algumas das virtudes enunciadas por Floresta. Ela deixou escrito em suas obras que versam sobre uma educação dos costumes, cerca de quarenta e quatro características que as meninas educadas deveriam ter e já descrevemos isso anteriormente na parte que analisamos a educação dos costumes proposta por Floresta. A educação dos costumes trata-se de uma austera moral, que buscava uma instrução que tornaria as meninas virtuosas e não as deixariam se corromper e “desviar”. A disciplina era necessária tanto na filosofia de educação nisiana quanto na filosofia positiva proposta por Comte.

Foi abolicionista por se posicionar contra a escravidão e problematizou o fato da escravidão oferecer prejuízo moral para os membros das famílias. Numa perspectiva positivista, as escolas possuem conhecimento científico neutro, apolítico, objetivo, acumulativo. A filosofia de educação nisiana não tinha como objetivo educar as meninas para agirem na sociedade de maneira participativa e política. Elas se tornariam mulheres atuantes no espaço doméstico. O objetivo da filosofia de educação nisiana era o de servir e qualificar o sistema patriarcal. As meninas não vivenciavam o conhecimento, só o acumulavam, pois não podiam se expor, deveriam seguir o modelo de “donzela”. Donzelas não experimentavam, não

inovavam, possuíam uma postura contida. Seu pensamento demonstrava uma resistência ponderada, ou seja, defendia um espaço em que as meninas poderiam estudar e fazer uso da razão, mas sem serem impulsivas. Floresta lutava para que as mulheres tivessem acesso à educação. Ela chegava a defender o acesso às ciências, no entanto, não podemos observar isso nas disciplinas que ela oferecia em suas escolas. Não há ciências. As meninas deveriam ter uma melhor conduta e um conhecimento limitado, se comparado com os meninos:

[...] enquanto os homens nos fecharem toda a entrada às ciências, eles não poderão, sem fazer recair sobre si toda a repreensão, lançar-nos ao rosto as faltas de conduta que a ignorância nos faz cometer e nós acusaremos sempre de injustiça e crueldade os desprezos e maus tratamentos que eles têm para conosco, por faltas que não está em nossas mãos remediar (FLORESTA, 1989, p. 91).

Ela era contra a ignorância que se encontrava a maior parte das mulheres de seu tempo. Ela chegou a mostrar que as mulheres eram tão capazes do que os homens no que diz respeito à atuação cívica e inteligência para ter acesso às ciências, fez isso especialmente na obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Floresta desejava o acesso das meninas à instrução e, por isso, propunha uma reforma educacional, mas essa reforma era baseada numa austera moral. No *Opúsculo Humanitário*, uma obra que ela escreveu quando estava mais experiente, o seu posicionamento mostra-se mais enfático, chegando a apontar em revolução nos costumes, que vai além de uma reforma na educação, mas perpassa por ela. Nessa educação rígida, severa, as meninas aprendiam a ter controle por suas vontades, seus apetites, suas paixões e seus desejos. Que costume ela esperava reformar? Com relação aos costumes da família e educacionais, vimos suas críticas e indignação ao fato das mulheres deixarem suas crianças com as amas de leite e as jovens brasileiras da classe social favorecida sendo educadas por escravas. A educação moral era a mesma. Era importante que as meninas casassem, pois eram dependentes do homem e precisavam da educação para desempenhar melhor o seu papel de “madresposa” uma “matrona-esclarecida”.

Dessa forma, Floresta executava o positivismo e contribuía para o ideário de “feminino patriarcal”. O modelo de “madre” era estendido também para a escola. As meninas eram educadas para não terem autonomia em suas vidas, pois a ideia de mulher era aquela que procriava e que era dependente do homem (primeiramente

do pai e depois, do seu marido). Cabia às meninas seguir o modelo de “boas meninas”, aquelas que se tornavam boas mães e participavam dos círculos religiosos cristãos, fazendo o bem para os outros, servindo sempre aos outros, menos a si mesma. Tanto na filosofia de educação nísiana quanto nas ideias de Comte, o homem exercia o seu poder paternal, a partir de uma ideia de direito, pois se consideravam naturais certos papéis femininos e masculinos. Tratava-se de uma ideia de sociedade baseada na cultura e na hegemonia patriarcal. Como mães, trabalhavam para uma sociedade e para os outros.

La madre debe educar y reproducir en el hijo las cualidades genéricas, de clase, de edad, nacionales, lingüísticas, y todas las que definen a su grupo: el cúmulo de tradiciones, valores, costumbres y creencias, las normas de su mundo. Debe construir el substrato cultural primário, base para su desarrollo y contribuye a construir un sentido vital (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 378).

A mulher não tinha opções na época, ou aprendia a ser “santa” ou se fugisse desse modelo de mulher, seria “puta”. As meninas eram “doutrinadas” para não serem desobedientes e casarem e assumirem a maternidade. “La ideología de la feminidad crea sueños y fantasías en las mujeres y en los hombres y es uno de los cimientos sociales, de la cohesión y la persistência de instituciones, prácticas y relaciones” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 346). Sendo assim, a educação e as instituições - escola e igreja, sempre tiveram um grande poder para manter o “mito da madresposa”. Então, como Floresta avançaria contra a Igreja Católica? A sua postura era um tanto ambígua, e acreditamos que ela tenha se posicionado assim para se proteger, já que seus procedimentos no campo educacional denotavam insegurança e, em alguns momentos, indecisão.

3.3.2 O Papel da Mulher e o Seu “Nobre Fim” e Sua “Digna Missão”: Mães e Esposas Trabalhando como “Prendas Domésticas”

Já faz algum tempo que entendemos com clareza que “a maternidade satisfaz os anseios individuais de uma mulher apenas em parte, num plano quase instintivo, pois também somos seres culturais e desejamos participar e dar a nossa contribuição para toda a obra humana” (ALBORNOZ, 1985, p. 100), mas no tempo de Nísia essa concepção era entendida como rebeldia. A categoria teórica de

análise “mulher” está embalsamada por uma visão patriarcal e baseada na conservação da família. Está composta por um conjunto de três elementos (filha, mãe e esposa). Floresta (1997) definia a mulher, apontando as principais características que cabiam em cada uma, conceituando também o que é ser boa mãe para ela. Em tom de conselheira, Floresta (1997) receitava como “prender” um homem e torná-lo melhor e solicitava às mulheres que seguissem seus conselhos, dizia Floresta (1997, p. 143): “Ouvi. Sede boa mãe; começai por não confiar a ninguém vossas crianças, e ide formando nelas um coração terno sem fraqueza, uma mente sólida sem orgulho, uma crença sincera, fervorosa, iluminada”. Apontava também como deveria ser a educação dada pela mãe aos seus filhos (as). Vejamos Floresta (1997, p. 146-147):

Sede sempre amorosas, simples, francas, autênticas, justas e modestas diante de vossos filhos. Para serdes assim, perceberéis muito bem que não é preciso ter estudado os grandes mestres; se tendes coração, achareis aberto o maior, o mais eloquente e útil dos livros, onde toda página oferecer-vos-á uma lição muito mais proveitosa para aquelas criaturinhas, do que quantas possam se encontrar nos melhores livros, ou na palavra dos mais hábeis preceptores. Bem, eis tudo o que ser-vos-á preciso para plantar no coração e na mente de vossos filhos os estáveis alicerces de um monumento precioso que não desmoronará a não ser junto com a vida. Assim que virdes as primeiras fagulhas do raciocínio deles brilharem, apressai-vos, à guisa de um atento e prudente guardião, a fazê-los discernir o verdadeiro do falso, o útil do supérfluo, o justo do injusto; e preferir, por meio de vosso exemplo, é claro, o verdadeiro, o útil, o justo: porque mais nos deve ser cara a honra do que as coisas; mais a honestidade que o útil [...].

Acentuando que as meninas deveriam seguir o coração e não a razão, Floresta (1997) deixou claro os seus princípios educacionais, baseados nas virtudes. Quando Floresta destacava o exemplo que as mães deveriam dar aos filhos (as), ela estava apontando as virtudes: simplicidade, amabilidade, sinceridade, modéstia, obediência filial, destacando que a felicidade viria como resultado das virtudes, apontando os valores cristãos, bondade, caridade, abnegação, ensinando a não julgar pelas aparências, não ser preconceituosa, ter generosidade, destacando a importância de não aderir às futilidades, de se ter modéstia, honestidade, amor ao próximo, fazer a “escuta do coração”, além de ter honra. Os filósofos da antiguidade relacionavam a felicidade com a moralidade. A vida boa e, ao mesmo tempo feliz, era aquela moralmente realizada. Ao se questionar se a renúncia e uma conduta moral trariam

felicidade, novas interpretações foram sendo feitas na história do pensamento filosófico. A felicidade estava na filosofia de educação nisiana relacionada com o altruísmo. Lagarde y de los Ríos (2005, p.440) afirmou:

En la cultura genérica patriarcal que enmarca la conyugalidad, el amor consiste para la mujer en la satisfacción de su necesidad de ser-de y para-el-outro, en lograr la mirada y el reconocimiento del otro- primordialmente afectivos y eróticos-, para vivir. De ahí que la vivencia del amor como felicidad ocurra cuando la mujer, sin limites, sin autonomia, sin definición propia, está plena del outro, su contenido es el outro, y ella, por fin, es-del-outro. La felicidad para la mujer es la entrega colmada.

Estando a família bem estruturada, haveria progresso na sociedade. Isso aparece explicitado na seguinte passagem, vejamos Floresta (1997, p. 152-153, grifo nosso):

Somente assim poderá efetuar-se esta organização social tão geralmente e inutilmente recomendada e reclamada pelos escritores do progresso! Acostumando vossos filhos na prática dos verdadeiros princípios humanitários, implantareis melhor e mais facilmente que todas as grandes e belas máximas sepultadas em seus in-fólios, as sólidas bases da família. Constituindo boas famílias, formareis gente laboriosa, morigerada, justa e feliz. E as famílias, os povos, as nações, de que o gênero humano se compõe, abençoar-vos-ão em seu verdadeiro progresso, em sua prosperidade. **Cabe, portanto, a vós, mulheres, dar este progresso aos povos.**

Ela não acreditava que a fraqueza constituía um dos principais encantos femininos. Ela criticou a ideia de que a mulher devesse despertar e fixar a atenção do homem pelas “graças exteriores”. Para ela, quem pensava assim, acreditava que a mulher fosse incapaz de refletir, pensar e estudar, sendo “apta somente para oferecer-lhe agradáveis passatempos” (FLORESTA, 1989, p.64). A mulher, que encontramos, por exemplo, na obra *Direito das Mulheres e Injustiça dos homens*, de 1832, é aquela que tinha condições de ir além e atuar na sociedade em que vive, administrando cargos públicos, políticos. Na obra *A Mulher*, tinha também o papel de conduzir as atitudes dos homens ao bem geral de seus semelhantes. Floresta destacou a importância da mulher, fortalecendo a lógica patriarcal, da mulher como mantenedora desse poder e não podemos esquecer que “el poder es la esencia del cautiverio de la mujer y de los cautiverios de las mujeres” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 153). Vejamos Floresta (1989, p. 64, grifo nosso):

Se a natureza deu à mulher um corpo menos robusto que ao homem, não tem ela, por isso mesmo, mais precisão do exercício de suas faculdades intelectuais para que possa melhor preencher **os deveres de filha, esposa e mãe**, sem descer do artifício?

Para Floresta (1997, p. 147) “o trabalho deve ser mostrado às crianças como o manancial de todos os bens, como uma grande e nobre virtude que supera todas as dificuldades para revelar ao homem o único porvir digno dele”. Mas às mulheres, caberia apenas o trabalho doméstico, caso contrário, ficaria difícil manter a ordem social em que cada um tem o seu lugar e seus deveres. O positismo tem a mesma concepção, em que as mulheres são próprias para a maternidade e a vida conjugal, nesse sentido, “as funções espontâneas do pensamento se retraem, enquanto que suas funções passivas e receptivas passam a predominar” (MARCUSE, 1978, p. 318). Sendo assim, podemos considerar que “a sociologia de Comte, em virtude do conceito de ordem, é essencialmente uma ‘estática social’; por fôrça do conceito de *progresso* é também uma ‘dinâmica social’” (MARCUSE, 1978, p. 318). A mulher educada por Floresta aprenderia a se conter frente aos seus desejos, pois precisaria “não perder a cabeça” para manter a ordem.

Em *A Mulher* (1859), Floresta chamou a atenção para o fato de as crianças imitarem os adultos e que eles seriam os responsáveis pela negligência, aos “cultivos das qualidades do coração”, preocupando-se em agradar o mundo frívolo e imbecil. Para ela, era mais importante tentar resolver um árduo problema de matemática, do que a preocupação dos pais com o seu guarda-roupa (FLORESTA, 1997, p. 119). Ela alerta para os efeitos “funestos” da separação do casal, especialmente para a educação dos filhos. Ela contou que, nas famílias mais ricas, a situação se ajustava amigavelmente, o casal permanecia vivendo na mesma casa e cada um por si, enquanto que “a mulher do povo” (considerada superior a outra), vivia diferentemente. Floresta (1997, p. 121) afirmou que “a mulher, obrigada ao trabalho diário, cuida corajosamente também de suas crianças, dos afazeres de casa, e daquelas dores de cabeça que muito frequentemente têm por causa de um marido folgazão”.

Assim, a menina educada nos princípios educacionais de Floresta iria se tornar uma excelente mãe de família e mulher notável, entretanto, para isso, as meninas deveriam mudar os seus hábitos, acordar cedo, ter tarefas, estudar, além de participarem de brincadeiras ao ar livre. As meninas não deveriam ficar trancadas

em casa e as mulheres também não, pois para ela a vida passava diante delas e elas só tinham um exercício - “o governo da casa”, esse que, muitas vezes, era “desgoverno”, pois se encontrava “na confusão entre o nada a fazer e o ordenar constantemente sem método, sem pensamento” (FLORESTA, 1989, p. 122). A autora percebia que aquela educação que incentivava as meninas a serem preguiçosas, apáticas, a não gostarem de trabalho deveria ser abolida. Era nessa “indolência” que a menina estava sendo educada, desde a infância à hipocrisia, educadas a “reinar pela matéria”. Por perceber tudo isso, é que propôs a educação virtuosa e severa para as meninas.

Floresta (1998, p. 167-168) defendeu “a influência incontestável da educação moral da mulher sobre a felicidade das nações, educação que deve começar a aformar-se no lar, sob a sábia direção da mãe de família”. O uso da razão é para discernir o verdadeiro do falso. A filosofia de educação nisiana preparava as meninas para casarem.

A felicidade pessoal da mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica. Isto equivale a dizer que, afora as que permaneciam solteiras e as que se dedicavam às atividades comerciais, as mulheres, dada sua incapacidade civil, levavam uma existência dependente de seus maridos (SAFFIOTI, 1976, p. 33).

A ideia de que a felicidade estaria no viver para outrem está presente nessa filosofia de educação, a moça sendo o modelo para a sua família, cultivando o saber, despojada de orgulho. Nesse sentido, Lagarde y de los Rios (2005, p.440) afirma:

En la cultura genérica patriarcal que enmarca la conyugalidad, el amor consiste para la mujer en la satisfacción de su necesidad de ser-de y para-el-outro, en lograr la mirada y el reconocimiento del otro- primordialmente afectivos y eróticos-, para vivir. De ahí que la vivencia del amor como felicidad ocurra cuando la mujer, sin limites, sin autonomia, sin definición propia, está plena del outro, su contenido es el outro, y ella, por fin, es-del-outro. La felicidad para la mujer es la entrega colmada.

Floresta passava às educandas os mesmos valores ético-religiosos que deveriam nortear os passos da sua filha Lívia. Para ela, a mulher seria aberta ao conhecimento, como forma de se libertar. No discurso que dirigiu às alunas, em 18 de dezembro de 1847, Floresta (2009, p. 106) dizia:

A mulher, sendo destinada pelo Criador, para amenizar a existência de seu semelhante, tem para com Aquele contraído a mais sagrada das obrigações, a de bem desempenhar essa sublime missão, de cujos resultados depende a felicidade de sua vida, e a de sua posteridade. É, portanto mister para conseguir esse digno fim, que ela se amolde desde a infância à prática exata e constante das virtudes, que a constituem sobre a terra um anjo de consolação, um anjo de paz!

Era comum esse tipo de discurso sobre a mulher como aquela responsável pelos outros. Até hoje, documentos que tratam sobre políticas públicas na educação, por exemplo, vêm apontando que a educação da mãe interfere nas condições de vida e no que os seus filhos terão acesso. As relações de gênero entre homens e mulheres eram muito difíceis naquele tempo - as mulheres eram educadas para serem boas mães, quem ousasse ir além, sofria preconceitos. A lógica de pensamento patriarcal fazia as mulheres submissas aos homens e, para ela, era através da educação que as mulheres resolveriam alguns problemas relacionados ao preconceito de gênero. Floresta alertava as meninas para aperfeiçoar as lições que tiveram, aproveitarem o tempo. Vejamos Floresta (2009, p. 106):

[...] fazer bom uso de uma instrução, de que tanto precisa nosso sexo, a fim de facilmente preencher os sagrados deveres que lhe impõem a natureza e a sociedade; e forçar, por assim dizer, o egoísmo, a discriminar nele o mérito, que lhe dá uma sólida instrução, da desprezível vaidade que não pode afluír senão em espíritos minimamente medíocres.

Nesse trecho, ela criticou a vaidade, pois para ela as meninas deveriam se dedicar mais aos estudos e não perder “seu precioso tempo”. As educandas deveriam, “estudar bons livros nas horas vagas”, “entreter o espírito, a fim de que a ociosidade não o venha assaltar com os seus terríveis efeitos” (FLORESTA, 2009, p. 106). As mulheres só superariam o preconceito e os entraves daquela época se estudassem e não dessem valor à vaidade. As mulheres, para ela, tinham o mesmo potencial para estudar e atuar na sociedade, ao lado dos homens.

Ao fazermos a análise do papel da mulher, do papel das mães na educação dos (as) filhos (as) e da importância que ela dá a família na sua proposta de educação encontramos uma educação sexista, baseada em um pensamento conservador, em que todo o discurso nisiano é voltado para um “nobre fim”, que é o de ser uma boa menina, uma exemplar mãe e esposa.

E o sexismo não é somente uma ideologia, reflete, também, uma estrutura de poder, cuja distribuição é muito desigual, em detrimento das mulheres [...]. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem (SAFFIOTI, 2004, p. 35).

Nas obras de Floresta, encontramos tanto a reivindicação pelo reconhecimento de que a mulher teria capacidade para desempenhar os papéis que os homens desempenhavam, quanto à valorização da mulher enquanto “mãe”, “esposa” e “filha”. Essa forma de pensar representa o “feminino patriarcal²⁴” que faz com que as pessoas aprendam valores baseados em uma educação sexista. A educação sexista ainda está presente em nossas escolas e na família. Para perceber isso, basta nos questionarmos: Por que ainda vemos nossas meninas se queixarem que os meninos e professores não permitem que elas joguem futebol? Quando é preciso organizar uma sala de aula, por que poucos meninos demonstram habilidade com esse tipo de trabalho doméstico? De onde vêm as frases que são citadas em salas de aulas, foram ditas por homens ou mulheres? Quais as cores prediletas dos meninos? Inclui o rosa? Que brinquedos são oferecidos aos meninos e às meninas? Por que é considerado normal que os meninos “fiquem” e as meninas devem esperar para namorar? Qual o problema dos meninos se aproximarem de bonecas, ferro de passar, panelinhas e outros brinquedos que fazem parte do cotidiano doméstico? Essas e outras questões nos apontam que a educação moral/sexista ainda faz parte de nosso cotidiano e ainda idealizamos, em nossas crianças e jovens, os modelos que devem seguir a partir de uma lógica patriarcal.

No *Opúsculo Humanitário*, Floresta (1989) aponta um ideal de mulher, que deve ser o modelo da família e a pessoa responsável para conservar a dignidade e esse modelo está baseado na ideia de “feminino patriarcal”, que tem referências a partir da feminilidade idealizada pelos homens. Somente com uma educação baseada nos princípios morais é que as mulheres teriam valor na vida social. A partir da tríade “mulher-mãe-filha”, tanto o papel da mulher na sociedade era especificado por ela, quanto o papel dos pais. A mulher deveria ser “a primeira educadora de seus filhos e a mais útil amiga do homem” (FLORESTA, 1989, p.92). Floresta não só educava, mas foi educada a pensar androcentricamente. Isso mostra que “o triunfo da masculinidade tem sido constante e permite exercitar um diálogo sobre o lugar do

²⁴ Uso esse conceito a partir de Margarita Pisano. Ver referências.

feminino, mas como parte subordinada de uma estrutura fixa. Ou seja, o feminino só pode dialogar dentro da masculinidade, pois vive para ela” (EGGERT, 2006, p. 227). A ideia de um modelo de mulher desconsidera as diferenças (entre índias, negras, pobres, brancas e ricas) e não conseguiu romper com a visão de que as mulheres não serviam apenas para educar seus filhos e ao seu homem.

No texto *A Mulher*, Floresta (1997, p. 97) suplica às mães: “Escutai, ó mães, escutai, a narração daquilo que ainda me foi dado ouvir”. Em meio às suplicas, ela vai denunciando o que acompanhava em um lugarejo por onde andou. Vários casos foram relatados, vejamos um trecho do diálogo entre Floresta e uma ama de leite:

Um menino, ou melhor dizendo, um mortinho, amarelo como o açafraão, estava ali deitado num pano imundo. Ele definhava de um modo comovedor, em meio àquele bom ar campestre, que eu ouvi tantas vezes ser louvado pelas mães parisienses, habitual pretexto para tirar da própria vista seus filhos, não sabendo elas que o ar respirado pela mão, esse é o que condiz melhor para seus filhinhos!- ‘Boa mulher’, disse à camponesa reprimindo minha comoção; ‘aquele menino parece muito doente. Há quanto tempo o tendes?’- ‘Há dois anos. Nos primeiros tempos andava bonzinho, mas depois começou a dar para trás, e me dá uma grande despesa’.- ‘Os seus pais não sabem nada de tudo isso?’- ‘Oh! Com certeza; mas não se dão por achados; mandam todo mês 20 francos, e não tem por onde que mandem uns panos p’ro menino, nem sapatinhos, nem nada. E eu, que hei de fazer, pobre mulher com seis filhos p’ra alimentar?’ [...] (FLORESTA, 1997, p.100-101).

Com esse trecho, podemos perceber que ela denunciava a situação dos (as) “amamentados (as) de Paris”. Em nenhum momento, posicionou-se a favor das “amas de leite”, que tinham uma vida dura e precária. Ela dizia que não tinha a intenção de acusar as “pobres amas da roça” e queria unicamente “reavivar um sagrado dever no coração das mães que confiam suas crianças a mãos estranhas e assalariadas” (FLORESTA, 1997, p. 107-109). Denunciava as condições precárias das crianças, o descaso dos pais e da sociedade. E para desenvolver um bom papel de esposa, a moça era educada em casa, com professores particulares, que lhe transmitiam o ensino das primeiras letras, noções de música, passos de dança e, naturalmente, prendas domésticas. Na concepção nisiana, a educação na vida das meninas serviria para quê? Serviria para uma melhor condição de vida, auxiliando o esposo, educando seus filhos? Contribuiria para um maior desenvolvimento social? Ou ela tinha ideias à frente de seu tempo, quanto à educação das meninas?

No *Opúsculo Humanitário*, é mostrada a importância da educação para as meninas, especialmente a educação dada sob o “teto paternal”. Ela acreditava que o emprego de nutrir as crianças pertencia às mulheres, assim como unicamente pertence o de gerá-los. Para ela, gerar um filho (a) dava direito à estima e respeito públicos, a nutrição dos filhos deveria ser responsabilidade dos dois (homens e mulheres). Com relação ao desprezo com que os homens olham para o emprego de criar filhos, Floresta (1989, p. 36) afirmava que “não há no Estado Social um emprego que mereça mais honra, confiança e recompensa”. No texto *A Mulher*, Floresta deixou claro o papel das mães na educação dos seres humanos. E no Capítulo I, da obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, ela lembrou que devido “o emprego de criar filhos” talvez, as mulheres mereceriam o primeiro lugar na sociedade civil (FLORESTA, 1989, p. 36). Esse “primeiro lugar”, seria um lugar desejado pelos homens? A importância dessa função está (dentro da cultura patriarcal) na manutenção do sistema e, nesse sentido, lembramos Pisano (2004, p. 7):

Las pensadoras y académicas que podrían tener una visión más clara de la necesidad de un cambio cultural profundo, se funcionalizan a los últimos pensamientos y teorías generadas por la masculinidad (desde Aristóteles hasta Baudrillard) y no se dan cuenta que la masculinidad las traviste, que están sirviéndole desde la ilusión de la igualdad y/o de una cierta diferencia igualitaria.

Ela pediu em *A Mulher*, para as mães se dedicarem com mais cuidado ao estudo de seus filhos, solicitando que vencessem a fraqueza de seus “errinhos” e dessem um basta àquelas longas teorias, que tanto aborrecem seus filhos (as). As ameaças severas, as narrativas só contribuía para que os filhos (as) perdessem o respeito que deveriam ter (FLORESTA, 1997, p. 145). Mas, como ela propôs que as mães educassem suas crianças? Floresta (1997) apontou algumas características que a mãe devia ter: **amorosidade, simplicidade, franqueza, autenticidade, justiça e modéstia**. Salientou que não era preciso ter estudado os grandes mestres para ser assim. Mas não é apenas na obra *A Mulher* que Floresta destacou a importância e o papel das mães na vida dos filhos e na sociedade, no *Opúsculo Humanitário* Floresta (1989, p. 93) afirmou:

Um prejuízo muita vez fatal à infância, um crime, diremos nós altamente, introduziu-se no Brasil, porque não é ele de origem

brasileira: é o que leva as mães a negarem, por miseráveis considerações mundanas [se referindo as amas de leite], seu seio aos seus recém-nascidos. Nada nos parece tão revoltante como ver uma mãe, sem causa justificada pela natureza, consentir que seu filho se alimente em seio estranho.

A mãe deveria ser uma autêntica e prudente guardiã, quando aparecessem “as primeiras fagulhas do raciocínio”, para então fazer seu filho (a) discernir o verdadeiro do falso, o útil do supérfluo, o justo do injusto; e preferir, por meio do vosso exemplo, o que é verdadeiro, útil e justo. Às mães, caberiam habituar seus filhos e filhas a não se deixarem ofuscar pelos inúmeros esplendores fugazes²⁵; ensinar a sentir amor pela humanidade, mostrando que a verdadeira glória do ser humano é a de ter sido digno de honra em sua vida; velar para que o egoísmo não se instale em seus corações; ensinar a nunca desprezar as pessoas mais humildes e pobres com sua própria atitude; ensinar a ter a devida estima pela mulher; mostrar com seu próprio exemplo a ordem o trabalho e o costume de poupar (FLORESTA, 1997, p. 145-149). Além disso, a mãe deveria mostrar às crianças a importância do trabalho e inspirar “um profundo respeito” por tudo o que concerne à ordem. Dizia Floresta (1997, p. 143): “quando a sociedade for bem ordenada, a mãe será o único diretor e o único mestre dos próprios filhos, até a idade em que a razão deles mostre-se formada”. Mayeur (1991, p. 292) afirma que o tema da *Mãe educadora* atravessa o século XIX:

Paralelamente, as idéias inovadoras da Sociedade aplicadas às raparigas revelam uma certa ambiguidade. Efectivamente, o essencial não é ensinar-lhes com maior ou menor profundidade esta ou aquela disciplina, mas encarregar-se da sua direcção. Importa, portanto, não assustar as famílias alterando os conteúdos habituais e desviando, á força de tarefas escolas, as raparigas das suas obrigações familiares.

Estabelecer a harmonia e a ordem era a função da educação materna na filosofia de educação nisiana. Contudo e somente assim, que Floresta acredita que se constituirá “boas famílias”, “gente laboriosa”, “morigerada”, “justa” e “feliz”. Essa ideia é bem comteana, pois, com seres humanos educados nessa perspectiva, é que teríamos o verdadeiro progresso e prosperidade. Floresta ao se referir aos pais, na obra *Opúsculo Humanitário*, denunciou que alguns diretores das casas de ensino

²⁵ Refere-se aos objetos que iludem os seres humanos.

permitted that “men without principles and of mediocre knowledge”, be directors of schools and demanded of these that they treat the “disobediences domestic” as if it were their responsibility and not of the parents. This is a fundamental aspect in what concerns respect for the roles of the parents. For Floresta (1997, p. 77), only “to the parents it belongs to correct the errors of their children”. Let us see:

Temos ouvido mais de uma vez pais de família, mesmo nas classes elevadas da sociedade, em que muitos sabem fazer-se obedecer por subalternos seus, confessarem às pessoas a quem confiam a educação de seus filhos que, não podendo contê-los no cumprimento de seus deveres, esperam obter por meio delas este resultado. A fraqueza, que os faz assim perder a força moral junto a essas tenras criaturas confiadas por Deus a seus cuidados, é repreensível e desairosa, que não precisa de comentário (Floresta, 1997, p. 77).

Floresta (1989, p. 92) afirmou que “na sociedade onde a mulher não é ainda o que deve ser - a primeira educadora de seus filhos, a mais útil amiga do homem”, é necessário que os pais recorram aos colégios cujas diretoras sejam reconhecidas por seu zelo e dedicação ao ensino. Ela também chamava atenção para as condições materiais dos estabelecimentos de ensino da época:

O geral dos pais avalia quase sempre da excelência do estabelecimento onde manda educar suas filhas, pelo grande número de alunas que contém. Ouvimos por vezes dizer-se: ‘o colégio em que está minha filha é excelente, tem muitas meninas’, sem importar saber se essa afluência é devida às condições materiais do estabelecimento e ao atrativo sempre poderoso de ostensivas promessas, ou ao mérito real da pessoa que o dirige (FLORESTA, 1989, p. 88).

It is worth highlighting that even though Floresta pointed out the importance of these good conditions and also of a good director, the necessity for girls to be educated in good schools, was the education done under the “paternal roof”, by the mothers, in conditions appropriate to the main education (FLORESTA, 1989, p.91). For this, “a well-educated and sufficiently instructed mother to direct the education of her daughter will always obtain greater advantages” (FLORESTA, 1989, p. 91); advantages that a director would not be able to obtain. As we are pointing out, this position does not advance in anything, in terms of emancipation of the woman and does not break with the social role of the woman, neither with the conception of education for girls, that they would learn to be good mothers and wives. The question

da dependência e independência da mulher, principalmente no que diz respeito ao trabalho em casa e ao cuidado dos filhos, é efetuada depois do Estado de Bem-Estar Social Keynesiano (principalmente no período pós-guerra). Esse era baseado em dois princípios: pleno emprego e manutenção da família tradicional. Diversos autores e autoras vêm efetuando críticas ao modelo paternalista de estado²⁶. Floresta lamentou e denunciou o desprezo e a falta de recompensa que as mulheres recebem por cuidar das crianças e dos homens.

Em *Um passeio no jardim de Luxemburgo*, ela reafirmou sua ideia de que as mulheres eram importantes para humanidade no papel de mãe, boa esposa e zelosa no lar. A mulher teria um papel de “cooperadora” no que ela chamou de “grande obra do porvir” (FLORESTA, 1997c, p. 191). Nessa obra, mais uma vez Floresta enfatizou a tríade e prosseguiu definindo a mulher: “a mulher, esta harpa harmoniosa cujos sons sopitarão as angústias da vida quando a mão do homem for convenientemente hábil em sabê-la bem afinar, não foi ainda considerada sob o verdadeiro aspecto” (FLORESTA, 1997c, p. 191). A “cooperação” que Floresta citou, segue a idéia já apresentada em *Opúsculo Humanitário* (1856) e no texto *A Mulher* (1859), portanto parece fazer parte da proposta educacional de Nizia Floresta madura, que criava narrativas e novelas. Ela deixava claro para o leitor que já vinha escrevendo sobre a tarefa da mulher na sociedade: Vejamos Floresta (1997c, p. 191):

Tarefa que é alta e nobre na terra. Filha, esposa e mãe (repeti-lo-ei ainda mais uma vez), acha-se colocada pela natureza no centro de uma tríade sublime, da qual emanam as maiores e mais substanciais doçuras da vida do homem. E quando a sociedade vir-se em condições de bem educar o coração da mulher, este coração será a grande chama de onde surgirão fagulhas ainda ignotas ao homem, a fim de dissolver-lhe as trevas da corrupção.

Floresta acreditava que era falsa a ideia de que a mulher nada poderia ser por si mesma, em que o trabalho do homem é indispensável para viver e que a mentalidade dos homens dirigiria a vida das mulheres. Mas essa era a visão da sociedade brasileira da época. Ela defendia que o incentivo ao trabalho, tanto nas famílias ricas quanto nas pobres, era de suma importância para os jovens. Tanto as mulheres quanto os homens deveriam trabalhar. Enquanto “filha, mãe e esposa”, a

²⁶ Destaco dois textos da perspectiva feminista sobre o Estado de Bem-Estar Social e a divisão do trabalho proposta por esse - ver nas referências: Carole Pateman e Mary McIntosh.

mulher é uma figura secundária em relação ao homem. Giorgio (1991) lembra que o século XIX é o século da mãe e que era dever de uma mãe católica no século XIX ser dedicada, fazer sacrifícios e ter uma educação religiosa.

A cultura católica do século XIX fundamenta a valorização do papel materno nos comportamentos de piedade sentimental típicos da devoção feminina. A maternidade da Virgem apagou o pecado de Eva. Desta imagem resultam conjuntamente a intensa devoção mariana e a recuperação dos valores da maternidade (GIORGIO, 1991, p. 230).

Enquanto filhas, é lhes dado um sagrado dever: o de respeitar e amar os pais. Enquanto esposa, ela apontava várias questões. Dizia que a mulher não deveria quebrar o juramento que fez ao homem que escolheu para ser seu esposo; sendo, dessa forma, honesta, doce, digna, amiga circumspecta e devota; bem como companheira inseparável e necessária a sua vida. Devendo, assim, fornecer-lhe tudo que for útil e agradável; estabelecer a ordem e a harmonia no lar, expulsar a idéia de “lua de mel” e agir de maneira que faça durar a felicidade conjugal. Assim, “à sociedade resta a possibilidade de enclausurar a mulher em situações nas quais a única saída seja a maternidade” (SAFFIOTI, 1976, p.86). Floresta acreditava que a mulher era culpada se a “lua de mel” acabasse principalmente se no começo da relação à mulher se demonstrava uma “caprichosa menina” e depois deixava de fazer o que fazia. Ela julgava o homem fraco de espírito e acreditava que eles possuíam todo tipo de orgulho e, por isso, sentiam um “vazio” e procuravam outras passagens para encontrar a sua felicidade. A mulher descrita por Floresta (1997) era aquela capaz de discernir, com fineza de espírito, sabendo identificar a hora e o lugar para manter a “dignidade na submissão” e a “autoridade na obediência”. Essas palavras chave significam o conservadorismo existente na Filosofia de Educação Nisiana. Como se percebe, as mulheres não poderiam fazer o que queriam. Segue Floresta (1997, p. 137, grifo nosso):

A vós compete, ó mulheres, a vós que possuís todo o tesouro de ternos e caros sentimentos, e além disto tendes aquele discernimento delicioso, aquela fineza de espírito previdente, de que a natureza foi-vos mais generosa que ao homem; **a vós compete saber identificar a hora e o lugar para manter a dignidade na submissão, e a autoridade na obediência.**

A autora solicitava às mulheres que fossem obedientes, justificando que as mulheres seriam naturalmente mais generosas do que os homens.

Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe da família (SAFFIOTI, 1976, p. 33).

A maternidade era vista como a mais doce, mais nobre e mais relevante obra que se tem a cumprir, como algo natural. Maneira comum de se pensar no século XIX, mas ela destacava que ser mãe não era sinônimo de ter filhos, mas saber bem educá-los. Vejamos Floresta (1997, p. 139):

Ser mãe, no sentido moral, não consiste em se ter filhos, mas em saber bem educá-los, procurando desenvolver convenientemente seus corações, dirigir as suas boas disposições, pôr todo cuidado nessas plantinhas que o Ser supremo vos confia, e de desembaraçá-las atentamente das ervas daninhas que desabrocham ao seu redor. Assim que começar para vós esse nobre ministério, se quereis bem exercitá-lo, deixai todo frívolo prazer de um mundo que aparenta ser-vos grato da pompa que lhe fizestes de vossas graças, ou de vossas basbaquices, mas que não poderá jamais oferecer-vos um só daqueles momentos de inefável felicidade que está ao lado do berço de um bebê [...].

Floresta (1997, p.141) acreditava que exercitar bem o papel de “mãe, esposa e filha”, era como um ser útil para outrem e colocava as mulheres nos “altares domésticos”. De rainha do lar, passa a ver as mulheres como uma “divindade”. Como destaca Lagarde y de los Rios (2005, p. 343):

Las mujeres adquieren la conciencia de lo que son mediante la ideología patriarcal, también en ella adquieren conciencia de su opresión, y solo después incorporan elementos de otras ideologías contrarias al patriarcalismo.

Considerando o desprendimento como uma das principais características que a mulher deveria ter Floresta (1997, p. 153) afirmou:

Esquecei de vós mesmas, dignas mães de todas as nações, e de todas as classes! Esquecei de vós mesmas no cumprimento de

vossa sublime tarefa; e a sociedade, por vós regenerada, oferecerá ao mundo no vosso amor, e na vossa abnegação, o compêndio de todas as belas virtudes da mulher, e o arquétipo da verdadeira e santa caridade.

Que influências Floresta teria para pensar diferente? Ela era uma mulher do século XIX e disso não podemos esquecer. Ao pedir às mães para esquecerem de si mesmas em prol da humanidade, demonstrava a sua posição de mulher do século XIX. A qualidade comum que a mulher do século XIX deveria ter era a de “viver para os outros”. Deveriam mostrar abnegação e sacrifício de si mesma em favor dos outros. Destacamos Floresta (1989, p. 34, grifo nosso):

Dê-se ao sexo uma **educação religiosamente moral**, desvie-se dele todos os perniciosos exemplos que tendem a corromper-lhe, desde a infância, o espírito, em vez de formá-lo á virtude, adornem-lhe a inteligência de úteis conhecimentos, e a mulher será não somente o que ela deve ser- o modelo da família- mas ainda saberá conservar dignidade, em qualquer posição em que porventura a sorte a colocar.

Floresta demonstrou ter clareza de alguns problemas relacionados à maternidade:

Porém nossas almas mais generosas não atendem senão ao bem das crianças, que nutrimos e educamos, pois que todos os dias experimentamos que a recompensa que temos a esperar dessas criaturas desnaturadas, pelos trabalhos, cuidados, inquietações e infinitos embaraços, que nos causam e de que não se acha exemplo em todos os outros estados da sociedade civil, se reduz a maus tratamentos e a um desprezo repreensível para com o nosso sexo em geral. Tais são os generosos ofícios que lhes prestamos; tal é a ingratidão com que nos recompensam (FLORESTA, 1989, p. 38-39).

Outro problema apontado por ela estava no fato de os homens não valorizarem o papel da mãe e não recompensarem às suas mulheres por serem boas mães. Observemos Floresta (1989, p. 39):

Sem dúvida é preciso que os homens tenham a imaginação bem corrompida para olharem um exercício tão importante, como baixo e desprezível e para lhe recusar toda estima que na realidade merece. Com que liberalidade não se recompensa aquele que consegue domesticar um Tigre, um Elefante e outros semelhantes animais? E as mulheres, que passam seus belos anos ocupadas em amansar o homem, este animal ainda feroz, não serão pagas senão com desprezo?

Floresta defendeu um “bom aproveitamento do tempo”, ela chama a atenção das mães. Tudo o que era frívolo em sua época foi alvo de muitas críticas na obra *Opúsculo Humanitário*. Floresta (1989, p. 120) se questionou:

[...] como podem as nossas conterrâneas, cujo orgulho não tem por base nenhuma daquelas vantagens, desprezar o trabalho e passar todo o seu tempo ocupadas de frivolidades, afetando muitas uma delicadeza que lhes não permite mesmo, sem comprometer sua saúde, suportar os descuidos ou o serviço mal feito das mucamas?

Floresta se lastimava vendo as meninas “entregues ao torpor de uma má educação, dormirem até alto dia, levantarem-se maquinalmente e vagarem pelo meio da família em completo desalinho, sem uma idéia do *nobre fim* para que foram criadas” (FLORESTA, 1989, p. 120, grifo nosso). Essa falta de estímulo de ordem, criticada por ela, seria parte da responsabilidade dos pais. As meninas poderiam se tornar excelentes mães de famílias e mulheres notáveis se esses cuidados fossem tomados.

3.3.3 Equidade de Gênero em Nizia Floresta: Denúncias das “Aberrações do Intelecto Viril”

O ensinamento da igualdade que deve reinar entre homem e mulher começa neles em relação às próprias irmãs em seus jogos infantis, e em todos aqueles milhares de costumes domésticos, nos quais transparece aquele orgulho excessivo e aquela pretensão do rapazola que tanto vos diverte, e que nada mais é, ó mulheres, senão o germe deste presunçoso egoísmo que vos oprime por toda a vida com prejuízo da própria felicidade deles. Vossas filhas, igualmente criadas com atento cuidado, não acolham em seu ânimo aquelas ridículas aspirações de gabolice que desnaturam-nas e desviam-nas do digno escopo que a mulher deve ter em mira; nem dêem lugar em seu coração a nenhum daqueles bravos sentimentos que pouco a pouco acabam por danificar a felicidade daqueles pelos quais elas devem viver (FLORESTA, 1997, p. 149-151).

Para compreendermos por que as mulheres ainda não são reconhecidas no mundo da ciência, temos que considerar as palavras ditas pelas mulheres, os estudos de gênero e as pesquisas nesse campo. O excerto de Floresta que mostramos acima nos aponta a sua preocupação com as relações entre homens e mulheres, em que se faz necessário uma reconstrução e um re-olhar para a história da Filosofia e para a história da educação ocidental nas quais as mulheres estão inseridas. Harding (1993, p. 13) afirma que “no exame da crítica feminista à ciência,

devemos refletir sobre tudo o que a ciência não faz, as razões das exclusões²⁷, como elas conformam a ciência precisamente através das ausências, quer sejam elas reconhecidas ou não”. Floresta denunciou o que alguns filósofos disseram sobre as mulheres. Sábata (2002) oferece um quadro bastante ilustrativo disso:

Nietzsche aconselhava-nos a levar chicotes quando fôssemos com elas; Schopenhauer colocou os pensamentos femininos em relação inversa com o comprimento dos seus cabelos; Hume considerava-as oportunas naquelas reuniões em que as conversas descambam para o frívolo, e Descartes dizia, é fácil supor que com tanta malícia, que queria escrever de modo tão claro que até as mulheres o compreendessem. Nenhum dos citados, certamente, manteve uma relação estável com uma mulher. Os filósofos, em geral, quando falaram sobre a mulher ou sobre a guerra brilharam. Ou, para ser sinceros, caíram no ridículo²⁸.

E é, contra esse ridículo, que Floresta se posicionou ao mostrar que as mulheres eram tão aptas quanto os homens para a ciência e o uso da razão. Em meio a tantas mulheres analfabetas no século XIX e outras tantas que não eram “vistas”, podemos imaginar essa brasileira escrevendo, militando e provocando a maneira de pensar de muitas pessoas. Ao problematizar as relações de gênero, abordou um tema que hoje lutamos para inserir na academia. Ao ver que quase nada estava sendo feito para remover os obstáculos que estancavam os progressos da educação das mulheres brasileiras, Floresta (1989) dizia que buscava vencer as trevas que obscureciam a inteligência das mulheres. Denunciou também a opressão masculina, e apontava a educação – que estava ao alcance da mulher - como o antídoto para as “chagas” da civilização.

Como já foi citado anteriormente, (ROSA, 2005-a, 2005-b) a questão de gênero aparece nos estudos e em obras em diferentes épocas. Em algumas passagens de suas obras, encontramos questões a cerca das relações de gênero.

²⁷ Magali de Menezes também fala que devemos perguntar os “porquês” dessa retirada em seu artigo no livro “As mulheres e a Filosofia”.

²⁸ Em minha pesquisa de mestrado que problematizava as relações de gênero na Filosofia, realizada na Universidade do Vale dos Sinos, sob orientação de Edla Eggert, trabalhei essas questões, abordando o preconceito na Filosofia. Existem países como Portugal, Alemanha, Espanha e Argentina em que os estudos de gênero na filosofia estão bem avançados. Na Espanha, por exemplo, há publicações da “Coleção Feminismos” e pensadoras como Célia Amorós, Amélia Valcarcel, Cristina Molina, Mercedes Madrid, Victoria Camps. Todas trabalham o tema Gênero e Filosofia. Ver referências.

No seu texto *A mulher* e em *Cintilações de uma obra Brasileira*, vemos a relação de gênero presente em sua produção. Citamos Floresta (1997, p. 127):

O homem profana os mais santos deveres da natureza e da lealdade; abusa da confiança das famílias nas quais é recebido, engana as raparigas, seduz as esposas, insulta os parentes e os maridos; rasteja, como um desenfreado animal, nos mais abjetos níveis da sociedade [...] E ainda assim ele é recebido em todo lugar, festejado, e orgulhoso de suas conquistas; e se ele é rapaz rico, ou em vias de sê-lo, acha facilmente pais que não hesitam em conceder-lhe a mão de uma filha. A mulher tida por mais fraca que o homem, deve suportar sozinha a punição, se a sua força vacila. Educada entre os elementos mais contrários a corroborar-lhe a razão e iluminar-lhe o espírito para evitar as inumeráveis insídias armadas à sua sensibilidade e inexperiência, deve todavia carregar por si só o oprobioso peso da vergonha quando é arrastada por aquele que a fez cair.

Denunciando o preconceito de gênero, Floresta (1997, p. 125) mostrou que se uma pobre garota “cai na desgraça de prevaricar” por um amor que ela acreditava ser sincero e puro; ao ser descoberta, sofreria uma reprovação enérgica da sociedade, enquanto o homem seria acolhido com graça e grande honra. Esse tipo de atitude é denominado por ela de “aberrações do intelecto viril” (FLORESTA, 1997, p. 127). Essa objeção e injúria ao comportamento das meninas e mulheres estão ainda presente em nossa sociedade. Floresta questionava as posições estabelecidas, tanto teóricas, quanto socialmente e culturalmente construídas.

Temos encontrado acirradas discussões sobre o conceito de gênero. Muitas são as críticas e construções ao seu respeito²⁹, mas podemos dizer que além de trabalhar com a categoria “sexo” (comum à época) Floresta, estabeleceu relações acerca da construção cultural e social da mulher. Na obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens*, Floresta (1989, p. 30-31) enfatiza a necessidade dos homens pensarem sobre o assunto:

Em uma palavra, se os homens fossem Filósofos (tomando esta palavra em seu rigor) descobririam facilmente que a Natureza constitui uma perfeita igualdade entre os dois sexos. Mas como há poucos que sejam capazes de um pensar tão abstrato, nenhum direito têm mais que nós, de serem juizes nesta matéria, e por conseqüência, necessitamos de recorrer a um Juiz menos parcial,

²⁹ Adriana Piscitelli (1997) faz um bom apanhado sobre a ambivalência dos conceitos “sexo e gênero”. A esse respeito, ler “Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade” (2003), de Judith Butler.

incapaz de deixar-se prevenir por alguma das partes e, por conseguinte irrecusável. Estas qualidades são visivelmente inerentes à razão bem apurada, pois que é uma faculdade pura e intelectual sem acepção por algum sexo e igualmente interessada no bem-ser de toda espécie racional em geral, e em particular [...] Enquanto eles não chegarem a esse ponto de equidade, as pechas imaginárias com que eles têm oprimido o nosso sexo e que se alguma aplicação têm, não podem recair mais que sobre um pequeno número dentre nós, que não me proponho justificar, não passarão senão como pequenas sutilezas a cuja sombra querem fazer passar as suas.

Em *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Floresta (1989, p. 75) diz que “seria preciso recorrer a tantos países, como um judeu errante, para achar nesse sexo invejoso e pouco generoso, alguns outros exemplos de uma semelhante equidade a nosso respeito”. Outro exemplo de suas análises das relações de gênero podemos observar quando Floresta (1989, p. 80) diz que “quando se pretende exprobar a um homem a falta de coragem, chama-se-lhe “afeminado”; quando se pretende exaltar a coragem de uma mulher, diz-se ‘é um homem’”. Além disso, Duarte (1989, p. 80), chama atenção para o fato de que Floresta “surpreende ao leitor com a perspicácia de seu raciocínio. Antecipando-se aos debates sobre a arbitrariedade do signo linguístico corrente neste século, a autora avança no desvendamento dos esquemas sexistas presentes na linguagem”. Assim, evidenciando a ambiguidade, mesmo que versando uma filosofia da educação que visa à educação da mulher, sobretudo como uma preparação moral, doméstica e religiosa, ela avança, no que diz respeito à importância da educação para as meninas, uma educação que oportunizava disciplinas que não eram comuns de serem oferecidas às meninas. Na obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Floresta deixou claro que se as mulheres estavam sendo privadas do poder e do privilégio, isso não era por falta de merecimento e de capacidade das mulheres, o que Floresta (1989, p. 64) chamou de “capacidade natural”, “mas sim por falta de um igual espírito de violência, de uma injustiça manifesta e de uma opressão ilegítima, como a deles”. Vejamos Floresta (1989, p. 64-65).

[...] por um pouco que se considere as mulheres como criaturas racionais e se afaste por um momento as desvantagens, que a sua usurpação injusta e tirânica tem lançado sobre elas, ver-se-á que são pelo menos tão capazes como eles, de preencher aquelas funções.

Floresta (1989, p. 65) criticou severamente os homens, denunciando “o erro e a ignorância degenerada em hábito”. Citamos Floresta (1989, p. 64):

Todavia seu entendimento é tão fraco e seus órgãos tão pouco dispostos a escutar a voz da razão, que o costume os tem tornado escravos os mais decididos de seu senso, do que não o somos por sua usurpação: estão tão acostumados a ver as coisas tais quais agora são, que não podem imaginá-las de outra maneira.

Ao denunciar do preconceito em sua época, em relação ao fato de as mulheres estudarem e seguirem carreiras, Floresta (1989, p. 64-65) afirmou que:

Nada seria tão admirável para eles, que imaginar uma mulher combatendo à frente de um exército, dando leis sobre o trono, advogando causas, administrando justiça em um Tribunal de magistratura, marchando pelas ruas precedida de espadas, lança e outros sinais de autoridade como os Magistrados; ou ensinando Retórica, Medicina, Filosofia, ou Teologia, na qualidade de professora de uma Universidade [...] por um pouco que se considere as mulheres como criaturas racionais e se afaste por um momento as desvantagens, que a sua usurpação injusta e tirânica tem lançado sobre elas, ver-se-á que são pelo menos tão capazes como eles, de preencher aquelas funções.

Para ela, as mulheres poderiam ter tantos progressos quanto os homens, Floresta (1989, p. 73) considerou que “não há ciência, nem cargo público, no Estado, que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-los tanto como os homens”. Floresta (1989, p. 69) afirmou que “se não nos vêem nas cadeiras das Universidades, não se pode dizer que seja por incapacidade, mas sim por efeito da violência com que os homens se sustentam nesses lugares e em nosso prejuízo”. Mesmo provocando uma reflexão sobre a mulher cidadã, num país em que o debate sobre a condição de vida das mulheres e a cidadania não existia para todos, Floresta não chega a romper com a concepção de mulher na sociedade brasileira da época. No Capítulo VI, da obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, Floresta versa “Se as mulheres são naturalmente próprias, ou não, para os empregos”. Ressaltou sobre questões de gênero, sobre a maneira que as mulheres eram educadas e apontou características dela mesma, observemos Floresta (1989, p. 84):

Muitas mulheres são intrépidas como os homens; e falando de mim, eu afrontaria mais facilmente, e com menos repugnância, o furor de

uma armada vitoriosa, a que teria valor de resistir, do que a solicitar a benevolência de um Ministro corrompido, que com razão eu desprezaria.

Floresta (1989) acreditou ter provocado a reflexão sobre o fato de não haver ciência, empregos que as mulheres não pudessem ter acesso, ela dizia que lutava pela dignidade das mulheres. No entanto, as mulheres não deveriam ter tantas pretensões, na sua filosofia de educação eram educadas ainda diferentemente dos homens, mesmo considerando que os homens não tinham, além da força do corpo, algo que fizesse com que a mulher fosse incapaz de fazer algo, ou inferior a eles. Para ela, era a injusta opressão dos homens que privava as mulheres de direitos e essa seria fácil de refutar. Nesse sentido, ela contribuiu para se pensar as diferenças entre homens e mulheres, analisando as mulheres como seres racionais e competentes, entretanto, as meninas seriam educadas para um uso limitado da razão, devendo seguir a lógica patriarcal. A filosofia de educação nisiana estava baseada nos princípios da Filosofia positiva de Comte e Floresta executou o positivismo através de sua proposta de educação alternativa para as meninas, pois foi a partir do “feminino patriarcal” e da moralidade que ela construiu a sua filosofia de educação.

3.3.4 Valores Religiosos/Cristãos x Religião da Humanidade: Educar para a “Salutar Exclusão” das Mulheres

A filosofia de educação nisiana apresenta contradições, na medida em que ela se identifica com as ideias de Comte. Podemos conceber um duplo sentido em suas afirmações, quando comparadas com suas ideias, sua prática pedagógica e aproximação com o pensamento de Auguste Comte. A reforma social que ambos desejaram não tinha como objetivo modificar a condição de vida das mulheres. Elas, pelo contrário, através de seu altruísmo e dedicação continuariam excluídas mesmo que estivesse em um lugar de “destaque”, como uma deusa, santa e/ou digna mãe. Na vida das mulheres, não haveria progresso, pois elas se manteriam longe do espaço público, mesmo que o discurso de ambos intelectuais aparentasse valorizá-las. Como já vimos, essas contradições aparecem na filosofia de educação nisiana, e fazem parte do tempo em que ela viveu. Uma época repleta de preconceito, em que as mulheres estavam confinadas nos lares, aceitavam o seu estado de

dependência paterna e no âmbito conjugal. As mulheres eram, assim, submissas à autoridade dos homens, qualificadas e exaltadas para atuar na manutenção do poder patriarcal. Na filosofia de educação nisiana, a mulher é aquela que renuncia, pois era educada para os outros. No “cativeiro da renúncia”, as mulheres deveriam estudar para serem melhores mães e esposas, levando benefícios para a sua família.

[...] o processo de mudança na família deve ser explicado dentro dos processos mais gerais em curso durante o século XIX no Brasil. Assim, deve ser dentro do conjunto de valores que moldaram o mundo civilizado, capitalista, cristianizado, que deve estar a explicação do ‘afrouxamento’ da vigilância. Ela foi possível porque as próprias pessoas passaram a se autovigiar. Esse é o ponto importante a observar: o movimento de civilização criou o homem moderno, que se caracteriza especialmente por ser autocontrolado e auto-regulado (D’INCÃO, 1989, p. 70).

Nas obras que versam sobre Floresta e em suas biografias, encontramos poucas reflexões que apontam as contradições dessa intelectual, pelo menos explicitamente, vejamos algumas:

Uma das contradições mais curiosas da obra de Nísia é o seu proclamado apego ao torrão natal, e o gosto de viver longe da Pátria, escrevendo em línguas estrangeiras, usando o francês até na correspondência com as sobrinhas do Rio. Na Europa se escoaram os dias mais fecundos da sua existência, voluntariamente exilada, sentindo-se bem ali, entre os gênios e os aristocratas [...] (CÂMARA, 1997, p. 107)

Mariz (1982, p.40) ressaltou que apesar de Floresta ter vivido 28 anos na Europa, ela sempre guardou, pelo Brasil, um sentimento forte, constantemente repetido nos seus escritos, os quais testemunham o carinho que dedicou ao Brasil, cuja natureza exaltava, orgulhando-se das riquezas “da grande Terra invejada pelos estrangeiros”, a qual chamava “pátria querida”, “Éden deste mundo extraordinário!”. Mariz (1982) considerou ainda que ela era consciente dos problemas sociais do seu país e que ela sempre tentou, como educadora, sugerir ou apontar soluções que julgava mais urgentes para o desenvolvimento material e cultural do Brasil.

Duarte (1995, p. 218-219) constatou que ela “aproxima-se tanto dos positivistas – que defendem ao mesmo tempo uma educação para a mulher e a limitação de sua atuação nos domínios do doméstico- quanto dos higienistas, que só julgavam

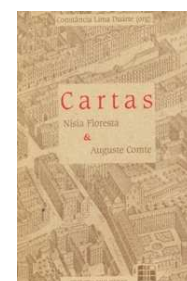
necessária a instrução feminina para aplicação junto aos filhos. Denominou suas contradições como um “jogo de forças e de influências que a autora estava presa” e também de uma suposta “brincadeira retórica”.

Vimos que a concepção de educação nisiana perpassa constantemente pela ideia de educar a menina para a família primeiramente e depois para atuar na sociedade, na medida em que contribui ao lado do homem (seu marido) para o progresso da sociedade. Floresta e Comte tiveram respeito intelectual um pelo outro, fato que é demonstrado nas correspondências que eles trocaram (catorze cartas), que servem também como um documento da biografia desses intelectuais. Sobre as cartas Seidl (1933, p. 36) destacou:

Nísia, na Europa, não perdeu ocasião de privar e se cartear com celebridades mundiais nas letras, ciências e artes, como tivemos ocasião de dizer. Conhecidas são as epistolas trocadas entre Nísia e os corifeus da unidade italiana. Toda esta correspondência epistolar parece perdida, salvo a que manteve com o fundador da Religião da Humanidade, que foi divulgada por Miguel Lemos, incluindo-a no Relatório Anual do Apostolado Positivista de 1887. Esta coletânea de cartas foi recentemente reimpressa, em Paris, pelo Sr. Paulo Estevão de Berredo Carneiro, que escreveu sobre o assunto prefácio explicativo.

Seidl (1933, p. 36) considerou ainda que “a correspondência trocada entre Comte e Floresta não passa de meras cartas de cortesia, cartas de sociedade”, caracterizou-as de “íntimas e amistosas”. O respeito intelectual entre ambos foi visível nas correspondências que foram publicadas - num total de “catorze cartas”, como relata Duarte (2002, p. 51). A mulher ideal continua sendo aquela que oferece a primeira educação da humanidade, é aquela que sabe usar a agulha, pinta, desenha, sabe ler, fazer contas simples, domina outros idiomas e sabe se comportar, aconselhar, orientar e cuidar. Mesmo que ela advogasse a favor de uma igualdade natural e política para os dois sexos, defendia alguns direitos das cidadãs e fez denúncias contra os homens, criticando o poder deles, ela educava nessa mesma lógica androcêntrica, em que tudo girava em torno dos homens, e a sociedade era pensada para eles.

O catecismo cristão e o “novo Cristianismo” fundamentados na filosofia de educação nisiana apontam as incoerências naquilo que Floresta dizia, entre suas palavras e ações. Perguntamos agora, como teria conseguido se



aproximar de Auguste Comte e do seu pensamento, ter feito alguns positivistas pensarem que ela era positivista e mesmo assim ter fundamentado uma filosofia da educação nos valores cristãos e esse estar de acordo com o “novo cristianismo”? Para Comte, a sua religião seria mais apta do que o catolicismo a utilizar profundamente as tendências espontâneas do povo e das mulheres para a instituição final do poder espiritual. A aproximação de Floresta com ambas teorias se deu pelo fato de a função das mulheres na filosofia positiva ser mais moral do que intelectual. Ela conseguiu fundamentar uma pedagogia que não deixava de ser cristã, ao mesmo tempo em que ela “bebia na fonte” de Auguste Comte. Isso foi possível porque tanto a filosofia de educação nisiana, quanto a filosofia positiva de Comte tinham interesses em comum: impedir mudanças sociais, manter a ordem, conservar as mulheres como verdadeiros “anjos”, na sua “digna submissão”, desenvolvendo a sua “sublime missão” e suas “sagradas obrigações”.

Na filosofia positiva de Comte, a mulher e o sacerdote constituem os dois elementos essenciais do verdadeiro poder moderador, ao mesmo tempo, doméstico e cívico. A filosofia positiva entendia que o homem deveria pensar sob a inspiração da mulher, “para fazer sempre concorrer a síntese com a simpatia, a fim de regularizar a sinergia” (COMTE, 1996a, p. 107). Mas, como já vimos, toda essa exaltação da mulher limitava-se à utilidade que as mulheres tinham para manter a ordem e a organização da sociedade. Comte (1996a, p. 108, grifo nosso) em seu “Catecismo Positivista” afirmava que: “é só no **santuário da alma feminina** que pode hoje encontrar a digna submissão de espírito exigida por uma regeneração sistemática”. Ele considerava a submissão da mulher digna e Floresta educava conservando essa lógica, para que as meninas desenvolvessem virtuosamente o seu papel de “matronas esclarecidas”.

Comte se propôs a estabelecer uma sociocracia, um regime fundado sobre a sociologia. Ele desejou ser um chefe espiritual “de um regime positivo, tão absolutista como o regime teológico que lhe cabia suplantar” (ABBAGNANO, 1993, p. 140). Os resultados positivos da educação das mulheres tem relação com as ideias da Filosofia Positiva proposta por Comte, na medida em que ambos pensam a educação a partir de uma hierarquia social, em que todos possuem lugares e tarefas bem definidas, bem como o poder dirigente das elites. “A tarefa principal da ciência política positivista é a de equilibrar os diferentes tipos de trabalho a serem

executados, e a de propiciar o hábil aproveitamento do interesse de cada um em favor da causa do bem comum” (MARCUSE, 1978, p. 317). Como destacou Marcuse (1978, p. 317):

‘Na ordem intelectual, não menos que na ordem material, têm os homens acima de tudo a necessidade indispensável de alguma mão diretora superior, capaz de sustentar-lhes a contínua atividade, pela coordenação e delimitação dos seus esforços espontâneos’. Quando o positivismo, no último estágio do progresso humano, atinge posição dominante no mundo, muda formas de autoridade existentes até então, mas de nenhuma maneira abala a autoridade mesma. Comte esboça uma ‘teoria positiva da autoridade’ tendo em vista uma sociedade que basearia toda sua atividade no consentimento da vontade dos indivíduos.

Floresta seria então uma pensadora com ideias metafísicas, como Comte a considerou, pois seguia outra religião e não seguia um calendário positivista ou substituir o sinal da cruz. Cabe lembrar que Saint-Simon, idealizador de projetos enciclopédicos e sociais, foi o fundador do positivismo moderno, era adepto de um liberalismo radical. E foi por isto que Comte rompeu com Saint –Simon. Além disso, ele tinha uma visão otimista da sociedade industrial, na qual o progresso acelerado das forças produtivas logo extinguiria os crescentes antagonismos e as revoltas no âmbito do sistema social. Saint-Simon propôs a instrução pública para todos, a saída encontrada por ele para evitar os conflitos sociais e a luta violenta foi criar uma nova religião social, um novo Cristianismo, baseado numa moral social sancionada pelos cientistas. O objetivo dessa nova religião era a melhoria da condição de vida dos pobres, e os ricos deveriam se tornar filantropos, influenciando os pobres a não se revoltarem:

Todo socialismo, quer na sua forma utópica, quer na sua expressão científica, tentou mostrar à mulher os caminhos de sua libertação³⁰. Já Saint-Simon empreendera, embora timidamente, a defesa da mulher. A libertação da mulher lhe parecia um dos aspectos de evolução normal da sociedade, não se podendo conceber o estado social do futuro sem a correlata emancipação feminina (SAFFIOTI, 1976, p.70).

Os valores morais defendidos na filosofia da educação nisiana são cristãos. Ela acreditava que seria, através da educação, que as mulheres teriam acesso aos seus direitos, criariam bem seus filhos e administrariam seus lares, sendo uma

³⁰ Sobre o assunto, ler *O feminismo e a construção do socialismo*. Ver referências.

excelente companheira, e não ficariam presas nas futilidades e mediocridades do mundo, já que seriam “matronas esclarecidas” e seguidoras dos dogmas cristãos que ela tanto exaltava. Vejamos Floresta (2009, p. 106, grifo nosso):

Felizes aquelas, que, tendo como vós Pais, que, curando de vossa felicidade futura, facilitam-vos os meios de cultivardes o vosso espírito, e lições que tendem a aperfeiçoa-lo, sabem aproveitar o tempo preciso dos estudos, e fazer bom uso de uma instrução, de que tanto precisa nosso sexo, a fim de facilmente preencher **os sagrados deveres que lhe impõem a natureza e a sociedade**; e forçar, por assim dizer, o egoísmo, a discriminar nele o mérito, que lhe dá uma sólida instrução, da desprezível vaidade que não pode afluir senão em espíritos minimamente medíocres.

As virtudes, especialmente as filiais, juntamente com a educação, selavam a filosofia da educação nisiana. Floresta destacava tanto a maternidade e a mulher como companheira submissa, que sua função social era a de persuadir seus filhos e maridos, para que esses fossem também virtuosos, não se revoltassem contra o sistema capitalista que emergia e/ou contra qualquer outra coisa que poderia perturbar a ordem. O motivo pelo qual fundava escolas para meninas era esse. Tomada pela dor da perda de sua mãe, em *O Pranto filial*, Floresta (2009-c, p.88) afirmou que: “O título de mãe de que tanto me ufanava porque tu vias em mim a cópia de tua ternura materna aperfeiçoada pelo estudo”. Ao discursar para suas educandas, Floresta (2009, p. 106, grifo nosso) dizia:

A mulher, sendo destinada pelo criador, para amenizar a existência de seu semelhante, tem para com Aquele contraído a mais **sagrada das obrigações**, a de bem desempenhar essa **sublime missão**, de cujos resultados depende a felicidade de sua vida e a de sua posteridade. É portanto mister para conseguir esse digno fim, que ela se amolde desde a infância à prática exata e constante das virtudes, que a constituem sobre a terra um anjo de consolação, um anjo de paz!

A mãe era a representação do “anjo”, que trazia paz e consolação segundo a concepção nisiana. A Religião, ou “Santa Religião”, como ela chamava era de onde inspirava os seus ensinamentos, que eram passados às suas educandas em salas de aulas. Assim, enquanto Comte referenciava a “exclusão salutar”, Floresta exaltava a “sublime missão” da mulher e suas “sagradas obrigações”. Vejamos, no quarto capítulo, as aproximações do pensamento de Comte e de Floresta mais detalhadamente.

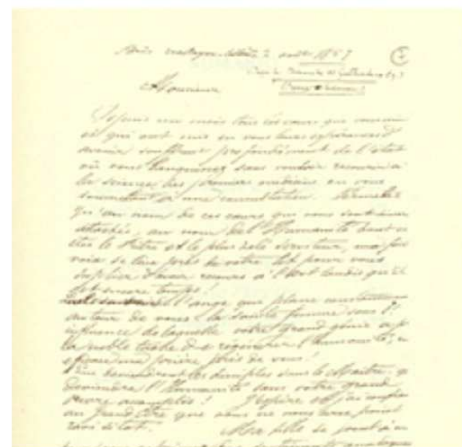
Figura 3 – Mosaico de manuscrito e obras das cartas de Comte e Floresta



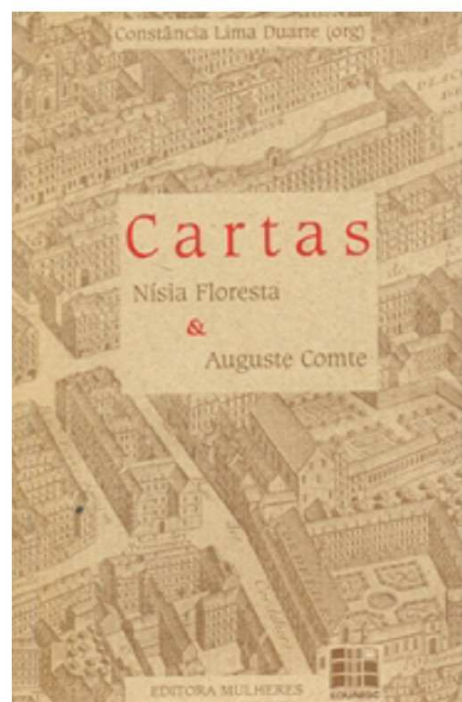
Publicada pelos positivistas, 1888



Livro com as cartas de Comte e Floresta



manuscrito de Floresta para Comte



Tradução das correspondências Duarte (2002)

Fonte: Elaborada pela autora

Nota: Imagens disponibilizadas gentilmente por Constância Duarte

4 A FILOSOFIA DE EDUCAÇÃO NISIANA E SUAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS COM A FILOSOFIA POSITIVA DE COMTE

Debemos tener mucho cuidado de los análisis triunfalistas de avance, de los lugares conquistados, del espejismo de retirada de la vieja estructura patriarcal. El concepto de patriarca puede estar sujeto a discusión, a remodelación, sin embargo, lo que no se ha cuestionado es la cultura de la masculinidad, que se sigue leyendo como la única macrocultura posible, la única creada por la humanidad, he allí su triunfo (PISANO, 2004, p. 9).

Nesse capítulo, tratamos das aproximações e dos distanciamentos que encontramos entre o pensamento Comteano e a filosofia de educação proposta por Floresta. Algumas considerações sobre as aproximações entre o pensamento de Floresta e Comte foram feitas anteriormente, no entanto, precisamos aprofundar tal análise. Nesse capítulo, analisaremos o diálogo entre “A mulher e o Sacerdote”, discutiremos a “importância das mulheres, dos salões e a lógica androcêntrica encontrada nas obras de Comte. Comparamos o positivismo utilitarista e o utilitarismo de Nizia Floresta, o cientificismo comteano e a filosofia de educação nisiana, bem como a concepção de educação na República positiva e a educação proposta por Floresta. Analisamos a República positivista proposta por Comte e a sua crítica ao liberalismo. A concepção de Revolução nas obras de Comte e de Floresta e a ideia de progresso em ambos também foi investigada. Vimos, até que ponto, o positivismo interferiu no pensamento de Floresta, especialmente no que tange o pedagógico. Fez-se necessário analisar a visão de Comte em relação às mulheres; compreender seu entendimento acerca da Revolução; sua visão de trabalho regular e educação moral; e compreender porque Comte acreditava que Floresta precisava rever seus hábitos metafísicos; repensar alguns aspectos em relação à educação nisiana e a concepção de educação em Comte; bem como compreender a república positiva e o papel das mulheres nela. Buscando refletir sobre a educação que essa intelectual, propôs ressaltamos algumas indagações feitas por Pereira (1989, p. 22): “teria sido Nísia uma positivista ortodoxa, uma vez que a sua religião era cristã e não, a rigor, a religião da humanidade?”, “que influência teria tido, no Brasil, sua amizade com Augusto Comte?”.

Essa é uma análise pouco explorada até então, não foi ainda aprofundada pelos seus biógrafos (as), mesmo que tenha havido um reconhecimento por alguns acerca dessa relação entre Comte e Floresta.

Como fizemos uma revisão bibliográfica sobre o tema, apresentamos algumas considerações de Duarte (2002), que acreditou ser coerente o fato de Floresta se identificar com uma filosofia que vinha ao encontro de seus interesses e que enfatizasse a supremacia feminina. Para Duarte (2002), a adesão nisiana ao Positivismo havia sido apenas parcial e mantinha alguns limites. De um lado, fazia os elogios à doutrina e ao Comte; de outro, a independência de pensamento que conservou, apesar da familiaridade com o filósofo. Para Duarte (2002, p. 42), “a identificação se efetua no destaque que era dado a mulher e na impressão de que a mulher era lembrada. Suas ideias possuem um pensamento mais identificado com o liberalismo revolucionário”. Duarte (2002, p. 42, grifo nosso) considerou que:

Nísia Floresta adquiriu um certo verniz positivista que enganou a muitos que viram aí uma adesão completa. Tanto foi apenas superficial esta identificação, que **não se encontra em seus escritos nenhuma outra referência a Comte ou à sua filosofia que não esteja diretamente relacionada com a melhoria da condição feminina**. Ela, portanto, navegava sim nas águas positivas, mas em determinado momento-mais precisamente na definição de uma sociedade burguesa desenvolvida e moderna [...].

Duarte (1997) ao julgar a adesão de Floresta ao positivismo considerou dois aspectos: (1) a identificação se efetua precisamente no destaque dado à mulher e na impressão de que, enfim, ela era levada “a sério”; (2) é preciso considerar que muitas das posições que a autora assumiu- como a defesa da abolição, do moralismo, da educação feminina, por exemplo - eram bandeiras que extrapolavam os ditames positivistas e pertenciam também a outras correntes de pensamento. Duarte (2010, p. 36) repetiu sua ideia de que “não se encontra em seus escritos nenhuma outra referência a Comte ou à sua filosofia, que não esteja relacionada com a melhoria da condição feminina”. No entanto, questionamos o que explicaria a sua concepção de educação para as meninas em prol do progresso? Se a austera educação moral proposta por Floresta tem relação com o papel da mulher encontrado na filosofia positiva de Comte e há semelhanças entre o conceito de “mulher” em Floresta e em Comte, como explicar a tentativa de manutenção da lógica patriarcal encontrada na educação moral para as meninas em ambos

intelectuais? Vimos que, por trás de uma suposta “melhoria da condição feminina”, está a ideia de utilidade da mulher na sociedade, a necessidade de ordem para obter progresso e uma visão extremamente conservadora do papel das mulheres. Está no progresso e na ordem social, o fim último de suas filosofias educacionais. Nesse sentido, podemos fazer muitas outras relações de Comte com o pensamento de Floresta.

Utilizamos outras obras, como a de Herbert Marcuse - *Razão e Revolução*, *O Positivismo na República*, de Cruz Costa; *O positivismo e a Realidade Brasileira*, de Tocary Assis Bastos; *História do Positivismo no Brasil*, de Ivan Lins. Buscamos ler a obra de Auguste Comte, para compreender o seu pensamento e a relação com a filosofia de educação nisiana. Na revisão bibliográfica sobre o tema “Comte, Filosofia Positiva e as Mulheres” encontramos o artigo de Trindade (1997), que destaca a valorização positivista com relação ao papel educador da mulher. O texto de Joana Pedro (1997) versa sobre as mulheres do Sul do Brasil e diz que a função feminina era de aperfeiçoar a natureza humana e Pedro (1997, p.299) diz que “diferentemente de outras doutrinas, o positivismo não afirmava a inferioridade intelectual das mulheres, mas sim que sua inteligência era complementar à do homem”. Acreditamos que o fato de Comte não acreditar que as mulheres eram inferiores, isso tenha cativado Floresta.

Não há como negar que as ideias de Comte estariam nas raízes do pensamento de Floresta e outros tantos intelectuais. Conforme Lins (1964, p. 234):

Constituiu, de fato, um fator decisivo para a propagação do Positivismo no Rio, a partir da segunda metade do século XIX, a circunstância de provir da França, então fonte quase exclusiva da cultura científica, filosófica e literária, não só do Brasil, mas ainda de Portugal, Espanha e suas antigas colônias americanas, exercendo forte atração sobre todo o Ocidente, inclusive sobre os países de formação nórdica, inglesa, germânica e eslava. Littré, Renan, Taine, Zola, Sully Prudhomme, Berthelot, Robin, Claude Bernard, Ribot, Richet e quase todos os corifeus da ciência, da filosofia e da literatura em França não conseguiam mascarar, a partir do último quartel do século XIX, as raízes positivistas de seu pensamento, o mesmo acontecendo na Inglaterra, entre outros, com Stuart Mill, Lewes George Eliot, Alexandre Bain e Grote.

Novas concepções surgiram no Brasil naquele tempo, com o propósito da burguesia comercial e burocrática que queriam as conquistas das ciências. Eram as ideias capitalistas e progressistas que uma parcela rica da população divulgava.

Como destacou Bastos (1965, p. 43), foi através de um “grupo de bacharéis e doutores em ciências físicas e matemáticas, mas também homens de farda, que o positivismo penetrará no Brasil, atuando como ideologia de uma classe que, tornada racionalista pela sua formação universitária, procurava afirmar-se como grupo original” e “de filosofia da ciência, transforma-se em ideal político e simultaneamente em doutrina religiosa” (BASTOS, 1965, p. 70). O “papel redentor da ciência⁸²” busca organizar a sociedade, do ponto de vista político, educacional e religioso. Se antes, a teologia e a metafísica buscavam solucionar alguns problemas sociais, naquele momento, as ideias de Comte apareciam para a elite como um meio de avançar e progredir:

El Positivismo elimina el espiritualismo, reconociendo el carácter subjetivo de las abstracciones, inducciones y deducciones mentales y elimina el materialismo, estableciendo la coordinación de las leyes y la construcción de las ciencias por la deducción subjetiva y trascendente que subordina los fenómenos inferiores a los superiores. La eficacia religiosa de las leyes depende de sus relaciones con el orden moral (COMTE, 1943, p. 11).

Pensadores e pensadoras aderiram à filosofia positivista de Augusto Comte, que teve como seus principais representantes Miguel Lemos (1854-1917) e Teixeira Mendes (1855-1927), que exerceram forte atividade militante ao divulgarem as ideias positivistas em artigos de revistas, jornais e em publicações diversas. E, mesmo que “dez anos, portanto, depois de fundado o Apostolado, no Brasil- o entusiasmo pelo positivismo já entrara em declínio” (COSTA, 1956, p. 13) foi para Costa (1956), a dignidade desses mestres que manteve a admiração dos intelectuais brasileiros pelas ideias de Comte no Brasil. Eles são também os idealizadores da bandeira republicana brasileira, com o lema “Ordem e Progresso”. Para Bastos (1965), há “duas carreiras”, ou seja, “duas mensagens no positivismo e assim, há duas teorias educacionais e duas didáticas, que são condicionadas pelo “positivismo de cátedra” e “o positivismo de púlpito”. Nesse sentido, Comte não apenas possui o lado professoral, mas também o de um pregador de templo. Citamos Bastos (1965, p.50):

Ao primeiro, vamos ligar a teoria educacional do ‘Cours’, baseada na filosofia das ciências e uma psicologia, que tateia, agustiadamente,

⁸² Tocary Assis Bastos (1965) usa esse termo.

em busca de uma definição, que, sem esquecer o equipamento neuro-psíquico do homem, se afirme no imperativo social da condição humana. Há aqui uma didática estritamente escolar, que pode ser verificada no 'Tratado de Astronomia Popular' e na 'Geometria Analítica'. O movimento racionalista educacional, valorizando o estudo das ciências experimentais, bem como a laicização do ensino, pode ser vinculado a êste 'positivismo de cátedra'.

Como pregador de um templo, Comte criou a nova Religião da Humanidade e a educação moral tinha como objetivo aperfeiçoar a humanidade. Comte (1943, p. 10), em sua *Sintesis Subjetiva*, deixa claro que "en Moral, la abstracción aparta las diversidades individuales para establecer reglas comunes a los hombres, según sus edades y sus funciones". Aqui está o fato que aproxima a filosofia de educação nissiana do positivismo comteano. Ela fundava escolas para aperfeiçoar moralmente as meninas, destacando as virtudes que elas deveriam ter, como deveriam se comportar, negando a revolução, contribuindo, assim, para o fortalecimento da ordem social, da família; vislumbrando o progresso através do trabalho regular e mantendo, desse modo, as mulheres no espaço doméstico. No Brasil, o positivismo pedagógico brasileiro se constituiu de diversas frentes. E isso já foi destacado por Bastos (1965, p. 61):

[...] não foi por acaso que os dois centros de ensino jurídico se localizaram em Recife e em São Paulo. Tratava de se formar líderes recrutados entre os grupos dominantes (do açúcar e do café), capacitados a encontrar a justificativa jurídica de uma dada estrutura sócio-econômica. A Baía e o Rio de Janeiro, ainda por graça de D. João VI, se transformaram em centros de ensino médio, onde se preparavam jovens oriundos dos estratos mais altos da classe média, e ao ensino militar canalizou-se, principalmente, a juventude recrutada nos grupos artesanais ou assalariados da pequena burguesia cidadina.

No entanto, "as condições políticas do Brasil, não sendo nessa época suficientemente propícias ao surto da Religião da Humanidade, que então se constituía, a influência do positivismo aqui, limitar-se-ia por muito tempo ao aspecto intelectual" (BASTOS, 1965, p. 70) e buscou-se no Brasil interferir na maneira que a igreja cristã dominava. Sendo assim, as ideias de Comte foram adaptadas no Brasil. No entanto:

A influência de nosso positivismo de púlpito foi negativa, no sentido de enunciar uma teoria educacional brasileira e tanto mais grave é essa negação quando constatamos que o positivismo chegou ao Brasil dentro dos princípios pedagógicos formulados por AUGUSTE COMTE. O Positivismo de cátedra que havia tido um surto inicial apreciável, principalmente entre os estudantes e professores militares, foi abafado pela expansão da religião da Humanidade (BASTOS, 1965, p. 89).

Assim, com o passar do tempo, a “ditadura republicana e científica pregada pelos apóstolos positivistas não encontrava possibilidade de vingar” (COSTA, 1956, p. 17). Mas, não há como negar que Floresta se encantou com a Filosofia Positiva, e tampouco que a doutrina comteana tinha uma “estrutura pedagógica”, como já foi destacado por alguns autores⁸³, por isso, trabalhamos as aproximações e os distanciamentos das ideias dela em relação às concepções de Comte. Floresta (1997c, p. 193) elogiava Comte:

A ti portanto, ó grande filósofo do século, digno concidadão de Descartes, alma nobilíssima, gênio em nossa era, segundo a ninguém mais, que soubeste compreender e prezar a mulher para associá-la às tuas profundas fadigas, à tua regeneradora doutrina [positivismo]; louvado sejas! A ti a simpatia dos corações que aspiram ao melhoramento do sexo por ti honrado!

Essa declaração mostra que Floresta considerava Comte, o grande pensador do século, um gênio. Floresta citou que o Positivismo aspirava ao melhoramento do sexo, mas de que jeito? Ela demonstrou que acreditava no positivismo em *Um passeio no jardim de Luxemburgo*, que Floresta (1997c, p. 193) chama de “sistema humanitário”, e afirmou, em sua narrativa, que esse sistema:

[...] estabelece para a mulher um grau particularmente distinto, que a habilita a poder utilizar com segura vantagem as faculdades da própria inteligência e as do coração no exercício das virtudes, que farão dela um dos primeiros ornamentos e a base mais sólida dos progressos da civilização.

Bastos (1965, p. 48) observou que:

Há, no início do positivismo, uma vocação educacional, que chega a se confundir com a própria vida do Autor. AUGUSTE COMTE foi permanentemente um professor. Mesmo fora das salas de aula o

⁸³ Como por exemplo, Paul Arbousse-Bastide, que esclarece que Comte propõe uma pedagogia da criança e do adolescente, um sistema de educação universal e integral englobando a vida do sujeito, uma doutrina do aperfeiçoamento. Ver Bastos (1965).

didata surgia, relegando para o segundo plano as demais condições da personalidade.

É no artigo “Um passeio no jardim de Luxemburgo”, que Floresta fez referências explícitas à doutrina e expressões elogiosas a Augusto Comte. Como destacou Duarte (2002, p.37), este texto indica o “reconhecimento do Positivismo como uma filosofia que destacava a importância do papel da mulher e o reconhecimento do fundador do positivismo como sendo alguém a quem é preciso render homenagens, justamente por haver concebido tal doutrina”. Floresta (1997c, p. 193) elogiava Comte em *Um passeio no Jardim de Luxemburgo*: “quando os homens tiverem compreendido o teu grande sistema, do mesmo modo que tu compreendes o coração da mulher, um e outra espalharão sobre a sociedade o único bálsamo eficaz para curá-la dos males crônicos de inveterados preconceitos”. Floresta acreditava que Comte entendia o coração da mulher e explicitou a sua convicção de que Comte poderia “iluminar” e ajudar as mulheres. Nessa narrativa, continha declarações explícitas de Comte sobre as ideias de Floresta. Comte e a sua filosofia positiva designaram a providência moral para as mulheres, que atuariam no espaço doméstico e, por isso, Comte acreditou que as mulheres apreciariam essa doutrina filosófica. Hoje temos a crítica feminista em relação à forma com que Comte conduziu o papel da mulher na sociedade. A ideia da “salutar submissão” e exclusão feminina contida no pensamento Comteano parece estar impregnada na filosofia de educação nisiana. Concordamos com Nilo Pereira (1989, p. 22) que os positivistas brasileiros tais como Miguel Lemos, Teixeira Mendes e Paulo Estevão de Berredo Carneiro, muito se empenharam na publicação das cartas de Floresta e Augusto Comte⁸⁴ e não o fariam, é evidente, se não a vissem como uma admiradora fiel do “seu mestre”.

Teria sido Augusto Comte, seu mestre, um liberal romântico? Ou a amizade que a ligou ao filósofo francês- ligação afetiva que, como salienta Américo de Oliveira Costa, no seu artigo ‘Nísia e Clotilde’, publicado na Tribuna do Norte, de 9 de dezembro de 1984, durou pouco e foi, segundo penso, antes um culto filosófico do que uma exaltação religiosa? (PEREIRA, 1989, p. 22).

Floresta se relacionou intelectualmente com Comte e foi admirada por ele. Além disso, quando Comte perdeu o meio de sobrevivência, passou a ser

⁸⁴ Na obra de Ivan Lins (1964), ele faz referência a publicações de Paulo Carneiro, em 1928, de cartas até então inéditas de Floresta com Comte.

sustentado por amigos e admiradores, como o filósofo John Stuart Mill e o dicionarista Littré⁸⁵. Giannotti não referencia Floresta ao falar da vida e obra de Comte, na coleção “Os Pensadores”. Provavelmente ainda não sabia que Floresta também tinha o ajudado financeiramente, nos últimos anos de sua vida. Na carta datada de 17 de dezembro de 1856, Floresta encaminhou uma ajuda financeira a Comte. Generosidade era uma das virtudes ressaltadas por ela, e a caridade era a “primeira das virtudes” que uma boa moça deveria ter. Ela fez questão de se manter anônima. Comte (1856) escreveu um recibo dizendo em seu corpo assim: “Recebi de Mme. Brasileira a quantia de cinquenta francos para a subscrição pública destinada a sustentar minha existência material” (COMTE, 1856). Esse fato nos mostra que, além de Floresta viver na França com boas condições financeiras, ela tinha um carinho, admiração e apressos por Comte. Esse fato a coloca ao lado de outros intelectuais positivistas, que tinham como compromisso contribuir com as despesas do mestre. Duarte (2002, p. 75), ao organizar as cartas trocadas entre Comte e Floresta, verificou que ela havia feito algumas “contribuições em dinheiro” para o filósofo, que vivia pobremente no final da vida. Comte propôs o “livre subsídio” positivista, em que os membros da Sociedade Positivista deveriam contribuir para assegurar recursos decentes ao mestre e para publicações dos trabalhos da escola. Sabe-se que: “os últimos anos de vida de Comte transcorreram em grande solidão e desencanto, sobretudo por ter sido abandonado por Littré; seu mais famoso discípulo não concordava com a ideia de uma nova religião” (GIANOTTI, 1996, p. 8). Mesmo que tenha terminado sua vida na solidão, teve admiradores, que o sustentaram e depois de sua morte, procuraram manter viva a sua doutrina. Abbagnano (1993, p. 145-146) destacou:

Entre estes sequazes, só um merece ser recordado entre aqueles que permaneceram fiéis à última fase da especulação comtiana: Pierre Laffitte (1823-1903) que desde 1892 foi professor de história geral das ciências no Colégio de França. Laffitte foi autor de obras volumosas, mas de escasso valor [...]. Em França, o mais notável discípulo de Comte foi Emile Littré (1801-81). Entre as obras de Littré devemos citar: Conservação, revolução, positivismo, 1852; Fragmentos de filosofia positiva e de sociologia contemporânea, 1876; A ciência do ponto de vista filosófico, 1873. Além destes publicou outros escritos destinados à exposição e à difusão da doutrina de Comte. Em 1876, Littré fundou a ‘Revista de Filosofia Positiva’, que continuou a publicar-se até 1883. [...] Em Inglaterra, a

85 Dicionarista Littré (1801-1881), discípulo de Comte

doutrina de Comte foi difundida e defendida por Henriette Martineau (1802-76) [...] e por Richard Congreve [...] George Lewes (1817-78) [...].

Comte anotou o primeiro contato com a brasileira na Duodécima Confissão anual, de outubro de 1856, em que ele diz que ela oferece de coração, de espírito e caráter, todos os indícios dessa “preciosa discípula”, mas isso se ele puder transformar seus “hábitos metafísicos”. Sendo cristã, ela não alcançaria o estágio positivo, pois não usava a razão e sim um conhecimento superficial em relação à existência divina, impossível de ser comprovada. Quanto ao repúdio de Comte à metafísica, destacamos Marcuse (1978, p. 298):

O método positivista certamente destruiu muitas ilusões teológicas e metafísicas e promoveu a marcha do pensamento livre, especialmente nas ciências naturais. O ataque positivista à filosofia transcendente foi reforçado por grandes progressos naquelas ciências por volta da primeira metade do último século. Sob o impacto da nova feição científica o positivismo podia pretender ser, como Comte o afirmava, a integração do conhecimento humano; a integração viria pela aplicação universal do método científico, e pela exclusão de qualquer objetivo que não pudesse, em última análise, ser verificado pela observação.

Na França, com Auguste Comte, no século XIX, o positivismo se constituiu em um paradigma que se tornou hegemônico no pensamento epistemológico moderno e influenciou a vida acadêmica, os procedimentos científicos, a história e a educação em diversos países, inclusive o Brasil. “O que é ‘positivo’ para Comte são os fatos comuns da observação” (MARCUSE, 1978, p. 296). Se ele “repudiava qualquer realidade irracional e irracionalizável”, Floresta estava fora desse tipo de pensamento, além do que, Comte “lutava contra a forma francesa da filosofia negativa, contra a herança de Descartes e do Iluminismo. Na Alemanha, a luta se tratava contra o sistema de Hegel” (MARCUSE, 1978, p. 297). Nesse sentido, como destacou Marcuse (1978), a teologia, a metafísica e todos os conceitos e valores transcendentais, deveriam ser tratados pelo método positivo da ciência exata. Assim, o progresso se tornou “Deus”, as mulheres “anjos” e “a sociedade deveria ser tratada como a natureza” (MARCUSE, 1978, p. 302). A subordinação, a dominação, a submissão e a hierarquia fazem parte de uma “salutar exclusão” de parte da humanidade. Justamente a parcela da população que Floresta buscou educar para

serem as “matronas esclarecidas”, que são “importantes” e necessárias na filosofia positiva de Comte também.

Marcuse (1978) apresentou a questão da negação da metafísica pelo positivismo. Ao se perguntar quais dos princípios da filosofia positiva que fizeram a sentinela e a defensoria da ordem estabelecida, deixa claro que “todos os conceitos científicos deviam ser subordinados aos fatos” (MARCUSE, 1978, p. 315), na filosofia positiva de Comte. A lei dos três estados, de Comte, defende a ideia de que a sociedade foi primeiramente organizada pelo domínio teológico, depois pelo metafísico e seria pelo positivismo. Ele lutava contra o domínio da metafísica e a refuta, na medida em que observava e não especulava, buscava a unificação, o “bem comum” da humanidade, a harmonia e não a desordem. Como ressaltou Marcuse (1978, p. 316, grifo nosso):

A idéia de ordem, tão cara ao positivismo de Comte, tem um conteúdo totalitário no seu sentido social e metodológico. [...] Todos os conceitos serão postos à prova por ‘um mesmo e único método fundamental’, até que, finalmente, venham a fluir de modo ordenado em ‘uma seqüência racional de leis uniformes’. **O positivismo pretende, portanto, ‘sistematizar a totalidade das nossas idéias’.**

Os hábitos dela chamados de *metafísicos* estavam diretamente relacionados com o fato de lutar por direitos humanos e de ser uma cristã. Ela não via mérito na submissão feminina, mas ensinava as meninas a serem submissas, educando a partir de uma austera educação moral. Para Comte, “todos os conceitos científicos deviam ser subordinados aos fatos” (MARCUSE, 1978, p. 315). Durante a história, houve um domínio teológico e metafísico e precisava agora a inserção do positivismo. O método, a ciência, a observação e a ordem, se contrapunham com a desordem, as mudanças e com a revolução. Ele negava a metafísica, pois acreditava em leis eternas, na harmonia e no progresso; a humanidade não deveria, desse modo, modificar a ordem das coisas, conforme a sua vontade, a sua racionalidade. Ele visava a uma humanidade renovada moralmente, submissa e estratificada. Acreditava que, assim, “a observação, em lugar da especulação, significa, na sociologia de Comte, a consideração pela ordem em lugar de qualquer ruptura com a ordem; ela significa autoridade das leis naturais, em lugar da ação livre; a unificação, em lugar da desordem” (MARCUSE, 1978, p. 316). A partir de

uma ideia de autoritarismo, a metafísica era refutada e não havia lugar para individualismos, diferenças e direitos.

Floresta era uma mulher, que, do ponto de vista pessoal, rompeu com os espaços destinados às mulheres, mas seguiu, uma religião, com hábitos metafísicos, com a crença em algo divino, inatingível, que seria impossível observar e testar. Nesse sentido, o pensamento nisiano ainda estaria no segundo estágio de conhecimento. O estado metafísico era apenas uma simples modificação geral do estado teológico. As doutrinas metafísicas seriam uma filosofia transitória e na concepção de Comte, Floresta deveria superar isso. “A filosofia positiva, ao contrário do estado teológico e metafísico, considera impossível a redução dos fenômenos naturais a um só princípio (Deus, Natureza ou outro equivalente)” (GIANOTTI, 1996, p.10). Na primeira lição do curso de Filosofia Positiva, Comte esclarece em que estágio estaria a metafísica. Para Comte (1996b, p. 22), “cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico, ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo”. O ponto de partida da filosofia comteana é a lei dos três estágios, considerada por ele sua descoberta fundamental.

Comte não reconhecia a necessidade de direitos humanos e não aceitava a ideia de reivindicações, revoltas e anarquia. Ele doutrinou dizendo que as mulheres precisavam de deveres para gerar sentimentos. Na décima primeira conferência, consta assim:

[...] o positivismo não reconhece a ninguém outro direito senão o de cumprir sempre o seu dever. Em termos mais corretos, nossa religião impõe a todos a obrigação de auxiliarem a cada um no preenchimento de sua função peculiar. A noção de direito deve desaparecer do domínio político, como a noção de causa do domínio filosófico; porque ambas se referem a vontades indiscutíveis. Assim, os direitos, quaisquer que eles sejam, supõem necessariamente uma origem sobrenatural, única que pode subtraí-los à discussão humana (COMTE, 1996a, p. 283).

A filosofia positiva de Comte extingue a possibilidade de haver direito, na medida em que nega as contradições econômicas e sociais. Comte contribui para a manutenção do sistema hegemônico e patriarcal. “O positivismo não admite nunca senão deveres de todos para com todos; pois que seu ponto de vista sempre social não pode comportar nenhuma noção de direito, constantemente fundada na individualidade” (COMTE, 1996a, p. 284). Nessa lógica, a noção de direito seria

eliminada, não existiriam direitos divinos e o direito humano é considerado um absurdo. Para Comte (1996a, p. 248) o positivismo era “a única religião plenamente conveniente ao conjunto do progresso humano, sobretudo moral”. Floresta escrevia sua Filosofia da educação, conforme os dogmas morais cristãos e esse era o hábito metafísico de Floresta. Ela acreditava em algo que transcendia os limites da experiência possível. Ela acreditava em um Deus superior. A nova religião tinha como domínio prático o aperfeiçoamento e a ordem humana, primeiro física, depois intelectual, e, sobretudo *moral*. Ambos intelectuais viam na *mudança de hábitos* e, na *reforma moral*, a possibilidade de uma sociedade melhor, e virtuosa. Esse é o princípio comum de base entre Floresta e Comte. No diálogo entre a mulher e o sacerdote consta que:

[...] a educação deve sobretudo dispor a viver para outrem, a fim de reviver em outrem por outrem, um ser espontaneamente inclinado a viver para si e em si. Esta grande transformação exige o concurso íntimo da mulher e do sacerdote, agindo convenientemente sobre o coração e o espírito (COMTE, 1996a, p. 257).

Tanto Floresta quanto Comte, destacaram a importância da mãe na primeira etapa da vida humana. Comte (1996a, p. 257) afirmou que “só a mãe é quem dirige uma educação inteiramente espontânea, ao mesmo tempo física, intelectual e moral”. É a mãe que incita a criança a executar algumas operações materiais, que torna o coração mais terno e mais humilde. Comte (1996a, p. 257) pensava que:

Desde a dentição até a puberdade, a educação doméstica começa a sistematizar-se pela introdução gradual de uma série de estudos regulares. Contudo, continua sempre dirigida pela mãe, que facilmente poderá guiar trabalhos puramente estéticos, quando ela própria tiver convenientemente recebido a educação universal.

Ainda na concepção de *viver para outrem*, caberia também à mãe, posteriormente, quando já for seu filho adolescente, conduzi-lo ao templo da humanidade para ouvir o sacerdote uma ou duas lições de dogma a cada semana, assim, para Comte (1996a, p. 261), caberá à mãe “garantir seu filho contra os vícios que temeis, dispondo-o a colocar dignamente as afeições pessoais que deverão fixar em seguida o seu destino doméstico, em vez de esperar que elas surjam bruscamente de encontros fortuitos”. Mas, como deveria ser a educação feminina na concepção Comteana? Encontramos pouca preocupação sobre esse tema (que foi a

principal preocupação de Nizia). Sendo assim, ao falar da educação que as mulheres deveriam receber, Comte (1996a, p. 261) ressaltou:

Ademais, a mãe não poderia conservar assaz a superintendência moral da educação humana se sua própria ignorância a expusesse aos desdêns mal dissimulados de um filho amiúde cheio de orgulho teórico. Duvido, contudo, que as mulheres devam seguir os mesmos estudos que os homens, e sob os mesmos mestres, posto que com lições separadas.

Na concepção de Comte, as mulheres são dispensadas da vida ativa e, por isso, deve limitar-se em matemática, bastando uma lição por semana. Na filosofia positiva de Comte, não cabe às mulheres estudos científicos, apenas lógicos. As meninas deveriam renunciar os sacramentos mais avançados. Outro aspecto interessante que encontramos sobre a educação, é que Comte (1996a) afirmou que as escolas oficiais não seriam abandonadas pelos ricos, a menos que o sacerdote degenerasse, e o sacerdócio teria os melhores professores. O objetivo da educação na filosofia positiva de Comte é o de preparar gradualmente a humanidade para *viver para outrem*, bem como a filosofia de educação nisiana, que buscou a uma educação para manter o casamento. Para o pensamento filosófico positivista, as mulheres são consideradas seres inferiores pelas leis irrevogáveis da natureza. Comte afirmou, em uma de suas correspondências a ela, datada de 19 de abril de 1857, que o positivismo era a “única religião na qual a mulher é tratada dignamente” (DUARTE, 2002, p. 82). Seria inserida no ideário positivista, na medida em que seria útil também para a educação das crianças e para a manutenção da vida. Teria sido essa a percepção de Floresta ao se interessar pelo positivismo? Conforme Seidl (1933, p. 37) ela “revelou-se sempre admiradora dos elevados ensinamentos e princípios do famoso sábio”. Seidl (1933, p. 37) considerou ainda “incontestável a impressão causada em Comte por nossa patricia”, pois para Seidl (1933, p. 37):

Em carta dirigida a Audiffrent, datada de 29 de Março de 1857 refere-se a um salão positivista que tencionava inaugurar e que seria presidido por Nisia e sua filha, frisando que seria para ele inestimável o serviço prestado por estas ‘duas novas discípulas meridionais, uma nobre viuva brasileira e sobretudo sua digna filha, respetivamente com 47 e 22 anos. Moram em Paris ha sete meses e tenho esperança que aí fixarão residencia, afim de poder presidir ao verdadeiro salão positivista que à nós será tão precioso’.

A relação dela com os temas positivistas “foi, desde o final do século XIX, reiteradamente enfatizada por todos que escreveram sobre a autora, que acreditavam estar contribuindo para sua maior valorização” (DUARTE, 2002, p. 27). O que teria feito Floresta se aproximar do positivismo foi uma “suposta” valorização do sexo feminino. Mas, como Comte encara a mulher no contexto social, visto que não propunha revolução e sua obra configura a sociedade sem mudanças e hierarquizada? Tanto Floresta quanto Comte, idealizavam e ajustavam os seus valores às mulheres, a partir da valorização da educação moral das meninas. Por intermédio dessa educação, o futuro cidadão e cidadã iria modificar a realidade social e contribuiriam assim para o progresso social. A mulher atuando apenas no espaço doméstico. Ambos tinham a intenção de fornecer um modelo de menina e de mulher. A partir desse modelo, seria trabalhada a educação moral na família, na escola e na sociedade. O sistema educativo iniciava no “teto paternal” e buscava garantir uma nova humanidade, a partir de novos modelos de família, pessoas, instituições. As mulheres só eram valorizadas a partir da mesma ideia de Rousseau, por ser aquela que dava toda a sua atenção para a família, estimulando novos comportamentos nos seus maridos e crianças. Essa “valorização” da mulher fazia sentido, na medida em que elas ajudariam a construir a ideia de uma nova família, aquela que faria parte de um contexto de transformações econômicas, industrialização e de que necessita de homens trabalhadores e mulheres serviçais. Dessa maneira, tanto Floresta quanto Auguste Comte, passam uma imagem de “valorização das mulheres” na sociedade, no entanto o papel delas era de ser uma “digna mãe” e esposa. As mulheres tanto aprendiam a educar bem sua prole, quanto a seus maridos. Ela deliberava no espaço doméstico a partir das ordens dos companheiros e a sua condição de mulher submissa não mudava.

Concordamos com Duarte (2002, p. 28), que “muitas das posições que assumiu- como a defesa da mulher, da abolição, do moralismo e da educação feminina- eram bandeiras que extrapolavam os ditames positivistas e pertenciam também a outras correntes do pensamento [...]”. Nizia Floresta defendendo a abolição da escravatura e a instauração da república, distanciava-se dos positivistas.

A relação de Floresta com Comte terminou, com a morte desse pensador em cinco de setembro de 1857, sendo ela uma das poucas mulheres que esteve presente no cerimonial fúnebre. Mesmo que ela não tenha se convertido em uma

positivista e não tenha superado seus “hábitos metafísicos” fomos encontrando aproximações significativas entre o pensamento de Comte e a sua filosofia de educação. Essas aproximações comprovam que o pensamento de Auguste Comte exerceu influência sobre a proposta que Floresta apresentou como alternativa para a educação das meninas brasileiras. Se Comte influenciou Floresta a formular a sua filosofia de educação, não temos como ter certeza, resta-nos examinar as aproximações entre os pensamentos de ambos, vejamos isso nos subitens que seguem.

4.1 O Diálogo entre “A Mulher e o Sacerdote” e a Oposição ao Sufrágio Feminino no Brasil

“O melhoramento moral do homem constitui, pois, a principal missão da mulher nessa incomparável união instituída para o aperfeiçoamento recíproco dos dois sexos” (COMTE, 1996a, p. 276).

Ao escrever a teoria geral da religião, que evoca a ideia de uma humanidade, que por sua vez volta-se para a moralidade, Comte ensinava em cursos públicos. Sua teoria era passada nos cursos populares gratuitos que Comte ministrava no ano de 1847. Com os acontecimentos de 1848, eles foram suspensos, mas retomados com as obras *Sistema de Política Positiva* e *Catecismo Positivista*. Era através dessa teoria geral que Comte buscava desenvolver as virtudes humanas, tanto no âmbito doméstico, quanto no social e político.

Comte criou um diálogo: “A mulher o Sacerdote” para catequizar elementos-chave de sua filosofia, pois estabeleceu o sentido de ordem e de hierarquia social. Como as mulheres, juntamente com os proletários, seriam os responsáveis para manter a ordem, esse diálogo foi no sentido de doutrinar a mulher. A religião de Comte, assim como a filosofia de educação nisiana, defenderam a tese de que a partir do coração da mulher os problemas morais da humanidade seriam sanados. Seria, através da teoria geral da religião, que o coração das mulheres e dos proletários seriam doutrinados.

No Catecismo Positivista, apresentado em 1852, na forma de um diálogo entre o sacerdote e a mulher, Comte elenca o conjunto dos sacramentos: apresentação, iniciação, admissão, destinação, casamento, maturidade, retiro, transformação, incorporação. Estabelece a organização do sacerdócio, prevendo um

governo temporal subordinado à alta supervisão do poder espiritual. Para Comte (1996a, p.252), o sacerdote deveria atuar “sobre o coração pelo espírito apreciando cada conduta, a mulher deve agir sobre o espírito pelo coração, fazendo prevalecer espontaneamente a melhor disposição”. A mulher, como responsável pela moralidade da humanidade deveria ser exemplo e conduzir a humanidade moralmente, enquanto mãe, irmã, esposa e filha. Vejamos Comte (1996a, p. 233):

A providência moral das mulheres, a providência intelectual do sacerdócio e a providência material do patriarcado carecem, pois, de ser completadas pela providência geral oriunda do proletariado, para constituírem o admirável conjunto da providência humana. Todas as nossas forças podem, assim, tender sempre, cada qual segundo sua natureza, para a conservação e o aperfeiçoamento do Grande Ser.

A mulher, no âmbito familiar, iria conduzir a humanidade com base na moral e na sua religião, enquanto o sacerdote seria aquele que orientaria e aconselharia a humanidade. No entanto, temos que ter em mente o que Pisano (2004, p. 11, grifo nosso) ressaltou:

Nos movemos dentro de un gran eje sistémico de religiones, Estados, naciones, macro y micro poderes donde se establece la réplica del sistema en menor escala: **la familia, que dentro de esta jerarquía de poderes corresponde al microsistema por excelencia y al lugar de adiestramiento fundamental, protegido y marcado como el espacio esencial de los valores, siendo legitimado a través de la consanguinidad.**

O sacerdócio tem, em Comte, como função a providência intelectual. Comte (1996a, p. 294) destacou que:

Ele esforçar-se-á primeiro, minha filha, por preveni-los tanto quanto for possível, mediante um criterioso emprego de sua disciplina espiritual. Esta difere sobretudo da regra temporal em excitar os bons pendoros de preferência a combater os maus. Sua marcha é, pois, mais positiva do que negativa, corrigindo mais por comparação do que por compreensão, recompensando os bons em vez de punir os maus; posto que também saiba proceder com rigor [...].

O patriciado (banqueiro, comerciante, fabricante e agricultor), a providência material (o comando) e o proletariado seriam responsáveis pela providência geral. Esses seriam os papéis de cada ser humano na sociedade idealizada por Comte. As três sociedades humanas “família, pátria e igreja” têm por centros respectivos a

mulher, o patriciado e o sacerdócio. A suposta “valorização” da mulher estaria no âmbito familiar, apenas.

No Brasil, como em outros países, **uma visão sentimental do lar e da mãe estava junto ao coração dos oradores anti-sufragistas**. Viam eles a vocação de cada mulher como que determinada não por suas capacidades, exigências ou desejos individuais, mas pelo seu sexo. E todo o sexo era um, cujos deveres, privilégios e necessidades nunca mudaram, porque fluíam de uma natureza feminina interior e particular. Enquanto os homens podiam esperar ter uma variedade de ambições e habilidades, as mulheres eram destinadas desde o nascimento a serem mães e esposas em tempo integral. No entanto, muitos homens pareciam precisar antes de um conceito de uma moradia pacífica e estável, que lhes fornecesse descanso de suas diversas atividades, do que mesmo da própria casa, pois passavam menos tempo em casa do que as mulheres. O casamento e o lar eram glorificados para as mulheres, não para os homens (HAHNER, 1981, p. 85, grifo nosso).

Na “domesticidade”, eram estabelecidos os laços fundamentais, tendo a mulher um “grande” papel no âmbito doméstico: aperfeiçoar os homens. Assim, a domesticidade era um complemento dos laços de família e o início das relações cívicas, que obviamente já estabelecia que coubesse às mulheres o espaço que elas já tinham, dentro do âmbito doméstico. Além das mulheres, os negros também poderiam trabalhar no espaço doméstico, quando a escravidão terminasse. Citamos Floresta (1998, p. 42):

- A ‘domesticidade’ é uma instituição eterna que a humanidade consagra depurando. Mas a escravidão é uma obra mal dita pela ciência, pela religião e pela própria política. Embrutece a inteligência do proprietário, corrompe seu coração e, cedo ou tarde, sua própria carne... Desgraçados os povos que repelem o remédio enérgico reclamado por essas horríveis chagas, que a cupidez e a luxúria mantêm no seio das populações insensatas! Se a revolta fosse alguma vez escusável, não seria quando ela tem por representantes essas nobres raças de selvagens que torturamos, degradando-os? O único meio de impedir essas soluções violentas é, parece-me, transformar a escravidão em ‘domesticidade’, incorporando-as às famílias. A solução da questão mais temível do novo mundo é, portanto, bem simples. Amai vossos negros e eles nos servirão, não como bichos, mas como homens livre e dedicados.

Enquanto mães, as mulheres têm a função de “dirigir o conjunto da educação humana, a fim de que o coração aí prevaleça sempre sobre o espírito” (COMTE, 1996a, p. 276). Nessa lógica, não é correto pensar que foi dado às mulheres um

espaço para atuação cívica, pois elas deveriam viver para outras pessoas, os outros seriam: a família, a pátria e a humanidade. Vejamos Comte (1996a, p. 233, grifo nosso):

A providência feminina, que deve sempre dominar nosso surto moral, dispõe-nos, primeiro, a sentir a continuidade e a solidariedade, dirigindo a educação espontânea que se realiza no seio da família. Em seguida, a providência sacerdotal faz-nos apreciar de modo sistemático a natureza e o destino do Grande Ser, revelando-nos gradualmente o conjunto da ordem real. Caímos, enfim, sob o predomínio direto e perpétuo da providência material, que nos inicia na vida prática, cujas reações afetivas e especulativas completam nossa preparação.

Nesse diálogo, Comte (1996a, p. 172) deixa claro que “o principal ofício das mulheres consiste em formar e aperfeiçoar os homens”. No âmbito familiar, a mulher tem valor dentro da concepção de Comte, sendo a família a sociedade mais íntima e mais restrita. “A oposição ao sufrágio feminino no Brasil baseou-se na suposta nobreza, pureza e domesticidade das mulheres, suposições levadas ao extremo pelos positivistas” (HAHNER, 1981, p. 85). O homem era aquele que atuava no âmbito social e político. Lembramos o que Beauvoir (1980, p. 29) denunciou:

A vida do pai é cercada de um prestígio misterioso: as horas que passa em casa, o cômodo em que trabalha, os objetos que o cercam, suas ocupações e manias têm um caráter sagrado. Ele é quem alimenta a família, é o responsável e o chefe. Habitualmente trabalha fora e é através dele que a casa comunica com o resto do mundo: ele é a encarnação desse mundo aventureiro, imenso, difícil, maravilhoso; ele é a transcendência, ele é Deus.

Nesse sentido, a mulher sempre foi educada com o olhar androcêntrico, “é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino” (BEAUVOIR, 1980, p. 30). Foi assim que as meninas educadas na filosofia de educação nisiana aprenderam e foi, a partir dessa lógica, que foi estabelecida a máxima “viver para outrem”. Nesse diálogo, o sacerdote explica a lei moral. Vejamos Comte (1996a, p. 123):

Condensando toda a sã moral na lei Viver para outrem, o positivismo consagra a justa satisfação permanente dos diversos instintos pessoais, enquanto indispensável à nossa existência material, sobre a qual assentam sempre nossos atributos superiores. Por conseguinte, ele condena, posto que inspiradas amiúde por motivos

respeitáveis, as práticas demasiado austeras, que, diminuindo nossas forças, nos tornam menos aptos para o serviço de outrem. O destino social, em cujo nome ele recomenda os cuidados pessoais, deve ao mesmo tempo nobilitá-los e regularizá-los, evitando tanto uma preocupação exagerada como uma viciosa negligência.

O aperfeiçoamento moral deveria ser o principal objeto da arte humana, segundo a filosofia positiva de Comte. Além disso, a fé e o amor seriam as duas condições fundamentais da religião. Com relação ao sexo masculino (sexo ativo), Comte acreditava que as leis físicas e intelectuais seriam estabelecidas por eles, cabendo às mulheres (sexo afetivo) às leis morais. A mulher, em Comte, era envolvida por um manto de santidade (assim como na educação moral de Floresta), dotada de qualidades morais, que seriam da natureza feminina. Além da importância doméstica da mulher, somente a mulher poderia “desenvolver assaz a vida subjetiva para elevar nossas almas até a representação familiar do Grande Ser, mediante uma digna personificação” (COMTE, 1996a, p. 166). Assim, a mulher tinha uma função cívica, a de aperfeiçoar os homens. No diálogo entre a “Mulher e o Sacerdote”, ao explicar o culto privado, o sacerdote afirma:

A mãe, a esposa e a filha devem, em nosso culto, como na existência que ele idealiza, desenvolver respectivamente em nós a veneração, o apego e a bondade [...]. Mas a harmonia espontânea dos três tipos não pode ser assaz mantida senão mediante a subordinação natural deles, que deve fazer prevalecer habitualmente o anjo materno, sem que a sua doce presidência altere jamais os dois outros impulsos (COMTE, 1996a, p. 160, grifo nosso).

Essas virtudes estão de acordo com aquelas encontradas na filosofia de educação nisiana. Esse “anjo materno” também estava presente na ideia da “viuvez eterna” defendida por Auguste Comte. A viuvez foi considerada por Comte “o único meio de proporcionar à influência feminina sua principal eficácia” (COMTE, 1996a, p. 278), pois Comte (1996a, p. 278, grifo nosso) acreditava que:

[...] durante a vida objetiva, as relações sexuais alteram muito a reação simpática da esposa, mesclando a esse influxo uma grosseira personalidade. Eis aí por que a mãe permanece então nosso principal anjo da guarda. Os anjos não têm sexos, pois que são eternos.

Mesmo com toda a cobrança moral feita às mulheres, Comte teve o bom senso de considerar injusto responsabilizar as mulheres pelo insucesso de seus filhos, filhas e esposos. Além disso, o culto público poderia glorificar as mulheres cujos esposos ou filhos não merecessem nenhum louvor. Comte acreditava que havia reservado um lugar “especial” para as mulheres no seu plano geral de um grande templo da humanidade. Comte (1996a, p. 177) acreditava que deveria ser reservado o principal santuário para “as mulheres convenientemente escolhidas”. A própria deusa da religião de Comte, deveria ter a escultura ou figura de uma mulher de trinta anos, tendo seu filho nos braços. Essa deusa seria o símbolo da humanidade.

Trindade (1997, p.47) acredita que “Mulher, Família e Pátria foram, portanto, na fase pós-Clotilde do pensamento Comteano, os três pontos-chave de sua posição teórica e de sua estratégia política”. A mulher era responsável na filosofia positiva de Comte pela providência moral. Ternura, solidariedade, bondade, apego, veneração e altruísmo são algumas das características que ela possui e que contribuiria para essa religião. Segundo Comte (1996a, p. 205) a moral deve ser, para o sexo feminino “mais uma arte do que uma ciência”. Essa moral estabelece as regras da conduta feminina, e também as regras que as mães ensinam os filhos e conduzem a vida do marido. A mulher, enquanto mãe, e também o sacerdote são os responsáveis pela educação da humanidade.

Chama a atenção o destaque que Comte conferiu às mulheres e aos proletários, na construção religiosa. Citamos Comte (1973, p. 107, grifo nosso):

Por mais sólidos que sejam os fundamentos lógicos e científicos da disciplina intelectual que a filosofia positiva institui, **esse regime severo é demasiado antipático aos espíritos atuais para que ele possa prevalecer jamais sem o apoio irresistível das mulheres e dos proletários**. A necessidade de tal regime não pode ser somente apreciada senão nesta dupla massa social, que alheia a toda pretensão doutoral, é a única que pode impor a seus chefes sistemáticos as condições enciclopédicas exigidas pelo ofício social deles.

Aos quatorze anos, o menino passaria da educação espontânea (dirigida pela mãe), para a educação sistemática (ministrada pelo sacerdócio). A educação doméstica precisaria conduzir a resultados satisfatórios, por isso, o padre daria conselho aos pais. Quanto ao casamento das meninas, a nova religião proposta por Comte estabelecia a idade de vinte e um anos, idade que para Comte garantiria uma

“harmonia conjugal”. Esse limite de idade não poderia ser diminuído, se não por motivos muito excepcionais. Conforme o *Catecismo Positivista* as mulheres deveriam se casar sempre antes dos vinte e oito anos e os homens antes dos trinta e cinco, quando a vida conjugal for dignamente instituída. O casamento positivista era uma admirada instituição na filosofia positiva de Comte, seria a primeira base de toda a ordem humana. O casamento manteria a ordem e controlaria os instintos individuais. Quem conduziria essa base seriam as mulheres, que representam o “sentimento afetivo” e como já destacamos são responsáveis por manterem a ordem.

Com relação ao casamento, na concepção de Comte (1996a), caberia o aperfeiçoamento mútuo dos dois sexos, abstraído de toda sensualidade. No casamento, as mulheres melhorariam os homens, disciplinando o impulso carnal. Nesse aspecto, o homem mostrava-se inferior do ponto de vista moral. Para Comte (1996a, p.275, grifo nosso): **“a superioridade masculina é incontestável em tudo o que diz respeito ao caráter propriamente dito, fonte principal do comando. Quanto à inteligência, ela oferece, no homem, mais força e extensão; na mulher, mais justeza e penetração”**. Na concepção Comteana, o casamento tem a função de produzir e entreter, principalmente os homens, conduzindo impulsos adequados a eles e desenvolvendo a ternura. A “excitação grosseira”, característica do homem, seria influenciada pela pureza e ternura da mulher. Assim, notamos que “para os positivistas, a mulher constituía a parte moral da sociedade, a base da família, que por sua vez era a pedra fundamental da nação. A feminilidade como um todo deveria ser venerada e colocada à parte de um mundo de maldades” (HAHNER, 1981, p. 85-86). Além disso, “o laço conjugal deve ser único e também indissolúvel, a fim de que as relações domésticas possam adquirir a plenitude e a fixidez que sua eficácia moral exige” (COMTE, 1996a, p. 276). Ele acreditava que de fato o casamento, através da conduta da mulher, mudaria os homens, vejamos Comte (1996a, p. 278):

Um só ano de digno casamento basta para ministrar à vida mais longa uma fonte de felicidade e de aperfeiçoamento que o tempo desenvolve sem cessar, depurando-a sempre à medida que, esquecidas as imperfeições, as qualidades mais sobressaem.

A “sociocracia” seria dominada pelo sentimento e não pela razão, por isso que as mulheres tinham um importante papel. Além disso, Comte se considerou (em parte) a favor do divórcio, ele acreditava que o divórcio não deveria ser inteiramente proibido. Ele afirmou que só haveria um único caso em que a união conjugal deveria ser legalmente dissolvida, “quando um dos cônjuges é condenado a uma pena infamante qualquer, que o fere de morte social” (COMTE, 1996a, p. 277). No entanto, o divórcio não estava na lógica do livre arbítrio, em que as mulheres, por exemplo, pudessem se divorciar, o que Floresta fez após ter sido forçada a casar.

Para Comte (1996a, p. 244, grifo nosso), a função do “**aparelho contemplativo**” era mais desenvolvida nas mulheres, enquanto que as funções do “**aparelho meditativo**” mais desenvolvidas nos homens”. Esse é um pensamento preconceituoso e para Floresta (1989b), as mulheres não são inferiores aos homens, quanto ao entendimento. Os homens não eram mais próprios que as mulheres para governar, as mulheres podem preencher os cargos públicos, as mulheres são capazes de ensinar as ciências, as mulheres são aptas ao trabalho e devem trabalhar. Em Comte, “o duplo ofício fundamental da mulher, como mãe e como esposa, equivale, em relação à família, ao poder espiritual no Estado” (COMTE, 1996a, p. 278). Exige, portanto:

[...] a mesma isenção da vida ativa, e uma análoga desistência de todo o comando. Esta dupla abstenção [da vida ativa] é ainda mais indispensável à mulher do que ao padre, a fim de conservar a preeminência afetiva onde reside seu verdadeiro mérito, menos suscetível que a superioridade mental de resistir aos impulsos práticos. Toda mulher deve, pois ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe (COMTE, 1996a, p. 278).

Comte acreditava que o positivismo era a verdadeira religião, capaz de manter a ordem. Cabendo então às mulheres se abster da “vida ativa” ou da vida pública e, por isso, “o homem deve sustentar a mulher” (COMTE, 1996a, p. 278). Vejamos Comte (1996a, p.279):

Sustentada primeiro pelo seu pai ou pelos seus irmãos, cada mulher é em seguida sustentada pelo seu esposo, ou pelos seus filhos. Na falta destes amparos especiais, a obrigação do sexo ativo para com o sexo afetivo torna-se geral, e o governo deve prover a isso, sob a

inspiração do sacerdócio. Tal é a base material da verdadeira constituição doméstica.

Para Comte, quando uma mulher enriquecia com seu próprio trabalho, a degradação moral era maior. Se a mulher saísse do espaço doméstico para trabalhar, quem cuidaria dos filhos e da casa? Quem orientaria o marido? As figuras de “esposa, filha e mãe” deveriam ser conservadas, pois elas eram na filosofia positiva os “anjos domésticos”, insubstituíveis, somente elas poderiam desenvolver funções do poder espiritual. A mulher interferira na ordem social a partir das suas tarefas na família, por isso, ela teria que ser altruísta e desprendida do mundo material, isenta de paixões, futilidades e ornamentos. A mulher não poderia trabalhar, pois deveria ficar confinada ao espaço doméstico. Afastando-se das atividades políticas e profissionais, ela poderia se dedicar exclusivamente à família. Além disso, na percepção de Comte, as mulheres queriam mandar em vez de amar, o que ele, obviamente achava ruim. Ao fazer um apanhado geral da constituição doméstica peculiar à filosofia positiva, no diálogo entre “a mulher e o sacerdote”, encontramos a ideia de Comte (1996a, p. 279) dizendo que “a avidez contínua do lucro faz-lhe perder então aquela benevolência espontânea que o outro tipo conserva em meio de suas dissipações. Não podem existir piores chefes industriais do que as mulheres”. Assim como Comte acreditava que a principal força da mulher consistia em superar a dificuldade de obedecer, Floresta educava meninas para serem obedientes aos seus maridos.

Assim como Floresta, “Comte foi um conservador, e característicos dessa atitude são os seus elogios à ordem católica e feudal da Idade Média (GIANOTTI, 1996, p 12). Seu conservadorismo estava expresso na justificação e defesa da sociedade capitalista vigente em seu tempo. Marcuse (1978, p. 319) afirmou:

A interpretação antimaterialística da história facilitava a tarefa de Comte. Ele reteve a concepção do Iluminismo de que o progresso é, primordialmente, progresso intelectual, avanço contínuo do conhecimento positivo. E removeu, tanto quanto lhe foi possível, o conteúdo material do Iluminismo, mantendo-se assim fiel á promessa ‘de substituir a agitação política estéril por um imenso movimento intelectual’. Serva da necessidade preeminente de salvaguardar a ordem existente, a idéia de progresso impede o desenvolvimento físico, moral, e intelectual, exceto naquelas direções que o ‘sistema de circunstâncias’ estabelecido permite.

Comte criou uma teoria positiva da autoridade e, partindo dessa afirmação e constatando esse conservadorismo em suas obras, entendemos que Floresta fundamentou uma filosofia de educação moral, baseada nos ideias Comteanos, e mesmo que tenha avançado em falar para um público que não tinha preocupação com a educação das meninas e mulheres, fundado escolas para meninas, denunciado o preconceito entre homens e mulheres, a sua filosofia da educação foi baseada nas concepções de Comte. A disciplina positiva também versou sobre os instintos nutritivos, e com relação a esses, Comte (1996a, p. 274) deixou evidente ser necessário uma “salutar abstinência”, que era comum ao sexo feminino. Comte (1996a) enfatizou que a pureza seria a base de uma moralidade inabalável. Sendo assim, a pureza não seria afetada, caso as mulheres e os proletários não recebessem educação e os considerados “sábios” e “cientistas” dominariam. Essa ideia está relacionada ao desejo de conter as revoltas. Não se revoltando, a harmonia social prevaleceria e seria mais propício para converter a massa ao ideário positivista. Há quem acreditasse que a nobre tarefa de educar os filhos deu valor às mulheres, bem como o fato da posição num pedestal ter sido um progresso notável para muitas mulheres da elite brasileira em meados do século XIX, pois “se pudessem subir ao pedestal, poderiam elevar sua posição e não mais seriam ignoradas ou relegadas à cozinha (HAHNER, 198, p.38). Será? Não podemos esquecer que em razão do papel de reprodutora e doméstica em que se confinou a mulher não possibilitou igual dignidade social as mulheres e fortaleceu a submissão e exclusão delas nos espaços públicos.

4.2 A Importância dos Salões na Lógica Androcêntrica Comteana

O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio das mulheres na igreja ou no templo; maior ainda na sinagoga ou na mesquita, onde elas não podem nem mesmo penetrar na hora das orações. Silêncio nas assembleias políticas de homens que as tomam de assalto com sua eloquência masculina. Silêncio no espaço público onde sua intervenção coletiva é assimilada à histeria do grito e a uma atitude barulhenta demais como a da ‘vida fácil’. **Silêncio, até mesmo na vida privada, quer se trate do salão do século 19 onde calou-se a conversação mais igualitária da elite das Luzes, afastada pelas obrigações mundanas que ordenam que as mulheres evitem os assuntos mais quentes – política em primeiro lugar-suscetíveis de**

perturbar a convivialidade, e que se limitem à conveniências da polidez (PERROT, 2005, p. 10, grifo nosso).

O lugar da mulher, tanto na filosofia de educação nisiana, quanto na filosofia positiva de Comte é privado e não público. A mulher não se sociabilizava, mesmo que fosse defendida a ideia de que elas deveriam fazê-lo. Quanto menos as mulheres aparecessem, mais garantiriam a ordem social, pois se dedicariam apenas aos filhos e ao marido. Por isso, as meninas deveriam aprender, desde cedo, a serem discretas, reservadas, submissas e obedientes, pois a cidadania tinha sexo e classe social. A educação delas deveria acontecer para que fossem respeitadas pelos homens na concepção da Filosofia de educação nisiana. Ter vez na família foi um avanço. Nesse sentido, encontrar um papel social para as mulheres no século XIX, como Floresta se empenhou, não foi tarefa fácil, mesmo que Nizia não pudesse imaginar que mais tarde, esse lugar seria visto como uma prisão.

Os salões eram de fato um diferencial, “as mulheres de todas as classes deveriam manter salões em suas casas para acolher filósofos e operários e incentivar o livre intercâmbio de ideias” (PICKERING, 1999, p. 66), mas esses salões também utilizavam as mulheres, pois elas deveriam influenciar os filósofos e proletários. Além disso, Comte não acreditava no que uma mulher seria capaz, sendo que, em sua concepção, uma mulher sozinha não conseguiria dirigir um salão.

Sob certos aspectos, os salões seriam o espaço público mais importante da república positiva, pois as mulheres que os mantivessem modificariam o orgulho masculino e a razão, fontes de muitas das perturbações políticas e sociais. As mulheres lembrariam aos filósofos os males da ambição e do orgulho, e aos proletários, os perigos da violência e da inveja. A fim de consolidar sua autoridade, duas ou três mulheres deveriam dirigir cada salão. De outro modo, uma só mulher poderia ‘ser dominada demais pelos freqüentadores masculinos ou embaraçada demais por sua atenção muito concentrada’ [retirada de carta a Montègre, 24 de agosto de 1848]. Comte queria que as senhoras dos salões, sendo de certa forma atrizes públicas, fossem liberadas do olhar masculino, o qual tendia a reduzir as mulheres a objetos sexuais (PICKERING, 1999, p. 66).

Cada grupo deveria dominar seu espaço público. Comte “queria que as mulheres frequentassem os clubes e os templos positivistas, mas elas ali deveriam permanecer caladas, assim como os filósofos deveriam se abster de falar nos clubes e os operários

nas igrejas” (PICKERING, 1999, p. 67). Ou seja, os três grupos só poderiam falar nos salões, que era um espaço fechado, onde elas ensinariam os filósofos e operários valores morais, os filósofos aprenderiam a ser humildes e não ter inveja, e os operários a não serem violentos e invejosos. Não podemos esquecer que até nossos dias “nacer en una clase específica, en el mundo agrário o en el urbano, en una tradición religiosa determinada y vivir en un mundo analfabeto o letrado, tiene un peso enorme en la definición de las vidas de las mujeres” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 51). Assim, o salão era “a única instituição comum a todas as classes e único lugar em que as mulheres podiam falar com os homens, era a associação mais igualitária da república positiva” (PICKERING, 1999, p. 67). As mulheres não atuavam na sociedade como poderíamos entender, numa interpretação superficial, pelo contrário, os homens “filósofos” seriam aqueles que poderiam falar no espaço público, mantendo a ordem conservadora e patriarcal. Nesse sistema de controle social, a posição de Comte era autoritária, bem como a tradição republicana da França.

As mulheres, os proletários, os homens, os filósofos, as crianças, enfim, cada ser humano possuía um lugar bem determinado na sociedade idealizada por Comte e Floresta. Para Comte, as mulheres e os proletários deveriam ter espaços físicos ou institucionais, que eram necessários para sociabilidade -essa era restrita e com objetivo de cunho conservador. Os filósofos deveriam ter seus templos; os proletários, seus clubes; e as mulheres, seus salões. Quem seguisse a doutrina frequentaria esses espaços regularmente. O objetivo era impedir a luta do proletariado contra o sistema capitalista, que Comte defendia. Pickering⁸⁶ (1999) destacou que, para incentivar a discussão de sua doutrina e para se opor aos socialistas, preconizou a criação de clubes positivistas para os operários, que eram conforme Pickering (1999, p. 64) a “fonte principal de opinião pública”, devido ao seu caráter moral e intelectual, e, ainda, a classe mais numerosa. Na República positivista, os clubes se reuniam todos os dias, resolvendo problemas como a incorporação do proletariado à sociedade moderna, desfazendo preocupações de que os clubes pudessem causar problemas, Comte não apresentou os operários como classe perigosa, como tinham feito os adeptos da direita que desejavam

⁸⁶ É considerada a melhor especialista americana em Augusto Comte. Em sua tese, escreveu a biografia do autor, intitulada *Auguste Comte, na intellectual biography* (1993). Escreveu também *Auguste Comte et la question du genre*, apresentado no Colóquio da Tunísia, em abril de 1999.

manter a condição marginal do proletariado. Numa análise de gênero, Pickering (1999, p. 64, grifo nosso) constatou que:

Mais importante ainda que o clube, era o salão. O salão era considerado o espaço feminino. Em razão de sua simpatia crescente pelos membros oprimidos da sociedade, de seu ódio pelos cientistas e da consciência que tinha da importância do movimento das mulheres, **Comte foi cada vez mais considerando as mulheres como suporte primordial de seu sistema.** Segundo ele, o número potencial de discípulos femininos era maior que o de operários, porque os dirigentes socialistas, como Pierre Prudhon e Étienne Cabet, haviam desestimulado a adesão do proletariado ao seu movimento.

Comte abriu a esfera pública para esse público, pois esperava o apoio dessas pessoas. Por não receberem uma educação convencional, as mulheres e os proletários representavam o amor e a virtude, pois já que não recebiam uma educação que pudesse corromper o espírito eram sujeitos importantes para manterem a ordem na sociedade. Na concepção nisiana de educação, as mulheres deveriam estudar. Como Comte não dava valor à educação formal, seriam os clubes que iriam propagar o positivismo e as mulheres deveriam se organizar, pois “cansado daquilo que chamou de “regime deprimente” dos homens, Comte concluiu afinal que o problema da anarquia não seria solucionado se a revolução ocidental não se tornasse feminina” (PICKERING, 1999, p. 64). Essa autora nos relata também que Comte tentou tirar proveito da “revolução feminina e chamou sua “teoria feminina” de “base principal” de seu sistema (PICKERING, 1999, p. 65). Como as mulheres estavam se unindo e se organizando em países europeus a seu favor, em busca de outro lugar na sociedade, que não fosse o doméstico, Comte criava um discurso de que as mulheres eram importantes para a sociedade e, assim, buscava capturá-las. Pickering (1999) comprovou que, após a ligação de Comte com Clotilde de Vaux, Comte modificou suas ideias. Isso também foi destacado por Duarte (2002, p. 32):

A partir da inspiração de Clotilde de Vaux -modelo de uma feminilidade regenerada e perfeitamente pura-, ficava reservado à mulher um ‘lugar de honra’ nesta doutrina. Mediante o culto e mesmo sua personificação em deusa, era estabelecida a ‘superioridade moral e afetiva da mulher’ e a constituição da família (junto com a pátria) como o verdadeiro centro da unidade moral e social entre os povos. O casamento torna-se obrigatório para por se constituir no pilar norteador da vida privada e, a mulher, objeto do “culto

doméstico” por parte do seu marido. Para que ela pudesse se dedicar apenas à família, caberá ao homem sustentá-la e ampará-la, poupando-a de todo e qualquer desgaste nas questões que extrapolem os muros domésticos. A máxima concebida por Clotilde- ‘viver para os outros’- resumia o ideal de uma vida dedicada aos interesses e valores da ‘Humanidade’.

Clotilde de Vaux (1815-1846) conheceu Auguste Comte em 1845 e tiveram um relacionamento amoroso. Clotilde influenciou o pensamento de Comte, tornando-se objeto de veneração por parte do filósofo e, por extensão, de seus seguidores, que se referiam a ela como modelo de feminilidade e pureza, ‘companheira imortal’ e “mãe subjetiva”, sempre com expressões elogiosas para exaltar seu poder de regeneradora da humanidade (Duarte, 2002, p. 69).

Enquanto o positivismo pregava a hegemonia na sociedade e a divisão hierárquica da sociedade, Floresta escrevia a favor da libertação e emancipação dos povos escravos, valorizava a cultura indígena e lutava pela educação das meninas, porém, o papel da mulher era o mesmo que em Comte, como um símbolo, a representação divina, mas que deveria ser representada pelos homens. As mulheres eram como “anjos” sem voz pública, que atuava em espaços que mascaravam o poder e a hegemonia patriarcal.

4.3 O Positivismo Utilitarista e o Utilitarismo de Nizia Floresta

El *utilitarismo*, en general, es la doctrina que sostiene la validez de los juicios morales corrientes; intenta únicamente suplir los defectos que plantea la reflexión sobre la moralidad del sentido común, y proporciona un *principio de síntesis*, que puede relacionar las normas derivadas del sentido común, a menudo desconectadas y aún conflictivas, para presentarlas en un modelo coherente (HIERRO, 1990, p. 11).

Ao analisar as obras de Floresta, percebemos também a sua concepção utilitarista, em ideias como: “as mulheres não deixarão jamais de ser necessárias enquanto existirem homens e estes tiverem filhos” (FLORESTA, 1989, p. 38). Ela explicava a utilidade das mulheres questionando, vejamos Floresta (1989, p. 38):

Para que servem os Juizes, os Magistrados e os Officiais, que lhes são subordinados para administração da Justiça, senão para garantir a segurança e propriedade dos bens daqueles, que, se não fosse proibido, seriam capazes de fazer justiça a si mesmos mais exata e prontamente? Porém as mulheres, mais verdadeiramente úteis, se ocupam em lhes conservar a vida para gozarem desta propriedade. Estimam-se e recompensam-se os Soldados, porque combatem para defender os homens feitos, que são tão capazes, e mesmo mais que eles, de se defenderem. Com quanta maior razão não merece o nosso sexo essa estima e recompensa, trabalhando para defender os homens numa idade em que não sabem o que são, não podem distinguir os amigos dos inimigos, e nem têm outra defesa mais, que suas lágrimas?

Floresta via a utilidade das mães para que a sociedade progredisse. Como aparece no texto citado, as mulheres eram verdadeiramente úteis, pois, na concepção nisiana, o papel das mães se tornava fundamental para o desenvolvimento humano e o cuidado materno dava a base para a sociedade se desenvolver. Floresta exaltava essa generosidade feminina presente na educação, a generosidade e o cuidado materno. Vejamos Floresta (1989, p.38-39):

Se os Príncipes e os Ministros, se sacrificam algumas vezes pelo bem público, a ambição é o único móvel, é para adquirir poder, riquezas e esplendor, que eles o fazem. Porém nossas almas mais generosas não atendem senão ao bem das crianças, que nutrimos e educamos, pois que todos os dias experimentamos que a recompensa que temos a esperar dessas criaturas desnaturadas, pelos trabalhos, cuidados, inquietações e infinitos embarços, que nos causam a de que não se acha exemplo em todos os outros estados da sociedade civil, se reduz a maus tratamentos e a um desprezo repreensível para com o nosso sexo em geral.

Numa visão típica para a época, ambos autores abordavam, em suas obras, o papel utilitário das mulheres em sociedade, porém podemos ver que no pensamento nisiano, há suas ideias feministas, em que aparecem reivindicações para que as mulheres atuem na sociedade (não apenas nos salões) e que essas desempenhem papéis sociais, além da maternidade e de suas condições de esposas. Floresta era crítica em relação ao preconceito que existia para com as mulheres. Ela sabia que os homens não podiam negar que as mulheres eram “criaturas racionais”, mas ela criticava o fato de que faziam de tudo para manter uma “condescendência cega” às suas vontades. Floresta destacou: **“eu espero, entretanto, que as mulheres de bom senso se empenharão em fazer conhecer que elas merecem um melhor tratamento e não se submeterão servilmente a um orgulho tão mal fundado”**

(FLORESTA, 1989, p. 4, grifo nosso). Apesar de suposta exaltação e valorização do papel utilitário da mulher na Filosofia Positiva de Comte, que poderia ser interpretado como exaltação e valorização das mulheres, Comte defendia uma “digna subordinação” da razão masculina ao sentimento feminino, além de enfatizar a ideia de que “o homem deve sustentar a mulher, a fim de que ela possa preencher convenientemente seu santo destino social” (COMTE, 1996a, p. 111). Floresta ressaltava o altruísmo e outras tantas qualidades que as meninas teriam que desenvolver e para tanto necessitavam estudar e aprender uma educação moral, que iniciava em casa e que deveria ser direcionada na escola. A dependência feminina estava presente em ambos intelectuais, mesmo que ela não tenha se tornado dependente de algum homem.

O vínculo doméstico era diferente do vínculo social em Comte, tinha caráter moral. Para Comte, seria exclusivamente na vida doméstica que o ser humano se prepararia para a vida social. A mulher seria a principal responsável por esse encaminhamento e tinha que conduzir a sua própria vida com uma conduta rigorosamente vigiada. Tanto Floresta quanto Comte eram contra a conduta frívola de algumas pessoas. Floresta fez críticas ao fato de as pessoas participarem de bailes, enquanto tantos problemas precisavam ser resolvidos no Brasil. Da mesma maneira, Evaristo de Moraes Filho (1983, p. 8) citou Comte, que afirmou:

Não posso imaginar que se seja tão indiferente, a ponto de se divertir loucamente em meio a todos esses desastres. Os governos não se incomodam de maneira alguma com esta frivolidade, porque, segundo a observação judiciosa que ontem ouvi de uma senhora muito bonita, muito amável e que, no entanto, pensa, ‘quem dança não conspira’. Esta expressão, que é mais profunda do que parece, dá bem a chave das coisas’.

Comte acentua a exigência de uma autoridade forte. Os homens tinham uma função que direcionaria a sociedade, “alguma mão diretora superior”, “Comte esboça uma teoria positiva da autoridade tendo em vista uma sociedade que basearia toda sua atividade no consentimento da vontade dos indivíduos”. A partir dessa autoridade se conseguiria a ordem, que mostraria o progresso (a sua evolução e **não revolução**) (MARCUSE, 1978, p. 317-318, grifo nosso). Além disso, ela lutou pelo direito das mulheres agirem na sociedade, enquanto que Comte considerava boa e “salutar” a exclusão política. Vejamos:

Por toda parte vejo que só as mulheres podem oferecer-me em virtude de sua **salutar exclusão política**, um ponto de apoio capaz de fazer prevalecer livremente os princípios que hão de habilitar, enfim, os proletários a colocar bem sua confiança teórica e prática (COMTE, 1996a, p. 109, grifo nosso).

A influência feminina era fundamental para transformar os hábitos morais. O que era um hábito feminino privado- a educação dos filhos e filhas passaria também a ser uma educação universal, visto que a natureza da mulher era entendida por Comte como “profundamente altruísta”. Vejamos Comte (1996a, p. 110):

Cada digna mulher ministra habitualmente a esse culto a melhor representação do verdadeiro Grande Ser. Sistematizando a família, como base normal da sociedade, o regime correspondente faz dignamente prevalecer naquela a influência feminina, transformada, enfim, em supremo árbitro privado da educação universal. Por todos estes títulos, a verdadeira religião será plenamente apreciada pelas mulheres, logo que elas reconhecerem suficientemente os principais caracteres que a distinguem.

Ilusoriamente, Comte colocava as mulheres em um patamar diferenciado em sua filosofia. Propôs uma doutrina caracterizada pela combinação da realidade e da utilidade, e o “utilitarismo” é uma das correntes do pensamento que também estava presente em Floresta. Em ambos intelectuais, as mulheres eram úteis para a reforma social, na medida em que fossem boas mães, filhas e esposas. Nesses três papéis (ou funções), se tivessem recebido uma sólida e moral educação, as mulheres se tornariam boas disciplinadoras, moralistas, ordenadoras, organizadoras e educadoras.

A educação feminina proposta por ela, é moralista e se assemelha ao ideário positivista com relação ao papel da mulher na sociedade. A educação se tornava importante, especialmente porque “a educação da mulher muito influência tem sobre a moralidade dos povos e que é ela o característico mais saliente de sua civilização” (FLORESTA, 1989, p. 46). Assim, “a educação moral é o guia mais seguro da mulher” (FLORESTA, 1989, p. 60). Só recebendo a educação moral é que numa sociedade com corrupção é que a mulher não agiria de forma amoral. Floresta (1989, p. 76) fala da educação que havia no início do século XIX, no Brasil.

Todos os homens conscienciosos de nossa terra conhecem de há muito a necessidade urgente de uma completa reforma no sistema de educação da nossa mocidade. Muitos lamentam os erros e os

prejuízos das antigas doutrinas que, menos ostensiva porém quase geralmente, continuam ainda em nossos dias a dominar nas escolas do Brasil.

Ela escreveu sobre a educação que deveríamos oferecer às meninas (a quem chamava de raparigas); sobre o papel da mãe na educação dos filhos, do trabalho diário da mulher; criticava a maneira preconceituosa que os homens e a sociedade da época tratavam as mulheres e as meninas, deixando claro que as mulheres deveriam ser úteis a família e a toda humanidade. A educação deve estar voltada para a “grande tarefa” que a mulher deve cumprir na sociedade: “filha e irmã dedicadíssima, terna e pudica esposa, boa e providente mãe” (FLORESTA, 1997, p. 117).

É tempo de todas as mulheres de coração reunirem-se sob a santa bandeira do bem universal, trazendo consigo o tesouro de ternos e pios sentidos, do qual a natureza as dotou; e a firme resolução de trabalhar para tornar-se útil à família e a toda humanidade (FLORESTA, 1997, p. 129).

Essa referência da mulher como algo “útil” era muito comum para a época. A mulher, desde os primeiros tempos, foi considerada útil. Era útil para a Igreja, pois levaria a sua família para ela, mas foi principalmente no espaço doméstico que era considerada essencial. Ela rompia com o seu utilitarismo exclusivamente familiar. A mulher seria útil para ela, também para a sociedade e para a humanidade. Do ponto de vista social, ela teve um limitado avanço.

Na república positiva, a mulher seria útil para comandar os salões e neles ajudariam os filósofos a serem menos orgulhosos e ambiciosos e também ajudaria os proletários a não terem inveja e não serem violentos. Comte (1996a, p. 110), no “Catecismo Positivista” afirmou que “apesar de prevenções empíricas, as mulheres acham-se muito dispostas para bem apreciar a única doutrina que pode hoje conciliar radicalmente a ordem com o progresso”. Sendo assim, ele idealizou a mulher, e percebeu a disponibilidade que essas tinham para contribuir com as suas ideias. As mulheres manteriam a ordem e os homens seriam responsáveis pelo progresso. Não seria necessário tirar a mulher da sua tradicional função social, nem alterar valores e incluí-las socialmente em outras instâncias, bastava deixar a mulher desempenhando (como sempre desempenhava) - o seu papel como boas mães e esposas.

Para Abbagnano (1993), “o utilitarismo da primeira metade do século XIX pode ser considerado como a primeira manifestação do positivismo na Inglaterra” (p.

146). Tratava-se de um positivismo social, pois propunha reformas. O utilitarismo estava vinculado a uma atividade política e radical (socialista), “que teve os seus máximos expoentes: Benthan, James e Stuart Mill” (ABBAGNANO, 1993, p. 146). Nem sempre os utilitaristas foram favoráveis às correntes reformadoras. Thomas Robert Malthus (1766-1834), por exemplo, defendeu a ideia de que não haveria meios de subsistência para todas as pessoas, se a população continuasse crescendo como a América do Norte. A educação fundada na moralidade, o controle dos instintos e, portanto, um controle de natalidade estavam presentes em sua teoria. Posteriormente (século XX), suas ideias foram contestadas pelo fato de a industrialização dar conta da quantidade de alimento necessário para a crescente população, mas o problema da fome, miséria e desigualdades continuariam.

As doutrinas econômicas e a utilitária estavam ligadas, pois refletiam sobre os problemas do povo e possíveis soluções e em todas elas a preocupação moral estava presente. A preocupação com o comportamento, a educação virtuosa, os juízos morais, a boa conduta humana, o controle dos instintos eram as ideias que apontavam soluções para tais problemas sociais e, nesse aspecto, encontramos semelhanças com as ideias de Floresta e os positivistas. As sanções religiosas eram vistas como legisladoras. A conduta virtuosa a partir de princípios morais foram determinadas nas máximas e nos pensamentos de Floresta contidos em suas obras. E assim como Comte, ela percebeu que a mulher era importantíssima para conduzir virtuosamente a humanidade e ambos intelectuais valorizaram a afetividade e o coração feminino, de uma forma romântica. O que Comte e Floresta acreditavam era que as mulheres poderiam melhor conduzir a humanidade, de egoísta a altruísta.

Floresta abordou temas sociais, como a escravidão e lutou por direitos humanos, enquanto Comte extinguiu de seu catecismo positivista as leis e a luta por direitos humanos. Mas Floresta considerava os escravos e as mulheres com uma moral semelhante, que tinham o altruísmo e a solicitude como base.

4.4 O Altruísmo como Base do Utilitarismo

Mas a mulher, misto de fraqueza e força, predestinada a exercer, pelo amor, a mais poderosa influência sobre o desenvolvimento da humanidade, nunca deverá renegar sua nobre e generosa natureza, pretendendo a lisonja da sociedade, à qual ela sabe, **sem nada esperar, tudo doar, por intermédio de suas boas inspirações** (FLORESTA, 1998, p. 79, grifo nosso).

Para que as mulheres fossem verdadeiramente úteis, elas deveriam ser **treinadas para serem altruístas**. Para combaterem os males da civilização, bastaria uma sólida educação, baseada no espírito de família. Floresta acreditava também que “a via doméstica pela mão da mulher seria a fonte positiva de toda moral e sociabilidade; por essa ligação natural a humanidade emergiria do egoísmo para o altruísmo, liberando-se da pura personalidade, para atingir a sociabilização” (PINHEIRO, 2005, p. 84). A mulher deveria ser educada não apenas para si, mas para a humanidade. Duarte (2002, p.74) destacou que o positivismo: “à primeira vista, tratava-se de uma filosofia que iria garantir a verdadeira promoção social para o gênero feminino. *As promessas vislumbravam a completa reforma social através da educação e da instalação de uma mentalidade sob inspiração altruísta*” e *Viver para outrem é o principal lema da Religião positiva, que prega o altruísmo como a maior das virtudes*”. Comte teria se apropriado ao termo “altruísmo”, para opor a “egoísmo” (DUARTE, 2002, p. 78) que garantiria uma sociedade pacífica e industrial. Nela, as mulheres teriam direito à cultura, condições para a emancipação e a dignidade, de uma bandeira importante dos primeiros discursos feministas. O “viver para outras pessoas” esta presente no ideário de feminilidade nisiano. Lagarde y de los Ríos (2005) problematizou “la dependencia vital de las mujeres”. Floresta educava sua filha e as outras meninas para serem dependentes, na medida que viveriam para servir os outros. Citamos Lagarde y de los Ríos (2005, p. 249):

La dependencia vital de las mujeres se plasma en los otros: ellas viven por y para los otros en una relación asimétrica, ya que los otros-personas solo viven con ellas. Para ellas los otros son el núcleo del sentido de la vida, y el limite de su existencia personal y genérica: en los otros se dirime la completud de las mujeres.

O altruísmo foi condenado por Nietzsche, pois ele acreditava que esse valor estava fundado no ressentimento, num movimento de autodesvalorização do ser humano. Feministas seguiram essa lógica “nietzscheana” e analisaram o social fazendo a crítica à servidão das mulheres e a constante dedicação delas em seus “cativeiros”.

Em Floresta, encontramos a necessidade das mulheres estudarem e terem acesso às ciências, para então, tornarem-se virtuosas, visto que as mulheres deveriam seguir, na filosofia de educação nisiana, todas as virtudes da mulher cristã. Comte e Floresta concebiam uma predisposição natural da mulher, que a colocava

como apta a conduzir virtuosamente a humanidade. A principal característica da mulher, conforme a filosofia positiva de Comte e a filosofia de educação nisiana, era o altruísmo. A caridade era, assim, ressaltada como oposição ao egoísmo na filosofia de educação nisiana. A mulher demonstrava ser virtuosa por *viver para outrem*. Desse modo, a moral exigia um esforço de si mesmo em favor dos outros.

O “sexo afetivo”, para Comte, era o responsável pela providência moral de nossa espécie e a família, a “base normal da sociedade” (COMTE, 1996a, p. 110), ou seja, a mulher era no positivismo a responsável por instituir a moral. Obediência e hierarquia eram os princípios que seguiam a lógica de Comte. Havia uma relação entre o papel da mulher e a educação dos operários, numa perspectiva “sacerdotal” tão ao gosto do mestre francês. Afinal, ambos deveriam obedecer. A dedicação com o outro, e a preocupação com o bem comum deveria estar acima do próprio desejo e preocupação consigo mesmo. Deveria haver o predomínio dos sentimentos sociais frente aos desejos individuais. A satisfação dos desejos pessoais deveria estar subordinada aos sentimentos sociais. Mulheres e operários contribuiriam para com a humanidade, calando-se, contendo-se, sendo submissas, controlando seus impulsos e vivendo para os outros!

4.5 O Cientificismo Comteano e a Inaptidão das Meninas ao Estudo de Ciências na Educação Nisiana

É um grande absurdo pretender que as ciências são inúteis às mulheres, pela razão de que elas são excluídas dos cargos públicos, único fim a que os homens se aplicam. A virtude e a felicidade são tão indispensáveis na vida privada, como na pública, e a ciência é um meio necessário para se alcançar uma e outra. ‘Entretanto, não será difícil provar que **o conhecimento de nós mesmas e de outras coisas é absolutamente necessário para aumentar-nos a persuasão de nossas obrigações morais**’ (FLORESTA, 1989, p. 51, grifo nosso).

O que Floresta entendia como ciência? No excerto acima, fica claro que as mulheres deveriam ter acesso ao conhecimento para aumentar o seu poder de persuasão moral. Vimos que não há ciência em suas disciplinas e ela assim denominou alguns conhecimentos básicos que as meninas deveriam ter para quando se tornassem “matronas esclarecidas”, influenciando moralmente os outros

no ambiente doméstico. De qual ciência Floresta estava se referindo ao dizer que as meninas deveriam também ter acesso a ela para realizarem concursos? A sociocracia de Comte estava baseada na ciência; e a filosofia de educação nisiana, na moral cristã. Então, como considerá-la uma cientificista? Se além do que mostramos, “de certa forma, a ciência seria o discurso substituto do dogma religioso, baseando-se no mesmo sistema de crenças, onde os pressupostos axiomáticos substituem os dogmas, onde a autoridade do cientista supera a do sacerdote” (NAVARRO-SWAIN, 2011, p. 3)? Harding (1996, p. 217) conclui que:

Cuando empezamos a teorizar nuestras experiencias durante el segundo movimiento de la mujer [referindo-se a segunda onda feminista][...], sabíamos que nuestro tarea sería difícil aunque estimulante. Pero dudo que ni en nuestros sueños más disparatados hubiésemos imaginado que tendríamos que reinventar la ciencia y la misma teorización para dar sentido a la experiencia social de las mujeres.

Sendo assim, a produção científica a partir da experiência feminina é algo relativamente novo. De que maneira Floresta incorporou isso no contexto social da época? No cotidiano das escolas que fundou, as meninas eram menos “aptas” ao uso de ciências? Notamos que Floresta percebia a ciência como o dever das mulheres em ser virtuosas e assim influenciarem a humanidade, pois a educação proposta por ela era a moral, não científica. Ela deixou claro que era, pela ciência, que se conseguia a exatidão do pensamento, a pureza da expressão, a justeza das ações. **Virtude e felicidade eram sinônimos de ciência.** Mas, Floresta (1997c) evidencia o seu amor que tinha pela ciência e o empirismo ao narrar em *Um passeio no Jardim de Luxemburgo* que “aquele passeante” que estava longe das nativas praias, tinha “crenças virgens”, visto que “ele” até então tinha preferido a “reflexão de gabinete” do que o “contato com o mundo” (FLORESTA, 1997c, p. 195). Mas se as meninas não estudavam ciências no currículo da escolas que Floresta fundou, tal fato contradiz a ideia de que as mulheres eram próprias para as ciências.

Comte considerava cinco ciências como fundamentais em sua filosofia positiva: Astronomia, Física, Química, Biologia e Sociologia, e a Matemática como a base para todas as ciências. Para ele a ciência, precisava haver o domínio do homem sobre a natureza. Floresta (1989, p. 79) considerou que não havia ciência, nem cargo público, que as mulheres não fossem “naturalmente próprias a preenchê-los tanto como os homens”. As mulheres precisavam aprender a discernir o bem e o

mal. Ela acreditava que as pessoas deveriam conhecer a si mesmas e ao mundo ao seu redor, no entanto o que ela propôs para as meninas foi um conjunto de regras de conduta e de hábitos que as tornariam “dignas mães”. A suposta “ciência” que ensinaria a menina a ser uma “matrona esclarecida” era baseada nos princípios éticos, que norteiam a boa conduta das meninas. Floresta (1989, p.50) afirmou:

Com efeito, a principal razão que se apresenta de que tantas pessoas se deixam arrastar pelo vício e pelo desleixo com tanta precipitação, ou de que praticam a virtude com tanta indolência, é porque não se conhecem bem a si mesmos, nem aos objetos que os tocam. Ora, como pretender que eles dissipem esta ignorância, senão pelo estudo e ciências?

Se conhecer a si mesmo e conhecer os objetos que tocamos era importante na filosofia de educação nisiana, porque não tinha a disciplina de ciência no currículo escolar das escolas que ela fundou? O *etos* feminino era trabalhado na filosofia de educação nisiana, ditado às meninas, através de conselhos e máximas como as meninas deveriam ser, o seu temperamento e como deveriam se comportar emocionalmente e/ou na conduta moral. Floresta (1989, p. 52, grifo nosso) acreditava que seria, através da ciência, que:

[...] se consegue a exatidão do pensamento, a pureza da expressão, a justeza das ações; sem ela não se pode jamais ter um verdadeiro conhecimento de si mesmo; é ela que nos põe em estado de distinguir o bem do mal, o verdadeiro do falso; é ela que nos torna capazes de regular nossas paixões, mostrando-nos que **a verdadeira felicidade e virtude consiste em restringir nossos desejos, do que em aumentar o que possuímos.**

Ela analisava os lugares que andava e apontava suas características, descrevia como viviam as pessoas, como pensavam e se comportavam. Ao ver que Floresta realizou um estudo de campo e, a partir do conjunto das impressões, tendo feito abstrações e teorizado a respeito, para Duarte (2010, p. 70):

O fato de Nísia Floresta ter realizado um estudo de campo e a partir do conjunto de impressões recebidas fazer uma abstração e ainda teorizar a respeito poderia talvez sugerir uma aproximação entre sua atitude ‘científica’ com a corrente filosófica e religiosa positivista, que valorizava o conhecimento racional fundado na observação e na experiência. Mas, essa aproximação deve ficar reduzida apenas à atitude empírica da pesquisadora [...].

Comte visava à reconstrução intelectual, política, econômica e moral da sociedade, e ela também assim idealizou. Ele defendeu a ideia de que a ciência colocaria ordem no caos provocado pelas revoluções, e Floresta acreditava que a educação traria as boas novas, que a ciência deveria ser acessível a todas as pessoas. A posição política de Comte indicava modalidades científicas e método experimental que conduziria a ordem.

Floresta (1989) questionava a exclusão das mulheres na ciência: “Por que a ciência nos é inútil? Por que somos excluídas dos cargos públicos? Porque não temos ciência” (FLORESTA, 1989, p. 50). Contraditoriamente, Floresta fez essa crítica, mas priorizava o ensino moral das meninas. A sua argumentação não merece credibilidade, visto que elas eram educadas para serem “matronas esclarecidas” e não para ocuparem cargos públicos. E, para isso, não requer conhecimento científico. Floresta (1989, p. 53) acreditava que “para refutar este extravagante modo de pensar, seria preciso destruir os fundamentos sobre que está baseado”. Trata-se de uma reforma moral apenas, e não significa que as mulheres deveriam ter acesso a produção e ao conhecimento científico. Floresta entendia, por ciência, *o acesso das meninas à educação baseada numa austera moral*. Assim elas seriam virtuosas e serviriam para a sociedade, conduzindo à ordem.

As meninas deveriam aprender a “pureza da expressão” e a “justeza das ações”, pois seria com esse conhecimento que as meninas alcançariam a exatidão do pensamento e teriam o que ela chamou de “verdadeiro conhecimento de si mesmo” (FLORESTA, 1989, p. 52). Com uma educação moral as meninas saberiam distinguir o que seria correto e o que era errado na sociedade da época.

O conhecimento moral era oferecido nas escolas dela e “os outros” conhecimentos, como ela mesma chamou eram secundários. Com esse conhecimento, as meninas conseguiriam influenciar moralmente, persuadir e assim cumprir com a sua obrigação, que era estritamente moral. Ela escreveu se as mulheres são naturalmente capazes de ensinar as ciências ou não, no capítulo V, da obra *Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens*. Ela criticou os sistemas das escolas, que para ela, muitas vezes são inúteis, também demonstrou que não acreditava que os filósofos seriam as pessoas ideais a conduzirem as coisas. Ela acreditou que as observações que as mulheres faziam, em sua prática, eram mais exatas e apoiadas em razões sólidas. Floresta (1989, p. 70-71) afirmou:

Eu duvido que o nosso sexo quisesse passar tantos anos tão inutilmente, como fazem esses homens que se apelidam Filósofos; se quisesse aplicar-se ao estudo da Natureza, estou persuadida que acharíamos um caminho mais breve para chegarmos a esse fim. Não faríamos, como certos homens, que empregam anos inteiros e algumas vezes mesmo toda sua vida, a raciocinar sobre entes de razão e bagatelas imaginárias, que só existem em seus próprios cérebros. Nós acharíamos meios de empregar utilmente nossas indagações [...] Jamais imaginaríamos raciocinar sobre nossas próprias hipóteses quiméricas e de encher um volume para responder às impossibilidades, como se poderíamos lançar uma pedra até a visão beática [...] (FLORESTA, 1989, p. 70-71).

Floresta demonstrou ambiguidade, na medida em que mostrava na ciência e na filosofia estratégias para reorganizar a sociedade. Mas o lugar das mulheres era o mesmo. Não havia necessidade de proporcionar às mulheres o acesso às ciências, e sim, ao conhecimento moral. O direito de estudar não era sinônimo de acesso à ciência. O acesso das meninas à educação seria a solução para a desigualdade entre os sexos. E para modificar essa situação seria preciso destruir os fundamentos preconceituosos existentes na sociedade referente às mulheres. Sendo a moral, o conhecimento que as meninas deveriam se debruçar. Na obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, no capítulo II intitulado “Se as mulheres são inferiores ou não aos homens, quanto ao entendimento”, Floresta (1989, p. 50) afirmou que “o conhecimento de nós mesmas e de outras muitas coisas é absolutamente necessário para aumentar-nos a persuasão de nossas obrigações morais”. A virtude e a felicidade eram o fim último da filosofia de educação nisiana.

A concepção teórica metafísica era chamada de “abstrata” por Comte. Comte se propôs aplicar o “dogma geral da invariabilidade das leis físicas” à teoria social, “como um meio de libertá-la da teologia e da metafísica, emprestando-lhe a situação de uma ciência” (MARCUSE, 1978, p. 312). A metafísica era uma concepção transitória na filosofia positiva de Comte e se houvesse uma “evolução” no pensamento de Floresta, seu pensamento estaria de acordo com a concepção positivista, que por sua vez seria real, positiva e definitiva. “O repúdio positivista da metafísica foi, assim, associado ao repúdio da exigência do homem de alterar e reorganizar suas instituições sociais de acordo com sua vontade racional” (MARCUSE, 1978, p. 312). A concepção positiva difere segundo Comte (1996a), pela sua substituição característica do relativo ao absoluto, quando o estudo das leis toma o lugar da pesquisa das causas. Vejamos Marcuse (1978, p. 310):

Comte resume, como se segue, o contraste entre a teoria positivista e a teoria filosófica: a sociologia positiva deve se ocupar com a investigação dos fatos, em vez de se ocupar com ilusões transcendentais; com conhecimento utilizável, em vez da contemplação ociosa; com a certeza, em vez da dúvida e da indecisão; com a organização, em lugar da negação e da destruição. Em todos esses casos, a nova sociologia deve ligar-se aos fatos da ordem social vigente e, embora não rejeite a necessidade de correção e aperfeiçoamento, exclui qualquer movimento para superar ou negar esta ordem. Em consequência, o interesse conceitual da sociologia positiva é ser apologética e justificativa.

Comte acreditava que apenas a sua filosofia positiva era absoluta e descartava a metafísica sem discutir suas conceituações básicas. A passagem da mentalidade metafísica à positiva era estabelecida num momento certo, de tal forma que o estatuto de uma ciência positiva seria definitivamente fixado. Novas hipóteses ou novas estruturas eram consideradas equívocos que se desviariam do ponto de vista decretado pela ciência ou ilusões metafísicas sem sustentação científica. No estado teológico, ou fictício, procurava-se explicar os fatos através de ideias sobrenaturais; já no metafísico ou abstrato, continuam as ideias abstratas e somente no estado positivo, ou científico tudo é baseado nas observações dos fatos.

‘A filosofia positiva’ é, em última análise, uma contradição in adjecto. Ela se refere à síntese de todo conhecimento empírico ordenado em um sistema de progresso harmonioso, seguindo um curso inexorável. Toda a oposição às realidades sociais é subtraída à discussão filosófica (MARCUSE, 1978, p. 309).

Sendo assim, Floresta era metafísica porque acreditava em forças abstratas. Além disso, era vista como uma revolucionária, também abolicionista, indianista, republicana, e tinha ideias que chocavam algumas pessoas de seu tempo. Na filosofia positiva de Comte, “o ‘espírito revolucionário’ tinha que ser transformado pela difusão de um outro ensinamento, a saber, que a sociedade possui uma ordem natural imutável a qual o homem deve ser submisso” (MARCUSE, 1978, p. 313). Ou seja, o sentimento revolucionário era abafado pelo seu catecismo moralista e mantinha a sociedade estratificada e hierarquizada em todos os setores, inclusive na ciência. No entanto, Floresta (1989, p. 90 grifo nosso) fez a crítica em relação ao acesso das mulheres às ciências:

[...] os homens nos têm inteiramente privado de todas as vantagens da educação e, por este meio, têm contribuído tanto quanto lhes é possível a fazer-nos criaturas destituídas de senso, tais quais eles nos têm figurado. Assim, faltas de educação, somos entregues a

todas as extravagâncias porque **nos tornamos desprezíveis; temos atraído sobre nós seus maus tratamentos por faltas de que eles têm sido os autores, tirando-nos os meios de evitá-las.**

A educação seria um meio para coibir os maus tratos com as mulheres. Mas as meninas são desacreditadas na filosofia de educação nisiana. Na concepção nisiana, as mulheres deveriam ter acesso ao conhecimento, mas mesmo que ela chamava de ciência esse conhecimento, não podemos considerá-lo assim, pois tratava-se de um conhecimento moral. Mesmo que Floresta tente buscar a origem dos fatos que observa, ela não faz ciência com isso e não ensina as meninas a pensarem cientificamente. Além disso, se as meninas deveriam reprimir a sua espontaneidade, como produziram ciência? As meninas para quem Floresta pensou a sua filosofia de educação não poderiam escolher aquilo que tinha a ver com sua capacidade de fazer, elas não avançariam na escolaridade, e o objetivo final de sua escolaridade era para aturarem no espaço doméstico, trabalhando no lar, ensinando suas filhas a seguirem o seu exemplo.

4.6 A Negação da Revolução: a Ordem É Impedir a Mudança Social e Obter o Progresso!

Não foi em nossa época, e sim na metade do século XIX, que se cunhou a expressão 'revolução permanente' ou, de forma ainda mais significativa, *révolution en permanence* (Proudhon), e com ela surgiu também a noção de que 'nunca houve várias revoluções, pois há apenas uma revolução, a mesma e perpétua'. [...] No entanto, o nó da questão é que todos os que seguiram os passos da Revolução Francesa ao longo de todo o século XIX e pelo século XX adentro consideravam-se não meros sucessores dos homens da Revolução Francesa, e sim como agentes da história e da necessidade histórica, com a consequência óbvia, mas paradoxal, de que a principal categoria do pensamento político e revolucionário deixou de ser a liberdade e passou a ser a necessidade (ARENDDT, 2011, p. 82-85).

Observamos algumas palavras que foram utilizadas por Floresta, na obra *Opúsculo Humanitário*, quando ela propôs a mudança na educação brasileira, ou melhor, a reforma na educação da mulher brasileira. Foram repetidamente utilizadas as palavras "radicalmente", "enérgico" e "revolucionar". Mas de qual revolução Floresta se referia? Vimos que Floresta, no que diz respeito a sua vida foi uma revolucionária, mas não desejava uma revolução no âmbito educacional, pois sua

filosofia de educação era de cunho moral e ela propõe um papel subalterno à mulher. Denunciava velhos hábitos e desejava novos costumes; mostrava antigos métodos e propunha uma educação em que a família e as instituições de ensino seriam responsáveis. Os pais deveriam ser os primeiros a inspirar os bons princípios e se esses não fossem capazes, daí sim os mestres - que deveriam ser bem diferentes da maioria daqueles de seu tempo - os inspirariam.

Para Comte, a filosofia positiva era considerada a única base sólida da reorganização social, essa filosofia não considerava os positivistas democratas nem aristocratas. Ele evidenciou uma “revolução geral do espírito humano”, que já estava quase inteiramente realizada, e que os estudos dos fenômenos sociais iriam contemplá-la e restabeleceria a ordem na sociedade, mas tinha pavor de revoluções, era totalmente contra revoluções – Comte (1996a, p. 99) criticou Voltaire e Rousseau, chamando de “seitas superficiais e imorais” as suas ideias, ver prefácio do “Catecismo Positivista”. Nas suas obras, Floresta não se posicionava de maneira revolucionária. Essa era uma das questões que demonstrava seu “conservadorismo”, analisado pela pesquisadora Duarte (1989) e que Pallares-Burke (1996, p. 187) também salientaram, apontando a “moderação com que criticava o patriarcalismo e a aceitação, ainda que, com nuances, da diferenciação entre papéis sociais masculinos e femininos testemunhavam seu intuito mais harmonizador”. Ao denunciar os problemas sociais de seu tempo e mostrar a necessidade de uma reforma na educação brasileira, ela destacava a necessidade de se fazer uma “revolução”, mas que revolução era essa que se propõe um papel subalterno à mulher? Tratava-se de uma “revolução” dos costumes, pois para Floresta, jamais o Brasil se desenvolveria, e se destacaria se o povo não saísse dessa inércia. Vejamos um trecho da obra *A Mulher*:

Quando a sociedade for bem ordenada, a mãe será o único **diretor** e o único mestre dos próprios filhos, até a idade em que a razão deles mostre-se formada. Enquanto não se efetuar este lento e geral **ordenamento**, ponde-vos à obra com coragem, perseverança e modéstia no santuário da família, onde sereis o primeiro e digno sacerdote, **tendo o coração por altar e a moral por sacrifício** (FLORESTA, 1997, p. 143, grifo nosso).

As ideias de Floresta e de Comte se ancoravam no culto reinante da domesticidade. As mulheres deviam servir aos homens; não deviam trabalhar e

possuir propriedade ou participar da vida política. Nota-se então que essa ideia estava longe de ser revolucionária. Para Comte, a Revolução estabelecia desordem social e institucional, ela dominava o período em que nasceu a filosofia positiva e o que ele desejava era estabelecer a ordem. Comte e Floresta não almejavam “tirar as coisas do lugar”. Como destacou Marcuse (1978, p. 321):

[...] não há lugar, neste esquema, para os esforços revolucionários com vistas a uma nova ordem social. Tais esforços podem ser dispensados. ‘A procura inútil de um governo melhor’ não é necessária, porque cada forma de governo estabelecida tem um, direito relativo, direito que só pode ser discutido por aqueles que se colocam do ponto de vista absoluto [...]. O relativismo de Comte leva, pois à ‘teoria positiva da autoridade’.

A filosofia positiva de Comte não era revolucionária, bem pelo contrário, “propõe o arcabouço geral de uma teoria que serve para neutralizar aquelas tendências ‘negativas’ do racionalismo” (MARCUSE, 1978, p. 311). As “tendências negativas” eram a metafísica e o desejo do ser humano de alterar e reorganizar as instituições sociais e a própria sociedade a partir de uma ideia de direitos humanos. Na filosofia positiva, não havia a noção de direitos humanos, pois a sociedade era naturalmente estratificada. Tratava-se de “um sistema religioso com um culto requintado de nomes, símbolos e sinais”, o próprio Comte expusera uma “teoria positiva da autoridade” e “se tornara o líder ditatorial de uma seita de cegos adeptos” (MARCUSE, 1978, p. 311). A filosofia positiva de Comte vem a ser, como destacou Marcuse (1978, p. 311) “uma defesa ideológica da sociedade de classe média e, mais ainda, abriga as sementes de uma justificação filosófica do autoritarismo”.

O pânico provocado pela Revolução era experimentado por todos os contemporâneos de Comte e se tornou o motivo do movimento ultraconservador que se levantava contra a Revolução Francesa. A filosofia Comteana almejava destruir os acontecimentos revolucionários. A sua proposta atingiu não só o campo filosófico como também o social e o político. A ideia estabelecida por Comte propunha a organização, hierarquização, subordinação e o progresso. A tendência à classificação exemplificava seu fascínio pela ordem. A sociedade era composta em “classes”, seguindo relações hierárquicas: classe industrial, proletária, feminina e sacerdotal. Através da sociologia, a história era exposta em fases num quadro marcado pelo equilíbrio estável, com a eliminação da inquietude e do movimento.

Dessa maneira, a ideia de ordem articulava o arcabouço de um dogmatismo geral que previnha contra as variações, tanto no pensamento como da história. O homem estava vinculado à História como um bloco sólido, sendo suas épocas determinadas de modo permanente.

Se a filosofia positiva proposta por Comte era autoritária, “estática”, que propôs uma ordem na sociedade e não uma revolução, que estabeleceu uma verdadeira aristocracia, as aproximações de Floresta com ela nos mostram que seu ideário não era diferente. Sabemos que Comte acreditava que era preciso uma mudança de hábitos, bem como Floresta escreveu no *Opúsculo Humanitário*. Para Comte, seria preciso fornecer aos homens novos hábitos de pensar de acordo com o seu tempo. Comte tinha como objetivo desse curso criar a física social, uma nova organização social. “Comte está orientado para a ciência física e para as leis necessárias que governam toda a realidade” (MARCUSE, 1978, p. 296). Em Comte, os proletários e as mulheres constituem os auxiliares essenciais de sua doutrina, embora ela fosse destinada a todas as classes. Ele acentua a necessidade de uma revolução moral, deslocando os problemas da sociedade da órbita do econômico e o político para o âmbito da moral, defendendo, como caminho para a reorganização necessária da sociedade, não mudanças nas instituições, mas, sim, alterações nos costumes e nas opiniões, da mesma maneira que encontramos nas obras de Floresta e na sua filosofia de educação. A importância da regeneração moral é explicitada por Comte (1973, p. 114, grifo nosso):

Nossa filosofia torna-se plenamente conforme ao espírito feminino, rematando a escala enciclopédica com a moral, que, como ciência e como arte, constitui necessariamente o estudo mais importante e mais difícil, resumindo e dominando todos os outros [...] **o culto feminino erige o sexo afetivo como providência moral de nossa espécie [...] Sistematizando a família, como base normal da sociedade, o regime correspondente faz dignamente prevalecer naquela influência feminina, transformada, enfim, em supremo árbitro privado da educação universal [...] sob a santa reação da revolução feminina, a revolução proletária purificar-se-á espontaneamente das disposições subversivas que até aqui a têm neutralizado. O sexo afetivo, tendendo a fazer justamente prevalecer por toda parte a influência moral, reprová especialmente as brutalidades coletivas**, e ainda suporta menos o jugo do número que o da riqueza.

Como destacou Corsetti (1995), o problema social não era passível de solução por uma reforma econômica, mas apenas por meio de uma reforma moral,

que transformaria os costumes e as crenças. A solução era, portanto, religiosa, já que, na concepção comteana, a reforma moral era apenas um subproduto de uma regeneração espiritual, tarefa de uma nova religião, entendida como um organismo capaz de criar novas crenças e de ritualizar os comportamentos cotidianos sob a direção de um sacerdócio esclarecido e filantrópico.

Destacamos algumas reflexões de Herbert Marcuse, quando analisou em *Razão e Revolução* o positivismo de Auguste Comte. Para Marcuse (1978), o positivismo Comteano tomou uma forma bem diferente do positivismo que estava tendo até então, pois antes de Comte, as doutrinas procuravam criticar as formas sociais dominantes, essas visavam à transformação, e não de estabilização. O que era “positivo” para Comte, os fatos comuns da observação. Comte estava orientado para a ciência física e para as leis necessárias que governavam toda a realidade e ele lutava contra a forma francesa da filosofia negativa, contra a herança de Descartes e do Iluminismo, sendo a filosofia positiva vista como a salvação ideológica. Para Marcuse (1978, p. 298):

[...] a filosofia positiva estudava as realidades sociais segundo os modelos da natureza e sob o aspecto da necessidade objetiva. A independência dos fatos comuns devia ser preservada e o raciocínio devia ser dirigido pela aceitação do dado. Desta maneira, a filosofia positiva visava a neutralizar o processo crítico implicado na ‘negação’ filosófica do dado, e a restituir aos fatos a dignidade do positivo.

Para Marcuse (1978, p.309), “a filosofia positiva é, em última análise, uma contradição in adjecto. Ela se referiu à síntese de todo conhecimento empírico ordenado em um sistema de progresso harmonioso, seguindo um curso inexorável”. A sociedade positiva deveria se ocupar com a investigação dos fatos, com conhecimento utilizável, em vez de uma contemplação ociosa, com a certeza e a organização. Marcuse (1978) diz que Comte acreditou que a nova sociologia deveria ligar-se aos fatos da ordem social vigente e, embora não rejeitasse a necessidade de correção e aperfeiçoamento, excluía qualquer movimento para superar ou negar esta ordem. Marcuse (1978, p. 310) destaca:

No começo da filosofia moderna, e novamente no século dezoito, o positivismo foi militante e revolucionário [...]. A abordagem positivista da história desenvolve-se pois como uma prova positiva de que o direito do homem a alterar as formas sociais e políticas de vida

estava conforme à natureza e ao progresso da razão. Ainda uma vez o princípio.

Essas leis poderiam ser modificadas, mas a Revolução não era necessária em Comte. Assim, não havia necessidade de estabelecer uma nova ordem. Vejamos a explicação de Marcuse (1978, p.315):

Não que elas [as leis] excluíssem a necessidade de reforma e de mudança- ao contrário, a ideia de progresso avulta na sociologia de Comte – mas as leis do progresso são parte do mecanismo da ordem estabelecida, de como que esta progride suavemente para um estado mais alto, sem ter de começar por ser destruída.

A primeira condição essencial da educação positiva, intelectual e moral necessitavam de uma reorganização social, que precisava de um “surto moral” para ter um progresso intelectual. Para Corsetti (1998, p. 108-109)⁸⁷:

Comte contrapôs-se à ortodoxia liberal, defendendo uma forma de capitalismo no qual o Estado exercesse uma função condutora e vigilantes dos rumos do desenvolvimento econômico, bem como integradora das classes sociais com a eliminação dos antagonismos. Desses princípios derivou o seu caráter ético e neutro, necessário para que representasse o conjunto da sociedade e pudesse agir acima e além dos interesses específicos dos indivíduos, dos grupos e das classes. Esse Estado moderno, para tanto, seria republicano, presidencialista e ditatorial, realizaria a incorporação do proletariado à sociedade e promoveria a industrialização.

Comte “concebia a Revolução como um processo ainda aberto que era preciso levar a termo fazendo eclodir as potencialidades positivas” (LARIZZA, 1999, p. 51). Comte vira na República a síntese de todos os aspectos do processo revolucionário, de seus conteúdos críticos e negativos assim como de suas potencialidades positivas. A República era o estandarte de um mundo em que o poder encontraria seus fundamentos nas leis da História, ao invés de prevalecer-se de uma legitimação transcendente; um mundo em que a política iria ao encontro da ética graças à abolição do privilégio, da corrupção e dos egoísmos de outrora; um mundo, enfim, em que triunfaria o princípio da dedicação permanente de todas as energias individuais ao serviço da comunidade A República romperia com o velho mundo. Comte “estava convencido de que aquele ato fortalecia nos espíritos o

87 Parafraseando TARGA, Luiz Roberto, Gaúchos e Paulistas: dez escritos de história regional comparada. p.85-89; TAMBARA, Elomar, Positivismo e Educação. p. 95-96; GIOLO, Jaime, Estado, Igreja e Educação no RS da Primeira República. p. 230.

sentimento do fim irreversível da antiga ordem teológico-feudal e veiculava a percepção das linhas de força em torno das quais estava organizada a modernidade (LARIZZA, 1999, p. 53). A República era o símbolo do sentimento social. Destacamos Larizza (1999, p. 55):

A República que Comte teorizava para o mundo moderno renegava decerto qualquer vínculo com a tradição antiga do ponto de vista do modelo socioeconômico [...] através de uma concepção da virtude compreendida com repressão constante das pulsões egoístas, em prol do bem superior da comunidade, estava ligada à herança ideal do republicanismo clássico. Assim concebida, a República era antes de tudo uma ética, uma fé, muitas vezes próxima, por seu ardor, da fé religiosa, vide da exaltação mística.

Dessa forma, seria a República portadora de esperança e regeneração, capaz de provocar uma reforma social. Frente a esse contexto, o positivismo era o modelo político propício para aquele momento histórico. A República de 1848 representou, para Comte, um momento de repensar e reorganizar a partir do sistema orgânico.

Comte, no entanto, queria que os operários abandonassem o socialismo e aderissem ao positivismo. Segundo ele, visto a maioria dos cidadãos franceses aspirar à propriedade privada, o socialismo não tinha futuro na França. No entanto, insistiu em que o capitalismo era um sistema fundamentado no interesse pessoal do homem e que a propriedade deveria ser controlada. Chamou então o positivismo de 'socialismo sistemático' (PICKERING, 1999, p. 64, grifo nosso).

A aproximação de Comte com os operários tinha o propósito de tornar esses seguidores de sua religião. Como os proletários haviam obtido direito de associação, Comte percebeu o potencial dessa massa de trabalhadores. Assim:

Assumindo a causa dos operários durante a Revolução de 1848, Comte apoiou seus esforços para estabelecer uma república. Depois de absorver o discurso revolucionário que se desenvolvera após o decepcionante resultado da sublevação de 1830, Comte afirmou que o proletariado, como maior classe social, tinha mais interesse do que qualquer outro grupo no bem-estar da sociedade como um todo. Em contraste com a burguesia, **os operários eram generosos e indiferentes ao dinheiro e à sua própria importância** (PICKERING, 1999, p. 59, grifo nosso).

Tanto os operários quanto as mulheres, tinham características que eram importantes para a hierarquia e a ordem social. Ambos deveriam ser doutrinados para terem generosidade e não se apegarem as coisas materiais, como o dinheiro, pois isso não pertencia a eles. A educação moral deveria ensinar a abnegação, para que cada um se coloque no seu lugar na sociedade estratificada. Na República positiva, as mulheres teriam a responsabilidade de tornar os homens mais sentimentais e mais completos. Comte usava a mulher para atingir seus fins políticos. Dessa forma, ele a colocava como um sujeito útil para melhorar outra pessoa. O pensamento Comteano acerca das mulheres, mesmo que tenha avançado depois de sua convivência com Clotilde de Vaux não tirou as mulheres da esfera privada. Por mais que ele se esforçasse, analisando ações de mulheres que lutavam contra a escravidão, pela educação e no movimento feminista e sufragista, Comte continuou dando utilidades servis para as mulheres.

As desigualdades sociais eram, para Comte, inevitáveis, e para Floresta era preciso modificar a sociedade, que já era tão desigual. As desigualdades a incomodava e sendo assim, Floresta se posicionou em favor das mulheres e negros. Seguindo a concepção paternal de autoridade, as meninas se tornariam mulheres obedientes e virtuosas, que não causariam nenhuma revolução, mas apenas conservariam a ordem familiar e a harmonia social, visando ao progresso. Vejamos Floresta (1997, p. 123, grifo nosso):

Os homens, em sua ambição de granjear todo deleite material, sempre cegaram-se a respeito do proveito real que podem obter dessa importante parte da humanidade [as mulheres], tratada pela maioria deles como se fosse feita para servir de vazão aos seus prazeres e aos seus caprichos. Tudo fizeram dela até agora, a não ser, **o centro comum, de onde devem emanar todas as boas inspirações, todos os amáveis e prudentes conselhos para ajudá-los no caminho difícil da vida em direção á universal conquista do progresso verdadeiro.**

Para Floresta, o progresso de uma sociedade dependia da educação que seria oferecida às mulheres. As meninas deveriam ser educadas para a família e para a humanidade. No texto *A Mulher*, ela deixou claro que em meio àquela sociedade (Paris), tão charmosa e repleta de felizes progressistas, havia gemido de dores, ainda ignorados. Vejamos Floresta (1997, p. 105, grifo nosso):

Aquela multidão de meninos repudiados pelo seio materno e condenados a definhar em meio a privações, oferecia-se-me em lúridas cores, como uma maldição universal sobre **os progressos de uma mal organizada sociedade, que se gaba de seus modernos triunfos e destrói de tal modo os alicerces das mais sagradas leis da natureza!**

Com essa passagem, percebemos a sua crítica em relação ao progresso, quando esse vem acompanhado de descaso e desrespeito com relação à cultura e costumes. Aqui Floresta se referia à situação das mulheres, amas de leite e ao fato de elas, querendo ser “modernas”, não valorizarem o ato de amamentar. Roberto Seidl (1933) foi o primeiro a mostrar que ela apontou o verdadeiro papel da mulher nos destinos dos povos, como a educadora dos homens, como fator consciente do desenvolvimento progressivo das coletividades. Ao escrever sobre educação e instrução, fez a crítica em relação às pessoas que acreditavam que grande progresso estava tendo na educação no Brasil. Ela não via o progresso, que era referenciado por alguns, pelo contrário, ela percebia o desprezo da mocidade pelas coisas mais respeitáveis, como a educação. Floresta criticou os bailes da época e o deslumbramento do povo com relação aos bailes, pois enquanto as meninas estavam no interior das províncias, “condenadas ainda à sorte de suas mães sob o regime colonial”, os “apologistas do progresso” se deslumbravam com a corte. Assim, perante a realidade da educação primária, ela não estava satisfeita com a “marcha progressiva da nossa civilização”, pois no que diz respeito à educação não estávamos evoluindo. Percebemos em Floresta (1989, p. 86-87):

Não somente os que pertencem ao sexo são em muito menor número, mas também não oferecem geralmente um estudo regular do ensino secundário, ensino vedado ainda hoje [1853] às nossas meninas em estabelecimento público. E, nos particulares, nenhuma aula existe de alguns dos ramos das ciências naturais, cujo estudo tão agradável e útil seria às mulheres que nascem, vivem e sentem no meio da nossa rica natureza tropical.

Ela criticou o governo a partir de 1831, quando Dom Pedro I abdicou à coroa imperial brasileira. Floresta (1989, p.76) afirmou que “é, pois, sob esse governo que devemos criticar os progressos de nossa educação física e moral, quer doméstica quer pública, incluindo nesta a que se ministra nos intitulados, entre nós, colégios particulares”. A noção de progresso em Floresta perpassa pela educação, especialmente a educação das meninas e necessita de uma revolução nos

costumes, que mudaria todo o sistema, pois as pessoas pensariam e agiriam de uma maneira diferente, levando em conta as outras pessoas, que viviam em condições diferentes delas. O progresso na concepção de Floresta estaria focado nos princípios morais e no amor.

A educação da mulher no século XIX tinha que corresponder ao seu tríplice destino, de esposa, irmã e mãe, por isso era preciso estudar o mundo moral, como foi encontrado na filosofia de educação nisiana, pois só assim a sociedade iria progredir. Ela mantinha a ordem das coisas, na medida em que educava as meninas para a manutenção da lógica patriarcal. Floresta (1997, p.149) orientou que a mãe inspirasse um “profundo respeito por tudo aquilo que concerne à ordem”. Enquanto que, na concepção de Comte, “o progresso histórico é um processo natural, e como tal, é governado por leis naturais. Progresso é ordem” (MARCUSE, 1978, p. 319). Floresta (1997, p. 149, grifo nosso) solicitou:

Fazei vossos filhos entenderem, que o homem nunca é grande, senão quando sabe abnegar-se pelo bem dos outros; e que **a verdadeira glória é trabalhar a fim de restabelecer a harmonia, a ordem e a felicidade entre os povos**, e não fazer-se um nome reboante por fatos ilustres e por subterfúgios, à custa da paz das nações ou das lágrimas das famílias. Velai sobretudo por isto; que o egoísmo não se instale naqueles tenros corações [...].

Tanto em Comte quanto em Floresta, “a ordem é a ‘condição fundamental do progresso’ e ‘todo progresso tende, em última instância, a consolidar a ordem” (MARCUSE, 1978, p. 318). Às mães caberiam tornar seus filhos virtuosos, privando-se de tudo e se dedicando apenas aos outros. A mãe era considerada, na filosofia de educação nisiana, como uma figura insígnia. Assumia uma função distintiva, seria a guardiã da humanidade, digna, um símbolo na manutenção do poder patriarcal. Floresta (1997, p. 149) pediu para que as mães ensinassem seus filhos “a ter a devida estima pela mulher, representando-a como vosso exemplo como a fonte e depositária da única felicidade durável nesta vida”. Floresta foi polêmica em alguns de seus textos, ideias e conduta de vida. Não aceitou ficar casada com quem não amava, mas não se posicionou a favor do divórcio. Fundou escolas para meninas em uma época que pouca dedicação se dava a elas; escreveu sobre abolição; direitos das mulheres; defendia os fracos e oprimidos. Assim como Comte, desejou uma mudança nos costumes, para manter a ordem e obter o progresso, a ordem em

Floresta buscava um Brasil mais organizado, ela considerava que o país tinha muito potencial para se destacar na ordem mundial, ou seja, ambos vislumbravam o progresso e, para esse ocorrer, necessitaria uma mudança nos costumes. “Ao imaginar o futuro do seu país, ela idealizava um Brasil progressista, populoso e ativo, como era a Alemanha que estava conhecendo” (DUARTE, 1995, p. 273). A ideia de uma ordem defendida por Comte pode ser encontrada nas “máximas” propostas por Floresta, que nada mais era do que normas (“leis”). Assim, tanto em Comte como em Floresta, a ordem era para impedir a mudança social!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA CONTRIBUIÇÃO NA (RE)CONSTRUÇÃO DA FILOSOFIA DE EDUCAÇÃO NISIANA

Fazer uma tese significa, pois, aprender a pôr ordem nas próprias idéias e ordenar os dados: é uma experiência de trabalho metódico; quer dizer, construir um 'objeto' que, como princípio, possa também servir aos outros (ECO, 2007, p. 5).

No início do curso de doutorado, recebi um texto para ler, como leitura obrigatória, intitulado *Que é uma tese e para que serve*. Esse texto faz parte da obra de Eco (2007). No momento de finalizar o meu trabalho, fui procurá-lo, e ver se estava tudo de acordo com o que o "Mestre" dizia. Em meio a tantas outras tarefas, essa tese foi sendo construída. Encontramos muitos desafios e, entre eles, esteve o fato das fontes de consulta não serem tão acessíveis. Retiramos mais de cem páginas desse trabalho de pesquisa e mesmo assim ficou extenso. Mudamos o quadro metodológico da pesquisa e o fizemos com que ele se adequasse a experiência e ao alcance da pesquisadora em formação. Documentamos, registramos, estabelecemos comparações, analisamos, recolhemos opiniões, viajamos para o Rio Grande do Norte e fizemos uma considerável coleta de toda a bibliografia dela e sobre ela. Organizamos e reconstruímos a Nizia Floresta que nos havia sido apresentada. Agora, sem apologias, mas também sem desmerecimentos, parece que temos uma mulher e não mais uma figura utópica e inigualável. Uma educadora que pensou a educação para as meninas brasileiras no início do século XIX.

Contextualizamos a época de Nizia Floresta, mostramos as condições sociais e políticas que as mulheres tinham para atuar na sociedade e caracterizamos o período da História em que Floresta viveu como um período em que as mulheres submissas aos homens, elas dependiam deles e lhes obedeciam. Mesmo que, em sua obra *Opúsculo Humanitário*, encontramos indícios de reivindicações e críticas referentes à maneira que viviam as mulheres, simultaneamente ela manteve alguns princípios da época. As escolas de Floresta apresentavam características típicas do pensamento predominantemente do século XIX.

As ideias pedagógicas de Nizia Floresta inserem-se nos debates educacionais do início do século XIX no âmbito internacional e, especialmente no

contexto brasileiro. Seus biógrafos seguiram a via da apologética, tenderam a exaltar a figura da “grande educadora” e nós acabamos por contrastar essa ambígua pensadora, apresentando-a como expressão do pensamento conservador, que via a educação das meninas pela via moral e não científica.

Ao questionar *qual é a filosofia de educação que Nizia Floresta defendeu através de suas obras*, vimos que foi uma educação moral, que ressaltava o papel da mulher como “mãe, mulher e esposa”. Constatou-se que a crença no ideário de que a família iria contribuir para o progresso da sociedade brasileira fez com que a sua Filosofia de educação se relacionasse com ideias conservadoras da época, visto que os valores religiosos/cristãos e os valores da religião da humanidade estavam em diálogo. A influência de Auguste Comte na filosofia de educação é inegável, mesmo que ela não tenha se tornado uma positivista. Floresta executa o positivismo através de sua proposta de educação alternativa para as meninas, contribuindo assim para a manutenção do poder patriarcal. Mesmo sendo astuta, Nizia Floresta caiu numa armadilha, que naquela época não teria como prever. Ela buscou favorecer a inserção das mulheres na sociedade, porque acreditava que sem as mulheres não haveria progresso. Fez com que as mulheres entrassem pela porta de traz da sociedade, valorizando a mulher letrada na vida doméstica, pois imaginava o tempo em que teríamos mulheres no governo, na política, no poder e em cargos públicos.

A filosofia de educação nisiana não estava voltada apenas para a formação de “matronas esclarecidas”. Buscava através dessa educação o respeito e a valorização da mulher na sociedade, mesmo que essa valorização se desse pela atuação da mulher no âmbito doméstico. Sabendo que não romperia com o modelo de “feminino patriarcal”, ela foi zelosa, mas não deixou de fazer a crítica ao modo de vida das mulheres, ao preconceito e o descaso com a educação das meninas. Se imaginar, mas movida pelo seu desejo de uma sociedade em que as mulheres fossem valorizadas, Floresta contribuiu para que hoje Dilmás, Marias, Lucianas, Anas e tantas outras mulheres ocupassem cargos que só homens ocupavam.

Ela foi ambígua, na medida em que tinha um discurso crítico frente a “aberrações” ditas pelos homens acerca das mulheres e, mesmo fazendo a crítica, ela não chegou a oferecer uma educação às meninas em suas escolas, que proporcionasse um lugar na sociedade fora do espaço doméstico, conservando-as

assim submissas aos homens. Suas “máximas”, escritas em forma de “conselhos”, seus apelos às mães e o próprio estatuto do Colégio Augusto, descrito em parte por Aduino Câmara (1997), bem como a sua aproximação com as ideias de Comte, denotam insegurança, conservadorismo e uma mentalidade de uma mulher típica do século XIX. Floresta desejava que as meninas estudassem, tivessem acesso aos concursos, mas o lugar da mulher em sua filosofia de educação continuava sendo o lar (primeiramente o “teto paterno”, e depois aquele em que o marido ditava às regras).

Entende-se aqui que se trata de uma personagem histórica cujo entendimento de sua personalidade, caráter e obras estão em construção. O que buscamos nesse trabalho foi desvendar/desnudar suas ideias sobre a educação e compreendê-la como uma intelectual da educação brasileira, o que ainda não havia sido feito de forma autônoma e independente, sem interesses por traz, o que oferece um caráter menos vinculado a “mascaras”, “rótulos” que se tenta impor numa personagem histórica. Nesse processo, constataram-se contradições, que iam ao encontro do pensamento comteano, mas que não desmerecem o pensamento e a importante contribuição de Nizia Floresta. Problematizamos as suas contradições e inserimo-las no tempo histórico. Levamos em consideração que Floresta, muitas vezes, foi prudente no que diz respeito à crítica dos costumes e na construção de uma educação alternativa às meninas, reconhecemos que Floresta foi astuta e usou de artimanhas para poder contribuir para que nós mulheres hoje podessemos ocupar cargos públicos e termos direitos e um pouco mais de direitos. Reconhecemos que a sua posição, no seu tempo, não poderia ter sido diferente!

Nizia Floresta não rompeu com o que diz respeito aos valores e padrões de comportamento destinados às mulheres de seu tempo, mas politizou essa realidade e avançou no que diz respeito ao acesso de meninas à educação e em suas denúncias e críticas ao poder do homem na sociedade patriarcal. Sua filosofia da educação está situada numa perspectiva socialmente crítica, mesmo que a mulher fosse educada para ser “mãe, filha e esposa”, fato que representa o pensamento que a mulher deveria se preocupar apenas com os problemas domésticos e familiares. A educação seria útil para as mulheres aperfeiçoarem seus talentos enquanto mãe, esposa e filha e mesmo que Floresta acreditasse que, na medida em

que as meninas fossem estudando, elas não permaneceriam na situação de total submissão.

Floresta imaginou novos tempos para as mulheres. Avançou no que diz respeito à sua vida, estudou e foi além da tríade “esposa, mãe e filha” que destinava às meninas em sua filosofia de educação. Ela se tornou uma intelectual brasileira. Autodidata, fundou escolas para meninas em um período que isso não era preocupação da maioria. Viajou e viveu na Europa, relacionou-se intelectualmente com pensadores da época, escreveu obras, traduziu livro feminista e denunciou o preconceito contra as mulheres. Abriu as portas de escolas para meninas ricas em um país escravocrata e imaginou situações em que as mulheres estariam se posicionando fora de seus “cativeiros”. Via que, através da educação, as mulheres iriam comandar exércitos e nações. Ela tinha noção de que levariam alguns séculos para ocorrerem mudanças em relação ao preconceito contra as mulheres e melhorias na sua atuação na sociedade.

Conviver com os nobres e fazer parte da nobreza brasileira possibilitou que Floresta rompesse, apenas no plano pessoal, com os ditames de seu tempo. Ao analisar a educação da mulher no Brasil, ela ofereceu às meninas uma educação severa, rígida e moralmente constituída, que não desafia a construção social tradicional- o patriarcado. Ela propôs uma revolução no âmbito dos costumes, era de uma reforma moral que defendia. Efetivou uma educação moral para as meninas, numa linguagem ora de uma escritora viajante, consciente do potencial e da atuação das mulheres no mundo desenvolvido, ora como estudiosa dos costumes de outros povos. Um severo discurso moralista aparece nas suas obras que organizam o seu pensamento sobre a educação das meninas. A crítica social (contra injustiças às mulheres, negros e pobres) fez parte da sua proposta de educação para as meninas, uma austera educação moralista e essa crítica buscava preservar moralmente as famílias brasileiras e manter a instituição família.

Para compreendermos melhor a filosofia de educação nisiana foi preciso levar em conta que, em alguns momentos, era fortemente influenciada por ideias de outras pessoas, como na obra *Direitos das Mulheres e injustiça dos homens*. Mesmo que Floresta escrevesse com tom reivindicatório, suas obras eram moralistas. Os problemas que ela apontava eram transposições dos problemas de seu tempo, que ainda podem ser lidos em matérias de jornais da época, que mostravam a venda de

escravos como mercadorias, a educação privada como comércio, o preconceito contra as mulheres, preconceito de gênero, bem como problemas das relações entre homens e mulheres da época, como, por exemplo, o fato de os homens não reconhecerem as atividades maternas como algo a ser valorizado. Ela levou as cenas do cotidiano brasileiro e europeu para as suas reflexões sobre a educação das meninas; propôs uma filosofia de educação alternativa que criticava o preconceito dos homens com relação às mulheres e especialmente colocava na pauta das reivindicações a importância da educação para as meninas.

Floresta, ao fazer a crítica ao governo, conseguiu oportunizar na época algo novo, no que diz respeito ao ensino das meninas– o acesso de meninas em uma escola com disciplinas antes consideradas para meninos, como o estudo de outras línguas. Mesmo sem romper com alguns valores da época (pois considerava que algumas características eram naturais às mulheres, como a delicadeza, a modéstia e outras tantas que fazem parte do imaginário e da simbologia da feminilidade), Floresta conseguiu mostrar os problemas da educação em seu tempo e oportunizar as meninas uma educação alternativa. No entanto, o comportamento ético foi o objetivo dessa educação. Trata-se de uma educação utilitarista já que a preocupação com a educação das meninas era focada no fato de se esperar que elas fossem boas esposas e exemplares mães

Foi, a partir de suas máximas morais, que ela buscou “tocar” o coração das meninas. A inteligência feminina estava na concepção nisiana, sua predisposição das meninas de seguir as regras e serem eticamente corretas. As meninas não estavam sendo convidadas a romper com o modelo de feminilidade e ocupar novos lugares e Floresta tinha consciência de que isso levaria muitos séculos para acontecer.

Até hoje acompanhamos os estrangeiros (que ela chamava de “curiosos viajantes”) explorarem nossas riquezas e nosso povo. E ainda encontramos no Brasil muitas “casas de educação” (entende-se instituições de ensino privado) que continuam sendo vistas como um comércio, ou uma empresa (como preferem chamar atualmente). Continuamos ensinando com “compêndios” escritos por outros. Algumas “doutrinas”, “filosofias” e “teorias” que seguimos, são escritas em sua grande maioria por homens. Nesse sentido, a filosofia de educação nisiana, nos provoca a pensar algumas questões: O que a reforma de educação proposta por Floresta representa para os

nossos dias? Que atenção está sendo dada a educação brasileira? Quem representamos quando educamos? Essas questões estavam por trás da filosofia de educação nisiana. A educação das meninas, não estava no centro das discussões de seu tempo, Floresta denunciava um velho problema social brasileiro – o descaso com a educação de nosso povo. Ao escrever sobre as causas que atrasavam os progressos da educação brasileira, concernentes à negligência dos governantes e à inaptidão da maior parte dos encarregados do ensino da mocidade brasileira, ela reivindicou uma educação brasileira diferenciada. Ela deixava explícita a importância do que tentamos hoje fazer: buscar a parceria com os pais e o comprometimento das educandas (os) com seus estudos, pois educar, foi considerada uma “difícil tarefa”. Aqui se encontra o grande papel da mulher na filosofia de educação nisiana – o de uma “matrona esclarecida”, capaz de educar bem seus filhos nessa “sublime missão”.

No que diz respeito à sua história de vida, Floresta fugiu à regra, mas não conseguiu romper ideologicamente sua prática como educadora. Para construir a sua filosofia de educação, ela se baseou na moralidade, e a educação moral se tornou o instrumento de seu ideário de educação para as meninas. Nesse sentido, as meninas deveriam usar a razão, mas “sem perder a cabeça”! As contradições estavam presentes e as meninas deveriam ser educadas para serem cidadãs e isso significava estar ao lado dos homens. O pensamento de Floresta era contrário à sua prática. A sua opinião desafiava o que era dominante e ortodoxo. Em algumas passagens, era contrária à tradição patriarcal. Ela denunciou o machismo, a exclusão das mulheres, reivindicou por direitos humanos, negou ficar casada, morou com um outro homem, publicou livros denunciando as aberrações ditas pelo “intelecto viril” e, no entanto, ela não transgrediu naquilo que diz respeito à condição da mulher na sociedade, na sua proposta de educação alternativa para as meninas.

A filosofia de educação nisiana é contraditória, pois Floresta enfrenta à tradição e abala as crenças no que diz respeito a sua vida, mas para as meninas ela propõe uma vida sem transgressões. No fato de abordar o tema equidade de gênero, encontramos o seu maior feito, pois para ocorrer uma reforma na educação brasileira, o preconceito de gênero deveria ser coibido. Sendo assim, podemos dizer que as contradições presentes na filosofia de educação nisiana não serviram de oposição ao sistema patriarcal em que ela fez parte. Na medida em que Floresta dizia publicamente, através de seus pseudônimos, que a capacidade racional das

mulheres era a mesma dos homens, ela educava as meninas a partir de uma ideia de natureza fundamentalmente diferente dos meninos, e as virtudes com as quais ela trabalhava nos prova isso. Floresta não conseguiu alinhar a sua teoria com a prática nas escolas que fundou. Podemos dizer, então, que as suas práticas educativas (mesmo que não tenhamos outras fontes primárias, além de seus livros e descrições de seus biógrafos e biografas) negam todo um ideário de emancipação feminina de oposição ao patriarcalismo. Floresta apontava algumas incoerências desse sistema, mas educou conservando-o. Num ambiente que negava a atuação civil das mulheres, Floresta conseguiu perturbar algumas pessoas, desestabilizar alguns discursos, mesmo não rompendo com o “modelo de donzela” estimado na época. Depois de ter escrito esse trabalho e pesquisado sobre a sua proposta alternativa de educação para as meninas, passamos a considerar Floresta como um marco na história do pensamento pedagógico brasileiro, na medida em que colocou na pauta dos problemas sociais brasileiros, a problemática da educação das meninas. Os fatores que a constituíram, como uma educadora de seu tempo, estão presentes nas ambiguidades, contradições e incoerências encontradas na filosofia de educação nisiana, que reivindicava por seus direitos na medida em que também disseminava os discursos hegemônicos presentes na história da humanidade.

Floresta apontou o caminho da ciência, mas o seu entendimento por ciência, não foi o mesmo de Comte. Na filosofia de educação nisiana, ciência era o conhecimento moral e os conhecimentos das meninas não eram obtidos mediante a observação e a experiência, as disciplinas oferecidas em suas escolas deixava de lado o estudo das ciências biológicas. O acesso à educação serviria para que os homens reprovasses menos as mulheres, bem como fazer com que as meninas “seguissem o coração”, se tornassem “virtuosas” e “matronas esclarecidas” Essas eram as máximas do ideário educacional proposto por Floresta. Não havia um desejo de emancipação da mulher. E isso pode ser notado em alguns pontos: quando Floresta diz que as mulheres possuem o mesmo potencial do que os homens para a ciência, mas as meninas em suas escolas não se dedicavam tanto à ciência quanto a aprendizagem das virtudes; quando ela “sonhava” com o dia em que as mulheres atuariam na política e em diferentes órgãos públicos; quando ela fez a crítica ao descaso com as meninas do interior das províncias, condenadas à sorte de suas mães sob o regime colonial; quando problematizava as relações de

gênero, entre homens e mulheres. Nada tinha de moderno na filosofia de educação nisiaiana. Era o melhoramento moral que buscava, e, por isso, relacionava a função social da mulher e a importância de uma educação para as meninas, pela via moral, de cunho católico, insistindo na importância da família e na dignidade feminina. A família daria o paradigma à sociedade, os rumos para a civilização e esse é um pensamento que encontramos na filosofia proposta por Comte, que se relacionava com as tradições religiosas (em Floresta Católica) e patriarcais. Ela vislumbrou o progresso social e fez críticas ao provincianismo brasileiro, desejando que a educação que os países mais desenvolvidos, “as nações cultas” davam à mocidade fosse copiada no Brasil.

Floresta adotou ideias liberais na medida em que assimilou a retórica do progresso e da igualdade – as mulheres eram consideradas capazes para progredir ao lado do homem na sociedade, mas não poderiam estar à sua frente. Foi abolicionista, mas não propôs uma revolta social em suas obras, pois a escravidão tinha que terminar já que prejudicava as famílias dos nobres no Brasil. A escravidão era ruim, na medida em que afetava a estrutura familiar, já que os meninos iam para os braços de “moralizadas escravas”, as mães encarregavam as “pretas de acalantar ou distrair” as crianças, que davam “leite impuro”. Os escravos e escravas “davam perniciosas lições” aos jovens filhos dos senhores e ainda assistiam às crueldades de seus pais, quando vendiam ou alugavam as escravas amas de leite como um “fardo inútil”. As crianças viam os maus tratos e outras cenas que ela não descreveu, mas que traziam muitos prejuízos para a formação moral das crianças e por isso ela foi abolicionista. Para Floresta, a escravidão degradava a espécie humana, que poderia ser entendida como os brancos e ricos e “inspirava horror aos povos cristãos”. Essas eram as palavras dela, que podem ser lidas em *Opúsculo Humanitário*, capítulo XLI, XLII, XLIII. Com base nesses escritos, questionamos se a escravidão era ruim para o branco ou para o negro na concepção de Floresta e vimos que era um atentado a ordem da vida doméstica, a qual Floresta buscou ajudar a manter, a partir da sua filosofia de educação para as meninas, baseada numa austera moral.

Assim como Comte pensou, ela acreditava que não educar as meninas equivaleria a não melhorar a sociedade. Se as meninas não tivessem acesso à educação não haveria progresso e as mazelas sociais continuariam. A mulher dócil,

simples, amável, estudiosa dos bons costumes, solícita, generosa, modesta, honesta, cristã, daria conta de suas “sagradas obrigações” e contribuiria na efetivação de uma nova sociedade, sendo a mãe da nova humanidade e o modelo para a sua família. A filosofia de educação nisiana era uma educação para o casamento. A ambiguidade na filosofia de educação nisiana também pode ser avaliada através do percurso que Floresta fez. Enquanto publicava obras de cunho reivindicatório, ela desejava a melhoria da educação das meninas para elas se tornarem exclusivamente “matronas esclarecidas”, a partir de uma função social bem definida: doutrinar, educar moralmente, dentro dos moldes cristãos e conservar a estrutura familiar. Na medida em que a menina se tornasse mais esclarecida, e aproveitasse os seus dons, a sua inteligência; ela voltaria ao lar, e a partir da moralidade, a mulher nisiana se constituiria. A conservação do pátrio-poder, presente nas obras e na sua proposta de reforma educacional para as meninas, servia para orientar o destino da humanidade, através de seus filhos e filhas, bem como do marido. Oposta à vaidade, à falta de educação, ao descaso com os fracos e oprimidos, colocava a vida familiar como reparadora das “chagas” da civilização e a mulher como uma redentora, aquela que iria tratar as feridas da humanidade. De maneira romântica, Floresta apelou ao coração das mulheres por serem elas capazes de tornar a sociedade um lugar melhor, com seres humanos capazes de ajustarem-se à ordem estabelecida. Por educar assim, Floresta conseguiu instalar seus colégios em regiões centrais e próximo à clientela branca e abastada.

A contradição em Floresta é fruto de seu tempo, e está situada no século XIX, no entanto ela passou despercebida em alguns estudos sobre ela. Suas obras são textos críticos, refletidos, em que vemos a crítica da dominação e da submissão a favor de quem detinha o poder. Ela fez da sua vida uma crítica à dominação e à submissão das mulheres, mas não fez o mesmo na sua filosofia de educação aplicada nas suas escolas. A religião fortificaria as qualidades femininas e serviria como “bússola” para que as meninas levassem em conta os seus próprios desejos. No entanto esses desejos não deveriam ser seguidos, as meninas precisavam controlar os seus impulsos e desejos. Floresta não chegou a ser considerada na história uma mulher virtuosa, ela não foi fiel às suas “máximas”. No entanto a *Fany*, personagem de sua novela, era o modelo das donzelas. Floresta educou a partir de máximas morais e mentiu na “santa” Igreja Católica o seu próprio nome para batizar

seu filho. E tudo indica que escondeu que não era casada com o seu segundo “marido”, já ainda não encontramos nenhuma documentação que comprove esse casamento. Como educadora, movimentou escolas para meninas estarem “ao lado dos homens”, mas não à sua frente. Viúva, seguiu os mandamentos cristãos. Construiu o seu próprio destino, mas engessou os de suas jovens educandas ao ensinar virtudes de mães exemplares e esposas dedicadas, contribuindo para a manutenção e a conservação do poder patriarcal. Por isso, podemos dizer que ela transgrediu no ponto de vista pessoal e não no ponto de vista educacional.

As boas famílias, as boas meninas e o progresso social opõem-se ao mundo obscuro dos pobres e dos negros. O problema parece não estar na desigualdade, assim como a escravidão não parece ser ruim para os negros e sim para as famílias tradicionais da época. A lógica era transformar as meninas a serem severas no amor familiar, seguindo o pensamento cristão e moralizando as diferenças sociais. A moralização da sociedade era o seu objetivo enquanto educadora. Ela educava para impedir a mudança social e assim mantinha o papel subalterno da mulher, pois para se manter a ordem social era preciso educar moralmente o povo e oferecer trabalho regular. Tanto na filosofia de educação nisiana quanto na filosofia positiva de Comte, essa era a lógica, sendo as mulheres responsáveis por educar e os homens a trabalhar. Enquanto Comte tentou usar as mulheres para atingir seus fins políticos, Floresta educou as meninas para favorecer a classe dominante. Afinal, uma mulher educada moralmente, além de educar com base nas virtudes seus filhos e filhas, contribuiria para influenciar e persuadir seu marido a não aderirem a políticas avessas ao capitalismo. Tanto o positivismo, quanto a filosofia de educação nisiana se posicionavam contra uma revolução e revolta dos povos, por isso se contrapõem ao socialismo.

As contradições presentes na filosofia de educação nisiana nos comprovam que o fazer pedagógico de Floresta estava a favor das normas morais-cristãs e não negava à opressão e à submissão feminina. A rigidez ou a “austera moral” encontrada na sua filosofia de educação, não abriu espaço para se catalogar virtudes primárias e secundárias. Todas as virtudes são igualmente necessárias e importantes para a educação das meninas, apontando um ideário feminino de “santa” e não de “puta”, como a própria Floresta foi acusada. A combinação de afetividade, inteligência e dedicação constroem a mulher virtuosa idealizada por Floresta. Essa mulher entendia os trabalhos ditos femininos, falava suavemente, lia

admiravelmente, era graciosa, educada, tinha compaixão, ternura e maneiras finas de se comportar. Era paciente, digna, humilde e precisava de proteção da lei, tanto a lei divina quanto a dos homens. Obediente e servil, a mulher idealizada e educada por ela, deveria ser modesta a ponto de não deixar uma escrava servi-la em tudo, bem como amamentar os seus filhos. Por ser humilde, logo não era ambiciosa e poderia se dedicar exclusivamente como mãe e esposa. Assim, a mulher educada por ela, luta pela estima da família e não para mudar de classe social. Era educada como a *Sofia* de Rousseau, e domesticada para encontrar o seu *Emílio*.

Floresta se aventurou pelo mundo como uma burguesa européia (já que morou anos na Europa) depois das grandes perdas da sua vida, mas a menina que ela educava, deveria manter o casamento e não se aventurar pelo mundo. A opinião alheia pareceu não incomodá-la, mas as suas jovens educandas deveriam conduzir suas vidas como santas, verdadeiros anjos, que não gerariam guerras e só ofereceriam paz e harmonia. A educação para as meninas, baseada em uma “austera moral,” foi a solução encontrada por Floresta para melhorar a sociedade brasileira, na esperança de que o Brasil progredisse como os países tão admirados por ela. Assim, as jovens educandas não tinham direito de escolha, a não ser que transgredissem as normas impostas. Floresta estudou, viajou sozinha, ficou longe do filho Augusto por muito tempo e seguiu o seu caminho ao lado de sua filha, Lívia, que não quis se tornar uma “matrona esclarecida”. Floresta desfrutou daquilo que chamou de “doçuras infinitas da vida intelectual” (Floresta, 1989, p. 44). Teriam suas educandas conseguido fazer o mesmo? Suas palavras demonstraram, em algumas passagens de seus escritos, o seu amor pelo estudo e sua crença de que a vida intelectual era algo bom e necessário para as meninas. Floresta tinha a convicção de que quanto mais ignorante uma mulher fosse, mais fácil seria para um homem exercer poder e tentar impor suas ideias, no entanto ela educava as meninas a serem submissas. As mulheres educadas teriam apenas mais respeito dos homens.

Ela formulou os princípios de sua filosofia para a manutenção do patriarcalismo. Uma educação que tanto corrigia os problemas sociais, quanto os desvios de conduta das meninas. Trata-se de um discurso que apela às mães para que não abandonem seus filhos; legitima a mãe como educadora moral dos povos; coloca a mulher como responsável pela ordem das coisas e propagadora da “áustera moral”, sendo as mulheres quem oferecem as virtudes e as premissas da

aceitação social. A exigência moral que é feita às meninas na filosofia de educação nisiana, reflete a concepção do papel da mulher na sociedade proposto por Comte. Floresta criticou os hábitos da sua terra natal, considerou um lugar que não tinha a família como regra, em que os escravos estavam misturados à vida familiar; e as mudanças eram propostas pela corte. Para ela, a educação moral oferecida às meninas provocaria uma mudança naquilo que ela considerava “sujo”, impuro ou imoral. Ela não chegou a romper com o poder patriarcal, ela não lutou pela mudança dos papéis atribuídos pela sociedade às mulheres. Por isso, ela não chegou a ser uma “pré-feminista” e sim uma mulher que reivindicou o direito das mulheres terem acesso a uma austera educação moral. Ela contribuiu sim para o campo de luta das mulheres, pois bem antes do movimento feminista, fazia a sua luta individual pelo acesso das meninas à educação e reivindicava pelo direito das mulheres serem instruídas. A situação das mulheres na sua época não era favorável para nenhum tipo de rompimento com o poder patriarcal. Só na virada do século XIX para o XX, é que as críticas feministas começaram a serem feitas no Brasil.

Floresta não teve uma luta específica, pois ela denunciou vários problemas do Brasil, como a miséria, a desigualdade social, a situação dos indígenas, dos negros, das mulheres, da corte. No entanto, a educação para as meninas foi a luta pela qual Floresta mais se dedicou, porém ela não lutou pela autonomia feminina, e a mulher educada a partir da filosofia de educação nisiana não deixava de ser uma mulher dominada. Na medida em que Floresta ensinava as meninas a pensarem nos outros, descentralizando o seu pensamento ao deixar de lado a vaidade e usando a razão para o bem, ela ensinou as meninas a pensarem na sua condição social e se identificarem com aquele ser que sofria na sociedade da época, os pobres, os indígenas e os escravos, povo que sofria com a hegemonia européia presente no Brasil. Esse altruísmo estava de acordo com a função social da mulher na filosofia positiva de Comte, limitando as mulheres a serem boas mães e esposas.

O estudo acerca da filosofia de educação nisiana está longe de se esgotar. Levando em conta a dificuldade que há para o processo de garimpagem das cartilhas, livros, métodos e disciplinas, o tema não se esgotará facilmente. Sobre o programa do Colégio Augusto, temos informações pelo que Aduino da Câmara apresentou em seu livro, os artigos de jornais, bem como outras biografias. Novas pesquisas podem desejar saber sobre o que tinham os colégios de Floresta de diferentes dos outros

colégios para meninas, em que destoavam dos masculinos, como era a grade curricular da época, qual o perfil dos professores, como os professores eram contratados, qual o cenário de uma sala de aula, como eram as carteiras (de duplas? individuais?), qual era o material didático das crianças? (pena, caderno, cartilha, livro), quais músicas eram cantadas, que mensagens elas passavam?⁸⁸ Enfim, esperamos que esse trabalho possa servir para aos outros, visto que há um vasto campo aberto para novos estudos sobre a filosofia de educação nisiana. Acreditamos que outras pesquisas poderão contribuir para conhecermos mais sobre a educadora Floresta e a sua filosofia de educação, sendo esse um “fértil solo” para novas pesquisas serem desenvolvidas no campo da educação em nosso país.

O estudo sobre a Filosofia de Educação Nisiana nos apontou o quanto o pensamento de Floresta é complexo e denso. E nessa complexidade optamos em não omitir suas palavras. Essa Filosofia de Educação está associada a história de vida de uma mulher paradoxal, como todos nós somos. Uma mulher que se contradiz por utilizar artimanhas na medida em que denunciava o que não era dito. Uma mulher astuta, cujo seu pensamento apresentou ambiguidades, por ter ora um pensamento moderno e crenças de uma mulher do século XIX. Visionária, foi uma insígnia escritora, mas uma educadora que visava a ordem social, as virtudes humanas e um Brasil melhor! Percebe-se uma certa esquizofrenia em suas ideias. E, qual é o problema disso? Todos somos seres que repensamos, erramos e acertamos. Por que esperar de Floresta que ela só tenha avançado, se ela era uma mulher de seu tempo, como nós somos. Isso não é um juízo depreciativo, afinal ela foi uma mulher que viveu o seu tempo, coisa rara na época. Continuemos apostando em Nizia Floresta, nas suas ideias e ações em prol da educação das meninas. Nossa tese endossa a velha convicção que as mulheres sofreram muito para fazerem parte do mundo letrado, do mundo das ciências. E sendo assim, Floresta conseguiu tudo o que queria, inclusive, que hoje, nós mulheres ocupássemos cargos públicos. Sua astúcia e inteligência fez com que uma parcela da população acreditasse na educação moral destinada às meninas, ao mesmo tempo que essas mesmas recebiam medalhas por se destacarem em latinidade, história, história universal, história antiga, história moderna, geografia, francês, gramática francesa, cosmografia, poesia, italiano, poesia italiana, gramática Italiana, tradução de italiano, gramática portuguesa, aritmética.

⁸⁸ Essas questões foram apontadas numa conversa por e-mail no ano de 2011 por Luis Carlos Freire, pesquisador de Nizia Floresta, morador da cidade Nísia Floresta.

Por muito tempo, Lívias, Franciscas, Annas, Cecílias, Marias, Theresas, Elizas, Joanas, Luizas, Felicianas e tantas outras meninas tiveram acesso à educação. Foram premiadas e agraciadas, como ainda são devido à luta de mulheres com Dionísia Gonçalves Pinto, que ousou, errou, se contradisse, arriscou, mas fez de tudo para que meninas tivessem acesso ao saber oferecido em instituições de ensino.

Floresta foi uma educadora brasileira do século XIX que apostou na educação de meninas e encontrou maneiras e formas curiosas de percorrer o labirinto oferecidos historicamente às mulheres, quando essas buscaram o acesso às ciências. Floresta conseguiu ser um marco na educação das meninas brasileiras, mesmo fazendo com que as meninas não rompessem com seus labirintos num primeiro momento. Nesse sentido, mesmo em meio as suas contradições, associamos Floresta a uma história- *a do pensamento pedagógico latino-americano*. Nesse sentido, Floresta é uma fonte desse pensamento educacional que proporcionou o acesso de meninas latino-americanas à educação formal, em um colégios que ofereciam esperança, além de disciplinas e valores morais religiosos.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Lisboa: Presença: 1993. v. 5.
- ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, A. **Historia de la pedagogia**. España: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- ACADEMIA LITERÁRIA FEMININA DO RIO GRANDE DO SUL. **50 anos de literatura: perfil das patronas**. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro. 1993.
- ACERVO dos relatórios e falas presidenciais da província e mensagens dos presidentes e Governadores do Estado do Rio Grande do Sul (1835-1976). Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, maço 3.
- ALBORNOZ, Suzana. Educação crítica: educação das mulheres. In: ALBORNOZ, Suzana; CARRION, Conceição. **Na condição de mulher**. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985, p. 97-109.
- ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias**. Natal: UFRN, 1993.
- ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres da colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822**. Brasília: Edunb; Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- AMORÓS, Cèlia. **Hacia una crítica de la razón patriarcal**. 2. ed. Barcelona: Anthropos, 1991.
- _____. **Tiempo de feminismo sobre feminismo, proyecto ilustrado y postmodernidad**. Madrid: Cátedra, 2000.
- _____. **FEMINISMO: igualdad e diferencia**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena. Pires. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.
- ARAÚJO, Rosa T. Bonini de. **A mulher no século XXI: o resgate da Lilith**. São Paulo: Aquariana, 1989.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ARRIADA, Eduardo; COSTA, Camila Gamino da. Desnudando o século XIX: escola normal, feminização e sexualidade. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (Org.). **Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2009. v. 3, p. 30-57.

AUGUSTA, N. F. B. **Conselhos à minha filha**. 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. Im. de Paula Brito, 1845.

_____. Fany ou o modelo das donzelas. In: OSÓRIO, Fernando. **Mulheres Farroupilhas**. Porto Alegre: O Globo, 1935.

_____. Máximas e pensamentos para minha filha. In: AUGUSTA, N. F. B. **Conselhos à minha filha**. 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. Im. de Paula Brito, 1845.

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira de. Biografia e gênero. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Org.). **Questões da teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 131-160.

BARANDAS, Ana Eurídice Eufrosina de. **O ramalhete ou flores escolhidas no jardim da imaginação**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Nova Dimensão, 1990.

BARROSO, Carmen. **Mulher, sociedade e Estado no Brasil**. São Paulo: Brasiliense; UNICEF-Fundo das Nações Unidas para a Infância. 1982.

BASTOS, Tocary A. **O positivismo e a realidade brasileira**. Minas Gerais. Edições da Revista Brasileira de estudos políticos, 1965.

BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. A escola e o ensino em Porto Alegre, RS: Antigoalhas do professor coruja. **UNIREvista**, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 1-17, abr. 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Bastos.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 2.

_____. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. v. 1.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1981.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** São Paulo: T. A. QUEIROZ, 1989.

BIRULÉS, Fina. Índicios y fragmentos: historia de la filosofia de las mujeres. In: RODRÍGUEZ MAGDA, Rosa María (Ed.). **Mujeres en la história del pensamiento**. Barcelona: Anthropos, 1997. p. 17-31.

BLAY, Eva Alterman. Prefácio In: AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. Introdução e notas Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989. p. 9-13.

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. Os primeiros pintores: presenças desapercibidas, ausências sentidas. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (Dir.); BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). **Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 2, p. 401-422.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Observações sobre a história das mulheres. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **As mulheres e a história**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 57-60.

_____. **La dominación masculina**. Barcelona: Anagrama, 2000.

BORDO, Susan. A feminista como o outro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v 1, ano 8, p. 10-29, 2000.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. Formação da professora sob uma perspectiva de gênero. **Educação em Revista**, Marília: UNESP, n. 3, p. 43-69, 2002.

BRAGA, Antônio Rodrigues Fernandes. **[relatórios e falas]** 1835 abr. 04. Relatórios e falas presidenciais da província e mensagens dos presidentes e Governadores do Estado do Rio Grande do Sul (1835-1976). Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, maço 3.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos-a experiência da pesquisa no trabalho do educador: saber com o outro**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. República Federativa do Brasil. **100 Brasileiros**. Brasília, DF, 2004.

BRAZIL. Constituição Política do Império do Brasil. In: BRAZIL. **Coleção de leis do Império do Brasil: Constituição Política do Império do Brasil original**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/Legimp-J_19.pdf#page=1>. Acesso em: 16 dez. 2010.

BRAZIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Império. Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1827. In: BRAZIL. **Coleção de leis do Império do Brasil: 1827**. Rio de Janeiro, 1827. v. 1, pt. 1, p. 71-73. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/Legimp-J_19.pdf#page=1>. Acesso em: 16 dez. 2010.

BRIGGS, Asa. **El siglo XIX: Las contradicciones del progreso**. Londres: Editora Labor, 1973.

BRITO, Raimundo Soares de. **Uma viagem pelo arquivo epistolar de Adauto Câmara**. Natal: Fundação José Augusto. 1981. (Coleções Mossoroense, v. 169.)

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras de prestígio. Separata de: **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 7, n. 1-2, p. 9-24, 1999.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂMARA, Adauto da. Henrique Castriciano. **Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras**, Natal, 1959.

_____. **História de Nísia Floresta**. 2. ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997.

CÂMARA, Nathalie Bernardo da. **Da aurora ao crepúsculo**. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

CÂMARA, Rinaldo Pereira da. **O marechal Câmara**: reflexões introdutórias à sua biografia. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1964. v. 1.

CAMPS, Victoria. **El siglo de las mujeres**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

CARVALHO, Maria da Penha Felício dos Santos. A defesa da emancipação feminina em John Stuart Mill. In: PIRES, Cecília (Org.). **Vozes silenciadas**: ensaios de ética e filosofia política. Unijuí,: Editora Unijuí, 2003. p. 191-209.

_____. A história de vida e as práticas sociais de classe, raça e gênero. In: GONDRA, José Gonçalves; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Pesquisa histórica**: retratos da educação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p. 59-68.

_____. A questão da diferença dos sexos em Aristóteles. **Ethica**: cadernos acadêmicos: revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Rio de Janeiro, v. 1, p. 157-175, 2005.

_____. As observações Kantianas sobre o belo sexo. In: MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. In: TIBURI, Márcia; Menezes, Magali de; EGGERT, Edla (Org.). **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. p. 47-67.

_____. **Feminismo, educação e cidadania**. [2007]. Disponível em: <http://asmulhereseafilosofia.hpg.ig.com.br/artigos/feminismo_educ_cidadania.htm>. Acesso em: 10 ago. 2007.

_____. Filosofia e mulheres: implicações de uma abordagem da ética a partir de uma perspectiva de gênero. **Revista filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 5, n. 9, p. 223-242, jul./dez. 2004.

_____. Qual cidadania desejamos? In: TIBURI, Márcia; MENEZES, Magali de; EGGERT, Edla (Org.). **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002, p. 221-236.

_____. Um filósofo feminista no século XVII: o cartesiano Poulain de la Barre. **Ethica**: cadernos acadêmicos: revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 117-137, 2000.

CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristianne Maria Famer (Org.). **Produzindo gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

CARVALHO, Marina Machado de. **A imagem e a educação da mulher no positivismo**: um estudo da condição feminina na filosofia de Auguste Comte. 1991.

145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1991.

CASAGRANDE, Ieda Maria Kleinert. **O projeto Januário da Cunha Barbosa: Contribuições para a memória da instrução elementar pública brasileira.** 2006. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

CASCUDO. Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró.** Natal: Fundação Vingt- un Rosado, 2010.

CASTILHO. Antônio Feliciano de. A Mulher. In: RIBEIRO, João. **Autores Contemporâneos: excertos de escriptores brasileiros e portugueses contemporâneos.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1930. p. 181-185.

CASTRICIANO, Henrique. A douta do passo. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p. 34-35.

_____. Aspectos natalenses-criticas dos costumes. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p. 9-11.

_____. Educação da mulher. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p. 287-307.

_____. Lourival e seu tempo (III). In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p. 225-227.

_____. Lourival e seu tempo (IX). In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p. 244-246.

_____. O Dr. Alberto Maranhão e a liga. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p. 308-311.

_____. O egoismo das mães. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p. 183-184.

_____. O último enforcado. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p. 247-254.

CASTRICIANO, Henrique. Palestras. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p. 278-279.

_____. Segundo Wanderley. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p.284-286.

_____. Sobre nossa literatura. *Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.* 1993. p. 67-73.

_____. Tragédia. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias.** Natal: UFRN, 1993. p. 188-189.

CASTRO, Luciana Martins. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. **Revista “Outros Tempos”**, São Luís do Maranhão, v. 7, n. 10, p. 237-256, 2010. Dossiê História e Educação. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/artigos%20em%20pdf/Luciana_Martins.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2011.

CHAMON, Magda. **Trajetória de feminização do magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COMTE, Auguste. **Catecismo positivista**. São Paulo. Abril Cultural, 1996a. p. 95-317. (Os pensadores). Publicado com as obras Curso de filosofia positiva: discurso sobre o espírito positivo. Catecismo positivista, Discurso preliminar sobre o conjunto do Positivismo.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva: discurso sobre o espírito positivo**. Catecismo positivista. São Paulo: Abril Cultural, 1996b. p. 21-45. (Os pensadores). Publicado com as obras Catecismo positivista, Discurso preliminar sobre o conjunto do Positivismo.

_____. **Curso de filosofia positiva e outras obras**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores).

_____. **Discurso preliminar sobre o conjunto do Positivismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1996c. p. 46-75. (Os pensadores). Publicado com as obras Catecismo positivista, Curso de filosofia positiva: discurso sobre o espírito positivo. Catecismo positivista.

_____. **Síntesis subjetiva: o sistema de las concepciones propias al Estado normal de la humanidad. Moral teórica: bosquejo del sistema de moral teórica proyectado por el supremo maestro**. Santiago de Chile: Editado por la Fundación Juan Enrique Lagarrigue, 1943.

CORRESPONDÊNCIAS ativas e passivas dos encarregados de estatística. 1827-1853. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, maço 3.

CORSETTI, Berenice. **Controle e ufanismo: a escola pública no Rio Grande do Sul (1889/1930)**. 1998. 537 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1998.

_____. **Do reino das luzes ao império das sombras: um estudo sobre o positivismo francês**. Trabalho acadêmico. Disponível em acervo pessoal, 1995. 77p.

COSTA, Affonso. **Poetas de outro sexo**. Rio de Janeiro: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1930.

COSTA, Cruz. **O positivismo na república: notas sobre a história do positivismo no Brasil**. Companhia editora Nacional, 1965.

COSTA, Marisa Vorraber. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DANTAS, Júlio. **Revoada de musas: as mulheres na vida dos homens célebres**. Lisboa: Portugalia, 1965.

DAUPHIN, Cécile. Mulheres sós. In: PERROT, Michelle, DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 477-495.

DEMARLE, Marie-Claire Hoock. Ler e escrever na Alemanha. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 171-198.

DEUSA, Isabel Morant. Qué es una mujer? o la condición sentimental de la mujer. In: RODRÍGUEZ MAGDA, Rosa Maria (Ed.). **Mujeres en la história del pensamiento**. Barcelona: Anthropos, 1997. p. 145-165.

DÉVES-VALDÉS, Eduardo. La mujer en el pensamiento latinoamericano del siglo XIX: uma esclava muy frívola. In.: SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). **As idéias e os números do gênero: Argentina, Brasil e Chile no século XIX**. São Paulo: HUCITEX CEDHAL/FFLCH-USP; Fundação VITAE, 1997. p. 215-238.

DÍAZ, Esther. Qué es la posmodernidad? In: DÍAZ, Esther. **Posmodernidad**. Buenos Aires: Biblos, 1999. p. 11-33.

D'INCÃO, Maria Angela. Amor romântico e a família burguesa. In: D'INCÃO, Maria Angela (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p. 57-70.

DOTTI, Corina Michelon. **Representações de mulheres-professoras**. Caxias do Sul: UCS Editora, 1998.

DUARTE, Constância Lima. **Uma pequena biografia**. Disponível em: <<http://memoriaviva.digi.com.br/nisiafloresta/>>. Acesso em: 01 mar. 2011.

_____. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.

_____. **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: Editora da UFRN, 2009.

_____. **Nísia Floresta: uma mulher à frente de seu tempo**. Brasília: Mercado Cultural, 2006a.

_____. A pioneira do feminismo brasileiro. **Diário de Natal**, Natal, p. 18-20, 2006b. Educação.

_____. **A primeira feminista do Brasil**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

_____. **Cartas Nísia Floresta e Augusto Comte**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

_____. Izabel Gondim. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 332-348.

_____. Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000c. p. 175-193.

_____. Introdução e apresentação. In: FLORESTA, Nísia. **Itinerário de uma viagem à Alemanha**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

_____. Apresentação. In: FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. x-xxix.

_____. Nísia Floresta: vida e obra. In: FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997b. p. xxxlii.

_____. O cânone Literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (Org.). **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997c. p. 85-94.

_____. **Nísia Floresta: vida e obra**. Natal: Editora UFRN, 1995.

_____. **Nísia Floresta: vida e obra**. 1991. 3 v. Tese (Doutorado) -- Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1991.

_____. A propósito deste livro. In: AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. Introdução e notas Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989. p. 15-20.

_____. A tradução. In: AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. Introdução e notas Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989b. p. 107-134.

_____. Contracapa. In: FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. Introdução e Notas de Peggy-Sharpe. São Paulo: Cortez, 1989. Não paginado.

DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). **Iniciação à poesia do Rio Grande do Norte**: antologia. Natal: Limiar Edições, 1999.

DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Maria Cunha P. de (Org.) **Literatura feminina do Rio Grande do Norte**: de Nísia Floresta a Zila Mamede: Antologia. Natal: Sebo Vermelho-UnP, 2001.

DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente**: o século XIX. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4.

DUC-ARNAUD, Nicole. As contradições do Direito. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente**: o século XIX. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 97-137.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

EGGERT, Edla. Narrativa: uma filosofia a partir da experiência das mulheres? In: TIBURI, Márcia; MENEZES, Magali de; EGGERT, Edla (Org.). **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. p. 193-202.

_____. O feminismo ou os feminismos: uma leitura das produções teóricas. **Cadernos IHU Idéias**, São Leopoldo, ano 1, n. 2, p. 1-7, 2003.

_____. Supremacia da masculinidade: questões iniciais para um debate sobre violência contra mulheres e educação. **Cadernos de Educação**: FaE/UFPEL, Pelotas, p. 223-232, jan./jun. 2006, Disponível em: <<http://luizaugustopassos.com.br/wp-content/uploads/2010/05/SUPREMACIA-DA-MASCULINIDADE2.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2011.

ESTATÍSTICA (1827-1853): Tabela de solicitações feitas às câmaras. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

ETCHEGOYEN, Miguel A. **Educación y ciudadanía**: la búsqueda del buen sentido en el sentido común. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

FACHEL, José Pinto Guimarães. **Revolução Farroupilha**. Pelotas: Edufpel, 2002.

AS FARRAPAS. **Jornal O Artilheiro**, Porto Alegre, n, 23, p. 4, 9 set. 1837.

_____. **Jornal O Artilheiro**, Porto Alegre, n, 8, p. 2, 9 set. 1837.

FERNANDES, Maria Rizolete. **A história oficial omite, eu conto**: mulheres em luta no Rio Grande do Norte de 1980 a 2000. Natal: EDUFRN, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

FERREIRA, Brasília Carlos. Nísia Floresta são muitas. **Diário de Natal**, Natal, p. 2, 2006. Educação.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (Org.). **Também há mulheres filósofas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. **O que os filósofos pensam das mulheres**. Lisboa: Colibri, 1998.

_____. **Pensar no feminino**. Lisboa: Colibri, 2001.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas**: manuscritos dos séculos XVI ao XIX. São Paulo: Secretaria da Cultura, 1979.

FLORES, Conceição; DUARTE, Constância; MOREIRA, Zenóbia Collares. **Dicionário de escritoras portuguesas**: das origens à atualidade. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. A mulher no período Farroupilha. In: RETAMOZO, Aldira Correa et al. **O papel da mulher na Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Tchê! Comunicações, 1971. p. 103-111.

_____. Nísia Floresta Brasileira Augusta. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 101-114, 1992.

FLORES, Moacyr. **A revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1990.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. 7. ed. Porto Alegre: Ediplat, 2003.

FLORESTA, Nísia. Aqui sob esta abóbada. In: WANDERLEY, Ezequiel Lins. **Poetas do Rio Grande do Norte**. Recife: Imprensa Industrial, 1922. p. 05.

_____. **A lágrima de um Caeté**. Introdução e Notas de Constância L. Duarte. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

_____. Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009a. p. 105-107.

_____. Fany ou o Modelo das Donzelas. In: DUARTE, Constância (Org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009b. p. 95-102.

_____. O pranto filial. In: DUARTE, Constância (Org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009c. p. 85-92.

_____. **Fragmentos de uma obra inédita**: notas biográficas. Tradução de Nathalie B. da Câmara. Brasília: Editora UnB, 2001.

_____. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997a.

_____. A mulher. In: FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997b. p. 82-159.

_____. Um passeio no Jardim de Luxemburgo. In: FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997c. p. 183-203.

_____. O abismo sob as flores da civilização. In: FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997e. p. 65-81.

_____. Viagem magnética. In: FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997f. p. 160-181.

_____. O Brasil. In: FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997d. p. 07- 63.

_____. **Opúsculo humanitário**. Introdução e Notas de Peggy-Sharpe. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. Introdução e Notas de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989b.

_____. **Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia**. Tradução de Francisco das Chagas Pereira. Natal: Editora da EDUFRN, 1998.

_____. **Itinerário de uma Viagem à Alemanha**. Santa Cruz do Sul; Florianópolis: EDUNISC; Editora Mulheres, 1998a.

_____. Passeio ao archeduto da carioca. In: DUARTE, Constância (Org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009d. p. 33-44.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FORNET-BETANCOURT, Raul. **Mulher e filosofia no pensamento ibero-americano-momentos de uma relação difícil.** Tradução de Ângela Tereza Sperb. São Leopoldo: Oikos, Nova Harmonia, 2008.

FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX.** Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 59-96.

FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. Introdução. A produção das mulheres, imaginárias e reais. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX.** Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 139-143.

FRANCO, Sérgio S. da Costa. **Guia histórico de Porto Alegre.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1988.

_____. Introdução. In: CORUJA, A. Á. P. C. **Antiquilhas. Reminiscências de Porto Alegre.** Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1996. p. 7-10.

FREIRE, Luis Carlos. **Nísia Floresta: uma figura esquecida- levantamento e catalogação das fontes primárias e secundárias da história da Educação do RN.** 1993. Trabalho apresentado em evento na Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. Disponível no acervo pessoal do pesquisador.

_____. **Nísia Floresta: por que os livros de história do Brasil não ressaltam esse nome?** 1994. Trabalho apresentado em evento na Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1994. Disponível no acervo pessoal do pesquisador.

_____. **Nísia Floresta: por que os livros de História do Brasil não ressaltam esse nome?** 1994. Trabalho apresentado em evento na UFES, local, 1994. Disponível no acervo pessoal do pesquisador.

_____. **Nísia Floresta: mito e ficção face a uma rebelde progressista.** 1994. Trabalho apresentado em evento na Universidade Federal do Piauí, 1994. Disponível no acervo pessoal do pesquisador.

_____. **De Papari a Paris. Itinerário de uma educadora revolucionária: Nísia Floresta Brasileira Augusta – 1810/1885.** UFRN/CNPq. Trabalho apresentado na 49ª Reunião Anual da SBPC, UFMA. 1995. p. 320.

FREIRE, Luis Carlos. **Nísia Floresta: quem foi essa mulher?** 1996. Trabalho apresentado em evento na UERJ. Disponível no acervo pessoal do pesquisador.

_____. **Nísia Floresta, a história que o Brasil não conhece.** Dep. Ciências Sociais, UFRN. Trabalho apresentado na 49ª Reunião da SBPC, UFMG. 1997. Disponível. Anais. Comunicações. v. 2, p. 549.

_____. **Nísia Floresta**: gênio; Isabel Gondim: geniosa. UFRN/CNPq. 1999. Trabalho apresentado na 53ª reunião da SBPC, UFBA, 1999. p. 431.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

_____. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977. t. 2.

FRIGERI, Rosane; RÜDIGER, Francisco Ricardo. Mulher e sociedade à época farroupilha. In: RETAMOZO, Aldira Correa et al. **O papel da mulher na Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Tchê!Comunicações, 1971. p. 155-180.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Nísia Floresta**: uma mulher à frente do seu tempo. Brasília: Mercado Cultural, 2006.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine. **Personalidades históricas do Rio Grande do Norte**: século XVI a XIX. Natal: Centro de Estudos e Pesquisa Juvenal Lamartine, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 3-11, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2008.

GALENO, Henriqueta. **Mulheres admiráveis**. Fortaleza: Henriqueta Galeno. 1966.

GARGALLO, Francesca. **Las ideas feministas latinoamericanas**. 2001. Disponível em: <www.creatividadfeminista.org/livro_chesca.pdh>. Acesso em: 10 maio 2005.

GARRETAS, María-Milagros Rivera. Escritoras castellanas del humanismo y del Renacimiento. In: RODRÍGUEZ MAGDA, Rosa María (Ed.). **Mujeres en la história del pensamiento**. Barcelona: Anthropos, 1997. p. 95-112.

GATELL, Rosa Rius. De las mujeres “memorables” en lucrezia marinelli: “nobleza” y “excelecia” en la venecia de 1600. In: RODRIGUEZ MAGDA, Rosa Maria (Ed.). **Mujeres em la história del pensamento**. Anthropos. Barcelona: 1997. p. 113-144.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GERGEN, Mary McCanney (Ed.). **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Editora Universidade de Brasília. 1993.

GIANNOTTI, José Arthur. Vida e obra de Comte. In: COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva; discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; catecismo positivista**. Tradução: José Arthur Gianonotti e Miguel Lemos. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 5-14. (Os pensadores).

GIOLO, Jaime. **A instrução**. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (Dir.); BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). **Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 2, p. 449-489.

_____. **Estado, igreja e educação no RS na primeira república**. 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1997.

GIORGIO, Michela. O modelo católico. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 200-235.

GODINEAU, Dominique. Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 21-40.

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. São Paulo: FTD, 1990.

GRILO, Maria Simonetti Gadelha. **Buscando a luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta**. Natal: Editora Carlos Lima, 1989.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HARAWAY. O humano numa paisagem pós-humanista. **Revista Estudos Históricos**. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v. 11, n. 02, p. 277-292, 1993.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 1, p. 7-31, 1993.

_____. **Ciência y feminismo**. Madrid: Ediciones Morata, 1996.

HIERRO, Graciela. Comentários. In.: SEMINÁRIO SOBRE LA PARTICIPACIÓN DE LA MUJER EN LA VIDA NACIONAL, 1989, México. **Anais...** México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1989.

_____. **Ética y feminismo**. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**. 1848-1875. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HUBBARD, Ruth. Algumas ideias sobre a Masculinidade das Ciências Naturais. In: GERGEN, Mary McCanney (Ed.). **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Editora Universidade de Brasília. 1993. p. 21-35.

IANNI, O. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Mapa: estudo da Evolução urbana de Porto Alegre- 1840/1985-formação da Cidade**.

_____. **Primeira Planta da Cidade de Porto Alegre.** Autor: ZAMBECCARI. Lívio. Cópia digital: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Disponível em < <http://www.ihgrgs.org.br/>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

JORNAL O POPULAR. **A vida e a obra de Nísia Floresta.** Exposição documentária inaugurada domingo no centro Norte-Riograndense-Biografia da Escritora e educadora potiguar. Rio de Janeiro, 30/03/1954. n: acervo pessoal de Luis Carlos Freire.

JOSSO, Christine Marie. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez 2004.

KANT, Emmanuel. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime:** Ensaio sobre as doenças mentais. São Paulo: Papyrus, 1993.

_____. **Sobre a pedagogia.** São Paulo: Editora UNIMEP, 2002.

KÄPPELI, Anne-Marie. Cenas feministas. In: PERROT, Michelle, DUBY, Georges (direção). **História das mulheres no ocidente:** o século XIX. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 541-579.

KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: PERROT, Michelle, DUBY, Georges (direção). **História das mulheres no Ocidente:** o século XIX. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 351-401.

KRAEMER NETO. **Nos tempos da velha escola.** Porto Alegre: Sulina, 1969.

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 2005.

_____. **Democracia genérica.** México: REPEM-México, 1994.

_____. Claves identitarias de las latinoamericanas en el umbral del milenio. In: TORRES, Carmem, PORTUGAL, Ana Maria (Ed.). **El siglo de las mujeres.** Santiago, Chile: Ediciones de las mujeres; Isis Internacional, 1999. n. 28, p. 13-28.

LARIZZA, Mirella. A república, a ciência e as paixões. TRINDADE, Héglio (Org.). **O positivismo:** teoria e prática. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999. p. 49-57.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. in: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação.** Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

LEITE, Míriam, I. Moreira, MASSAINI, Márcia Ignez. Representações do amor e da família. In: D'INCÃO, Maria Angela (Org.). **Amor e família no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1989. p. 70-87.

LEÓN, Maria Antônia Garcia de. **Elites discriminadas:** sobre el poder de las mujeres. Barcelona: Anthropos editorial, 1994.

LIMA, Daladier Pessoa Cunha. **Recordando Henrique Castriciano**. Discurso pronunciado na solenidade de posse na categoria de sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal: OpçãoGraf, 2004.

LIMA, Marita. Os filhos de Papary são filhos de Nísia Floresta. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1954.

LIMA, Nestor. **Um século de ensino primário**. Natal: Tipografia "A República", 1927.

LINS, Ivan. **História do positivismo no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

LITERATAS potiguares. **Diário de Natal Muito**. Natal, capa, 7 abr. 2005.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.

_____. **Prendas e anti-prendas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1987.

LOURO, Guacira Lopes; MEYER, DAGMAR Estermann. Gênero e educação. **Revista Estudos Feministas**: Centro de Comunicação e Expressão-CCE e Centro de Filosofia e Ciências Humanas-UFSC, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.

LUCA, Leonora De. "**Amazonas do pensamento**": a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil. 2004. 1 v., 330p. Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Org.). **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Afrontamento, 2005.

MAGALHÃES, Mario Osório. **História do Rio Grande do Sul (1626-1930)**. Pelotas: Armazém Literário, 2002.

_____. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora da UFPEL, 1993.

MAGGE, Bryan. **História da Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001.

MAPA arquitetural da cidade do Rio de Janeiro: fachada do Colégio Augusto. 1874. Acervo pessoal de Constância Lima Duarte.

MARCUSE, Herbert. **Razão e Revolução. Hegel e o advento da teoria social**. Tradução de Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARIZ, Zélia Maria Bezerra. **Nísia Floresta Brasileira Augusta**. Natal: Editora Universitária, 1982.

MARTINS, Liana Bach, NEVES, Gervásio Rodrigo. **A original planta comercial de Porto Alegre**. Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/>>. Acesso em: 09 jun. 2011.

MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. In: PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete Pereira de; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lucia. **Olhares feministas**. Brasília: Ministério da Educação; UNESCO, 2009. p. 277-305.

MAYEUR, Françoise. A educação das raparigas: o modelo laico. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 277-296.

MCINTOSH, Mary. Feminism and social policy. In: CASTLES, Francis G.; PIERSON, Christopher (Ed.). **The welfare state reader**. Cambridge: Polity Press, 2000.

MEDEIROS FILHO, João. Nísia Floresta. Separata de: **Um advogado na academia de Letras**. Natal: Academia Norte-riograndense de Letras e Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte, 1981.

MELO, Veríssimo de. **Patronos e acadêmicos**. Academia Norte-Riograndense de Letras. Antologia e Biografia. Patronos. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972. v. 1.

MENDONÇA, M^a Helena Miscow Ferraz. **A crônica e as cronistas brasileiras: questões de gênero**. 2002. 1. v. 317 p. Doutorado (Letras -Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. In: TIBURI, Márcia; Menezes, Magali de; EGGERT, Edla (Org.). **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. p. 13-22.

MEMORIAL da Mulher: Centro de Referência, Documentação e Memória. Pesquisa histórica, texto e produção executiva: Zelma Furtado. Roteiro, direção e montagem: Kacianni Ferreira. Imagens: Justino Neto. 1DVD (6' 50"), son., color. Localização: Acervo Memorial da Mulher.

MENEZES, Magali Mendes de. Por que as mulheres e a filosofia? In: CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristianne Maria Famer (Org.). **Produzindo gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 122-127.

METODOLOGIA, ascensão e queda de um projeto inovador: Nísia, uma educadora. **Diário de Natal**, Natal, p. 06, 2006. Educação.

MORAES FILHO, Evaristo de (Org.); FERNANDES, Florestan. **Comte**. São Paulo: Ática, 1983.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora UNIJUI, 2007.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Isabel Gondim**: uma nobre figura de mulher. Natal: Fundação Guimarães Duque, 2003. v. 1.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

_____. Pedantes e bas-bleus: história de uma pesquisa. In.: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. Florianópolis : Editora Mulheres; EDUNISC: Santa Cruz do Sul, 2000. p. 17-29.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do Nascimento. Vida e esperança: o trabalho feminino na criação de bebês no Recife (1789-1831). **Revista esboços. Dossiê: Relações de Gênero e escrita da história**, Florianópolis: Revista do PPG em História da UFSC, v. 17, p. 75-89, 2007.

NAVARRO, Jurandyr; Zelma Furtado. In: NAVARRO Jurandyr. **Rio Grande do Norte**: o trabalho e a sua grandeza. Natal: [s.n.], 2008.

NAVARRO-SWAIN. **Intertextualidade**: perspectivas feministas e foucaultianas. Disponível em: <[HTTP://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys5/textos/eubr.htm](http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys5/textos/eubr.htm)>. Acesso em: 20 dez. 2011.

NEVES, Fátima Maria. **O método lancasteriano e o ensino da ordem e da disciplina para os soldados do Império brasileiro**. p. 01-17. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT02-3119--Int.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

NÍSIA floresta: uma brasileira à frente do seu tempo. **Jornal Correio Braziliense**, Brasília, quinta-feira, 9 nov. 2006. Suplemento Especial.

O MENSAGEIRO. Porto Alegre. 1835/1836. Edição fac-similada da Livraria do Globo, 1930.

OLIVEIRA, Leda Maria Nunes de. **Uma escola pioneira na formação do professor primário no Rio Grande do Norte**: reconstruindo sua memória. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

OSÓRIO, Fernando. **Mulheres Farroupilhas**. Porto Alegre: Globo, 1935.

PADOIN, Maria Medianeira. A Revolução Farroupilha. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (Dir.); BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). **Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 2, p. 39-70.

PAIVA, Cônego Jorge O'Grady de. Adauto da Câmara. **Revista da Academia Norte- Riograndense de Letras**, Natal, 1959.

PAIXÃO. Sylvia. **A fala-a-menos**: a repressão do desejo na poesia feminina. Rio de Janeiro: Numen, 1991.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. **Nísia Floresta: o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PATEMAN, Carole. The patriarchal welfare state. In: CASTLES, Francis G.; PIERSON, Christopher (Ed.). **The welfare state reader**. Cambridge: Polity Press, 2000.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e Post. Scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In.: PRIORI, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.

PEREIRA, Nilo. Prefácio. In: GRILLO, Maria Simonetti Gadelha. **Buscando a luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta**. Natal: Editora Carlos Lima, 1989.

PEREIRA-MIGUEL, Lúcia. **História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920**. Brasília, Rio de Janeiro: José Olympio; Ministério da Educação e Cultura, 1973.

PERROT, Michelle. Sair. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 503-540.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho (1880-1920)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. TRINDADE, Hélgio (Org.). **O positivismo: teoria e prática**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.

PICCOLO, Helga Iracema (Org.). **Coletânea de discursos parlamentares da assembléia legislativa da província de São Pedro do Rio Grande do Sul (1835-1889)**. Porto Alegre: Assembléia do Estado do Rio Grande do Sul, 1998. v. 2.

PICCOLO, Helga Iracema. **Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano**. Porto Alegre: Landgraf, editora UFRGS, 1992.

PICKERING, Mary. Augusto Comte e a esfera pública de Habermas. TRINDADE, Hélgio (Org.). **O positivismo: teoria e prática**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 179-195, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

PINHEIRO, Rosa Aparecida. **Educação e modernização em Henrique Castriciano**. Natal: Editora da UFRN, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Typhographia de Silva, 1832.

PISANO, Margarita. **El triunfo de la masculinidad**. Fem-e-libros/creatividad feminista. 2004. Disponível em: <<http://webs.uvigo.es/pmayobre/pdf/pisano.pdf>> Acesso em: 2 set. 2011.

PIRES, Cecília. As dimensões do poder e seus impasses. **Revista Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 3, n. 5, p. 77-95, 2002.

PIRES, Feliciano Nunes. **[relatórios e falas] 1837 out. 02**. Relatórios e falas presidenciais da província e mensagens dos presidentes e Governadores do Estado do Rio Grande do Sul (1835-1976). Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre o conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas femininas. In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências humanas. Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 49-65.

PROVINCIA DE SÃO PEDRO. **Livro de atas das sessões do conselho administrativo**. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

_____. **Livro de registro geral das atas da Câmara Municipal (1832-1835)**. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

_____. **Livro segundo de registro das atas da Câmara Municipal (1835-1845)**. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

_____. **Relação de leis e decretos recebidos pela Câmara Municipal**: cópias de decretos impressos (1828-1835). Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. Cidades e Sociabilidades (1822-1889). In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (Dir.); BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). **Império**. Passo Fundo: Méritos. 2006. v. 2, p. 423-448.

REGISTRO de cartas patente-Cartas imperiais e confirmação de sesmarias. Localização: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

REVISTA da Academia Norte-Riograndense de Letras, Natal, 1959.

RIBEIRO, Niamara. Heroínas da resistência gaúcha. A mulher no período Farroupilha. In: RETAMOZO, Aldira Correa et al. **O papel da mulher na Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Tchê! Comunicações, 1971. p. 7-46.

RICCI, Magda. Como se faz um vulto na História do Brasil. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia Lima (Org.). **Questões da teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 2000. p. 131-160.

RIO GRANDE DO NORTE. **A mulher potiguar: cinco séculos de presença**. Natal: Fundação José Augusto, [2001].

RIO GRANDE DO SUL. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Universidade de Caxias do Sul. **Guia do acervo e inventário sumário dos códices: coleção descritiva do acervo**. AHRGS, 1980.

RODRIGUES, Alfredo F. **Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul (1828-1845)**. Rio Grande: Oficinas a vapor da Livraria Americana, 1899.

RODRÍGUEZ MAGDA, Rosa María (Ed.). **Mujeres en la historia del pensamiento**. Barcelona: Anthropos, 1997.

RODRÍGUEZ MAGDA, Rosa María. **Feminino fin de siglo: La seducción de la diferencia**. Barcelona: Anthropos, 1994.

ROSA, Graziela Rinaldi. Nísia Floresta e a reforma na educação no Brasil em busca de equidade de gênero. In: STRECK, Danilo R. **Fontes da Pedagogia Latino-americana: Uma antologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 89-104.

_____. As mulheres e o ensino de filosofia: desafios na fronteira do humano.. **UNirevista**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2005 (a). Disponível em <http://www.unisinos.br/publicações_cientificas/>. Acesso em: 20 maio 2008.

_____. **Conhecendo a passagem de Nísia Floresta pelo Rio Grande do Sul**. 2008. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 8. Florianópolis, 2008.

_____. **Desafios de Incluir questões de gênero, feminismos e mulheres nas salas de aulas**. 2005. Trabalho apresentado no encontro Internacional de Educação. Gravataí. Disponível em: <http://www.encontrodeeducacao.org.br/biblioteca_trabalhos.php>. Disponível em 03.05.2008.

_____. **As relações de gênero na filosofia: vivências e narrativas de professoras de filosofia**. 2007. 293f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em educação. Unisinos, São Leopoldo, RS, 2007.

_____. Também há mulheres filósofas: uma obra para pensar a educação e a filosofia. **Revista Educação**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, 2006.

_____. **Pensando o feminismo de Nísia Floresta: Contribuições de uma filósofa e educadora pouco conhecida**. 2006. Trabalho apresentado nos anais do VII Encontro Internacional fazendo gênero-Gênero e Preconceitos. Santa Catarina, 2006.

_____. **Incluindo as mulheres filósofas nas salas de aula**. 2005. Trabalho apresentado nos anais do 8º Seminário Internacional de Educação. Novo Hamburgo, 2005. p.195-206.

_____. 2005. **Onde estão as filólogas da América Latina?** Trabalho apresentado nos anais do VII Corredor das ideias do Cone Sul. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

_____. **Onde estão as obras raras de filólogas, suas reflexões, biografias e referências nos livros didáticos?** 2005. Trabalho apresentado nos anais da Semana Científica do Unilasalle. Canoas: Centro Universitário La Salle, 2005.

_____. **Pensando em gênero e educação.** 2005b. Trabalho apresentado no III Seminário de Educação e Gênero. Tocantinópolis, 2005b. não paginado.

_____. **Pensando gênero e educação.** Trabalho apresentado no encontro Internacional de Educação. Gravataí, 2005a.

ROSA, Othelo. Notas sobre a evolução do ensino no Rio Grande do Sul. *Separata de: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 109-112, p. 175-190, 1949.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SABINO, Ignez D. **Mulheres ilustres do Brasil.** Prefácio Arthur Orlando Florianópolis: Editora Mulheres, 1996. Edição fac-similar.

SAFFIOTI, Heleieth. Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Prefácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem ao Rio Grande do Sul: 1820-1821.** Trad. Leonam de Azevedo Pena. Rio de Janeiro: Ariel, 1935.

SAMARA, Eni de Mesquita. Mão-de-obra feminina, oportunidades e mercado de trabalho no Brasil do século XIX. In: SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). **As ideias e os números do gênero: Argentina, Brasil e Chile no século XIX.** São Paulo: HUCITEX: CEDHAL/FFLCH-USP; Fundação VITAE, 1997. p. 23-61.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Para um Novo senso comum.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. v. 1, p. 23-37.

SARAIVA, Alberto. **Antigualias: reminiscências de Porto Alegre.** Porto Alegre: Typografia do Jornal do Comércio, 1881.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007.

_____. **O legado educacional do “longo século XX” brasileiro.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

RÍSCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: EDUSC, 2001.

SCHNEIDER, Regina Portella. **A instrução pública no Rio Grande do Sul-1770/1889**. Porto Alegre, São Leopoldo: UFRGS/EST Edições, 1993.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de lidar com as mulheres**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Org.). **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. Porto Alegre: Duas Cidades, 2000.

SCHWARZER, Alice. **Simone de Beauvoir hoje**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. **American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, dez. 1986.

SCOTT, Joan W. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

SEIDL, Roberto. **Nísia Floresta (1810-1885)**: a vida e a obra de uma grande educadora, precursora do abolicionismo, da República e da emancipação da mulher no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933.

SHARPE-Peggy. Introdução e notas. In: SHARPE-Peggy. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVA, Erineusa Maria da. **As Relações de gênero no magistério- a imagem da feminização**. Vitória: Edufes, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVEIRA, Maria Dutra da. A mulher na Revolução Farroupilha In: RETAMOZO, Aldira Correa et al. **O papel da mulher na Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Tchê! Comunicações, 1971. p. 47- 102.

SLEDZIEWSKI, Élisabeth. Revolução Francesa. A viragem. In: PERROT, Michelle, DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente**: o século XIX. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 41-58.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul- Primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). **Vivência - História, sexualidade e imagens femininas**. São Paulo: Brasiliense; Fundação Carlos Chagas, 1980. p. 121-150.

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuição para um debate. In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Coleção Gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1997. p. 95-114.

_____. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 193-

195, jan. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 jul. 2011.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e Violência no Brasil Urbano. In: PRIORI, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord.de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997a. p. 362-400.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. História e Gênero, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, jul./dez., 2007.

SORJ, Bila. Estudos de gênero: a construção de um novo campo de pesquisas no país. In: COSTA, Albertina de Oliveira; MARTINS, Ângela Maria; FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Uma história para contar: a pesquisa na Fundação Carlos Chagas**. Rio de Janeiro: annablume, 2004. p. 117-140.

STRECK, Danilo R. **Fontes da pedagogia Latino-Americana: uma antologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **A educação popular e a reconstrução do público: há fogo sob as brasas?** 2006. Trabalho apresentado na ANPED. 28. Reunião Anual 2006.

_____. **Rousseau & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TAMBARA, Elomar e ARRIADA, Eduardo. **Coletânea de leis sobre o ensino primário e secundário no período imperial brasileiro**. Pelotas: Seiva, 2005.

TAMBARA, Elomar. **Introdução à história da educação no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Universitária/Seiva, 2000.

TAMBARA, Elomar. **Positivismo e educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo**. Pelotas: UFPEL, 1995.

TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (Org.). **Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: editora da UFPEL, 2009. v. 3.

TARGA, Luis Roberto. **Gaúchos e paulistas: dez escritos de história regional comparada**. Porto Alegre: FEE, 1996.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: PRIORI, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord.de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p.401- 442.

TERRA, Eloy. **As ruas de Porto Alegre**. Porto Alegre: AGE, 2001.

TIBURI, Márcia; VALLE, Barbara (Org.). **Mulheres, filosofia ou coisas do gênero**. EDUNISC: Santa Cruz do Sul, 2008.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Augusto Comte e a Mulher: O feminismo na primeira República. In: TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.). **Mulheres na história:** Paraná - séculos XIX e XX. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997. p. 44-62.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne (Org.). **Mulheres na história:** Paraná – séculos XIX e XX. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 1997.

TRINDADE, Hégio (Org.). O jacobinismo castilhistas e a ditadura positivista no Rio Grande do Sul. In: TRINDADE, Hégio (Org.). **O positivismo:** teoria e prática. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999. p. 137-151. (Coleção Academina).

_____. **O positivismo:** teoria e prática. Coleção Academina. Porto Alegre: editora UFRGS, 1999.

VAINFAS, Ronaldo (Org.; Dir.). **Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889).** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VALCÁRCEL, Amélia. **Sexo y filosofia:** sobre “mujer” y” poder”. Barcelona: Anthropos, 1994.

VARELA, Alfredo. **Rememranças:** memórias Posthumas. Rio de Janeiro e Porto: Anuário do Brasil e Renascença Portuguesa, [19--?].

VOLPI, Franco. Introdução e notas. In: SCHOPENHAUER Arthur. **A arte de lidar com as mulheres.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WALNWRIGHT, Hilary; SEGAL, LYNNE; ROWBOTHAM, Sheila. Além dos fragmentos. São Paulo: brasiliense, 1981.

WEIMER, Günter. A arquitetura. In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira (Dir.); BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). **Império.** Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 2, p. 379-400.

WANDERLEY, Ezequiel. **Poetas do Rio Grande do Norte.** Recife: Imprensa Industrial, 1922.

XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia Lima (Org.). **Questões da teoria e metodologia da história.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 161-173.

ZAMBECCARI, Lívio. **Primeira planta da cidade de Porto Alegre.** Cópia digital: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

ANEXO A – Máximas e pensamentos

Para a minha Filha

I

De manhã despertando, ao Céu levanta
Teu espírito, ó filha! assim farás,
Que sobre ti Deus vele, pois não sabes
Se a terra antes da noite volverás!¹

II

Foge ao mal, segue o bem, filha querida
Em paz ditosa passarás a vida

III

No prazer, quando bem nos engolfamos,
A sorte contra nós golpes despede;
Brilha o sol no horizonte, e logo às vezes,
Medonha tempestade lhe surpreende².

IV

Paixões não há, nem há dificuldades,
Que da virtude o amor vencer não possa.

V

Sob flores, a serpe venenosa
Se oculta e morde o viandante incauto;
Assim doces prazeres nos ocultam
Dos vícios o tremendo fel mortífero.

VI

Só as almas mediócras se abatem
Ao jugo das paixões que a razão ferem.

VII

Do mortal infeliz pranteia os danos,
Alegra-te com os bens do virtuoso;
Não invejes os dons; que Deus outorga
Da fortuna ao feliz. filho mimoso.

VIII

Do ser indiferente, foge, minha³ filha,

¹ Para Rinaldo Câmara (1964), são apenas trinta e oito pensamentos, mas optei em utilizar a versão do acervo particular de Constância Duarte que são 40 pensamentos, que confere ao número dito pela própria Floresta na introdução da 2ª edição (1845) de Conselhos a Minha Filha. A versão de Rinaldo Câmara (1964), consta a grafia totalmente diferente, mas pode ser porque foi escrito quando o Marechal Câmara ainda era uma criança e aluno dela. Na versão de Rinaldo Câmara (1964) o z é trocado por s; am por ao; g por j; i por e; não constam muitas vírgulas e os pontos de exclamação, erros típicos de crianças. Também o Pensamento X (da versão de Constância) não consta.

² Na versão contida na obra “Inéditos e Dispersos de Floresta”(2009, p. 23), a palavra “surpreende” é substituída por “sucede” =.

Em sua alma a virtude não habita.

IX

Não creias cara filha, ser feliz
Sempre aquele, que tem alegre o rosto,
O riso assoma aos lábios, quando o peito
Sofre mil vezes o fatal desgosto.

⁴IX

A vaidade foi sempre e em todo o tempo
Da feminil virtude o triste escolho

X

A vaidade foi sempre em todo tempo
Da feminil virtude o triste escolho.

XI

Feliz quem desde a prima juventude
Trilhou avante da virtude a senda;
O passado sem dor se lhe retraça,
E sem susto o porvir seguro aguarda.

XII

Prefere antes passar por ignorante
Que teres o conceito de pedante.

XIII

Plutarco, Milton, Fenelon, Virgílio,
(cujas línguas traduzes) jamais foram
De seu saber, vaidosos; mas modestos
Ilustraram a Pátria, e a humanidade.

XIV

Estuda, por amor ao mesmo estudo,
E não creias jamais que sabes tudo.

XV

Os homens que pretendem, egoístas,
Das ciências vedar-nos os arcanos,
Contra si pronunciam, sem o crerem,
Sentença, que lhes traz terríveis danos!

XVI

Foge o tempo veloz, velozes fogem

3 Na obra “Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta” (2009), a palavra “minha” foi substituída por “ó” (p.24).

4 Esse IX pensamento seria o X na obra “Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta” (2009), e o XI seria “Feliz quem desde a prima juventude/Trilhou avante da virtude a senda;/O passado sem dor se lhe retraça,/E sem susto o porvir seguro aguarda (p.24).

Dos míseros mortais os vãos prazeres!

XVII

Terna amiga, inimiga inexorável,
É do triste mortal a consciência;
O coração reto preside;
É do mal a segunda inseparável!

XVIII

Do palácio a ventura, às vezes foge,
Para habitar na pobre choça.

XIX

No homem poderoso os feios vícios
São apenas defeitos passageiros;
Naquele que a fortuna não protege,
Parecem grande crime os mais ligeiros!

XX

A vaidade destrói as paixões nobres,
Bem como ardente sol as plantas cresta.

XXI

Do terno coração de uma mulher
É muito belo ornamento a timidez;
Mil vezes infeliz foi sempre aquela
Que tão bela virtude em si desfez!

XXII

Os homens leis fizeram parciais,
Que a mulher⁵ julgar deve naturais

XXIII

Armas há poderosas, que a mulher
Deve empregar com ânimo bastante;
São a doce bondade, a paciência,
A modesta ternura, a fé constante.

XXIV

Desgraçada a mulher, que um só momento
Esquece da modéstia as leis severas!

XXV

Monumentos soberbos, templos, mármore,
Tudo avara destrói do tempo a mão!
A virtude somente passa intacta
Pela sua cruel revolução.

5 Em Rinaldo Câmara (1964), consta "as mulheres" (p. 382).

XXVI

Infeliz o mortal, que na beleza,
Consistir faz os dons da natureza.

XXVII

Os prazeres do mundo se assemelham
à cicuta, que ao pé do agrião nasce;
Este no⁶ homem sustenta, enquanto aquela⁷
Faz que este em breve à sepultura passe

XXVIII

A amizade, a mais nobre das paixões,
Digna só do teu culto, oh filha, seja!

XXIX

Fugir procura sempre, cara filha,
Aos laços, que armar⁸ sabe o coração;
A dor, partilha tua eternamente,
Será, se impor- lhe deixas à razão.
Instrução sem virtude na mulher brilhar não pode⁹

XXXI

Ao revel coração impôr silêncio,
Desde já te habitua cuidadosa,
Se queres mocidade ter feliz,
Respeitável velhice, morte honrosa.

XXXII

Da primeira conduta, que nós temos,
Depende o bem e o mal, que ao fim sofremos.

XXXIII

Aquele, que a fortuna má persegue
Seus tesouros avara lhe negando,
De gozá-los às vezes é mais digno,
Que os escolhidos seus, que os vão gozando.

XXXIV

Da mulher, que a seu ser o sobressai,
Inimigas cruéis são as mulheres!

XXXV

Em um mundo, que justo ser não sabe,

6 Na obra "Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta" (2009), consta a palavra "ao" e não "no" (p.27)

7 Em Rinaldo Câmara (1964), consta "aquelle" (p.382).

8 Em Rinaldo Câmara (1964), consta "q'amor"(p.382).

9 Em Rinaldo Câmara (1964), o pensamento anterior terminaria aqui, mas consta no acervo particular de Constância Duarte dessa maneira. Mas foi publicado posteriormente por Constância, na obra "Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta" (2009), o pensamento XXX: "Instrução sem virtude na mulher/ Qual mesmo a de Sólon, brilhar não pode.

Não desejes brilhar, filha querida;
Da mulher os talentos fazer devem
Os encantos domésticos da vida

XXXVI

Quanto mais superior ao sexo¹⁰ fores,
Tanto mais da modéstia as leis te ligue.

XXXVII

As que são ignorantes não possuem
A vantagem¹¹ de uma alma bem formada,
Despeitosas então, sofrer não podem
Aqueles, que instrução tem cultivadas.

XXXVIII

Em vão pretendem conhecer arcanos
Do futuro, os misérrimos humanos!

XXXIX

Do precipício à borda alegre rimos,
Seus horrores cruéis sempre ignorando;
Ao bem, que em dor acerba nos consola,
Só nos chegamos tristes e chorando!

XL

Feliz somente o que prudente, e sábio
Na sã religião seus bens contempla.

Nísia Floresta Brasileira Augusta

10 Em Rinaldo Câmara (1964), consta “ser” e não sexo (p.383).

11 Em Rinaldo Câmara (1964), consta “as vantagens” (p. 383).

ANEXO B – Mausoléu de Nísia Floresta



Foto tirada à noite do dia: 10/02/2011



Fotografada em 10/02/2011, por Graziela Rinaldi da Rosa; consta: “Deste ninho, até agora ignorado, levantou vôo altaneiro a notável norte-riograndense a quem a mocidade rende esta homenagem.



Fotografada em 10/02/2011, por Graziela Rinaldi da Rosa; consta: “O congresso Literário reunido em Setembro de 1909 sob os auspícios do Exm. Sr. Dr. Alberto Maranhão, seu presidente de honra e Governador do Estado resolveu erigir este monumento”.



Fotografia feita em 10/02/2011, consta o trecho de uma carta datada de 29 de agosto de 1857, escrita por Augusto Comte.

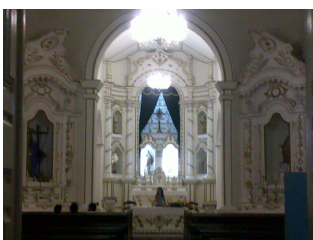


Na placa colocada em homenagem a Nísia pela Academia Riograndense de Letras, datada de 3/04/1955 consta a data de nascimento 1810.

ANEXO C – Igreja Matriz Nossa Senhora Do Ó



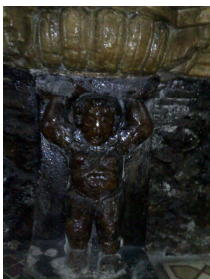
Fotografia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Ó, centro do município Nísia Floresta, onde Nísia foi batizada, fotografia de 08/02/2011.



Fotografia de 08/02/2011 do interior da Igreja Matriz Nossa Senhora do Ó



Fotografia de 08/02/2011 de uma pia feita pelo pai de Nísia Floresta.



Fotografia de 08/02/2011: detalhe da pia, uma índia segurando um jarro



Fotografia da pia do Batistério, na Igreja Matriz Nossa Sr^a do Ó, município Nísia Floresta, 08/02/2011.

ANEXO D – Relato da entrevista realizada pelo pesquisador Luis Carlos Freire, com o Padre Rui Miranda, em Ceará Mirim, em data 03/06/2006.

2

Ceará-Mirim, 3 de junho de 2006

Histórico da viagem feita a cidade de Ceará-Mirim com o objetivo de entrevistar o Padre Rui Miranda, Pároco desta cidade, o qual recebeu, em 1954 os despojos de N'ra Glória Brasileira Augusta.

Levantei as quatro horas da manhã e organizei alguns materiais que separei na noite anterior para mostrar ao padre (fotos, jornal, etc). Tomei café e saí de Parmamirim as seis horas, chegando em Natal as seis e 26.

Dirigi-me ao apartamento de Marilene de Brito (minha amiga jornalista, a qual conheci em 1998) aguardando que ela tomasse banho e em seguida subi ao seu apartamento. Foi convidado a tomar café regado a fruta-do-Condé, torradas, leite, coelhada e ovos mexidos. Saímos as sete horas e cinco minutos com destino a TV-Universitária, onde aguardavam-nos Palina, a repórter, e Dalino, o cinegrafista (este estava reprovando a atitude do iluminador, o qual não veio).

Saímos os quatro com destino a Ceará-Mirim. A entrevista estava marcada para as nove horas. Chegamos às nove horas e cinco minutos a Vara Paroquial, após um costurar de ruas, pois era sábado de feira e as ruas pareciam um formigueiro. A igreja, belíssima, com sacção a cor azul e o mal gosto de um agulhamento na cobertura pontuda da torre, dividava com a Vara Paroquial. fomos recebidos por uma das várias mulheres as quais, pelo constante vai-e-vem pela

casa, deixaram claro terem ali cada uma pla-
geras domésticos. Havia também dois homens e
um rapazinho. Um deles convidou-nos a adentrar
no escritório do padre, o qual, sentado nos aquar-
dava.

Ralina entrou, seguida por mim. Depa-
ramo-nos com um antigo livro montanhosamente
repleto de livros. Ao lado uma mesa quase da al-
tura do livro, cheia de papéis, livros e um saqui-
nho de moedas. Logicamente eram de uma das
coletas. Ao trás do religioso jaziam prateleiras
com livros religiosos.

Cumprimentamos o padre em coro, pois Fla-
zilene já se apresentara também. Antes de respon-
der o nosso "Bom-dia" o padre falou: "Quero já
dizer que eu não sei nada sobre Nívia Floresta."

Explicamos que não tinha problema, pois
conversariamos sobre outros assuntos, assim como a
experiência dele no município de Nívia Floresta.

Solicitamos que ele deixasse seu escritório e des-
se a entrevista na sala, pois as várias janelas so-
madas à iluminação artificial dos equipamentos,
dariam qualidade as imagens. Ele prontamente
atendeu, dirigindo-se a uma antiga cadeira que
ficava de frente a porta de entrada. Antes de ren-
tar reclamou das dores do reumatismo e outras doen-
ças de natureza érica, parecendo querer justificar
seus passos lentos.

Antes de sairmos de Natal, entreguei a Ra-
lina uma espécie de questionário com as pergun-
tas que interessavam ao documentário História
de Nívia Floresta. O repórter, que memorizou
bem o conteúdo, iniciou a entrevista, arrastada

por mim, que fiquei logo a frente do padre e Florentino, que ficou um pouquinho mais afastada, à minha direita.

Antes que Palina fizesse a primeira pergunta o padre começou a falar que no dia da chegada dos despojos aguardavam uma caixota com ossos mas o que chegou foi um "caixão de defunto" (ossos são dele).

A primeira pergunta foi sobre o tempo que ele passou em N'ria Florenta. Ele disse que permaneceu apenas dois anos, até que certo dia o Jerônimo de Natal convocou-o para uma audiência e disse que ele seria transferido para outra cidade. Ele ficou surpreso, pois adorava o povo de N'ria Florenta. Considerava um povo bom, pobre e pacato.
"Foi um muito choro. Os pensamentos ficaram tristes". Disse.

Perguntado se já voltou ao município de N'ria na época, respondeu: - "Não, pois tenho comigo que um padre nunca deve voltar, pois como era uma espécie de vínculo afetivo com o povo, acaba atropalhando o novo padre que assume e isso não é bom."

Perguntado sobre as lembranças do dia da chegada dos restos mortais de N'ria, respondeu: - "Não me lembro com pormenores, pois já faz cinquenta anos e difícil lembrar de detalhes."

Apesar de uma aparente simpatia do padre, embora eu possa estar enganado, percebi nas entrelinhas, que ele não queria se abrir muito. Ele respondia e logo se calava. Jamais se estendia, como quisesse não dar margem para perguntas garimpadas nas suas respostas. Apesar de al-

algumas brincadeiras muito retas que fiz nos momentos que a câmara não gravava, risando "quebrar o gelo", o padre continuava com toda formalidade.

Perguntado sobre as autoridades que estavam presentes, respondeu: "Não me lembro de todas. Sei que o Prefeito José Ramires estava e, embora não possa dizer os nomes, reportadamente haviam autoridades de Natal."

Perguntado sobre o impacto do acontecimento perante os nativos, respondeu: "Algumas pessoas saíram, outras não, mas foi um grande aglomerado de pessoas e gente de outras cidades."

Perguntado de quem fez o comunicado da chegada dos despojos e quem solicitou a missa, respondeu: "Foi o Prefeito José Ramires e o povo da cidade."

Perguntado sobre a reacção dos nativos, disse: "Nada de especial. Nada de diferente."

Perguntado se houve discursos, disse: "Não me recordo. Foi muito tempo."

Perguntado sobre como se deu a entrada do caixão de Nínia Floresta no interior da igreja, disse: "Não me lembro como foi."

Perguntado como foi o despejar dos panfletos com a foto e a biografia de Nínia, através de um arião que sobrepunha o largo da Batuz no cortejo, respondeu: "Não me lembro."

Quando ainda estávamos no carro com destino a Ceará-Mirim, salientei a repórter que o motivo maior dessa entrevista era tentar arrancar do padre uma grande curiosidade que eu tinha, cujo depoimento do mesmo entraria na

112.^a tomada do Vídeo. Documentário, cujo conteúdo estava passível de mudança, dependendo do que o religioso dissesse.

Pergunto alguns depoimentos que colhi ao longo do tempo em Níxia Floresta e mesmo algum escritor que li, o padre Rui Alcântara recorreu-se a receber o caixão com o corpo de Níxia Floresta.

Particularmente sempre almejei registrar o depoimento do padre, pois considero fundamental para o Vídeo. Documentário, não com o sentido de polemizar, mas para dirimir as dúvidas, até porque nunca um pesquisador esteve com o padre para conversar sobre tal assunto.

Voltando a entrevista foi perguntado ao padre quanto tempo o caixão de Níxia Floresta ficou na Abadia. Ele respondeu: "Oito meses. O caixão ficou no corredor do lado direito, enquanto o Prefeito mandava construir o túmulo, pois tendo em vista que aguardavam uma caixão com ossos, foi construída uma estrutura pequena. Ti veram de fazer um túmulo que coubera um caixão?"

Perguntado sobre o que ele achava das idéias de Níxia Floresta, ele disse: "Eu era contra. Eu não podia concordar com as idéias de uma mulher que pensava daquele jeito".

Logo ser perguntado que idéias eram as que ele discordava, respondeu novamente: "Eu nunca li nada sobre Níxia Floresta".

Perguntado como ele recebeu o caixão de Níxia Floresta, respondeu: "Ela era daquela terra e como padre eu deveria cumprir os rituais da igreja".

Em seguida a repórter, já com a câmara desligada, perguntou-me se eu deixava fazer alguma pergunta ao religioso. Eu pedi que ela pedisse ao padre que mandasse uma mensagem para o povo de Níxia Floresta e ele o fez com grande desempenho.

Continuando a câmara permaneceu ligada e a conversa tornou-se um pouco mais natural. Perguntei ao padre um jornal que divulgava a simulação da chegada dos despojos de Níxia Floresta. Perguntei se ele se recordava daquelas cenas. Ele, de cabeça baixa, sem esboçar nenhuma reação, apenas olhou sem responder.

Dei a ele uma cópia do pequeno cartaz com a foto e biografia de Níxia Floresta, informando que havíamos mandado fazer através da Fundação José Augusto, dez mil cópias daquele material, o qual foi despejado de um avião sobre a granja da cema. Perguntei que, inclusive, um rapazinho, nativo, fez o papel do padre Rui Miranda e brinquei: - "Faz um padre Rui Miranda lá em Níxia Floresta?" Ele desviou o olhar para mim e esboçou um leve sorriso.

Perguntei novamente se ele se recordava de como estava a cema de frente a igreja, como o povo se distribuía, quem estava presente, etc. Ele disse que não se lembrava de nenhum detalhe pois já faziam 50 anos.

Perguntei se ele se lembrava da Srta. Dona Mariinha, uma velha moradora do município. Ele ficou pensativo, como se não recordasse. Eu falei o nome completo dela: - "Maria do Carmo Guerra Dias". Ele continuou indiferente. Eu

continuei: "Ela tem um filho que mora aqui. É uma antiga moradora de Péria. Já está com 101 anos. Toda a família fala muito bem do senhor."

Percebi instantaneamente ele disse: - "Oh! Ela foi a minha cozinheira. Era quem gelava da casa paroquial. É uma pessoa muito distinta."

Perguntei se ele se recordava de Yajá Paiva. Respondeu com muita nostalgia: - "Oh! Foi minha mãe! Uma santa. Mulher muito especial. A igreja era arrumada com muito carinho por ela. A igreja era cheia. O povo tinha gosto de entrar na igreja."

E assim encerramos a entrevista.

Logo em seguida a repórter me convidou para dar uma entrevista justamente na sala do padre. Desta vez ele ficou sentado logo à minha frente, lendo a biografia de Péria Floresta.

Eu já estava me esquecendo. Antes de encerrar eu perguntei ao padre se ele aceitava receber um livro de Péria Floresta para ler. Ele disse que receberia e leria. Perguntei ainda se hoje ele sabia mais sobre Péria Floresta do que da época que morou em Péria. Ele respondeu: - "A mesma coisa."

Professor Luis Carlos Figueira

ANEXO E – Poema “Aqui sob esta abóbada”

Aqui sob esta abóbada

(de Nísia Floresta-tradução Palmira Wanderley¹)

Aqui, sob o zimbório, onde um santo viveu,
eu scismo sobre o nada... E a alma entristeceu...
E vem-me ao coração, assim, desiludido,
Santa recordação do meu filho querido...
A lembrança dos meus é orvalho enluarado
Suavizando o calor do meu peito abraçado.
Da vida no espinhal, de minha mãe a imagem.
É perfume de flor, é verde de ramagem...
Branca e doce visão aos pés do altar pendida,
Intercedendo aos céus pela filha dorida,
que chora de amargor, ante o vício e o pecado,
enquanto escuta da alma um som nunca escutado...
Brando e divino som, que ao coração me vem
Como resteadas do sol, como sopro do Bem...
Seria a tua prece, ó mãe, o teu vício
que em mim repercutindo, eu sinto que alívio?
Deus fazendo vibrar seraphica oração,
harmonia do céu, dentro do meu coração?
Ó mãe, esposo e pai, ó trindade primeira,
que eu recordo, entre o crepe e a flor da laranjeira,
como estrelas brilhando em rosários de luz,
um clarão derramar aos pés de minha Cruz.

¹ Palmira Wanderley é patrona da cadeira, nº 20 da Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Norte, na qual tem assento a escritora Anna Maria Cascudo Barreto. Poema disponível na obra **Poetas do Rio Grande do Norte** (1922).

ANEXO F – Certidão de batismo de Augusto Américo



**MITRA DA ARQUIDIOCESE DE PORTO ALEGRE
CÚRIA METROPOLITANA**

CERTIDÃO DE BATISMO

Certifico que no livro número 08 de assentamentos de Batismos da Igreja de Nossa Senhora Mãe de Deus – Catedral de Porto Alegre (RS) na folha 62 acha-se o seguinte:

AUGUSTO. Aos quatro dias do mez de Agosto de mil oitocentos trinta e trez annos no Oratorio das cazas da residencia do Doutor Manoel Antonio Rocha Faria baptizou solemnemente o Reverendo Manoel Jose Soares Pina, e poz os Sanctos Oleos a Augusto, nascido a doze de Janeiro de mil oitocentos trinta e trez, filho legitimo do Doutor Manoel Augusto de Faria Rocha e de Dona Nizia Floresta Brasileira Augusta, naturaes de Pernambuco; neto paterno de Manoel Gonsalves de Faria, natural de Portugal, e de Joanna Sofia do Amaral, natural de Pernambuco; e materno de Dionizio Gonsalves Pinto Lisboa, natural de Portugal, e de Antonia Clara Freire, natural do Rio Grande do Norte: foram Padrinhos o Doutor Manoel Antonio Rocha Faria e sua mulher Dona Luiza Justiniana de Freitas Rocha. E para constar fiz este assento. Thomé Luiz de Souza, Parocho Encommendado.

E nada mais consta.

Anotações: Anotado na margem – “Passei Certidão a 15 de Julho de 1834. Souza”

Porto Alegre, 13 de junho de 2011.

Taxa: R\$ 81,00



Vanessa Gomes de Campos
Vanessa Gomes de Campos
Arquivista do Arcebispo

ANEXO G – Certidão de óbito de Manoel Augusto de Faria Rocha


MITRA DA ARQUIDIOCESE DE PORTO ALEGRE
CÚRIA METROPOLITANA

CERTIDÃO DE ÓBITO

Certifico que no livro número 05 de assentamentos de Óbitos da Nossa Senhora Mãe de Deus – Catedral de Porto Alegre (RS) na folha 72 verso acha-se o seguinte:

MANOEL AUGUSTO DE FARIA ROCHA. Aos trinta dias do mez de Agosto de mil oitocentos trinta e trez annos nesta Cidade de Porto Alegre falleceo de hũa constipação, depois de ungido, o Doutor Manoel Augusto de Faria Rocha, com vinte oito annos de idade, natural de Pernambuco, filho legitimo de Manoel Gonsalves de Faria e de Joanna Sofia do Amaral, cazado com Dona Nizia Floresta Brazileira Augusta. Foi encomendado por mim, e sepultado no Cemeterio desta Matriz. E para constar fiz este assento. Thomé Luiz de Souza, Parocho Encomendado.

E nada mais consta.

Anotações: Anotado na margem – “Passei Certidão a 31 de Julho de 1845. Lima”

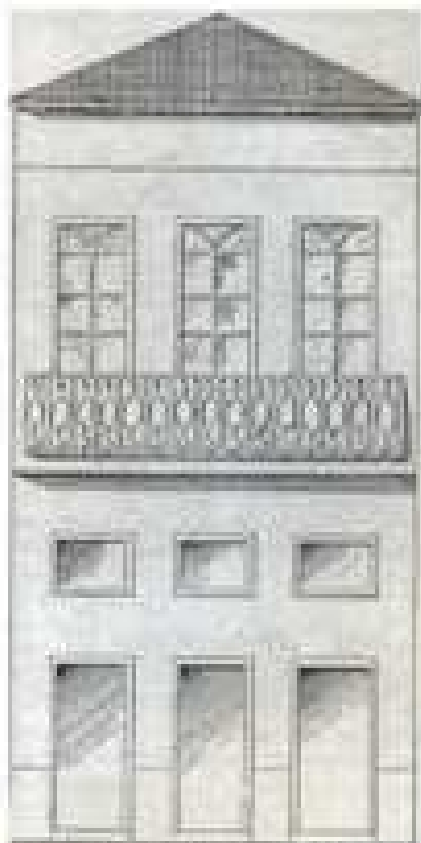
Porto Alegre, 13 de junho de 2011.

Taxa: R\$ 81,00



Vanessa Gomes de Campos
 Vanessa Gomes de Campos
 Arquivista do Arcebispado

ANEXO H – Fachada do Colégio Augusto, situado no centro do Rio de Janeiro.



Fachada do prédio da rua D. Manoel, 25, conhecido pelo
Terreiro do Paço, 17, no qual funcionou, desde 1826
até, o Colégio Augusto.

Extrato de "Mapa Arquitetural da Cidade do Rio de
Janeiro para 1874" (Rio de Janeiro), 1874, assinado por
Mário Pinheiro.

O desenho foi retirado do Mapa Arquitetural da Cidade de Rio de Janeiro, 1874 e faz parte do acervo pessoal da pesquisadora Constância Duarte, em janeiro de 2012.

ANEXO I – Lista de banca examinadora e das alunas que se destacaram no Colégio
Augusto, 1846.

Collegio Augusto.

Nos dias 17, 18, 19 e 20 do corrente tiveram lugar os exames das alunas deste estabelecimento, dirigido por D. Nisia Floresta Augusta. Forão examinadores: de doutrina christã, o Rev. padre João Soares de Souza; de leitura e grammatica portugueza, o Sr. J. Telles Palhinha; de arithmetica, o lente da aula de commercio o Sr. João Caetano da Silva; de historia universal e patria, os Srs. Revs. padres Borten e Mavignier; de francez, o Sr. Carlos Esquelet Barros; de italiano, o Exm. mousenhor nuncio apostolico; de latim, o Rev. padre professor publico Agostinho Marques de Gouvêa; de geographia e cosmographia, o Rev. padre mestre Mavignier e o Sr. J. Telles Palhinha.

ALUMNAS PREMIADAS.

- D. Lívia Augusta de Faria Rocha, em latinitade, com o retrato em miniatura da directora.
 D. Maria Rosa Ferreira, em historia, cosmographia, poesia e italiano, com a 1ª medalha de ouro.
 D. Maria Carolina de Mascarenhas, em historia, cosmographia e italiano, com a 2ª medalha de ouro.
 D. Maria Emilia Braga, em historia, cosmographia e italiano, com a 3ª medalha de ouro.
 D. Francisca de Souza Lima, em historia universal, poesia e cosmographia, com a 1ª medalha de ouro.
 D. Joanna Brigida Corrêa, em francez, geographia e historia antiga, com a 1ª medalha de prata.
 D. Ignez Clara de Abreu e Souza, em francez, geographia e historia antiga, com a 2ª medalha de prata.
 Todas estas medalhas continhão o distico de — Premio ao Merito —, e firma da directora.
 D. Nisia da Silva Brandão, em historia universal e poesia italiana, com o 1º livro, encadernação rica de velludo, tendo em letras de ouro e mesmo distico das medalhas.
 D. Joanna Carolina da Silva Guimarães, em traducção de italiano e em cosmographia, com o 2º livro, de igual encadernação.
 D. Maria Theresa da Cruz Cotrim, em grammatica italiana e historia moderna, com o 3º livro.
 D. Luiza de Queiroz Paiva, em grammatica portugueza, dita franceza, traducção e historia antiga, com o 4º livro.
 D. Maria Carolina Pinheiro, em grammatica portugueza, dita franceza, traducção, arithmetica e historia antiga ate a 4ª época, com o 5º livro.
 D. Francisca Josephina Vianna de Souza, em grammatica franceza, traducção e geographia, com o 6º livro.
 D. Felicianna Benedicta Tibre, em grammatica franceza, traducção e geographia, com o 7º livro.
 D. Maria Augusta de Sá, em grammatica portugueza, dita franceza, traducção e arithmetica, com uma corô.
 D. Joanna Apolinaria dos Reis, em grammatica portugueza, dita franceza e arithmetica, com uma ditô.

MENÇÕES HONROSAS.

- A D. Adelalde de Menezes Fróes.
 A D. Francisca Luiza Corrêa.
 A D. Anna Amalia Gonçalves.
 A D. Cecilia de Castro.
 A D. Clara de Queiroz Paiva.
 A D. Maria Francisca Torres.
 A D. Theresa Candida do Pillar.
 A D. Eliza Stehen.
 A D. Eliza Franquelina Pinto.

Esse anúncio foi publicado no Rio de Janeiro, em 18 de dezembro de 1846, no Jornal do Comércio e foi cedido por Constância Duarte. Nele, Lívia aparece como a primeira premiada, em latinitade.

ANEXO J – Manuscrito de carta de Floresta para Comte.



Documento disponibilizado por Constância Duarte e que consta na obra em que ela organizou e publicou as cartas de Floresta e Comte. Utilizado nessa tese para ilustrar a capa.